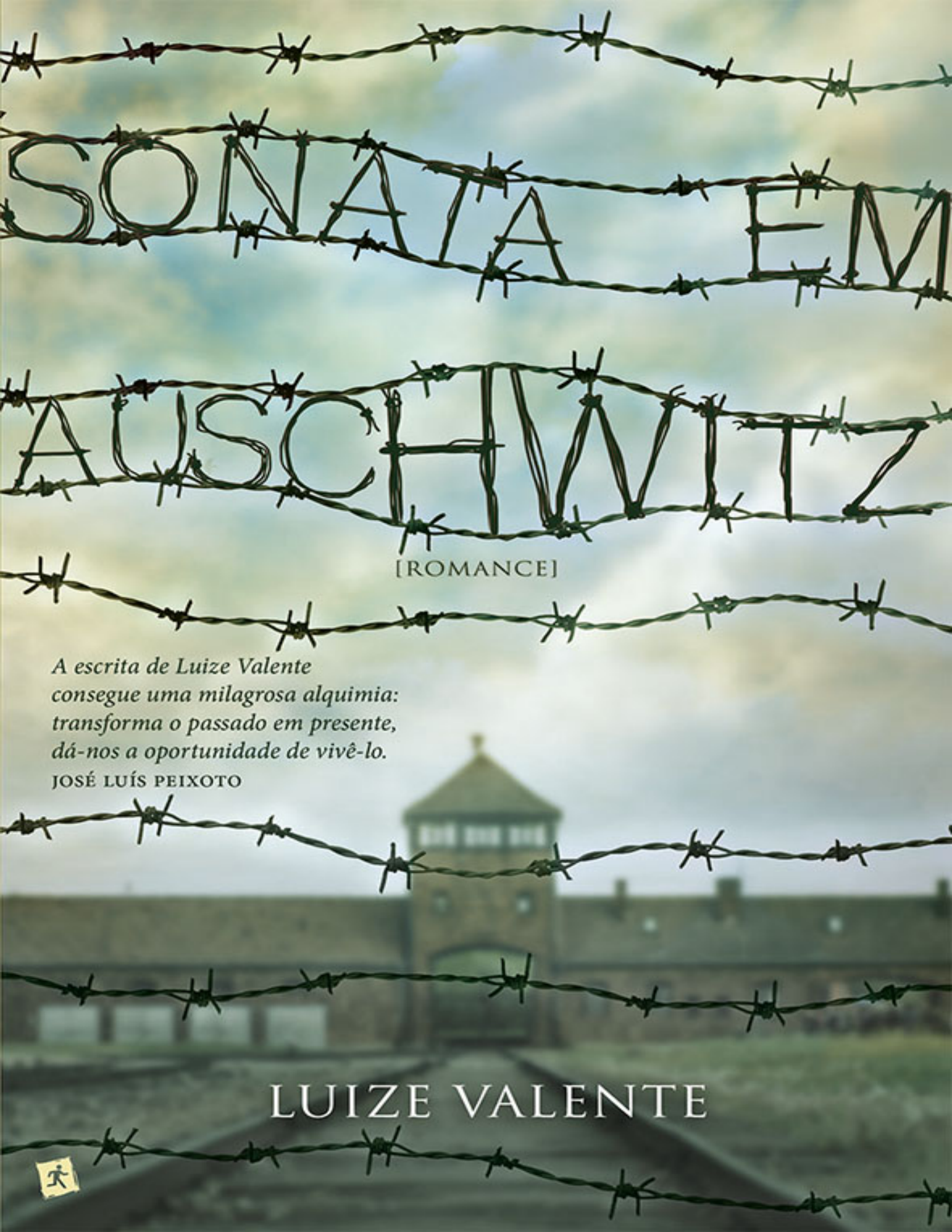




SONATA EM AUSSCHWITZ

[ROMANCE]

*A escrita de Luíze Valente
consegue uma milagrosa alquimia:
transforma o passado em presente,
dá-nos a oportunidade de vivê-lo.*

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

LUIZE VALENTE





FICHA TÉCNICA



TÍTULO: *Sonata em Auschwitz*

AUTORIA: *Luize Valente*

EDITOR: *Safaa Dib*

Esta edição © 2020 Edições Saída de Emergência

Título original Sonata em Auschwitz © 2017 Luize Valente.

Publicado por acordo com Villas-Boas & Moss Literary

Agency & Consultancy LLC

e The Ella Sher Literary Agency.

ADAPTAÇÃO: *Rui Azeredo*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Abril, 2020*

ISBN: *978-989-773-245-4*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

DEDICATÓRIA

Para Cali.

Para Maria Yefremov.

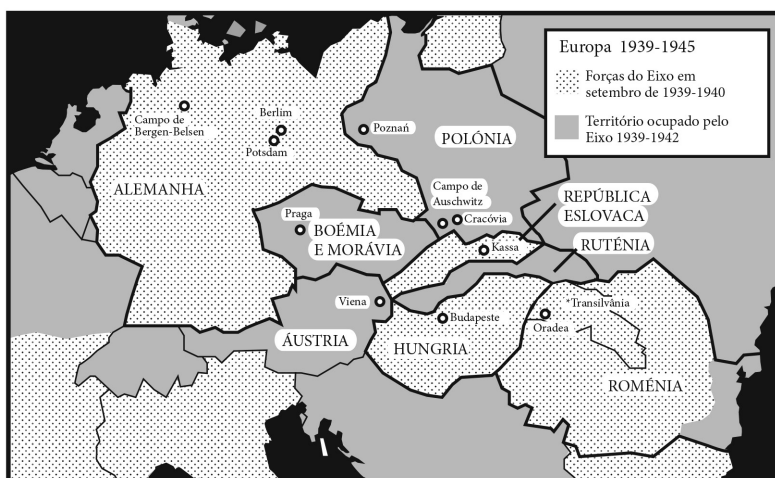
EPÍGRAFE

*Pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.*

*Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.
Pensem que isto aconteceu.*

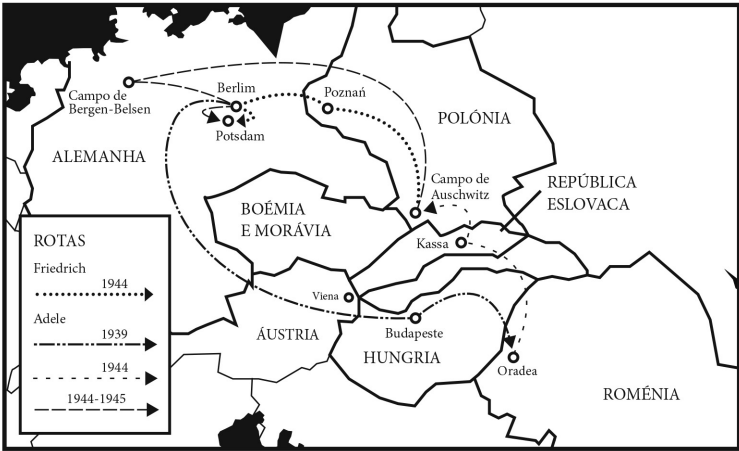
PRIMO LEVI

MAPA EUROPA 1939-1945



* Parte da Transilvânia sob domínio da Hungria a partir de 1940.

MAPA ROTAS



I

O INÍCIO DA LINHA

POLÓNIA ANEXADA, 2 DE OUTUBRO DE 1944

O s faróis baixos iluminavam a estrada sombria, deserta. Friedrich desviava-se de um buraco e outro sem reduzir a velocidade, que, ainda assim, era bem menor do que aquela a que estava habituado. Pilotar era o que melhor sabia fazer, fosse no ar ou em terra. Daí a poucos quilómetros, chegaria a Słubice, na antiga fronteira da Polónia com a Alemanha. Já percorrera mais de dois terços do trajeto, a parte mais difícil.

Ao fundo, entrevia a cabina do posto de comando. Havia passado por patrulhas em Katowice e nos arredores de Poznań. Não precisara de desligar o motor em nenhuma delas. Apenas desacelerar, baixar o vidro, esboçar um sorriso firme, fazer a saudação e tocar, ao de leve, no boné. O *Mercedes* azul-marinho com bancos de couro vermelho, as patentes no uniforme e a cruz de ferro pouco acima do peito eram sinais mais do que suficientes para se saber que se tratava de um oficial importante, apesar da pouca idade. Talvez por isso não estranhassem que ele próprio conduzisse o veículo. Ou talvez aqueles soldados estivessem, simplesmente, cansados.

Friedrich tinha pensado em seguir de comboio para Berlim, a partir de Varsóvia, mas a cidade transformara-se, dois meses antes, num campo de batalha entre alemães e combatentes da Resistência. Ele fora informado, por um agente da polícia secreta, de que a rendição dos rebeldes aconteceria numa questão de horas. Varsóvia estava um caos, com corpos espalhados por todo o lado. A revolta só não fora bem-sucedida porque os russos, acampados nas margens do rio Vístula, não tinham avançado para auxiliar os combatentes. Os alemães foram salvos por uma manobra egoísta de Estaline. Disso, Friedrich tinha a certeza.

Com as atenções voltadas para o Leste da Polónia, o trajeto para Berlim via Poznań parecia-lhe o mais seguro. Até ao momento, a escolha confirmava-se como acertada. A cada patrulha, erguia o braço direito, elevava o tom de voz no «*Heil Hitler!*» e acelerava para continuar a viagem. Passara, assim, por todos os postos. Evitava estradas secundárias por temer uma emboscada dos *partisans* escondidos nas florestas. O que Friedrich levava no carro era muito precioso e tinha de ser entregue, sem

nenhum risco, num endereço em Berlim que já estava gravado na sua mente. As últimas quarenta e oito horas haviam sido as mais intensas da sua vida, e pareciam valer por toda ela. Não importava que russos, britânicos e americanos apertassem o cerco à Alemanha. Muito menos a lesão na vista, provocada por um estilhaço de bomba. Chegar a Berlim tornara-se a sua guerra. E ele venceria, de uma forma ou de outra.

— Não tarda nada, vais encontrar a tua mãe — disse, enquanto voltava a cabeça para a parte de trás do carro.

A frase, impregnada de doçura, não combinava com o momento. No chão, atrás do banco do lugar do passageiro, um cesto de vime — daqueles usados em piqueniques — improvisava um berço. Uma bebé minúscula e rosada, com os dedinhos fortemente cerrados, junto às bochechas, dormia. Lembrou-se do filho, que tinha quase dois anos, e que ele mal conhecia. Lembrou-se do que vira nos últimos dias. Em que Alemanha iria viver o seu filho? Antes fosse apenas o ónus de uma guerra perdida — já haviam perdido uma. Agora, haveria uma vergonha maior, a de ser alemão. Ele fazia parte daquilo, fora cúmplice. Aquela criança viveria, nem que tivesse de lhe dar a própria vida.

O posto de comando perto da antiga fronteira ganhava, a cada segundo, maior contorno. Friedrich tamborilava no volante com os dedos indicadores. Estava quase lá. Não havia, até ao momento, pensado nas consequências do seu ato. Sentir a vida a pulsar nas suas mãos fizera-o esquecer, por instantes, o que vira nos últimos dias. Se existia Inferno, era aquele lugar. Engoliu em seco e virou novamente a cabeça na direção da criança. Foi então que ela cerrou com força os pequenos olhos e torceu os lábios numa careta. Era o prenúncio do choro. O posto estava cada vez mais próximo, faltava pouco mais de um quilómetro. Por certo, os soldados já se haviam apercebido dos faróis do carro. Não poderia recuar. Nem no ar, nos instantes mais tensos que antecederiam os bombardeamentos, se sentira assim, sem saber como agir.

Encostar o carro geraria suspeitas. Até então, a viagem fora tranquila. A bebé dormira embalada pelo trepidar do veículo. Diminuiu a velocidade, o

mais que pôde. Já vislumbrava dois ou três vultos na escuridão.

— Por favor, agora não... Por favor, não chores! — Virou levemente a cabeça. — Estamos tão perto! — Falava baixinho, como se implorasse.

— Tens fome? Aguenta mais um bocadinho... — Os apelos eram em vão, mas Friedrich insistia: — Só precisamos de passar por esta patrulha... Já aguentaste tanto...

Como levar um recém-nascido a perceber? Friedrich começava a desesperar. Imaginava-se a reduzir a velocidade, a baixar o vidro, os gritos da bebé a ecoar no vazio da noite e a ensurdecer os guardas, que o pressionariam a dar explicações. Tinha dúvidas se conseguiria manter a calma. «*Heil Hitler!* Sou o capitão Friedrich Schmidt, estou a caminho de Berlim. É a minha bebé, está com fome, anseia pela mãe, temos pressa!» E já imaginava a reação dos guardas. «Saia do carro! Documentos! Vamos ligar para a central. Está aqui um tipo suspeito.» Seria o fim, para ele. Mas não era em si que pensava. Ele já estava acabado. Jamais voltaria a pilotar um avião. Cada condecoração que, um dia, fora motivo de orgulho era, agora, a prova das mortes que provocara em nome da vaidade e da loucura. Ser superior, predestinado! Fora o que ouvira ao longo dos seus vinte e quatro anos de vida. Jamais saíra da redoma. A família, o partido, o *cockpit* dos caças. Depois dos últimos dias, não conseguiria olhar-se ao espelho e ver em si um homem. E, no entanto, surgira aquela criança no seu caminho. Aquela bebé — somente ela, um ser tão pequenino — ocupava a sua mente, o seu coração, cada milímetro da sua pele, e fazia-o transbordar de algo que não sabia definir. Friedrich, pela primeira vez, sentia amor. Amor genuíno pela vida, na sua expressão mais pura e divina. Aquela criança seria a redenção, mas jamais apagaria o terror que lhe tomava o sono assim que fechava os olhos. Tinha pesadelos todas as noites, desde que chegara àquele centro de horrores. Ali, naquele carro, sentia-se novamente Friedrich, com quinze anos, ansiando pela vida que se apresentava pela frente.

E foi de repente, como que na urgência de um milagre, que elas surgiram. Uma após a outra. As notas musicais dançavam à sua frente, colocando-se, harmoniosamente, lado a lado. Friedrich cantarolou suavemente. E também

suavemente, os lábios da bebé, em vez de caírem no choro, foram relaxando até se acomodarem num singelo sorriso, acompanhado por uma leve respiração. Friedrich continuou a entoar baixinho a melodia até parar o carro ao sinal da sentinela. Baixou o vidro. Mostrou o documento. O soldado bateu continência e ele seguiu. Não saberia precisar quanto tempo decorreria, se foram minutos ou meia hora. Encostou o carro e puxou o cesto para o banco da frente. Com muita delicadeza, envolveu a criança nos braços. Sentiu a vida pulsar, forte, nas suas mãos. Foi Friedrich quem chorou. A bebé abriu os olhos, para os fechar em seguida e aninhar-se no peito dele. E ele cantarolou, uma vez mais, a música que acabara de nascer, para não esquecer.

— *Für* Haya. É para ti.

II

FRIDA

BERLIM, ABRIL DE 1999

Uma data especial para os alemães. Ao fim de décadas, Berlim volta a ser, oficialmente, a capital da Alemanha reunificada. É um dia especial para mim. Vou conhecer a avó do meu pai: a minha bisavó Frida. A minha chegada coincide com a reinauguração do prédio do *Reichstag*, a sede do parlamento alemão.

Não é a minha primeira viagem a Berlim, mas é como se fosse. Logo após a queda do Muro, eu e outros alunos da Faculdade de Direito de Lisboa participámos numa excursão informal organizada pelo professor de Penal, um aficionado pelo sistema jurídico alemão, influência maior do sistema português. Ele costumava chamar-me Hafner, «a alemãzinha». Na época, eu nem vinte anos tinha, aquilo não me incomodava nem alterava em nada a minha existência. Nunca comentei com o meu pai, nem em tom de brincadeira, simplesmente porque não se fala sobre o passado alemão dele em nossa casa.

O meu pai considera-se um português pleno, ama o país mais do que se tivesse nascido nele. Chegou a Portugal por volta dos cinco anos, tendo aprendido a ler e a escrever em português. Diz não se lembrar de nada de alemão e nunca se interessou em estudar. Conheceu a minha mãe na faculdade, no início dos anos sessenta. Apaixonaram-se de imediato. Formaram-se em Direito, tornaram-se militantes, lutaram lado a lado contra o regime de Salazar, foram perseguidos e seguiram para o exílio em Moçambique, onde eu e o meu irmão nascemos. Ele, em 1968. Eu, em 1970. Deram-me o nome de Amália em homenagem à minha avó materna. Não eram fãs de fado. Eu agradeço a ironia, pois, ao contrário deles, adoro o lamento das guitarras que, coincidentemente, aprendi a ouvir com a minha avó Amália. Foi também com ela que comecei a tocar piano, paixão que me acompanha até hoje. Chegámos a Portugal no Natal de 1974, meses depois da Revolução dos Cravos. O meu pai naturalizou-se. Queria exercer o direito democrático do voto.

Com Gretl e Helmut, os meus avós paternos, não temos a menor ligação,

nunca tivemos. Nós fomos morar para Lisboa, eles viviam numa cidade pequena no Algarve. Lembro-me vagamente da primeira e única vez que os vi, depois de chegarmos de Maputo. Lembro-me de uma discussão, um punho a bater na mesa, eu e o meu irmão a construir uma estrada com um baralho velho sobre o tapete da sala. A seguir, a minha mãe a aproximar-se, a levantar-nos pelos braços e a sussurrar, apressada:

— Despeçam-se do avô e da avó, vamos para casa. — Fosse em qualquer outro lugar ou momento, teríamos feito a cara que antecede o choro, mas, ali, naquele instante, percebemos que algo muito sério acontecera. Levantámo-nos e partimos. Nunca mais nos encontrámos com os avós Gretl e Helmut. Jamais se comentou este dia.

Como já disse, em minha casa não se fala sobre o passado, sobre a Alemanha, muito menos sobre o Holocausto. Não que seja um tabu. Simplesmente, não é assunto. Na escola, não havia judeus. São pouquíssimos em Portugal. Quando a Segunda Guerra Mundial entrou no programa de estudos, eu preferia tocar piano, ouvir música e organizar protestos estudantis, para orgulho do meu pai, que, ao contrário de outros, incentivava os meus ideais anarquistas.

Venho ao encontro de Frida sem que o meu pai saiba. Frida completará cem anos daqui a uns dias, um século vivido no século XX. Falámos ao telefone, de manhã, e ela marcou encontro numa morada elegante de Berlim: o bar do Hotel Kempinski, na avenida Kurfürstendamm — ou simplesmente Kudamm —, a rua mais badalada do lado oeste da cidade.

Chego com duas horas de antecedência. Tempo mais do que suficiente para percorrer a larga avenida com as suas lojas de marca, restaurantes, cafés. Aguardo o anoitecer. O nosso encontro está marcado para as sete e meia. Recordo, mais uma vez, a primeira viagem a Berlim, com a turma da faculdade. Naquela mesma avenida, Kudamm, estávamos em julho de 1990. Em pleno verão, a viagem foi, mais do que tudo, diversão. Berlim era o coração da música eletrónica, a batida *techno* pulsava nos clubes noturnos. Os dois lados da cidade uniam-se depois de tantas décadas divididos pelo Muro, e muito além dele. Mas, a mim, nada disso interessava. Muito menos

o que acontecera antes da separação. Eu queria ir para as festas que transformavam os barracões e fábricas abandonados em altares de *raves*. Eu encontrara-me há nove anos naquela mesma avenida, a dançar com centenas de pessoas ao som de DJ que conduziam *pickups* e carros abertos. A cidade era uma festa. Eu era jovem e o passado não importava.

Voltei dessa viagem a achar Portugal retrógrado. Eu queria morar na Alemanha, dar um tempo ao Direito e estudar música. A *techno* alemã tinha referências eruditas a compositores contemporâneos, como Stockhausen. Era diferente, ousada. Eu tinha formação de piano clássico. Voltei decidida a deitar a mão à minha cidadania alemã. A viagem a Berlim — uns meros quatro dias — já fora motivo de discussão em casa. O meu pai fora contra. Não que tivesse de me dar permissão, eu era maior de idade. Precisava do patrocínio dele. A minha mãe intercedeu e ele acabou por dar o dinheiro. Na época, não me deu nenhum motivo concreto. Dizia apenas que achava um desperdício, um desperdício de dinheiro. Quatro dias em Berlim? Por certo, iríamos enfiar-nos em bares, pela madrugada fora, e parecer *zombies* nas visitas guiadas pelo professor. Voltaríamos trazendo na bagagem apenas sono atrasado. Poderíamos fazer tudo isso em Lisboa e sairia mais barato, frisou ele, depois de preencher o cheque e sair, batendo com a porta do escritório.

Ele tinha razão. Foi exatamente o que fizemos. Com a diferença de que, por alguma razão que hoje começo a entender, voltei com a irresistível vontade de viver em Berlim. Mas isto não partilhei com ele. Guardei os meus planos para mim. Comecei a estudar alemão com tanto afínco que, ao fim de um ano, já dominava a língua. Não parei. Ao mesmo tempo, foi crescendo o meu interesse pelas causas ligadas aos direitos humanos e aos fluxos migratórios que começavam a surgir com a abertura do Leste Europeu. E, assim, o sonho de largar tudo e dedicar-me à música *techno* pareceu-me a maior palermice de todos os tempos. O que eu gostava mesmo era das dedilhadas clássicas. E também devo admitir: eu amava o meu país e, tal como os meus pais, iria lutar por um governo mais justo e igualitário.

Decorreu quase uma década. Formei-me, fui morar sozinha, fiz mestrado e doutoramento em Direito Internacional, criei uma ONG dedicada a refugiados de zonas em conflito em África. Estou sempre a viajar, mas nunca mais voltei a Berlim. Estive duas ou três vezes na Alemanha, sempre em conferências noutras cidades. O piano, continuo a tocar quase todos os dias. A música ainda é uma grande paixão. A vida seguiria assim, mergulhada no trabalho que adoro, entre um namoro e outro, voando para cá e para lá, não fosse eu ter aparecido sem avisar, em casa dos meus pais, numa tarde de março, há pouco mais de um mês.

Tenho a chave da casa, embora não more lá há anos. É uma segurança para eles, que também viajam muito, e para mim, quando preciso do ninho. Naquela tarde, especificamente, fui à procura de um livro, já nem me lembro de qual, para emprestar a um amigo. Passava das quatro horas da tarde, certamente não estaria ninguém. Os meus pais moram no Campo de Santana e o escritório deles fica a alguns quarteirões, na avenida da Liberdade. Têm o hábito de almoçar em casa. Cícera vai lá três vezes por semana — quando ainda morávamos lá, eu e o meu irmão, ia cinco vezes. Aspira milimetricamente as divisões, espana os móveis e passa uma flanela seca nos livros. *Bartô* morreu há três anos, mas é como se os pelos dele continuassem pelos cantos. Aquela tarde de março não era dia de Cícera.

Entrei afoguada no apartamento, estava com pressa. Respirar o silêncio acalmou-me. «*Hello*, alguém em casa?» A resposta foi mais silêncio. Dirigi-me diretamente ao quarto que continua meu. É um apartamento grande, com três quartos e um escritório anexo à sala. Os quartos são isolados da área comum por um corredor que começa num pequeno *hall* onde há uma extensão de telefone. Olhar para o aparelho fez-me lembrar de uma chamada que precisava de fazer ao ginecologista. Precisava de adiar a consulta marcada para dali a dois dias. Não adiei. Quando levantei o bocal, ouvi a voz do meu pai. Com certeza, estaria no escritório, com as portas fechadas. Daí não me ter ouvido entrar. A reação imediata seria pousar o telefone. Não o fiz. Os meus dedos congelaram e sustive a respiração. O meu pai falava em alemão fluente e perfeito com uma mulher. Era a minha

avó Gretl. O meu pai só se referia a ela pelo nome, não lhe chamava mãe.

O diálogo entre ele e Gretl era seco, em tom moderado. As pausas de ambos levaram-me a tapar o bocal algumas vezes para que não se apercebessem de uma terceira respiração. Eu entendia perfeitamente o alemão, mas o teor da conversa era confuso. O que estava a passar-se? Quem eram aquelas pessoas de que eu nunca ouvira falar? «A Ingeborg morreu, viúva de um industrial, não tiveram filhos, a Frida está sozinha.» Gretl soltava as informações, em doses insignificantes, sem qualquer emoção, para um interlocutor igualmente apático. «A Ingeborg é que manteve a Frida por todos estes anos», prosseguia ela. «Agora, só restas tu.» Mais uma intervenção sem resposta, até que ela subitamente deu corpo à voz, como se tivesse perdido a paciência. «Hermann, a Frida faz cem anos em breve e quer ver-te.» Direto, com a mesma entoação controlada com que falava com os clientes — bem diferente dos repentes que tinha comigo e com o meu irmão —, o meu pai respondeu: «Sinto muito, Gretl, não tenho nada a ver com essa gente. Não pertenço a essa corja.»

Gretl rebateu, alterada: «Corja? Eu não admito que fales assim. A Frida quer ver-te! Nunca vais perceber? Nós não somos culpados de nada! O teu avô, o teu pai, eram oficiais! Cumpriam ordens! Lutaram para construir um país melhor para ingratos como tu.» Mais um silêncio e nova resposta do meu pai. «Eu não vou alinhar nesta discussão. Diga a verdade à Frida. Diga que já não temos contacto, que reneguei a família, diga o que quiser.» Gretl tentou, mais uma vez. «Eu só voltei a procurar-te, meu filho, porque a Frida me contactou ao fim de décadas. Ela tem tido pesadelos com o Friedrich. A Frida não quer morrer sem falar contigo sobre ele.» Gretl continuou, com um tom ferino. «Tu, que te intitulas um defensor de causas humanitárias, sê humano com uma pessoa que há de morrer em breve! Achas que foi fácil pegar no telefone e ligar-te? O meu único filho não fala comigo há mais de vinte anos! Culpa-me por um passado que não escolhi!» À última frase seguiu-se um silêncio de segundos que pareceu uma eternidade. O meu pai suspirou e respondeu, mais uma vez, sem dar sinais de mudar de opinião: «Gretl, a resposta é não, não vou procurá-la, não vou discutir consigo. A

minha família são a minha mulher e os meus filhos.»

Antes que ele desligasse, Gretl fez uma última tentativa. «Faz o que achares que deves fazer. Sempre foste assim. Só te ouves a ti próprio. De qualquer forma, vais anotar o número dela. A Frida ainda mora em Berlim. Vais anotar o número. Vou dizer à tua avó exatamente o que me disseste. Mas, fica com o contacto dela. Quem sabe, mudas de ideias.» E começou a ditar os números do telefone, repetindo-os a seguir, bem devagar, para se certificar de que o meu pai anotara. Para mim, foi automático. Peguei numa caneta na gaveta do móvel e escrevi nas costas da mão. Os dois despediram-se com frieza, sem promessas de novo contacto, nem cumprimentos à família. Esperei que o telefone fosse pousado no gancho e de imediato baixei o meu.

O meu primeiro impulso foi o de invadir o escritório e metralhar o meu pai com perguntas: «Quem és tu, afinal? Porque omites o passado alemão? Porque é que nunca nos falaste da Frida? Quem são a Ingeborg e o Friedrich?» Mas não o fiz. Peguei na carteira e saí sem fazer barulho.

Agora, pouco mais de um mês depois daquela tarde, estou em Berlim. Daqui a poucos minutos, vou encontrar-me com Frida. O meu pai nunca soube que estive no apartamento naquela tarde. Muito menos que liguei para a avó dele e marquei o encontro. Caminho com passos apressados em direção ao Hotel Kempinski. Quanto mais perto chego, mais medo sinto. Vou ao encontro do passado. E o passado não se pode alterar.

O Hotel Kempinski era um marco para a cidade de Berlim. Também era um marco para Frida. Ficava na esquina da avenida Kurfürstendamm com a Fasanenstrasse, a poucos metros da antiga casa dela. Ainda costumava referir-se ao local como «seu prédio», embora já não morasse lá. Fora um dos poucos que resistira no meio dos escombros que se tornou a Kudamm depois dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. A sua atual morada também era próxima, só que bem mais modesta. Ficava a duzentos metros da portaria do hotel, junto à linha do elétrico. Frida não se importava. Queria estar perto do «Kempi», local que frequentava desde antes da guerra e da devastação da cidade. Continuava assídua frequentadora, almoçando lá uma ou duas vezes por semana. Recordava-lhe a época em que o mundo era o quarteirão onde vivia.

Frida estava sentada numa mesa de canto, no Bar Bristol, quando Amália entrou. Foi fácil identificar a bisneta. Era uma versão feminina, morena, de Friedrich. Os mesmos traços do filho, e dela também. Levantou-se, apoiando os dois braços na mesa. Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Frida sentiu vontade de a abraçar.

— É a filha do Hermann. — A voz saiu embargada. — Desculpe, a última vez que vi o seu pai, ele tinha cinco anos. — Fez uma pausa. — Talvez já seja avô, também... Você tem filhos?

Amália respondeu abanando a cabeça em negação ao mesmo tempo que se dirigia para a cadeira em frente. Frida tocou levemente no braço dela e apontou a cadeira ao seu lado.

— Sente-se perto de mim. O tempo é implacável com a audição e a visão.

Ela sentou-se. Sorriu ao de leve. Fez um elogio sobre a aparência de Frida. De certa forma, o gelo tinha sido quebrado.

— O seu telefonema foi uma surpresa para mim, principalmente depois de a Gretl ter dito que o Hermann não me iria procurar. Como está o seu pai?

Amália abriu a mochila e retirou uma fotografia recente da família. Frida

pegou na lupa que costumava trazer na carteira e seguiu com o olhar o dedo de Amália, que percorria a fotografia.

— Este é o Hermann. — Apontou para o homem alto e grisalho no lado esquerdo da foto. — Ao lado dele, está a Helena, a minha mãe. Esta sou eu e este é o Miguel, o meu irmão. O Miguel tem um filho de dois anos, chama-se Pedro.

A seguir, calou-se. O alemão de Amália era perfeito. Pediram dois copos de vinho tinto e algo para comer. Conversaram sobre coisas triviais.

— O seu alemão é esplêndido! — fez questão de frisar Frida. Amália falou do interesse pela língua, da visita anterior a Berlim, logo após a queda do Muro, do trabalho como advogada, da paixão pela música, da vida em Portugal. Mal tocaram na bebida e na comida. Frida contou-lhe a história do «Kempi». Antes da guerra, funcionava ali o maior restaurante de Berlim, com quatrocentos lugares. A reconstrução, no início dos anos cinquenta, transformou-o no primeiro hotel de luxo no lado ocidental da cidade já dividida, mas ainda sem Muro.

— Foi o sinal de que Berlim poderia renascer das cinzas — destacou ela.

Frida citou os bombardeamentos como se fossem algo que pertencesse apenas à História. Nada contou sobre a aflição, o horror, a sensação curta de alívio do corpo inteiro e intacto depois de cada ataque. Não falou do zumbido que entupia os ouvidos, da surdez momentânea, dos gritos sem som, dos rostos encardidos de poeira, dos olhos agonizantes. Muito menos das violações quando os russos tomaram Berlim. Limitou-se às estatísticas.

— Foram mais de trezentos bombardeamentos. Nos primeiros anos, os alvos eram militares. Depois, passaram a ser civis. Berlim rendeu-se no início de maio, poucos dias antes da capitulação final, no dia 8.

Fez uma breve pausa. Aquele dia estaria para sempre associado ao seu marido e ao que ele fizera. Mas, isso, ela deixaria para mais tarde.

— A devastação era geral — continuou. — Quase metade da população tinha deixado Berlim ao longo daqueles seis anos. A cidade foi dividida em quatro secções, administradas em conjunto por americanos, ingleses, franceses e soviéticos. Mas não funcionou... No início dos anos sessenta, o

Muro foi construído, tornando, literalmente, concreta a divisão dos lados capitalista e socialista.

Não havia diálogo. Era um monólogo. Só Frida falava. Fria e superficial. Informações sem importância. Aliás, fora nisso que se tornara: um depósito de informações para preencher conversas que não resistiam ao silêncio ou à franqueza. Amália não estava ali para saber o que os livros contavam.

— Mas não veio aqui para ter uma aula de História. — A voz adquiriu firmeza, já não era a simpática senhora de conversa trivial. — E nem foi para isso que tentei contactar o Hermann, depois de tantos anos.

Amália cingiu os lábios e soltou um longo suspiro. Havia tanto de Friedrich nela que Frida teve de se segurar para não a abraçar e encher de beijos. Como sentia saudades do filho. Em vez disso, pegou nas mãos de Amália e convidou-a para ir a sua casa. Fez questão de pagar a conta. Levantaram-se e atravessaram o bar que dava para o átrio do hotel. Frida acenou para os funcionários com a cabeça e seguiram para a rua. O braço direito apoiado na bengala. O esquerdo, apoiado em Amália.

Cruza a porta do bar do Hotel Kempinski às sete e trinta e cinco da noite. Cinco minutos depois da hora marcada. O bar ainda está a abrir. O local ainda se encontra vazio, exceto pela mesa encostada à parede, no lado oposto à porta.

Lá está ela. Daí a poucos dias, completará cem anos. «Um século», disse-me ela ao telefone. A imagem não me larga por uns segundos. Gravo-a na mente. Ela ainda não me viu. Por isso, consigo observá-la sem que se sinta notada. O cabelo prateado, certamente dourado no passado, está preso num coque com alguns fios soltos, que tenho a certeza terem sido milimetricamente pensados. A postura é elegante, apesar da coluna já um pouco curvada pela idade. Está vestida com tons pastel, que combinam com a primavera. Uma *écharpe* branca envolve o longo pescoço, o que lhe dá um ar altivo.

O meu pai tem algo de Frida. Eu também devo ter. Embora ele seja louro e eu morena, somos parecidos fisicamente. Ao ver-me, levanta-se. É impossível acreditar que fará cem anos. Eu dar-lhe-ia uns oitenta e poucos.

Pede que me sente ao seu lado. Digo-lhe que não aparenta a idade que tem. Responde que o segredo é tomar um limão espremido em meio copo de água morna, todos os dias, em jejum, e caminhar pelo menos quarenta minutos, seja inverno ou verão.

Reparo no aparelho auditivo no ouvido. A pele bem branca, com manchas escuras da idade, tem mais rugas de expressão do que do tempo. Parece macia. Dá vontade de tocar. A voz, ainda forte, sai um pouco baixa, talvez porque a controle. Pessoas com problemas de audição tendem a falar mais alto. Frida entabula uma conversa com assuntos gerais onde eu só me manifesto quando ela pergunta algo. Presto pouca atenção, pois interessa-me observá-la. Frida é minha bisavó. Tem quase cem anos, e eu viveria talvez até aos cem sem saber da existência dela, não fosse ter interceptado aquele telefonema. Não acredito em coincidências. Frida é guardiã da minha história, mas fala sem parar da História. Vê-se que é velha conhecida do «Kempi» — como se refere ao hotel — pelo modo atencioso como todos a tratam. Não me interessa o que ela diz, apenas o prazer de a ouvir.

A comida à nossa frente permanece praticamente intocada. O vinho também. Em alguns momentos do relato, percebo o sofrimento nos seus olhos apesar do tom impessoal do discurso. Quando começaremos realmente a conhecer-nos?, questiono-me. Quem são Ingeborg e Friedrich? Frida parece ler os meus pensamentos. «Não veio aqui para ter uma aula de História... nem foi para isso que tentei contactar o Hermann, depois de tantos anos», diz ela, de repente. A seguir, convida-me a ir ao seu apartamento, que fica perto.

Pedimos a conta. Faço menção de pagar, mas ela adianta-se. Ajudo-a a levantar-se. É magra, veste calças compridas e sapatilhas sem salto. É só um pouco mais baixa do que eu. Intuo que deveria ter mais de um metro e setenta quando jovem. Saímos do hotel com passos curtos, mas precisos. Ela apoia-se no meu braço e a bengala faz o serviço do outro lado. Diz que me quer mostrar algo antes de seguirmos para a casa dela. Vamos até à esquina para atravessar a rua. «Conhece Paris? A Kudamm é a Champs-Élysées dos berlinenses», destaca com um sorriso contido enquanto me

lança um sem-fim de informações sobre a larga avenida com mais de três quilómetros e meio de extensão, e que fora, nos anos vinte, o coração da vida noturna de Berlim. Fala da charmosa vizinhança de Charlottenburg, do jardim zoológico totalmente urbano e, por fim, da Gedächtniskirche, a igreja nunca restaurada. As ruínas, ao fundo da rua, são a lembrança permanente da destruição causada pela guerra. «Como se precisássemos das ruínas para lembrar.» A frase sai num sussurro. Ficamos a observar, em silêncio, a torre danificada. Eu quero tanto saber o que se passa na cabeça dela. Frida presenciou os bombardeamentos. E eles devem estar cada vez mais presentes, já que a minha avó Gretl citou pesadelos noturnos. Quem são exatamente estas pessoas que o meu pai cortou da sua vida?

Por medo ou alienação, nunca pensei conscientemente no peso de um passado nazi. Depois de ouvir Gretl dizer que o meu avô foi um oficial, que cumpria ordens, não mergulhei na questão. Mas agora, junto a Frida, o «oficial» toma proporções diferentes. Ando lado a lado com a minha bisavó, uma pessoa que viveu, sentiu na pele, a guerra. Aqui começa o meu pesadelo.

De súbito, recordo os primeiros anos do liceu, em Lisboa. Havia um ou outro filho de exilados, como eu, mas, na maioria, os colegas tinham pais que haviam procurado manter-se distantes da política durante a ditadura de Salazar. E havia Matilde, a minha melhor amiga. Morava dois prédios a seguir ao nosso. Era divertida e muito conversadora, a minha companheira de aventuras, íamos juntas para as aulas, voltávamos juntas, estudávamos juntas, brincávamos juntas. Na minha casa ou na dela.

Até que, um dia, andávamos por volta dos treze anos, decidimos fazer um pacto de amizade, daqueles que só fazemos quando crianças. Tínhamos de contar um segredo que guardaríamos para sempre. O meu, nem me lembro qual foi. O dela, lembro-me bem. Matilde era filha única, morava com a avó e o pai. A mãe morrera quando ela tinha dois anos. Ao contrário do meu pai, o dela era um tipo baixinho e brincalhão que nos levava a comer gelados à Santini, em Cascais, nas tardes de domingo. Ele deixava-nos ver televisão, comer e dormir à hora que quiséssemos. Eu adorava o pai de

Matilde. Não estabelecia regras, bem diferente do que acontecia lá em casa. Eu amava os meus pais, mas sentia, muitas vezes, que a rigidez e a militância os impediam de se soltarem connosco.

O facto é que Matilde me contou o seu segredo, do qual nem ela sabia bem o significado. Algo que ela ouvira sem querer e o pai a fizera jurar que jamais contaria a alguém. E ela quebrava a jura com a sua melhor amiga: eu. Era a maior prova de confiança que podia dar. Matilde era filha de um ex-agente da Pide, a temida polícia política portuguesa. Eu sabia o significado. O pai de Matilde havia sido um torturador. Foi a minha conclusão imediata. A palavra Pide era sinónimo de tortura. «Pides torturadores» — passei a vida a ouvir. Ainda em Moçambique, era eu bem pequena, a minha mãe tinha sonhos horríveis e acordava aos berros. Os Pides torturaram os meus pais. Por causa dos Pides, foram obrigados a fugir de Portugal para o exílio em África. «Esses desgraçados vivem livremente por aí, cobardes anónimos, como se não tivessem feito nada! O que passam para os filhos?! Criam pequenos carrascos?!» O meu pai esbravejava quando, uma vez por outra, um ex-agente era reconhecido e, na realidade, nada acontecia. Não contei sobre o pai de Matilde. Tornou-se, também, o meu segredo. Eu resolveria à minha maneira. Passei a ignorá-la. Deixei de me sentar ao lado dela na escola, já não íamos juntas, nem voltávamos. Também deixei de frequentar a casa dela e arranjei uma nova melhor amiga, Inês. Insistia em mostrar a maior cumplicidade quando Matilde se aproximava. Ela mendigava a minha amizade, não entendia o porquê do afastamento, justamente depois de um pacto de amizade eterna. Eu dizia que ela estava com a mania da perseguição, que as pessoas podiam ter mais de um amigo, e deixava-a a falar sozinha. As crianças sabem ser cruéis. Aos poucos, Matilde foi-se afastando. Eu sentia a falta dela, ela era a minha melhor amiga. No ano seguinte, já não estava lá. Mudou de escola. Reencontrámo-nos uma única vez, anos mais tarde, numa viela em Alfama, numa noite de Santo António. Cada uma com o seu namorado. No meio da multidão que nos comprimia, da música que soava estridente das caixas penduradas nas janelas, abraçámo-nos, trocámos telefones, prometemos

ligar. Jamais cumprimos a promessa. Os nossos olhares não se cruzaram. Eu não conseguia encará-la, embora sentisse os olhos dela em mim. Senti vergonha. Afinal, porque é que me afastei de Matilde? O motivo foi o pai dela ter sido da Pide? O que tinha ela a ver com isso? Neste momento, lembro-me dela. Estou prestes a conhecer o meu passado com a mesma pergunta: o que tenho, afinal, a ver com ele?

Caminhamos alguns metros até parar diante de um edifício cor de areia, de quatro andares mais o rés do chão, com janelas longas de um tom verde-musgo. Está bem conservado e dá para perceber que foi restaurado, embora mantendo a fachada clássica.

— Morei aqui durante mais de vinte anos. Mudámos quando o Friedrich e a Ingeborg ainda eram pequenos — conta-me ela, apontando para as janelas do terceiro andar. — O seu pai nasceu aqui. O meu filho e a Gretl vieram morar connosco logo depois de ela ficar grávida do Hermann. Era um apartamento enorme... ainda é. — A voz de Frida vai diminuindo lentamente.

Eu já nada ouço. Gretl é casada com Helmut. Apesar de os ter visto uma única vez, sei que Gretl e Helmut são os pais do meu pai. De repente, quase com trinta anos, percebo que o meu passado foi construído sobre suposições e mentiras. O meu pai não falava sobre a sua vida antes de Portugal. Não tínhamos contacto com ninguém da sua família. A minha cabeça dá voltas e voltas.

Frida, ao reparar na minha palidez, pergunta se me sinto bem. «Deve estar cansada da viagem... Talvez prefira voltar amanhã.»

Não respondo. Como posso sentir-me bem? Até há pouco mais de um mês, não fazia ideia da sua existência! O meu pai trancou o passado e deitou a chave fora. Eu vim procurá-la porque ouvi, por acaso, a conversa dele com Gretl, que mal conheço! Tenho quase trinta anos e só vi os meus avós uma única vez! Achava que ela fosse mãe de Helmut, ou de Gretl, já não sei o que pensar... Quando dou por mim, estou deitada no sofá da sala de Frida.

Foi um desconhecido que pôs Amália no táxi. O motorista contornou um quarteirão e chegou pouco depois ao destino. Ela recobrou os sentidos, mas as tonturas impediam-na de manter os olhos abertos. O porteiro — um checo de faces rosadas e braços musculosos — pegou nela ao colo e subiu dois lanços de escadas até ao primeiro andar. Frida seguiu no elevador, onde mal cabiam duas pessoas. O rapaz pousou Amália no sofá e deixou-as a sós.

Frida acomodou uma almofada sob a cabeça da bisneta e fez sinal para que ela não falasse, que descansasse apenas. Assim, ganhava tempo para, simplesmente, a observar. Ali estava uma parte dela, a sua bisneta. O seu sangue, sangue de Friedrich, o filho amado. O sangue puro, nobre, de uma raça superior. Não fora para isso que havia criado os filhos? Para que erguessem o império de mil anos, onde se imortalizariam através dos seus descendentes? *Na nossa megalomania exterminámo-nos a nós mesmos*, pensou, enquanto fazia menção de tocar nos cabelos de Amália, sem, porém, lhes tocar.

Os olhos fitavam Amália, que ia despertando aos poucos, tomando consciência de onde estava. Tudo muito novo para ela. Já Frida, estava no mundo há quase cem anos. Era urgente que Amália resgatasse a vida de Friedrich. Devia isso ao filho e a ela própria.

— Desmaiou e trouxe-a para minha casa — disse, estendendo um copo com água. — Tome, vai fazer-lhe bem. Tem um pouco de açúcar.

Amália parecia não ouvir. Sentia a boca seca. Bebeu de um gole. A seguir, devolveu o copo, que Frida tornou a encher. Voltou a beber de um só trago.

— Obrigada — respondeu num sussurro. — Não queria dar trabalho.

A seguir, Amália levantou-se e observou o apartamento. Avançou até ao piano, que ocupava boa parte da sala, e pegou no único *passe-partout* pousado sobre o instrumento.

— É o Friedrich? — perguntou, sem levantar o olhar.

Frida aproximou-se e pôs-se ao lado dela. Os braços tocaram-se levemente, para logo se afastarem. Não existia intimidade, apenas o

desconforto de estranhas que se viam diante de uma situação que requeria intimidade.

— Sim. É o Friedrich. Tinha quinze anos na época. — Passou os dedos pelo vidro, o papel ainda bem conservado apesar do tempo.

A bisavó pegou, então, num outro *passe-partout*, mais pequeno, que repousava no aparador sob a janela.

— Esta é a Ingeborg, a minha filha, dois anos mais nova do que o Friedrich. Morreu há quase três meses, era viúva, não teve filhos — disse, sem aprofundar.

Não havia muito a dizer sobre Ingeborg. Nada de que se orgulhasse.

Às vezes, somos apenas o meio para dar luz a seres com os quais não temos a menor afinidade, pensou, mas não disse. De Hans, não havia fotografias. Tinham sido todas queimadas ou rasgadas.

— O meu pai nunca contou nada sobre a família! — exclamou Amália, interrompendo os pensamentos de Frida.

Os olhos estavam fixos na suástica que marcava o braço esquerdo do uniforme da Juventude Hitleriana que Friedrich usava. Naquele instante, Frida percebeu que não tinha nenhuma foto do filho sem a camisa parda, impecavelmente passada, e o cabelo alinhado.

— Sei que tudo isto deve soar absurdo — prosseguiu Frida, com uma voz pausada. — Eu entendo o Hermann. Se pudesse, apagaria o passado.

Amália não estava interessada naquele discurso. Soava vazio e patético.

— Sim, se pudessem, todos apagariam o passado. — O tom dela era levemente sarcástico. — As coisas poderiam ter sido tão diferentes...

Frida tomou a palavra, interrompendo Amália antes que ela terminasse.

— Não, Amália. Não são as coisas que poderiam ter sido diferentes, são as pessoas... As pessoas é que poderiam ter sido diferentes! — Exaltou-se, com o coração a palpitar com força.

Amália encarou a bisavó sem desviar o olhar. Era a primeira vez que a via para lá de uma senhora alienada que passara por duas guerras mundiais, deflagradas pelo seu país, e sobrevivera graças à resignação. Nem a idade nem a palpitância a comoveram a ponto de desviar o seu foco. Naquele

momento, a raiva não se dirigia a Frida, e sim a Hermann.

— O meu pai é filho de um nazi... O meu pai, que é um defensor das minorias, que lutou contra a ditadura de Salazar, que foi preso e torturado... O meu pai é filho de um nazi... e, mais do que isso, um covarde! De que adianta ter-nos criado com todo aquele blá-blá-blá sobre «a verdade acima de tudo», a integridade de caráter, a honestidade... se mentiu toda a vida?!

— A pergunta era dirigida mais a ela própria do que a Frida. — De que adianta? Se não teve sequer a coragem de enfrentar a sua própria história?

Nada que Frida dissesse mudaria ou amenizaria o passado. Muitas vezes, ela própria sentira vontade de partir tudo, de gritar o quanto queria ter agido de modo diferente. Se para o mundo exterior podia tentar redimir-se usando a mesma desculpa de milhões de alemães — «cumpríamos ordens», «nunca denunciei ninguém», «acolhi um judeu que mal conhecia» —, por dentro sabia que não podia culpar a guerra pelas suas atitudes, não podia colocar nos ombros do *Reich* a responsabilidade pelo que fizera. Ela mandara Friedrich embora com uma bebé recém-nascida. Ela, apenas ela. O seu egoísmo, a sua alienação, o não querer envolver-se. Hans, pelo menos, fora coerente consigo mesmo. Enfiou uma bala na cabeça depois do suicídio de Hitler e da capitulação. Para ele, não existia mundo sem o *Führer*. «Jamais nos renderemos», repetia insistentemente, sóbrio ou bêbado. «Jamais nos renderemos» — lia-se, no bilhete escrito pouco antes do tiro — «Jamais derrotarão os nossos corações e mentes. Vou ao encontro do *Führer* e do império de mil anos. Viva a Alemanha. *Heil Hitler!*» Nem uma palavra dirigida à família. Podia imaginá-lo, até hoje, a fazer a saudação com o braço direito ao mesmo tempo que apertava o gatilho com a outra mão. Mas não foi para contar isso que havia procurado Hermann. Tão-pouco traria, agora, esse assunto à tona.

— Amália, a última coisa que quero é destruir a família do Hermann, o meu único neto! Ele teve os seus motivos para enterrar o passado. O Hermann tinha apenas cinco anos quando partiu... Soube pela Gretl que ele também rompeu com ela pela mesma razão que lhe causa essa revolta! — Fez uma pausa e encarou Amália. — Eu não iria procurá-lo agora se não

fosse para tentar, de certa forma, apaziguar os fantasmas que o assolam.

Enquanto falava, dirigiu-se ao piano e apontou para o banquinho para que Amália se sentasse. Abriu a tampa e posicionou algumas folhas de papel que estavam sobre a cauda.

— Nada do que eu diga neste momento vai mudar o que sente — disse, com a voz alterada, enquanto apontava para as folhas. — Vamos, toque, por favor! Toque.

Amália encaminhou-se, sem resistência, para o piano. Sentou-se. Passou os olhos, atentamente, pelas notas desenhadas com tinta azul sobre linhas pretas. As folhas estavam bem conservadas, apenas amarelecidas pelo tempo. Havia algumas rasuras, sinal de que não houvera tempo, ou mesmo vontade, de as passar a limpo. Apertou os dedos e, a seguir, abriu-os, apartando-os. Depois, esfregou as mãos na coxa e dedilhou o ar num misto de aquecimento e ritual para, a seguir, as baixar com leveza sobre as teclas levemente empoeiradas.

Frida fechou os olhos. Os sons invadiram-lhe a alma. Era como se ouvisse o filho a tocar. Quando os abriu, viu que um fio de lágrima escorria pelo rosto de Amália. Aproximou-se e pegou na partitura.

— «Für Haya» — disse, apontando para o título. — Para Haya. E veja aqui... — Apontou para uma anotação no verso da última folha. — «Friedrich Schmidt, outubro de 1944.»

Frida nunca mostrara aquelas folhas a ninguém. Muito menos falara sobre Friederich e a fatídica noite em que o vira pela última vez.

— Foi composta pelo seu avô, Friedrich Schmidt, em outubro de 1944... mas só me chegou às mãos cerca de quinze anos depois... É linda, não é? — disse, com a voz embargada.

Amália permanecia calada, imóvel. Como se o tempo tivesse congelado e ela quisesse segurar, ao máximo, a sensação que os acordes lhe haviam despertado.

— Foi o Friedrich quem compôs? É tão... — Amália procurava as palavras certas. — É tão simples... e tão bela! Não sei o que dizer!

Frida segurava as folhas junto ao peito. Aproximou-se de Amália.

— Compreende porque é que lhe pedi que tocasse antes de dizer alguma coisa sobre o meu filho? — perguntou, enquanto colocava a partitura de volta sobre a cauda. — Preciso de falar sobre o Friedrich, daí ter procurado o Hermann. Eu não quero morrer levando isto comigo! Não posso negar que o Friedrich serviu o *Reich*, que pertenceu ao partido! Mas isso não fazia dele um monstro... Foi mais corajoso do que muitos de nós! — E apertou as mãos de Amália entre as suas.

Amália soltou as mãos e abraçou-a. Começavam a confiar uma na outra. Frida ia, finalmente, despejar aquele segredo que vivia com ela há mais de cinquenta anos.

— O Friedrich sempre foi um menino sensível, incapaz de fazer mal a uma mosca — lembrou, com saudades do filho, para logo mudar de expressão. — Bem diferente da Ingeborg. Era minha filha mas, tenho de admitir, parecia-se muito mais com o Hans do que comigo. Já o Friedrich, era como eu... sossegado, observador, amava o belo. Ele era alto, forte e o melhor em tudo o que fazia... Nadava, corria, era bom a matemática, a ciências. Por volta dos quinze anos, apaixonou-se pelo piano. Tínhamos um professor em casa para a Ingeborg... A minha filha era uma tragédia, já o Friedrich... — Fez um breve silêncio melancólico ao recordar as tardes com o professor Schulz. — Talvez tivesse sido melhor que não fosse tão bom em tudo... O Friedrich já pertencia à Juventude Hitleriana, como a maioria dos rapazes na Alemanha... Aos quinze anos, descobriu a música, decidiu que era o seu caminho, mas o meu marido nunca teria permitido! «Arte é coisa para mulheres e efeminados», costumava dizer. Depois de o professor Schulz se ter ido embora, passei eu a pagar, às escondidas, as aulas de piano dele. — Fez mais uma pausa, era triste recordar como viviam numa redoma. — Mesmo assim, não foi por muito tempo... O Hans não tardou a enviá-lo para a *Reichsschule*, em Feldaing, nos arredores de Munique. Era a escola da elite nazi. Um caminho sem regresso. Naquele instante, percebi que tinha perdido o meu menino para o partido. Há momentos em que a realidade parece existir numa dimensão paralela. Observamos de fora, vemos o quadro global. Ela está ao nosso lado, sem

ponto de interseção. Não conseguimos interagir.

O século XX chega ao fim. A Segunda Guerra é um capítulo vergonhoso, não só para a Alemanha como para toda a Europa, que se calou até que fosse demasiado tarde. Eu e tantos outros da minha geração estamos fartos de saber isso, e, se o assunto vem à tona, é para realçar que os governantes europeus não aprenderam nada com a destruição do continente. A queda do comunismo reacendeu velhas disputas nos países do Leste e atingiu em cheio os Balcãs. A África, a Ásia e o Médio Oriente viveram, nos últimos cinquenta anos, dezenas de guerras civis: Timor, Libéria, Sri Lanka e tantos outros países. Muitos ainda estão em guerra.

Eu, que trabalho com refugiados, sei bem o que digo. Não tenho tempo para debater a Segunda Guerra Mundial quando atrocidades acontecem, presentemente, em países pobres sob o domínio de ditadores e corruptos. Corro contra o relógio para conseguir vistos, tirar famílias de Angola, do Burundi, da Argélia, do Congo.

No entanto, neste exato momento, nazis deixam de ser genéricos. Frida esteve na presença de Hitler. Hitler adorava chocolate. Frida tinha, inclusive, indicado a Eva Braun o endereço de uma doceira berlinense que fazia uma torta *Sacher* de primeira. «Já experimentou?», pergunta ela. Respondo que sim, embora nunca tenha experimentado — quero que Frida prossiga a conversa, mas ela mantém o seu ritmo. «Não deixava nada a dever à do Hotel Sacher, de Viena, onde a receita foi criada.» Não me conta esses detalhes à toa. Quer, apenas, mostrar-me o mundo em que vivia naquela época. «Hans Schmidt, o meu marido, era gordo, baixinho e medíocre», salienta Frida, «mas chegou a *Obergruppenführer* — uma das mais altas patentes da SS no *Reich* — por causa de uma qualidade única e tão necessária: devoção cega ao *Führer*.»

Frida não demonstra qualquer emoção ao falar do homem com quem foi casada durante vinte e cinco anos. Hans era meu bisavô. Frequentou a famosa Toca do Lobo, de onde Hitler escapou do atentado, em 1944. Frequentou o *bunker* construído por baixo da Chancelaria do *Reich*, em Berlim. Frequentou Berghof, a casa de verão, na Baviera. Frida

acompanhara-o em algumas ocasiões, embora, na maioria das vezes, preferisse ficar em casa com os filhos.

Casou-se com Hans Schmidt no ano em que terminou a Grande Guerra — era assim que ela ainda se referia à Primeira Guerra Mundial — para ajudar o pai, Johannes, um industrial falido. Friedrich nascera logo a seguir e Ingeborg dois anos depois. Hans era filho de um comerciante que enriquecera rapidamente graças ao contrabando e outras atividades ilegais. Com o casamento, Schmidt saldou as dívidas do sogro, que continuou a morar na mansão em Potsdam, onde Frida nascera. «O meu pai já era viúvo na época», completa ela.

Com a Alemanha a afundar-se na miséria e no desemprego, Hitler foi ganhando força. Hans era cerca de cinco anos mais velho do que o líder nazi. Tinham-se conhecido nas trincheiras. Haviam lutado lado a lado, em 1914, na invasão da Bélgica, embora Hans tivesse chegado a sargento. «Amigos na alegria, irmãos na tristeza», era como Hans costumava referir-se aos companheiros de batalha.

Um homem sem atrativos, que satisfazia todos os desejos dela, bom pai para as crianças. É o que concluo do que Frida me conta dos primeiros anos de casada. Não há nem um sopro de paixão no tom de voz dela. É como se falasse de um vizinho ou parente distante. No final dos anos vinte, a situação começou a mudar. A crise no mercado financeiro americano atingiu em cheio a economia mundial e a vida na Alemanha piorou ainda mais. Hans não tinha o faro comercial nem a astúcia de larápio do pai. Contraiu dívidas que o obrigaram a desfazer-se de boa parte do património herdado. Depois de ler *Mein Kampf*, decidiu filiar-se no Partido Nacional-Socialista, fundado pelo autor daquela «obra-prima», seu amigo de luta — ele costumava vangloriar-se —, «o cabo Hitler». Estava convencido de que os judeus eram responsáveis pelo seu fracasso no comércio. Contraíra dívidas em bancos judeus e achava-se injustiçado por ter de as pagar.

Hitler reconheceu Hans numa reunião do partido, em Berlim. Foi um caminho sem regresso. Dois anos depois, Hitler foi eleito chanceler e, a seguir, criou a Gestapo. Hans foi um dos primeiros oficiais da polícia

política do *Reich*. Logo se tornou aliado de Göring e, a seguir, de Himmler.

«Embora os dois não fossem exatamente os melhores amigos», frisa ela, carregando na ironia. Hans estava sempre de bem com todos. Nutria uma dedicação cega ao *Führer*. «O meu pai, e foi para o salvar da bancarrota que me casei», faz questão de destacar Frida, «o meu pai deixou de nos procurar e pediu que não o procurássemos. Previa um futuro sombrio para a Alemanha. Sugeriu que eu abandonasse o Hans e levasse as crianças para viver com ele. Mas o que podia eu fazer?» Os olhos dela procuram aprovação nos meus. Diz que Hans a teria perseguido até ao inferno se ela desaparecesse com os filhos. «Além do mais, como iria sustentar-me e às crianças?» Sinto que tenta justificar o casamento por interesse. Eu não estou aqui para a julgar. A cada momento, só aumenta a minha curiosidade. Quero saber quem foi o meu avô e o que lhe aconteceu.

E Friedrich? Tento levá-la ao ponto que me interessa. Porque é que o perdeu para o partido?

Frida é quem dá o tom e o ritmo da conversa. Em vez de uma resposta direta, faz sinal para que a siga em direção à cozinha. Enche de água uma pequena chaleira e pergunta se a acompanho no chá. Respondo que sim. «Pode ser preto?» Volto a responder que sim. Enquanto esperamos que a água ferva, volta a falar do marido. Relata-me que não há fotografias de Hans na casa.

«Destruí todas quando voltei a Berlim, no Natal de 1945.» Frida deixara a cidade pouco antes da rendição. A derrota estava iminente. Os russos aproximavam-se e, com eles, o pânico. «Eram verdadeiros bárbaros. Corriam boatos de que os soldados violavam todas as mulheres que viam pela frente, fossem jovens ou velhas.» Sacode ao de leve a cabeça enquanto despeja a água a ferver diretamente sobre o chá preto. «Percebemos logo que não eram só boatos...» Faz uma pausa e observa a água a escorrer da chaleira. «Como eu adoro chá preto!», exclama.

Respondo com um breve «eu também» para que continue a história, mas Frida tem mesmo um ritmo muito próprio de a contar. Toca em pontos fortes — fico sem saber se ela ou alguém muito próximo foi vítima de

violação —, fala sobre os figurões do *Reich* com uma intimidade de vizinhos e, de repente, muda para um assunto absolutamente banal. «Pois aqui vai uma dica: sirva a água logo depois de a tirar do fogo. Já quando o chá for verde ou de ervas, espere trinta segundos para despejar a água. Evita que as folhas cozinhem além do ponto, deixando um gosto amargo.»

Eu concordo com a cabeça. Aquela conversa é que deixa um gosto amargo. Frida tem a capacidade de manter a diplomacia em situações críticas. Posso imaginá-la a conduzir um jantar de cerimónia em pleno bombardeamento.

«O Hans enviara-me para Estugarda no início de 1945, e de lá segui para a Suíça, onde encontrei a Ingeborg e o meu genro.» Ela fala enquanto me passa a chávena e nos sentamos, frente a frente, na mesa da cozinha. Ingeborg e o marido haviam deixado a Alemanha por volta de 1943. Ele pertencia a uma família próspera e dirigia os negócios. Era quase vinte anos mais velho que Ingeborg e usava um andarilho. «Tinha as pernas atrofiadas, sequela da paralisia na infância. Foi o que o salvou da guerra, não servia para a frente de batalha...» Interrompe o relato para sorver o líquido escuro com goles curtos. Aproveito para perguntar o que aconteceu a Hans.

«O Hans? O Hans suicidou-se no dia em que a Alemanha capitulou. Deu um tiro na cabeça.» Sou tomada por uma sensação de desconforto. Para Frida, a família parece ser apenas ela e Friedrich. Conta que Hans se refugiou no apartamento que tinham em Potsdam, e lá se matou. «Uma cidade tão linda, foi onde nasci», completa, reticente.

Bebo o chá — ou melhor, sorvo o líquido, já morno —, segurando a chávena entre as mãos. Ao devolvê-la à mesa, escorrega-me dos dedos e despedaça-se no chão. «Desculpe, Frida! Vou limpar esta confusão!» E baixo-me para apanhar os cacos. Ela levanta-se e agarra o meu braço esquerdo. Parece perceber a minha tensão. «Amália, tudo isto é muito fresco para si. Lamento pô-la diante de uma história que possa trazer mais sofrimento do que alegria... mas não posso, e não quero, levar isso comigo.» Tenta, de alguma forma, acalmar-me. «Então, fale-me do Friedrich!», rebato. «Conte-me o que se passa de tão fundamental que a

levou a procurar o meu pai depois de tanto tempo!»

Desde que Amália acordara depois do desmaio, Frida estava a ganhar tempo. Procurara Hermann por um motivo muito específico, que não era trazer à tona o passado da família. O neto não viera. *Dizem que o destino escreve direito por linhas tortas*, pensou ela. Amália — Frida tinha a certeza — iria levar a cabo a missão. Ao contrário de Frida, não estava consumida pelo remorso. Ao contrário de Hermann, não estava consumida pela revolta.

— Pois bem, Amália — disse ela, pausadamente. — Procurei o seu pai porque tenho fortes suspeitas sobre a morte do Friedrich — titubeou. — Acredito que o meu filho pode estar vivo... ou, pelo menos, que não morreu como nos contaram.

Pronto. Estava dito. Finalmente. Ao fim de décadas.

— Mas, como? — Amália encarou-a incrédula. — Vivo como? Afinal, o que é que se passou?

— O Friedrich desapareceu em outubro de 1944. Foi dado como morto no mês seguinte. O automóvel dele foi encontrado num lago, perto de uma floresta, na Polónia. Documentos que identificavam o meu filho estavam no porta-luvas. O corpo nunca apareceu. As buscas não se prolongaram. — Frida engoliu a emoção numa breve pausa. — A polícia encerrou o caso um mês depois... Para eles, Friedrich tinha sido capturado pela Resistência e brutalmente assassinado. O corpo estaria enterrado numa vala qualquer... A vida tinha de seguir em frente. Assim era a guerra. — Calou-se.

Frida nunca sentira tanto o peso da idade. Não tinha forças para se levantar da cadeira. Os cotovelos apoiados na mesa da cozinha seguravam o rosto. Amália permanecia muda, à sua frente, sem pestanejar.

— O meu filho era um prodígio. Aos vinte e três anos, já era piloto com várias condecorações. Chegou a receber a Cruz de Cavaleiro com diamantes. Não era fácil ser capitão da Luftwaffe tão jovem! — Baixou o olhar, recordando a alegria com que Friedrich mostrara a medalha. — Göring adorava-o! — Voltou a calar-se.

Quanta ironia, não se esquivou a lembrar-se Frida, mas nada disse a

Amália. Friedrich dera o nome de Hermann ao filho em homenagem a Göring.

— E o casamento com a Gretl? Eles amavam-se? O meu pai chegou a conviver com o Friedrich? — Amália atropelava-se nas perguntas.

Queria saber de coisas que soavam banais a Frida, de tal forma sem importância que descansavam empoeiradas em alguma gaveta da memória. Como levar Amália a entender que, em tempos de guerra, o amor surge abaixo da sobrevivência? Que amigos e irmãos se tornam inimigos quando só há lugar para um? Que mulheres entregam maridos, e vice-versa? Que pais traem os filhos?

O melhor era ater-se aos factos. O doce menino prodígio que conquistaria o mundo viveria apenas em Frida. Resumiu a vida dele e relatou-a a Amália.

Aos dezoito anos, Friedrich ingressou na escola de formação de pilotos, depois de se formar com excelência no colégio de elite do *Reich*. Com o início da guerra, no ano seguinte, foi enviado para a frente. Friedrich destacou-se de imediato ao serviço da Luftwaffe. As invasões da Holanda e da Bélgica foram um sucesso, e a conquista de Paris, a vingança da Grande Guerra. Friedrich regressou a casa como herói antes de uma nova missão. Gretl era filha única de um grande amigo de Hans, alto funcionário do governo, destacado para Viena. «Uma alemã de linhagem pura», vangloriava-se o pai. Os dois foram apresentados já conhecedores do destino que os esperava. Ele regressou à frente. Casaram-se em 1941, graças a uma licença autorizada pelo próprio Göring. Friedrich foi destacado para combater na Rússia. Desta vez, a guerra não correu tão bem quanto se esperava. Hermann nasceu em 1942. Friedrich estava longe. Quando o viu pela primeira vez, a criança tinha mais de três meses. Gretl morava com os Schmidt no apartamento da Kudamm. No final de 1943, começaram os bombardeamentos maciços contra Berlim. Ouvia-se falar das mortes e da destruição. Mas, quando bate ao lado, é diferente. A 22 de novembro, dia do primeiro aniversário de Hermann, Charlottenburg e arredores foram alvo dos ataques. Nem o jardim zoológico foi poupado. O

apartamento escapou por pouco, mas a vizinhança estava em destroços. Na semana seguinte, Gretl partiu com Hermann para a casa de parentes numa aldeola no Norte. Ingeborg já havia fugido com o marido para a Suíça. Frida permaneceu em Berlim. Por mais que não amasse Hans, ele era o seu marido. De março de 1944 até ao início de 1945, viveram em relativa paz. Os ataques aéreos contra a capital alemã tornaram-se esporádicos. A França ocupada é que estava na mira dos aviões aliados. Passaram a dividir-se entre Berlim e o apartamento em Potsdam. Depois de terminada a guerra, Frida soube que não só o apartamento, como todo o prédio, fora confiscado a uma família judia e dividido entre Hans e outros oficiais.

Mesmo com Berlim fora da mira, a guerra não corria nada bem aos alemães, ainda mais depois da derrota em Estalinegrado. Mas falar sobre fracasso e rendição era considerado traição. Os russos avançavam por leste. O exército alemão destruía as próprias cidades para conter o avanço dos vermelhos. Pontes e redes elétricas eram bombardeadas. Pelo oeste, o ataque também se acirrou. Americanos, canadianos e britânicos desembarcaram na Normandia. No início de julho de 1944, o avião pilotado por Friedrich foi atingido. Ele conseguiu aterrar em solo amigo. Sofreu queimaduras nos braços e ferimentos na cabeça. Foi enviado para Berlim. Era forte e recuperou bem, mas ficou com uma sequela que o afastou de vez da aviação: perdera parte da visão do olho direito. Conduzir, até podia, mas pilotar já não.

— Voar era a paixão do Friedrich. No ar, talvez a guerra soasse mais impessoal — comentou Frida, sem grande convicção. — Embora os bombardeamentos, muitas vezes, atingissem alvos civis... mas eram ordens e tinham de ser cumpridas. A fidelidade à pátria vinha em primeiro lugar...

Frida calou-se, reticente. Por mais que tentasse, jamais conseguiria fazer Amália entender. Ela mesma se perguntara muitas vezes, anos depois do fim da guerra, que sentimento era aquele que os colocou aos pés de um insano? As suas dúvidas morreriam com ela. Os olhos de Amália ansiavam por outras respostas.

— E o que fez, então, o Friedrich? — perguntou Amália.

— O Friedrich não podia voltar à frente. Caiu numa depressão. Atirava as condecorações contra a parede e gritava que preferia ter morrido no acidente. Hoje, olhando para trás, percebo o quanto a guerra já estava perdida há muito... mas não nos permitíamos pensar nisso. Os que tinham ficado em Berlim iam a festas, concertos e banhavam-se nos lagos como se fosse um verão qualquer. O Hans confiava plenamente em Hitler. «O *Führer* vai encontrar uma maneira, é um estratega. Os russos vão cair», repetia com tanta ênfase que eu acabava por acreditar. — Parou por um instante, com o cansaço patente na voz e no rosto.

— Quer descansar um pouco? Quer água?— perguntou Amália enquanto se levantava e se dirigia até ao jarro.

— Um pouco de água, por favor — pigarreou Frida, sabendo que não podia adiar o inadiável. — Eu tenho a eternidade para descansar. Agora, preciso de continuar enquanto a memória não me falha.

Ao mesmo tempo que era uma bênção completar um século de vida com a mente sã, para Frida revelava-se também um tormento. Muitas vezes, desejou que tudo se tivesse apagado. Teria sido mais fácil viver, pensava ela. Continuou a história, que permanecia fresca na sua mente.

— Naquela altura da guerra, os campos de trabalho estavam lotados e espalhavam-se pela Alemanha e pelos países ocupados, principalmente na Polónia. No meio de tantas derrotas, o todo-poderoso Göring caiu no ostracismo. — Abanou a cabeça com um sorriso sarcástico. — Foi posto à margem da cúpula nazi. Outro megalómano, viciado em morfina. Já o Hans, por essa altura, lançara-se para o lado do Himmler. Passou a trabalhar com o Eichmann, no setor de transportes para o Leste... — Mudou o tom. — Eu só vim a saber mais tarde o significado disso.

Um silêncio, pleno de constrangimento, apoderou-se da sala. Campos de trabalho e setor de transportes para o Leste. Um arrepio percorre-me a espinha. A ânsia trava a garganta. Himmler, Göring, Eichmann, *Obergruppenführer*, Luftwaffe. Nomes e patentes que saem com naturalidade pela boca de Frida. O meu pai não se encaixa neste quebra-cabeças. Eu também não. Não é preciso ser um profundo conhecedor para

traduzir os termos de Frida. Campos de trabalho são um eufemismo para campos de extermínio. O setor de transportes para o Leste é a chancela dos comboios da morte. A sonata invade-me a mente. Preciso de saber o que aconteceu a Friedrich.

«O Friedrich não voltaria a voar... mas era um exemplo de força e coragem.» O nome de Friedrich é sempre citado por Frida com adoração — é como se ele tivesse sido congelado e permanecesse o seu eterno menino. Aos vinte e quatro anos, inspirava respeito e «era incorruptível», frisa ela. Friedrich foi enviado para a Polónia no final de setembro. Iria acompanhar o funcionamento de um «importante campo de trabalho». O local era distante e desconhecido. Só depois — quando já havia desaparecido — é que Frida veio a saber que ele fora enviado numa missão secreta para investigar soldados e oficiais suspeitos de corrupção. Himmler desconfiava que os SS assaltavam o património do *Reich*. Incorruptível, penso, imaginando como o meu pai reagiria a tudo isso. Frida conta que chegou a discutir com Hans se não era perigoso Friedrich seguir para aquele fim do mundo, com os russos a aproximarem-se. Ele garantiu que seria melhor assim do que enfrentá-los na frente, nos combates por terra. «De certa forma, eu não estava errada, era o fim do mundo... O Friedrich foi enviado...» É incrível a precisão com que se lembra dos factos, mas rodeia o que precisa realmente de dizer. Porque não é direta? Enquanto me questiono, escuto a resposta. «Foi enviado para Auschwitz.»

Auschwitz. Um martelo atinge-me a cabeça. Pouco de concreto sei sobre o campo. O nome basta. Li, certa vez, algo que me marcou: «Se existiu Auschwitz, é sinal de que Deus não existe.» Só havia duas formas de se ter estado lá. Como prisioneiro ou como algoz. Uma dor percorre-me o peito, uma dor de vergonha. Auschwitz existiu. E não apenas no passado, existe no presente que chega de rompante.

«Auschwitz? O campo de concentração?», é só o que consigo dizer. «Sim, Auschwitz.» Ela não me encara. «Mas precisa de perceber uma coisa... Na época, não sabíamos o que se passava», completa, como se precisasse de se justificar. «O Friedrich estava transtornado quando me

procurou... Pediu-me ajuda!» Frida, sinto muito, mas não consigo entender, é o que respondo para mim. A questão dela não é filosófica, nem abrangente. Não expia aquela vergonha que pesa sobre os alemães enquanto povo. Frida vive num mundo próprio. A sua culpa é individual. «Eu não o ajudei, eu abandonei o meu filho!»

Baixa a cabeça e assim permanece, com os antebraços apoiados na mesa. Levanto-me e aproximo-me dela. É como se tivesse subitamente encolhido — parece tão pequena, indefesa. Sento-me ao seu lado, no banco de madeira. Pego nas mãos da minha bisavó e seguro-as entre as minhas. São macias e quentes. Está tudo bem, tento acalmá-la. Eu não estou aqui para a julgar. Quero sentir raiva, mas não consigo. Só preciso de saber o que aconteceu.

«Eu nunca contei a ninguém o que lhe vou contar agora.» Parece ler os meus pensamentos. «É o que me faz acreditar que o Friedrich esteja vivo... ou que, pelo menos, não morreu numa emboscada.»

POTSDAM, 2 DE OUTUBRO DE 1944

Friedrich estacionou o carro junto à igreja de São Pedro e São Paulo. O dia iria amanhecer em breve. O cansaço apoderava-se do corpo e as pálpebras pesavam-lhe. Nas últimas quarenta e oito horas, só dormitara por uns minutos, espaçados no tempo. Sentia fome, mas sem a vontade de comer. Há uma semana que havia deixado Berlim rumo àquele inferno. Retornara para um endereço desconhecido, que se transformara num monte de escombros. Agora, ali, na cidade onde passara parte da infância, finalmente conseguiria cumprir a sua missão, pelo menos parte dela. Era o que lhe dava um pouco de conforto.

A bebé gemia no cesto. Sentiu uma vontade imensa de fechar os olhos mas sabia que, se o fizesse, iriam abrir-se para um dia já claro. Não podia arriscar. Fora treinado para suportar horas sem sono, manter-se alerta para o inimigo.

A mãe com certeza dormia profundamente àquela hora. Se a sorte continuasse do seu lado, o pai estaria em Berlim, enfiado numa sala sombria, no número 8 da rua Prinz Albrecht, ou caído num canto qualquer depois de uma noite de bebedeira. O álcool era o refúgio para não lidar com a guerra já perdida.

Friedrich saltou do carro e acendeu um cigarro dando uma longa baforada. Duas passas bastaram para espantar o sono. Esperou que a escuridão da noite comesse a ceder à subtil claridade que antecede o amanhecer. Abriu de novo a porta e pegou no cesto de vime, acomodado no chão atrás do banco do passageiro. Lembrou-se de Hermann. O filho faria três anos em breve e eles mal se conheciam. «Dá um abraço ao pai.» «O pai é um herói muito ocupado.» «Vê quantas medalhas tem.» Friedrich era uma entidade fardada que o filho aprendera a venerar. O próprio Friedrich fora criado assim. Sempre adorara o pai, mas amor? Não sabia o que era.

Já a menina que cabia quase inteira nas suas mãos despertava sentimentos e sensações que ele jamais conseguiria exprimir em palavras. De novo a música flutuava à sua frente. Assobiou baixinho. Queria sentar-

se ao piano e tocar até que o dia amanhecesse e trouxesse um outro mundo, onde pudesse esquecer a vergonha.

A melodia assobiada e o ruído das botas na calçada de pedra eram os únicos sons a rasgar o silêncio da madrugada gélida. O prédio da mãe ficava a alguns metros dali, na rua Brandenburger, uma das principais do centro antigo. Friedrich estivera apenas uma vez naquele apartamento, mas os momentos felizes da infância, em Potsdam, ele jamais esquecerá.

Frida nascera nessa cidade, numa linda casa à beira do lago Heiliger See. A avó, ele não conhecera, mas tinha imensas lembranças do avô. Johannes ensinara-o a montar, a nadar, a remar. «Avante, pequeno *viking*, costas direitas, força no abdómen.» Era como se Friedrich pudesse ouvir a voz grave e forte do avô sussurrada ao seu ouvido. «Não há dúvidas de que és um Beck» — referência ao sobrenome que ele herdara da mãe. A seguir, apontava o dedo para o céu e depois para si próprio. «Os deuses fizeram-te à imagem e semelhança dos Beck... porque os Schmidt...» Era a vez de apontar para Hans e para a pequena Ingeborg, que se digladiavam com salsichas fincadas em espetos. «...crescem para os lados!» E explodia numa gargalhada. Friedrich dobrava-se a rir. Não que fosse assim tão engraçado o facto de o seu pai ser um glutão sedentário e a irmã uma obesa infantil. O prazer vinha da cumplicidade.

Era também nas longas tardes de verão que ele ouvia as histórias da aristocracia que dominara Potsdam. «Carregas a grandeza no nome!» Friedrich, como Friedrich II, *o Grande*. O rei que fizera da Prússia uma potência. Um amante da música e das artes, que fora forçado a seguir o destino determinado pelos homens: guerrear e vencer, sempre. Nasceram no mesmo dia, 24 de janeiro, carregavam o mesmo nome e, salvaguardadas as proporções, a mesma sina. Friedrich trocara o som do piano pelo rajar das metralhadoras.

Andou menos de duzentos metros até chegar à frente do prédio de três pisos, mais o térreo. O apartamento dos pais ficava no primeiro andar. As luzes estavam apagadas, mas tinha a certeza de que a mãe estava lá. Depois dos bombardeamentos do final de 1943, Frida passava mais tempo ali do

que em Berlim. O apartamento na capital estava intacto, mas o prédio fora parcialmente atingido nos ataques aéreos.

Começava a amanhecer. Uma bicicleta passou rente ao passeio. Um homem pedalava titubeante, tentando equilibrar um cesto com pães preso no assento traseiro. Desajeitado, deslocou a mão direita do guidão e fez a saudação. Friedrich retribuiu com o mesmo gesto. O velho seguiu sem olhar para trás.

Friedrich levantou a tampa do cesto. A criança dormia profundamente. Estava enrolada numa manta colorida e havia apenas mais uma muda de fraldas limpas, que precisaria de ser trocada em breve. Ele improvisara fraldas a partir de um lençol, cortado em tiras. Nunca trocara uma do próprio filho. O contacto com o pequeno Hermann fora sempre formal. Uma criança assustada, que começava a balbuciar os primeiros sons, obrigada a chamar pai a um estranho, que vira poucas vezes. Com Haya era diferente. A menina tinha dois dias de vida — e não mais de um quilo e meio, supunha — e já havia uma profunda sintonia entre eles. Identificava o choro da fome, o choro da fralda suja. Tão complexo e tão simples. Molhava a ponta do dedo, coberta por um lenço, no leite em pó dissolvido em água e dava de mamar. *Haya, nome estranho, pensava, mas tão bonito.* A bebé sugava avidamente. Depois, encostava-a ao ombro e dava palmadinhas nas costas, ao de leve, até ouvir um arroto curto, de alívio. A troca da fralda também fora por instinto. A primeira tinha sido complicada, depois encontrara uma forma que não deixava vazar a urina nem o cocó. Dois dias apenas e aquela criança já lhe havia mudado a vida.

Atravessou a rua e tocou à campainha do apartamento à entrada do prédio. Nenhuma resposta. Carregou mais duas vezes, na segunda com insistência. Afastou-se e observou as luzes da sala a acenderem-se. A seguir, viu um vulto a aproximar-se e a abrir a janela. Era a mãe. Frida debruçou-se e olhou para baixo. Friedrich acenou. Ela afastou-se rapidamente e, em poucos segundos, ele viu-a no topo das escadas. Um roupão *bordeaux* cobria-lhe a camisola. Os chinelos combinavam com o roupão e tinham um salto, pequeno, mas um salto. Mesmo arrancada da

cama, de repente, Frida mantinha a elegância. Ela desceu as escadas em passos curtos e rápidos.

— Meu filho! O que fazes aqui? — Falou ao mesmo tempo que lhe tomou o rosto nas mãos. — O que aconteceu? Estás tão abatido!

— O meu pai? Está aí contigo? — perguntou ele, agitado.

Frida abanou a cabeça. Friedrich encarou a mãe e subitamente sentiu que, agora, poderia relaxar. Ele estava em casa, e protegido.

— O que aconteceu, meu filho? — A voz saiu carregada de tensão.

Foi então que Friedrich abriu a tampa do cesto e Frida viu a bebé.

— Mãe, preciso de ajuda.

BERLIM, ABRIL DE 1999

Ouvir aquela história contada com tantos detalhes por alguém que se aproxima dos cem anos causa-me, ao mesmo tempo, emoção e ansiedade. Frida tem uma memória invejável e... irritante. O modo peculiar com que se detém nos pormenores só adia o que realmente quer, e precisa de, dizer. Tentar apressá-la só leva a mais contornos e desvios do que realmente interessa. «O Friedrich apareceu com uma recém-nascida? Assim, de repente?», pergunto, atônita. «Quem era a criança? Era filha dele?» Olha para mim como se dissesse: «Não vamos atropelar a história.» E responde-me, agitada: «O Friedrich estava transtornado! A barba por fazer, os olhos vidrados de quem não dormia há dias, estava há quarenta e oito horas praticamente sem dormir, não dizia coisa com coisa.»

Reproduz, a seguir, as palavras do meu avô, como se ele estivesse ali, à nossa frente. «Mãe, eu preciso que cuides desta bebé por uns dias! O meu pai não pode saber! É uma questão de vida ou de morte!»

Eu estava cada vez mais confusa com aquela história. Em vez de esclarecer, Frida parecia complicá-la cada vez mais. Seria Friedrich o pai da menina e fugira com ela e a mãe, abandonando Gretl e o meu pai?

«O Friedrich sempre foi de poucas palavras, desde menino, muito contido», conta-me. «A bebé chorava com força... Ele embalava a criança no colo, *tenho de a alimentar, trocar a fralda*, colava as frases umas às outras... O meu filho a cuidar de uma bebé, o que significava aquilo tudo?!» Frida recorda, ainda com alguma perplexidade, cada pormenor daquela noite. Ela pegou na menina e chegou a assustar-se. Era muito pequena, tinha poucos dias de vida, o coto do cordão umbilical, pendurado, ainda não escurecera.

A fralda fora feita a partir de um pedaço de lençol e amarrada com um fio na cintura da bebé. «Descansa um pouco, meu filho, essa menina linda precisa de um banho», disse Frida ao filho enquanto arrumava as almofadas no encosto do sofá. A seguir, aqueceu a água e encheu uma bacia, onde deu banho, com todo o cuidado, à minúscula bebé. Seria sua neta? Depois,

pegou num conta-gotas, ferveu o vidro e, a seguir, encheu-o com leite morno, que pingou espaçadamente na boca da criança. Pôs um travesseiro pequeno com fronha cheirosa no cesto — funcionaria como colchão — substituindo a manta dobrada que cheirava a urina. Limpou o coto umbilical com um pouco de álcool e arranjou um pano de louça como fralda. Prendeu-o com alfinetes da caixinha de costura. De uma mala no alto do armário retirou um camisolão de criança que fora usado por Friedrich, e depois por Ingeborg, nos seus batizados. «A Gretl preferiu um novo para o Hermann», frisa com uma ponta de despeito. «Aquele camisolão ia ficar a cheirar a mofo no armário, não valia a pena guardá-lo.» Frida é precisa quanto aos detalhes. Fala dos bordados coloridos, do linho branco e do ajuste necessário para que a bebé não deslizesse dentro da roupa. «Ela era tão minúscula», reforça.

Eu limito-me a ouvir, aguardando pacientemente pelo momento em que irá tocar no assunto que verdadeiramente interessa.

Frida conta que pressionou Friedrich para saber se a menina era filha dele. A reação foi de completo repúdio. Ele chamou-lhe louca: «Eu tenho uma família, um filho pequeno — a voz estava alterada —, eu preciso que me ajudes!» Reproduz as palavras de Friedrich para si mesma, não para mim. Frida, por favor, diga rapidamente o que tem a dizer! São os meus olhos que berram. A língua está travada. O que quer que ela precise de me contar, é-lhe demasiado difícil. Os segundos custam a passar. Eu sou mera espectadora e toda ouvidos. Até que ela, finalmente, fala. «Eu abandonei o meu filho... Deixei que ele partisse, sozinho, com uma bebé... Era uma criança judia.»

E eu faço de imediato a ligação... Friedrich esteve em Auschwitz. É como montar um quebra-cabeças sem guia. Completo um pedacinho de céu, mas não tenho a menor ideia de como vai encaixar no resto do quadro.

POTSDAM, 2 DE OUTUBRO DE 1944

Frida seguiu até ao fim do corredor e encostou a porta do quarto onde a bebé descansava. Teria uma conversa séria com o filho e temia as reações dele.

— Estás louco, meu filho! Uma criança judia? Como vou explicar isso ao teu pai? De onde veio essa bebé? — Ela gesticulava, andando de um lado para o outro da sala.

— Pensei que fosses diferente — reagiu Friedrich, com desprezo. — Procurei-te, mãe, porque achei que fosses diferente do meu pai! — Parou e bateu com força no tampo da mesa de jantar. — Nós somos coniventes!

Frida aproximou-se para o abraçar, mas ele afastou as mãos dela.

— Não me toques, por favor. — E deixou-se abater no sofá como um galo que entrega os pontos no ringue. — Estou cansado... Esta guerra está perdida há muito e parece que todos perderam a razão! Não sabes, não imaginas o que acontece nos campos — o tom era de ironia —, campos «de reabilitação», campos «de trabalho»... Somos todos cúmplices. Nós não temos como escapar!

— Meu filho, tens de te acalmar... Jamais deverias ter ido para o Leste! Eu avisei, eu implorei para que o teu pai resolvesse isso! Sofreste um acidente muito grave, não recuperaste por completo! — Frida referia-se à queda do avião durante a batalha na Normandia. — O Hans garantiu-me que vamos vencer os russos, o Hitler tem uma estratégia!

A fala foi interrompida pelo filho:

— Cala a boca, por favor! Cala-te! O Hitler é um insano, um louco que manda crianças e velhos para a frente de batalha! E os campos? Os campos — gritava — cheiram a morte! Não sabes o que é o inferno! Morremos por nada. — Bateu novamente na mesa e elevou o tom de voz. — Isto não tem nada a ver com ferimentos de guerra, as feridas são mais profundas, e jamais se curarão. — Baixou a cabeça para a levantar lentamente e encarar Frida. — Se não podes ajudar-me, não me atrapalhes. Eu vou-me embora, não digas a ninguém que estive aqui. Nunca, a ninguém, muito menos ao

meu pai ou à Gretl. Esquece que me viste e à bebé.

— Meu filho, eu... — Frida procurava as palavras corretas. — Eu... queria ajudar, mas o teu pai vai chegar em breve, vai fazer perguntas... E tu? Vais para onde? Por favor, pensa na tua família... Tens uma mulher, um filho... O que será do teu filho? — Frida falava para uma parede.

Friedrich já não ouvia mais nada. O que quer que Frida dissesse não tinha importância diante do que prometera a si mesmo. Iria salvar aquela bebé a qualquer custo. Seguiu pelo corredor em direção ao quarto e voltou segundos depois com o cesto na mão. Recuperara a racionalidade e a frieza que, por norma, o dominavam em situações adversas.

— De qualquer forma, agradeço por me teres recebido — o tom era formal — e por teres dado banho e alimentado a bebé. Agora, esquece, por favor, que estive aqui. É o melhor que podes fazer por mim.

Friedrich levantou a mão esquerda num aceno curto, como se se despedisse de alguém com quem não tinha intimidade. Frida correu até junto dele e agarrou-o pelo braço.

— Não vás, meu filho, por favor! Come qualquer coisa antes... — Estava perdida. — Vais para onde com essa criança? É uma recém-nascida, precisa de cuidados, essa bebé não vai aguentar!

Friedrich puxou o braço com rispidez. Frida tentou mais uma vez dissuadi-lo. Em vão.

— Esta bebé é diferente de nós, vai aguentar. — Encarou a mãe pouco antes de abrir a porta.

Friedrich seguiu escada abaixo sem olhar para trás. Frida correu até à janela a tempo de o ver caminhar, com passadas firme, rua acima. Havia pouco movimento, ainda. O dia mal amanhecera. Ela colou o rosto à janela até ver Friedrich dobrar a esquina e desaparecer, para sempre.

BERLIM, ABRIL DE 1999

Frida foi muito além da recordação ao reviver o último encontro com Friedrich. Emocionou-se, tal como Amália. O avô, finalmente, começava a ganhar forma, uma forma humana. Mas havia lacunas importantes a preencher. Se aquele fora o último encontro com Friedrich, como é que Frida descobrira a partitura?

— Amália, queria muito que o seu pai aqui estivesse para também ouvir... Preciso de lhe mostrar outra coisa — disse, apontando para o aparador sob a janela. — Pode, por favor, abrir a gaveta e pegar no envelope pardo?

Amália atendeu prontamente o pedido. O envelope estava endereçado ao seu pai. Não estava lacrado. Frida abriu a borda e tirou de lá uma fotografia, impressa como um postal.

— Além da partitura, era isto que eu queria mostrar ao seu pai — disse, entregando-lhe a fotografia.

A imagem, meio amarelada, era o retrato de uma mulher com uma menina ao colo. No verso, escrito em alemão:

Ao querido avô Johannes, uma recordação da Haya.

Por aqui corre tudo bem, estamos a adaptar-nos apesar do calor que nos faz pingar à sombra. A Haya está cada dia mais linda e já começa a falar português. Ficar-lhe-emos sempre gratos.

Com carinho, Adele.

Rio de Janeiro, 15 de março de 1947

Amália leu em voz alta, duas vezes. Não podia crer no que via, e lia. Passaram-se alguns segundos até conseguir falar.

— A Haya é a bebé que o Friedrich pediu que escondesse... e para quem ele compôs a sonata! — exclamou. — A mãe encontrou-a? — Parou de súbito, como se tentasse encaixar, mentalmente, mais uma peça.

Frida pediu a Amália que lhe devolvesse o postal. Foi a sua vez de repetir o pequeno texto. Não precisou de pegar na lupa... Conhecia-o de cor.

— Lembra-se de eu lhe ter falado do meu pai e do corte de relações com

ele quando os meus filhos ainda eram crianças? — A pergunta saiu quase como um murmúrio.

Frida repetiu, uma vez mais, a primeira frase: «Ao meu querido *avô* Johannes, uma recordação da Haya.» Não foi preciso dizer mais nada. Era ali que Frida queria chegar. Fora àquilo que ela se agarrara para acreditar que Friedrich pudesse ser o pai — se não biológico, pelo menos adotivo — da criança e que talvez não tivesse morrido numa emboscada. De repente, Amália ganhava um passado e, mais do que isso, a obrigação de o desvendar.

— O Johannes era o seu pai! O que aconteceu, Frida? Foi procurar esta mulher ao Rio de Janeiro? — Metralhava perguntas sem dar espaço às respostas.

Ela esperou pacientemente até que Amália desacelerasse. Sim, Johannes era o pai dela, com quem ela rompera antes de a guerra começar. Até morrer, ele morara na casa do lago, onde ela nascera e passara os melhores anos da sua vida. Depois do desaparecimento de Friedrich, por mais de uma vez Frida fora até lá. Era involuntário. A casa ficava a cerca de um quilómetro e meio do apartamento. Quando dava por si, já havia transposto o portão de Nauener, um dos três que davam acesso ao centro histórico de Potsdam, virado à esquerda e seguido em linha reta na direção de Heiliger See.

A casa de dois andares era parcialmente tapada por uma cerca viva de pinheiros. Tinha entrada pela Mangerstrasse. Havia um portão de grade de ferro, trancado com um cadeado, que dava acesso a uma garagem improvisada sob um alpendre. Em vez de um carro, havia um pequeno barco de madeira, com a tinta descascada, onde dois remos descansavam com as pás para fora. Ao fundo, avistava-se o lago.

Frida fazia menção de tocar a sineta de ferro, que fazia as vezes de campainha, mas a vergonha impedia-a. Algumas vezes, viu um vulto aproximar-se da janela do segundo andar para logo desaparecer. O vulto era decerto o pai e, pela atitude, continuava sem querer vê-la.

No início de 1945, ela deixou Potsdam. Fez uma última visita à casa do

lago, sem resposta. Depois do suicídio de Hans, nunca mais voltou à cidade. Em 1960, soube da morte do pai por um telefonema de um companheiro dele do Partido Comunista. Enviou para a morada de Frida, em Berlim, uma caixa que fora encontrada no sótão da casa. Entre fotos dela e do irmão, em pequenos, do pai e da mãe ainda jovens, cartões e alguns documentos, Frida deparou-se com um pequeno pacote com o nome de Friedrich anotado na frente. Dentro, estavam a partitura e a fotografia num envelope rasgado com um número de um apartamento no endereço do remetente.

— Aquela descoberta foi um choque! Quinze anos depois de o meu filho ter sido dado como morto... — Frida baixou a cabeça e calou-se por alguns segundos. — Tantas perguntas sem resposta... e sem o meu pai para esclarecer! Não fazia sentido!

— Frida — Amália olhou mais uma vez para a foto da mulher com a criança —, acredita que o Friedrich fugiu com esta mulher e a criança para o Brasil? E que forjou a própria morte? E que o seu pai sabia de tudo isto?

Frida permaneceu imóvel, sem esboçar nem um sim nem um não.

— Se realmente acreditava nisso, porque é que nunca foi atrás deles?! — perguntou Amália, com uma certa impaciência.

Foi então que Frida rebateu. A voz tinha um tom de amargura.

— Eu tentei! Enviei cartas para o apartamento! Escrevi à Adele!

A resposta não convenceu Amália. Não parecia lógico que Frida não tivesse insistido, apanhado um avião rumo ao Rio de Janeiro. Feito algo mais, além da inércia de esperar sentada por um sinal de vida do filho que ela dizia amar tanto.

— E porque é que não tentou encontrá-los? Um detetive, sei lá, descobriria o dono desse apartamento; você tinha por onde começar! — Parou a meio da frase.

Frida fez um sinal para que ela se sentasse ao seu lado. Amália resignou-se. A bisavó completaria um século nos próximos dias. Lúcida, sem cancro, diabetes, reumatismos, problemas cardíacos ou qualquer das doenças que assombram mesmo nos trinta. Sofria apenas o desgaste natural dos órgãos, principalmente olhos e ouvidos. O aparelho auditivo incomodava mais do

que ajudava. Repousava no braço do sofá. Aquele encontro estendia-se por horas e a urgência de contar toda uma vida tornara-as tão próximas que Amália sentia um aperto no peito. Aproximou os lábios do ouvido de Frida.

— Está tudo bem. O que quer que eu faça?

Frida segurou as mãos da bisneta entre as dela e fitou o infinito.

— Quer saber por que não fui até lá, por que não fui realmente atrás da verdade? — A seguir, encarou-a. — Por vergonha, Amália... Por cobardia. Abandonei o Friedrich com uma bebé... Não importava se fosse minha neta ou não... Era uma recém-nascida! Uma vida que ele estava a salvar... Era isso que o Friedrich esperava de mim.

Uma vez mais, o silêncio invadiu a sala. Frida não queria morrer levando aquela dúvida que as décadas haviam transformado em segredo. No fundo, existia nela a esperança de que o filho se encontrasse vivo. Talvez tivesse sido esse sentimento, essa sensação, que a mantivera viva todos aqueles anos. Talvez agarrar-se a uma ilusão lhe desse mais conforto do que enfrentar, de facto, a possibilidade da desilusão. Ela continuou.

— Enviei uma primeira carta, escrita em alemão. Não dei detalhes, dizia apenas que procurava a Adele. Precisava apenas de saber se teria resposta, se aquele apartado ainda existia! Não tive. Semanas depois, enviei uma nova missiva, também sem resposta. — Frida fez uma pausa. — Não desisti... Mandeí uma terceira e uma quarta, sempre com os mesmos dizeres. Esta última voltou com uma notificação de que o destinatário era desconhecido. Mesmo assim, continuei a enviar as cartas! — Era visível a agonia na voz dela.

Amália recorria a toda a sua paciência para acompanhar o raciocínio de Frida e a sua forma pouco prática de encarar a realidade. As imensas voltas que ela dava para chegar ao cerne de uma questão eram, de certa forma, a maneira como agia na vida.

— Pois bem... — A voz manteve-se firme, sem rompantes. — Eu não queria acreditar que tivesse desaparecido o único contacto com aquele passado que me atormentava. Ao longo de quase um ano, as cartas foram e voltaram. Tornou-se claro para mim que havia alguém muito atencioso que

as recebia e, cuidadosamente, as enviava de volta. Então, resolvi escrever no envelope o nome do Friedrich, ao invés de «Adele». Desta vez, a carta não regressou, nem as que mandei a seguir... até receber uma notificação oficial do correio brasileiro de que aquele apartado tinha sido desativado. — Calou-se.

Para Amália, a explicação não esclarecera nada. O que impedira, realmente, Frida de ter procurado Adele? Ela tinha apenas uma resposta. A bisavó não tivera coragem — de certa forma, a mesma falta de coragem que a impedira de procurar Hermann. Se Amália não estivesse ali, aquela história — que era a sua própria história — perder-se-ia. Frida conhecia a morada do neto e estava a poucas horas de voo de Lisboa. Nunca o procurara. O que dizer de atravessar o Atlântico? Não havia mais nada a dizer.

Como fizera em vários momentos do encontro das duas, em que a situação caminhava para um confronto, Frida mudou de assunto. Perguntou se Amália estava com fome e, sendo tarde, insistiu para que dormisse no apartamento.

— Importa-se? — Apontou para o sofá da sala. — É bem confortável, eu própria adormeço muitas vezes no sofá!

Amália limitou-se a esboçar um sorriso e disse que fazia o mesmo em sua casa. Enquanto pegava no travesseiro, nos lençóis e num edredão de penas de ganso, pediu a Amália que tocasse uma vez mais a sonata. Amália sentou-se ao piano e dedilhou a música. Frida escutou, em pé. Depois, foram até à cozinha, comeram fruta com queijo, conversaram um pouco mais, puras trivialidades. Frida mostrou onde ficava a casa de banho, beijou-a na testa e, como fazia todas as noites, serviu-se de um quadradinho de chocolate amargo que havia no armário da sala e retirou-se.

Frida retirou-se mesmo, da vida. Morreu dias depois. Tivemos mais algumas conversas, mas nenhuma como a daquele primeiro encontro. Eu permaneci no apartamento. Fomos novamente ao «Kempi». E também ao jardim zoológico. Permanecemos longos minutos em frente ao antigo prédio dos Schmidt, na Kudamm. Passámos uma tarde em Potsdam. Contou-me tudo o que havia para contar e morreu. Partiu no mesmo dia em que nasceu. Encontrei o corpo já rígido, dentro de uma camisola de seda, com mangas compridas. Os braços cruzados sobre o peito e o semblante tranquilo. Como se a morte estivesse anunciada há muito, tratara de todos os detalhes. Deixou o funeral arranjado, tudo pago, do caixão — que escolheu pessoalmente, informou-me o rapaz da funerária — à sepultura.

No envelope bem à vista, em cima da cómoda de madeira escura do quarto, um bilhete: «A quem me encontrar.» Dentro do envelope, a indicação do vestuário e maquilhagem, todos os recibos pagos referentes ao enterro — nada de flores, nem inscrição na lápide — e dinheiro vivo para eventuais pagamentos do aluguer do apartamento e contas a vencer. Não deixava bens materiais, nem joias. Era seu desejo que os poucos móveis e roupas fossem doados a uma instituição de caridade. O piano de cauda, único bem valioso — um *Steinway* —, Frida deixara ao seu único herdeiro, o meu pai. Arranjei um armazém para o guardar. Não revelei a ninguém a morte dela. Sem parentes, sem amigos. Foi um funeral solitário. Apenas eu, o coveiro e o caixão. Regressei a Lisboa uma semana depois. Em breve, partiria em busca dos fantasmas que, a passos firmes, atravessavam a ponte da vida dela para a minha.

Frida morreu há três meses. Estou a caminho do Rio de Janeiro. Sobrevoou o Atlântico. Trago na bagagem poucas roupas e muitas perguntas. Quem são Haya e Adele? Porque é que o meu avô Friedrich compôs uma sonata para Haya e desapareceu a seguir?

Observo a partitura, passo os dedos pelas notas. As folhas amarelaram com o tempo, mas as notas permanecem claras e vivas. Saltam da pauta. Posso tocá-las no ar. Lembro-me de Frida. As palavras no verso da última folha, escritas em alemão: *Für Haya*. Para Haya. *Friedrich Schmidt, outubro de 1944*.

«A letra é do meu filho Friedrich», chego a ouvir a voz dela, «não há a menor dúvida.» Pego na fotografia da mulher com a menina ao colo: Adele e Haya. Como estarão hoje?

Frida foi direta, sem floreios. Lançou-me o passado que voltou a atormentá-la em pesadelos noturnos. Não partiria com ele. Repasso rapidamente tudo o que ela me contou como se fosse parte do enredo de um livro. Friedrich era o filho amado de um casamento de conveniência com Hans, alto oficial do *Reich* que se suicidou no fim da guerra. Friedrich era o verdadeiro pai do meu pai. A minha avó Gretl casou-se com Helmut Hafner quando o meu pai tinha cinco anos. O meu sobrenome seria Schmidt, não fosse Helmut tê-lo perfilhado. Gretl e Helmut mudaram-se para Portugal para começar uma nova vida longe da Alemanha e de um passado do qual fugiram como tantos outros alemães. Johannes era o pai de Frida. Friedrich — que adorava música clássica e tocava piano — foi piloto da Luftwaffe, lutou pelo *Reich* e, desaparecido, foi dado como morto. Antes disso, procurou a mãe, pedindo ajuda para salvar uma recém-nascida judia. Sim, Frida foi direta, sem rodeios. Lançou-me o passado e as lacunas por preencher. E partiu.

Agora os pesadelos são meus. Para Frida, Haya e Adele tinham as respostas sobre o desaparecimento de Friedrich. Ela nunca teve a coragem de as procurar. Escreveu-lhes cartas sem respostas. Era menos doloroso viver com uma suspeita do que com uma verdade. Eu também não acredito

que Friedrich morreu numa emboscada. Mas, para mim, o pesadelo é outro. Sinto, ao mesmo tempo, admiração e vergonha. Admiro o desconhecido, que era o meu avô, por ter composto algo tão belo e tocante. Por ter salvado uma bebé do destino trágico que certamente a esperava. Mas aí surge a mancha no belo quadro. O meu avô era nazi. E esteve em Auschwitz.

III
ADELE

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

Amália sempre sentira um fascínio pelo Rio de Janeiro. Imaginava-se refastelada na areia, entre um mergulho e uma caipirinha, deixando o tempo passar ao largo. Tantas vezes programara a viagem. Percorreria os trilhos da Floresta da Tijuca, vararia a noite nas rodas de samba do subúrbio. Veria um jogo do Vasco — a sua equipa carioca, por razões óbvias — no Maracanã. Amália, adepta do Belenenses, adorava futebol. Não se assustava com as manchetes da violência. O Rio era a cidade maravilhosa. No táxi, a caminho do bairro do Jardim Botânico, o Rio deixava de ser a promessa de férias paradisíacas. Amália não prestava atenção à paisagem. O táxi saiu do túnel, o motorista apontou para o morro do Corcovado, mas ela nem sequer virou o pescoço. A mesma angústia de três meses atrás, na véspera de conhecer Frida, apertava-lhe o peito.

O primeiro grande desafio foi superado sem o mínimo esforço. Não precisou de um detetive particular nem de mirabolantes investigações para localizar Adele e Haya. Bastou um telefonema. Um ex-namorado da adolescência, agora jornalista, era correspondente no Rio. Duarte. Um namoro rápido que logo se transformou em amizade quando Amália descobriu que fora trocada por um músico brasileiro que vivia em Lisboa. Anos depois, o casal mudou-se para o Rio. Esboçou um sorriso. Talvez Duarte tivesse entrado na vida dela para isso, para a ajudar a procurar o seu passado. Um único telefonema. Amália não podia acreditar em tamanha coincidência. «Duarte, preciso da tua ajuda para uma missão meio impossível... Não me tomes por louca... Quero que me arranjes um detetive particular, qualquer pessoa, estou disposta a pagar o que for preciso!», foi assim que ela começou o telefonema. Duarte respondeu com um tímido «continua». Era um pedido inusitado. «Então, preciso de saber o paradeiro de duas mulheres, mãe e filha... Tenho apenas um número de apartado de há meio século e os nomes, sem sobrenome: Adele e Haya. Saíram da Alemanha no fim dos anos quarenta. Emigraram para o Rio. É só o que posso adiantar. Achas muita loucura?» Duarte emudeceu

completamente para, a seguir, soltar uma gargalhada. «Amália, meu amor, o que seria da tua vida sem mim?» Foi a vez de ela ficar muda. «Não pode haver outras no Rio de Janeiro... Haya e Adele, o sobrenome é Solomon... são as donas da A Deli. A *delicatessen* que mais amo no mundo! A melhor da cidade! O nome não é o máximo?», revelou, ainda a rir-se da coincidência. A leveza falante de Duarte contrastava com a perplexidade muda de Amália. «Amiga, continuas aí? Alô...», completou, brincando. «Desculpa, Duarte, mas... eu não sei o que dizer.» Amália foi tomada por uma insegurança cercada de medo. Agora, não havia como protelar. «Amália, estás bem? O que se passa?» A resposta veio com um pedido. «Preciso que me arranjes, urgentemente, o contacto delas, mas sem referir o meu nome!», e rematou com uma pergunta: «Aquele convite para ir ao Rio ainda está de pé?»

Pouco mais de dois meses depois do telefonema, Amália seguia para a casa de Duarte, no Jardim Botânico. Se tudo desse certo, procuraria Haya e Adele naquele mesmo dia.

Duarte espera-me com um maravilhoso pequeno-almoço. Ele não faz a mínima ideia dos motivos que me trazem ao Rio, e eu — por mais que confie nele — não tenho vontade de falar. Nem eu mesma sei o que procuro. «Como me fazes falta em Lisboa», sussurro-lhe ao ouvido. Os amigos não precisam de explicações. Não me pergunta nada, mostra-me a água quente e a água fria, entrega-me uma cópia da chave da casa. «Tenho de sair já, pois o trânsito nesta cidade é terrível... Estás em casa, certo?» Antes de sair, entrega-me um *post-it*. «Tens aí a morada da *deli*. Boa sorte!» Aponta para o telefone na mesinha de canto da sala, dá-me um beijo na face e sai.

Eu já sei o número de cor. Duarte passou-mo logo após a nossa primeira conversa. Decidi que não entraria em contacto estando no outro lado do Atlântico. Agora estou aqui, a poucos quilómetros de distância da chave que me abrirá portas que eu nem sabia existir. Não posso adiar mais.

Pego no telefone e marco o número. «Bom-dia, eu poderia falar com Haya Solomon ou Adele Solomon?» Um arrepio percorre-me a espinha. «Claro que sim, sou eu, Haya Solomon.»

O primeiro fantasma ganha voz. Eu digo apenas que sou portuguesa e vim ao Rio unicamente para a conhecer e à mãe dela. «Acredite, temos um passado que nos une.» Ela pergunta se é algo ligado à gastronomia e eu digo que é mais do que isso. «Amália, não é? Desculpe, eu não entendo o que quer dizer, mas estou curiosa. Venha tomar um café comigo.»

Duas horas e um longo duche depois, estou noutro táxi rumo ao bairro do Leblon. O carro para em frente à loja, numa rua arborizada com calçada de pedra portuguesa. Do lado de fora, quatro mesas sob o toldo que protege a fachada do sol. Pintado com letras amarelas, no vidro, o nome A Deli. Parece uma daquelas *pâtisseries* de Paris e tantas capitais europeias. As tortas expostas na montra são atentados à gula. Numa moldura, a indicação das estrelas do local — a melhor *deli* do Rio num sem-fim de anos — e uma foto. Aproximo-me. Antes de as ver pessoalmente, vejo-as ali: Adele e Haya. Lado a lado, com aventais impecáveis com o nome da *delicatessen*

bordado. Tento encontrar algum traço de Friedrich, do meu pai e, portanto, meu, em Haya. Ela é alta, magra e tem o rosto largo. É morena, de olhos castanhos. Eu também sou.

Os minutos que permaneço a mirar a foto mais parecem horas. Não me mexo, absorta em pensamentos que levam para outras esferas.

«Deve ser a Amália.» A voz soa nas minhas costas. «Eu sou a Haya.»

A apresentação cai como uma bomba. De uma hora para a outra, estou frente a frente com Haya. Seria irmã do meu pai? É uma mulher nos seus cinquenta e poucos anos — para ser exata, quase cinquenta e cinco, sei pela data da sonata. Tudo nela se move com leveza. As mãos, os pés, os lábios. Convida-me para entrar e tomar um café. Sigo atrás dela. Sentamo-nos numa mesa de canto, um pouco afastada das outras.

«Aqui temos mais privacidade.» A voz tem um tom grave, meio rouco. «Afinal, o que a traz aqui?»

Haya e Amália sentaram-se numa mesa colada à parede, no canto oposto ao balcão, onde doces e tortas com coberturas de chantili, recheios de damasco, frutos vermelhos, chocolate e maçapão faziam crescer água na boca e davam cor à montra. Logo à frente, a tal torta Sacher, mas Amália não tinha apetite nem interesse em provar. Havia também enchidos, queijos e aperitivos para levar.

— Quer comer alguma coisa? — Haya apontou para as guloseimas enquanto chamava uma das raparigas com o nome A Deli estampado no uniforme.

O cheiro a chocolate quente — o inverno no Rio de Janeiro podia ser frio — era convidativo, mas Amália optou por um café com leite. Haya pediu um «carioca». Um silêncio constrangedor crescia entre elas. Haya cumprira as formalidades hospitaleiras de dona do estabelecimento, mas começava a deixar transparecer uma certa impaciência. A perna esquerda balançava mecanicamente, com batidas leves do pé no chão.

— Deve estar a perguntar-se quem sou eu... Não faz mesmo a menor ideia? — Amália procurava a melhor maneira de se apresentar.

— Desculpe, eu realmente não imagino! — Haya soltou um sorriso sem graça. — Confesso que o seu telefonema me deixou muito curiosa. Imagino que deve ser algo ligado aos meus pais... — E calou-se.

— O nome Johannes Beck diz-lhe alguma coisa? — Amália foi direta, numa tentativa de saber até onde Haya a estava a pôr à prova.

Haya meneou negativamente a cabeça. Parecia um jogo do gato e do rato. Duas pessoas que mal se conheciam explorando o território alheio em busca de confiança. Amália abriu a mochila e passou a Haya o postal com a fotografia impressa.

— Sou eu com a minha mãe! — reagiu, surpresa. — De onde veio esta fotografia? Quem é você, afinal?! — As perguntas tinham um «quê» de indignação, de quem se sente invadido.

Haya virou o postal e passou os olhos pelo texto rabiscado em alemão.

— Desculpe, eu não falo alemão ou o que quer que seja esta língua! —

Elevou o tom da voz, demonstrando impaciência. — Pode, por favor, dizer-me do que se trata?

A armadura cederá. A Amália parecia que, a cada momento, ao invés de clarear, o horizonte se tornava mais nebuloso. Haya realmente não tinha ideia do que ela fazia ali. Amália leu o pequeno texto, no verso do postal, traduzindo para português. Sim, Haya já ouvira falar de um senhor alemão que havia acolhido os pais dela no final da guerra. E só.

— Eles são sobreviventes, Amália. — Era estranho abrir-se com alguém que mal conhecia. — Na minha casa, não falamos sobre estes tempos. Os meus pais sofreram muito, vieram para o Brasil logo depois da guerra, enterraram o passado, foi a forma de seguirem em frente... Quando eu era mais jovem, quis saber... É a minha história também... Mas cada um tem a sua forma de lidar com as suas dores. — Uma tristeza conformada enfraqueceu-lhe a voz. — Vou contar-lhe algo muito pessoal. — Encarou Amália. — A primeira vez que me chamou a atenção o número tatuado no braço da minha mãe, eu tinha por volta dos seis anos... Ela disse-me que aquele número era para o caso de perder o braço, assim poderia encontrá-lo! A explicação, mesmo ainda em criança, não me pareceu razoável, já que ela poderia perder as pernas, o outro braço, a cabeça... e eles não tinham número... E sabe o que ela respondeu? — Haya passou o dedo sob os olhos húmidos e reproduziu as palavras da mãe. — «Minha querida, tens toda a razão, os seres humanos fazem coisas tão estúpidas e tentam dar explicações mais estúpidas ainda. Quando cresceres, vais perceber o que te digo.» Eu cresci, Amália. Percebi, mas continuei sem explicações. A minha mãe tinha um número tatuado porque era judia. Ela é uma sobrevivente de Auschwitz... E eu também, eu nasci no *campo*.

A afirmação assim, de repente, revira-me o estômago. O pequeno-almoço sobe-me à boca. Haya sabe que nasceu em Auschwitz. Lamento que Frida nunca tenha vindo atrás das respostas pelas quais esperou praticamente imóvel a vida inteira. Ela repara na minha palidez. «Sente-se bem?» Respondo que tive um mal-estar súbito, há uns meses até desmaiei. Recordo o primeiro encontro com Frida e de como acordei no sofá dela. Pergunto se

podemos sair um pouco para apanhar ar. Ainda não vi a praia.

Deixamos a *deli* a caminho das areias do Leblon. Haya propõe um passeio no calçadão. «Sou um milagre, é o que diz a minha mãe.» Refere-se a Adele num tom carinhoso. Por isso recebeu o nome de Haya, que vem do hebraico *Hay*, que quer dizer vida. Também era o nome de uma amiga de Adele. «Não sei pormenores sobre o meu nascimento. Os milagres pertencem a um plano além do real, era como ela punha um ponto final às minhas interrogações... até que deixei de perguntar.» O facto é que Haya não sabe praticamente nada do passado da sua família, nem sequer do seu.

«A minha mãe, até hoje, diz que a vida dela começou no Brasil, que aqui fomos acolhidos e que pouco importa se somos judeus!» O pouco que ela me conta sobre Adele recorda-me Frida e o seu jeito para fintar a própria história.

Haya sabe apenas que nasceu no *campo* e que, com quase um ano de idade, Adele a reencontrou na cidade de Potsdam, na Alemanha, aos cuidados de um senhor — «que foi um anjo da guarda», a mãe não fala sobre este período —, e graças a ele puderam vir para o Rio de Janeiro recomeçar a vida. Não entra em detalhes sobre o seu passado. O tal senhor era Johannes. «Eu tinha pouco mais de dois anos quando deixámos a Alemanha.»

E Friedrich? Quando tocarei no nome dele? As perguntas baralham o meu cérebro: *A sua mãe nunca lhe contou como é que chegou a Potsdam? E ela? Já estava grávida quando foi mandada para o campo? E o parto? E o seu pai, quem é o seu pai?* Em vez de as fazer, ouço em silêncio, impaciente, enquanto desfaço em pedacinhos o lenço de papel que trago no bolso.

Haya segura as minhas mãos e pede que me acalme. «Você está agoniada e ainda não me contou o que veio procurar. Não tenho respostas, Amália. Os meus pais optaram por não passar a história deles adiante, e eu...» — faz uma pausa — «por amá-los incondicionalmente, não fiz perguntas.»

Enquanto a escuto, penso neste tal amor incondicional, sem perguntas. Desde a tarde em Lisboa — quando intercetei o telefonema —, que me

esquivo ao meu pai. Não consigo encará-lo. Ele não soube da minha ida a Berlim, muito menos do encontro com a avó dele. Os três meses entre a morte de Frida e este fim de tarde na praia do Leblon foram de dissimulação e desculpas. Culpei o excesso de trabalho pela ausência de visitas. A ida ao Brasil era um convite de Duarte a par da necessidade absoluta de férias. Os meus pais não questionaram. É assim que eles são. «Quem paga as próprias contas sabe bem onde enfia o nariz», é a máxima deles.

Sinto um conforto no coração ao imaginar que Haya possa ser irmã do meu pai. Até agora, ela não falou sobre o pai, apenas de Adele.

Está na hora de enfrentar a questão que me trouxe até aqui: Friedrich. A única foto que trago dele é a do *passé-partout* da sala de Frida, com a roupa engomada da Juventude Hitleriana. Um misto de vergonha e medo impede-me de a mostrar. Não é um ator naquela foto. A camisa marcada com a suástica não é um figurino, foi usada e lavada várias vezes. Não mostro. Pergunto, apenas. «E o seu pai, Haya? Também esteve no *campo*?»

«Amália», responde ela por entre um suspiro, «vou fazer cinquenta e cinco anos em breve e percebo que conheço tão pouco do meu passado.» E o pouco que conhece só aumenta as minhas dúvidas e expectativas, é o que tenho vontade de responder. «É estranho falar sobre isto com alguém que acabo de conhecer», diz, a rir-se, «mas é como se já tivéssemos intimidade», completa, de pronto. E assim fico a saber que Norman, o pai biológico, foi levado para um campo de trabalhos forçados antes de ela nascer, e que nem soube da gravidez de Adele. Depois da guerra, a mãe tentou encontrá-lo, em vão. Ele fora-se como tantos outros parentes que jamais retornaram. «É ao Enoch que chamo e considero meu pai, foi ele quem me criou e registou. O Solomon é dele. Conheceu-me com meses de vida... Os dois apaixonaram-se, casaram e vieram juntos para o Brasil.» Mal contenho a emoção. Será que estou perto do que vim descobrir? Escuto, ávida. «Mas nem esta história eu conheço bem... Já lhe disse, eles falam vagamente do passado, sem detalhes! O meu pai também é sobrevivente, não dos campos, mas da vida, como ele costuma dizer!»

Há uma parte de mim que acredita que Friedrich está vivo e é o pai de Haya. E essa certeza cresce e ganha um nome: Enoch. Enoch Solomon. Se isso é verdade, cabe a Adele e a ele, não a mim, trazer a história à tona.

«Haya, o que me trouxe aqui está ligado aos seus pais. Não acho que possa falar sem ser na presença deles. Peço que confie em mim e me leve até à Adele e ao Enoch», digo, enquanto lhe passo a fotografia antiga. «Isto pertence-lhe. Guarde-a», completo.

Haya passa os dedos pelo rosto de Adele jovem. Permanece uns segundos em silêncio. Depois, fita-me durante aqueles segundos a mais que roçam o constrangimento. «Amália, afinal, o que a traz aqui? Compreenda, eu não quero expor os meus pais... Eles sofreram muito.» Eu compreendo. Profano um território sagrado, sem a menor cerimónia. Haya tem toda a razão. «Já ouviu falar de Friedrich Schmidt?» Sou direta, mas o temor da verdade impede-me de mostrar a fotografia do rapaz fardado. *É o meu avô. O Friedrich era neto do Johannes, que foi quem a acolheu e à sua mãe... O meu avô esteve em Auschwitz... e, depois disso, desapareceu.* Penso em dizer, mas não digo. Também não conto que foi Friedrich quem, provavelmente, a tirou do *campo* e que ele compôs uma sonata especialmente para ela. Não sei se temo mais que Friedrich seja realmente o pai de Haya e esteja vivo ou que não seja nada disso.

Estamos paradas, frente a frente, no calçadão do Leblon. Ela vira-se para o mar e percebo que franze a testa, mas também não identifico se é por receio ou espanto. A seguir, senta-se no primeiro degrau e apoia o queixo nas costas das mãos. Eu sento-me ao seu lado e pergunto de novo, sem expor a minha própria dúvida, que, neste momento, roça quase a certeza. O meu coração acelera. «Haya, já ouviu falar do Friedrich?» Haya volta-se para mim, mas não consigo distinguir nada além das minhas interrogações.

«Está na altura de os meus pais falarem sobre o passado. Pode encontrar-se comigo amanhã?» É tudo o que me diz antes de se levantar e despedir com um automático «espero por si ao meio-dia, na porta da *deli*», de quem tem o pensamento a léguas das palavras. E eu ali fico, perdida, em meditações entre aquilo em que quero acreditar e o que é real.

O prédio dos Solomon ficava a três quarteirões da *deli*. Haya e Amália chegaram quinze minutos depois do meio-dia. Amália não escondia o nervosismo. Segurava uma mão na outra para evitar que tremessem. Enoch não estava. Apenas Adele. Haya queria confrontar primeiro a mãe. Afinal, estavam as duas na fotografia.

Adele não fez perguntas sobre Amália. Disse apenas que tinha grande simpatia por Portugal, onde só estivera uma vez, muito rapidamente, para apanhar o navio que os levara para o Brasil. Foi no porto de Lisboa que se despediu da Europa. Nunca mais pisou o continente. Mas, isso eram águas passadas, fez questão de frisar, lançando uma das mãos para trás e logo mudando de assunto. Quis saber se Amália tinha visitado a *deli* e provado a torta de damasco. Ela respondeu sim à primeira pergunta e não à segunda.

— É a nossa âncora! Costumo dizer que nós devemos tudo o que temos aos damascos! Pagaram a nossa casa, a nossa loja, os estudos da Haya e dos netos! — Adele mantinha o sotaque, mas falava um português sem erros.

Tal como no primeiro contacto com Frida, Amália permaneceu calada, observando apenas os movimentos, os traços, o timbre da voz. Adele era morena, de estatura média, com belos olhos castanhos que ela fazia questão de realçar com lápis preto. Devia ter por volta de setenta e cinco anos. Chamava a atenção, de imediato, o cabelo. Comprido, um pouco abaixo do ombro, de um liso volumoso, com camadas muito bem cortadas e mechas balanceadas do branco ao cinzento-escuro. Amália jamais vira, em lugar algum, uma senhora daquela idade com corte e cor tão ousados. «A Frida aprovaria a Adele», pensou. E havia outra semelhança com a bisavó. Adele enveredava por assuntos superficiais que jamais denunciariam o que havia passado na vida. Pegou num álbum de fotografias de capa dura e começou a folheá-lo como se Amália fosse a neta de algum parente ou amigo próximo em viagem de férias ao Rio. Contava a sua vida através da história da *deli*, poucas fotos pessoais. Enoch não estava em nenhuma delas. Ele era o fotógrafo. Como Haya havia dito, a vida dos Solomon começara no Brasil. Tinham imigrado depois da guerra com a ajuda de um tio, irmão do pai

dela. O único parente do lado paterno que sobrevivera. Deixara a Alemanha em 1935, com a mulher e a filha. A prima ainda vivia, em São Paulo, com a família. Os tios morreram na década de setenta. Em nenhum momento perguntou o porquê da visita de Amália, e, ao que parecia, Haya não havia dado nenhuma pista.

— Quando abrimos a lojinha, no começo da década de cinquenta, o Leblon era um bairro cheio de casas e prédios baixos. O tio Franz morava em Santos, na época, e tinha uma gráfica já bem estabelecida. Ajudou-nos com os primeiros alugueres e pagou o restauro, o que nos permitiu começar sem dívidas. A *deli* não passava de um balcão e uma pequena porta, ao lado de uma alfaiataria. Nós morávamos num apartamento bem perto, na Artigas, também pequeno mas muito jeitoso! — Adele ia apontando para as fotos enquanto passava lentamente as folhas. — Não tínhamos do que reclamar! Na época, a lojinha não tinha nome... era a portinha da Dona Adele! Lembras-te, Haya? — Trocou um olhar cúmplice com a filha. — Trabalhávamos muito! No final dos anos cinquenta, surgiu uma oportunidade de comprar o nosso próprio ponto de venda. Juntámos as nossas economias e demos a entrada para a loja que você conheceu. — Mostrou a foto da fachada. — Era grande e bem localizada... Precisávamos de um nome forte... E surgiu por acaso! Tínhamos um cliente, judeu como nós, que tinha um irmão que morava em Nova Iorque. Trocavam cartas e o outro sempre a desmerecer as coisas no Brasil... — Adele riu-se ao lembrar-se da história. — Pois bem, quando ele nos viu na loja nova, a arrumar as prateleiras, entrou todo feliz e disse, parece que o ouço falar! — exclamou Adele. — «Ah, finalmente o meu irmão vai calar a boca porque esta aqui será a melhor *deli* do mundo! Esta sim é “a” *deli*, Adele!» A seguir, saiu, todo sorridente... e nós soltámos gargalhadas! No Brasil, não usávamos o termo «*deli*», chamávamos confeitaria, padaria... Mas percebemos logo! Tínhamos encontrado o nome perfeito! — Adele olhou para Amália e levantou as mãos para o alto. — Não é incrível o que o acaso pode trazer-nos? A partir daí, foi muito trabalho árduo! — E arregaçou, de forma teatral, as mangas do casaco de caxemira azul-claro.

Foi nesse momento que Amália viu a tatuagem no antebraço.

Quantas vezes vi, em fotos, tatuagens como esta — não me lembro. Mas parece ser a primeira vez, e não consigo desviar o olhar. O braço magro, com a pele ligeiramente flácida e salpicada de manchas da idade, balança uma sequência de cinco números com contornos grosseiros e a letra «A» a abrir a sequência.

Não sei se foi propositado ou um ato reflexo que fez Adele arregaçar a manga. Ou talvez ela já a tivesse arregaçado antes, sem que eu notasse. Estou sentada ao lado dela e a tatuagem hipnotiza-me. É de um preto desbotado que se aproxima do verde-escuro. É estranho ver, ao vivo, um número tatuado no braço de um sobrevivente do Holocausto. É um braço real, e aquela marca não sairá de forma alguma. É o reflexo de uma tatuagem na alma.

Haya apercebe-se de imediato do movimento dos meus olhos. Adele continua a falar sobre assuntos sem qualquer interesse. Uma coisa é saber que alguém esteve no inferno, outra é conhecer esse alguém. Adele está à minha frente, em carne e osso. Adele é a mãe de Haya. Haya é a bebé que Friedrich salvou. Adele era uma judia presa em Auschwitz. Friedrich, um oficial nazi de serviço no *campo*. Os dois no mesmo lugar, em lados opostos da cerca. Como é que estas histórias se cruzaram? Porque não aparece Enoch? Eu não quero saber de tortas, bolos, povo acolhedor, prédios baixinhos sem grades, «era tão tranquilo naquela época», o Rio sem violência, o Rio com violência. Não escuto mais nada do que Adele fala. Os meus olhos saltam dos números no braço para uma radiografia geral da sala, procuro alguma pista, algo que me aproxime da minha busca. Onde estão as fotografias da casa? Será que, a qualquer momento, Enoch vai atravessar alguma daquelas portas? E se ele for o meu avô? O que vou fazer? Como reagirei? É neste turbilhão de suposições que sou puxada de volta à realidade.

Amália estava tão absorta nos seus pensamentos que se assustou quando Haya lhe mexeu no braço.

— Sente-se bem?

Não, não sentia, mas disfarçou. Quem também não parecia nada bem era Adele. O postal com a foto dela jovem e Haya ainda bebê pendia da mão esquerda.

— Johannes... Depois de tantos anos... — Era como se falasse consigo mesma.

— Mãe, o que se passa? — Haya encostou a mão ao de leve no ombro de Adele.

Adele não tirava os olhos do retrato.

— Como é que esta fotografia lhe chegou às mãos? — perguntou, virando-se para Amália. — O que é que veio exatamente aqui fazer?

— O Johannes era avô do meu avô... — Amália reteve o ar como se ganhasse tempo. — ...e o meu avô chama-se Friedrich Schmidt. Capitão Friedrich Schmidt. Adele, conheceu o meu avô? — Sentiu um alívio no peito.

— Meu Deus! — Adele levou as mãos à boca.

Um silêncio sepulcral apoderou-se da sala. Até as respirações pareciam suspensas. Adele aproximou-se de Amália e abraçou-a com força. Amália sentiu o calor do rosto dela no pescoço e deixou-se levar. Não estava habituada a manifestações de afeto como aquela.

— Você é neta do Friedrich Schmidt... o capitão... o Johannes era avô dele? — Adele deixou os braços caírem. — Meu Deus! — Abanava a cabeça. — Depois de tanto tempo... Friedrich Schmidt... Jamais imaginei que voltaria a ouvir este nome... — As frases incompletas denunciavam, nas pausas, a mente em ebulição.

Haya aproximou-se da mãe e encaminhou-a até ao sofá. Aninhou-a no peito para que se acalmasse. Amália permanecia imóvel, no centro da sala, como se os braços de Adele ainda a envolvessem. Havia tanto a perguntar. Se Frida estivesse certa, Friedrich poderia surgir, a qualquer momento,

naquela sala! Era só no que Amália pensava.

— Mãe, foste tu quem disse, antes, que era incrível o que o acaso nos pode trazer... pois ele trouxe-nos a Amália — mostrou a foto dela com a mãe — e esta fotografia. Não achas que está na altura de contares o que aconteceu? Quem é o Friedrich Schmidt?

Adele olhou para Haya e para Amália. Uma era sua filha. A outra, neta do homem que salvara a sua filha.

— Sim, está na altura de vocês saberem o que aconteceu. E começou bem antes de tu nasceres, Haya. Começou quando ser judeu se tornou ofensa e crime na Alemanha.

BERLIM, ÚLTIMOS MESES DE 1938

O s Eisen moravam na Auguststrasse, a poucos metros da movimentada Oranienburger Strasse. Kurt Eisen habituara-se a tomar o pequeno-almoço com a esposa, Tzipora, e as filhas adolescentes, Eva, de dezasseis anos, e Adele, de catorze. Depois, seguia a pé para o consultório, na rua de trás. Costumava brincar com a mulher e as filhas que tinha de agradecer, de certa forma, ao *Führer* por lhe ter permitido passar mais tempo com a família. No começo, as raparigas achavam graça, saltavam para o colo dele e enchiam-no de beijos. Agora, simplesmente baixavam os olhos enquanto espalhavam, displicentemente, a compota no pão.

Um ano e meio antes, Eva tivera de abandonar a escola pública por causa de um decreto do município de Berlim que excluía estudantes judeus. Adele saíra ainda antes da irmã. Não tinha a resistência de Eva para enfrentar insultos de cabeça erguida, tão-pouco a sorte de lhe calharem professores menos comprometidos com a ideologia do partido. Ela e os poucos alunos judeus da turma eram expostos como animais nas aulas de educação racial. A humilhação de *Frau* Berta, Adele podia perdoar. Era uma mulher amarga, com grandes olhos negros, muito próximos do nariz, e um corpo que mais parecia uma tábua de passar roupa. Eva tentava consolá-la. «É uma cara de coruja espetada num cabo de vassoura! Não lhe dês ouvidos!» Era exatamente isso que Adele procurava interiorizar quando chamada do fundo da sala em direção ao quadro. O que ela não conseguia suportar eram as piadas e insultos dos colegas. Aqueles rapazes e raparigas tinham sido criados com ela, frequentavam a sua casa, adoravam os doces que a sua mãe fazia. Alguns tinham nascido pelas mãos do seu pai. Como podiam chamar-lhe «porquinha judia»? Porque é que o faziam?

A saudação nazi também assustava Adele. Era exigida por alguns professores assim que entravam na sala. Aos poucos, deixara de ir à escola. Inventava dores de cabeça e de estômago para não preocupar os pais. As amigas viravam inimigas. Não falavam com ela. O que ela preferia. Era melhor ser ignorada do que ofendida. No recreio, escondia-se na casa de

banho para que não se apercebessem da sua presença no pátio. Na hora de voltar para casa, esperava sempre por Eva. Certo dia, porém, a irmã ficou presa num teste. Não teve como avisar Adele. Vendo-se sozinha à porta da escola, sem saber o que se passava, seguiu para casa, a cinco quarteirões dali. Mal virou a esquina, deu de frente com três rapazes que conhecia do colégio. Usavam o uniforme da Juventude Hitleriana e caminhavam com firmeza na sua direção. Adele não conseguia sair do seu lugar. As pernas tremiam e gotas de suor surgiram sobre os lábios e nas têmporas. À medida que eles se aproximavam, encolhia-se como se, dessa forma, conseguisse desaparecer, tornar-se invisível. As gargalhadas dos colegas durante as aulas de *Frau* Berta ecoavam na sua cabeça como se o crânio fosse uma caixa de som. Fechou os olhos e tapou os ouvidos, esperando que o barulho pudesse desaparecer. Em vão. Vinha de dentro.

— Ei! Ei! — Adele sentiu dificuldade em identificar as vozes que aumentavam de volume à medida que ela abria os olhos.

Os três rapazes estavam a um palmo dela. Começou a ficar ofegante e soltou um grito. Agora, as gargalhadas vinham de fora também.

— Buuu! — berrou um deles, fazendo uma careta.

— Estás maluca? Parada no meio do passeio como um poste?! Cuidado para não caíres! — disse outro, apontando para o cordão da bota, que estava desamarrado. — Onde já se viu... Miúda maluca... Estes judeus são todos uns idiotas! — E desceram a rua, gozando com ela.

Adele correu para casa, subiu as escadas esbaforida e agarrou-se à mãe. Chorou como nunca havia chorado. Contou aos pais o que tinha acontecido. Falou sobre *Frau* Berta e as humilhações a que ela e outras crianças eram sujeitas.

— Eu não quero voltar para a escola! — soluçava. — O que é que nós fizemos?! Porque é que é tão mau ser judeu? Porque é que dizem que roubamos? Por que não nos tornamos cristãos e pronto?! — Adele extravasava, ali, a incompreensão e a impotência contidas.

Kurt e Tzipora entreolharam-se.

— Querida — Kurt pegou-lhe pelos braços —, olha bem para mim...

Achas que eu e a tua mãe somos pessoas más, que somos ladrões? — Adele abanou a cabeça negativamente. — E o avô Arnold e a avó Ruth? — Ela repetiu o movimento. O pai continuou. — E o tio Franz e o tio Arne? E a tia Golda? E a prima Hanna? — A seguir, fez uma pausa. — E o rabino Rosemblat? — Franziu a testa numa careta, imitando o velho religioso.

Adele riu-se. Acalmara-se, mas permanecia calada.

— Pois bem, não tens do que te envergonhar. — Kurt agarrou o rosto dela entre as mãos. — Jamais te envergonhes de ser judia! E lembra-te: antes de tudo, somos alemães! Se há algo errado, são esses alemães que envergonham o nosso país... Não os judeus! Não tarda nada, tudo voltará ao normal. As pessoas vão cair em si! — Havia revolta na voz dele. A seguir, recuperou o tom apaziguador. — Além do mais, eu estava a conversar com a tua mãe... e achamos que seria muito melhor se estudasses na escola judaica, em Tiergarten! Que achas? — Apertou as bochechas dela.

— A Alma Hoss adora! Conversei com a mãe dela há dias! — completou Tzipora, forçando um entusiasmo inexistente. — Disse que há aulas de música, natação e belos passeios! E poderão ir juntas no elétrico!

Adele saltou para o colo da mãe. A ela pouco importavam as disciplinas. Qualquer lugar sem *Frau* Berta já era o paraíso. Kurt via a mudança como um retrocesso. Queria as raparigas integradas na sociedade alemã. Apesar de ter nascido e morado a vida toda no bairro judaico, não era religioso. Tão-pouco Tzipora. Criavam as filhas de forma secular. Comemoravam as grandes datas, como o *Pessach* e o *Rosh Hashanah*, mais pela tradição do que pela crença. Respeitavam o *Yom Kippur*, mas nem sempre jejuavam. Tzipora costumava acender as velas no *shabat*, mas não iam regularmente à sinagoga. Kurt trabalhava nas manhãs de sábado. Adele nunca mais voltou à escola pública. Haviam passado mais de dois anos. A escola judaica também ficara para trás. Eva e Adele passaram a ter aulas em casa, com professores que, a exemplo do próprio tio, haviam perdido o emprego.

Kurt fora um dos mais conceituados obstetras da capital. Agora, grande parte dos seus pacientes não eram grávidas, mas doentes comuns, judeus que mal tinham dinheiro para pagar comida e habitação, quanto mais a

consulta. Primeiro, fora afastado da chefia do ambulatório de um hospital público. Depois, perdera o cargo de professor titular da cadeira de obstetrícia na Universidade de Berlim. Mais recentemente, viera a proibição de atender pacientes não-judeus, sob o risco de ser preso.

O consultório ficava no rés do chão da moradia de dois pisos que pertencia à família. Ele nascera ali, no segundo andar. Os pais ainda moravam lá. O consultório, na parte de trás, tinha acesso pelos fundos. O irmão mais novo, solteiro, professor de literatura germânica, transformara o arrumo da frente numa livraria, há já quinze anos. Como Kurt, também Arne fora afastado da universidade. A moradia ficava colada à gráfica que fizera dos Eisen tipógrafos ilustres e conhecidos em toda a Alemanha. Era um caixote retangular — um depósito sem divisórias — com um pé-direito muito alto e largos janelões com caixilhos de ferro, em formato de jogo do galo. No verão, os raios de sol batiam em feixes, dando um tom acobreado às prensas. Agora, as máquinas escondiam-se sob lonas verde-musgo. No chão, a poeira acumulada denunciava que o local não era limpo há imenso tempo. Alguns vidros estavam partidos. Uma corrente grossa e um cadeado reforçavam a segurança da entrada. A estrela de David, riscada com tinta amarela, cobria parte do letreiro com o nome do estabelecimento: «Gráfica Eisen — desde 1780». Na moradia, a placa de metal com a indicação «Kurt Eisen — Clínico Geral» fora quase totalmente coberta por um «*Jude*». Na montra da livraria, os dizeres que estampavam tantas lojas do bairro: «Não comprem a judeus». Desde o boicote convocado pelos nazis, em 1933, Arne parara de contar as vezes — e horas gastas — a arrancar cartazes ofensivos e a limpar insultos pintados no vidro. Voltavam a ser colados dois ou três dias depois. Habituar-se. Nos últimos anos, habituar-se era sinónimo de sobreviver.

Em breve, tanto a gráfica quanto a moradia passariam para mãos desconhecidas, quisessem ou não. O pai mostrava-se relutante em vender. Um antigo concorrente oferecera um valor muito abaixo do aceitável, mesmo assim ainda acima do estabelecido oficialmente pelas autoridades do *Reich*.

— Estamos a viver o fim dos tempos! — bufava o velho Arnold. — Lutámos por este país. Estamos aqui há muitas gerações! O avô do meu avô abriu a primeira gráfica dos Eisen, em Nuremberga, em 1780! — Ele esbravejava pelos cantos. — Mas os ingleses e os americanos hão de dar uma lição a estes lunáticos e tirar aquele maluco do poder! Se perdermos o nosso negócio, vamos tê-lo de volta e com indemnização! — repetia incessantemente a Kurt. — E escreve o que te digo: o ingrato do teu irmão vai arrepender-se de ter fugido! Nunca mais volta a pôr os pés na gráfica!

O pai de Kurt referia-se ao primogénito, Franz, que emigrara para o Brasil, três anos antes, com a mulher e a filha. Arnold não lhe perdoara. Mesmo assim, Franz não carregava remorsos. Tentou o quanto pôde convencer Kurt. «Meu irmão, escuta-me, por favor, a hora de sairmos é agora! Pensa na tua mulher e nas raparigas! Caminhamos para uma guerra... e nós somos o alvo! Hitler odeia os judeus!» Na época, Kurt não tivera a coragem necessária para abandonar os pais. Foi mais fácil considerar exagerado o apelo do irmão. Como Arnold sempre dizia, «os Eisen já viviam e tinham negócios nestas terras bem antes de a Alemanha se unificar! Já passámos por guerras e perseguições, e continuamos firmes».

Agora, no entanto, admitia para si mesmo que tomara a decisão errada. Desde o começo de outubro, os judeus de origem polaca estavam a ser convocados e literalmente expulsos da Alemanha. Enviados de volta ao país de origem, que praticamente desconheciam. De uma hora para a outra, obrigados a abandonar tudo o que não coubesse numa mala. Além das perdas materiais — casa, pertences, roupas —, deixavam para trás as lembranças de uma vida inteira. Era preciso escolher entre um bom par de sapatos e roupas quentes para enfrentar o inverno, fotografias, ou mesmo comida e utensílios básicos de cozinha. O que era prioritário numa altura daquelas? Para muitas pessoas, principalmente os idosos sem filhos, era como lançar-se num buraco escuro. Há muito haviam deixado a Polónia, não tinham raízes, mal falavam a língua. O que lhes aconteceria?

Famílias eram separadas sem tempo para despedidas. Vizinhos partiam deixando mulher e filhos. Kurt guardava as aflições para si. Não queria

assustar Tzipora e as raparigas, mas não via outra saída a não ser deixarem a Alemanha o mais depressa possível. A esposa — nascida na região norte da Transilvânia quando ainda pertencia à Hungria — ficara órfã de mãe com apenas um ano. Fora criada por tios que emigraram logo após a Grande Guerra, quando, por determinação do Tratado de Trianon, a região passou para os domínios da Roménia. Como muitos judeus de origem húngara, eram bilingues e tinham o alemão, tal como o magiar, como língua-mãe. Os dois já haviam morrido, um de tuberculose, o outro em consequência de uma grave pneumonia. Portanto, além do marido e das filhas, Tzipora não tinha ninguém que a prendesse na Alemanha. Isso tornaria menos dolorosa, para ela, uma eventual partida. Já Kurt tinha os pais e o irmão.

Desde julho que tentava, junto de embaixadas e consulados das três Américas, qualquer país que os aceitasse. O Ministério do Interior lançara mais um decreto: judeus que tivessem passaporte alemão teriam o «J» obrigatoriamente carimbado no documento. Mais um obstáculo para o pedido de visto. De nada adiantavam os esforços de Franz junto das representações diplomáticas em São Paulo. O irmão soubera, por amigos, que havia uma circular do Ministério das Relações Exteriores do Brasil enviada às representações europeias — em especial às alemãs — com determinação expressa de veto de visto a judeus. Ninguém assumia abertamente a ordem.

Kurt apelava a antigos pacientes, alguns influentes no governo, e a amigos médicos no exterior. Mas não bastava ter bons contactos. Era preciso sorte e dinheiro, muito dinheiro, para conseguir sair. Não havia como transferir divisas para fora, não havia como conseguir um preço, se não justo, ao menos digno, pelos imóveis. A venda da moradia e da gráfica já não poderia ser protelada. Se a negociação corresse como combinado, garantiria, pelo menos, a comida para os próximos meses. Os pais e o irmão mudar-se-iam para o apartamento da Auguststrasse. Ruth e Arnold ficariam com o quarto das raparigas, que dormiriam com Kurt e Tzipora. Arne arranjar-se-ia no sofá da sala e as consultas seriam feitas no escritório.

— Em tudo se dá um jeito, minha querida. O apartamento é grande... E

logo tudo se arranja, vais ver! — O médico confortava a mulher, mas nem ele acreditava naquelas palavras.

— O que importa é que estamos juntos! — respondia Tzipora, enfiando o rosto no peito dele. — Os teus pais e o Arne são, também, a única família que tenho.

Kurt manteria o apartamento graças a um arranjo feito com o amigo dos tempos de faculdade. Christian Werner costumava dizer que Kurt — sempre o primeiro aluno da turma — fora responsável pela sua entrada na faculdade e, posteriormente, pelo seu diploma. Estudaram lado a lado ao longo de mais de sete anos. Christian viera do Norte para tentar a faculdade de medicina em Berlim. Era de uma família muito pobre e precisava de trabalhar para se sustentar. Kurt convenceu o velho Arnold a ceder ao amigo o pequeno quarto com casa de banho que ficava no rés do chão da moradia e que servia para guardar quinquilharias. As refeições, ele fazia-as praticamente todas com os Eisen. Chegaram a servir juntos na Grande Guerra. Depois de casarem, cada um seguiu o seu caminho. Os velhos tempos, porém, jamais se apagariam da memória. Christian tornara-se o Dr. Werner, oftalmologista, com uma bela clínica em Charlottenburg. Casara-se com a sobrinha de um figurão do *Reich*, o que lhe abrira muitas portas. Ao mesmo tempo que Kurt se ia afundando, o Dr. Werner emergia.

O apartamento da Auguststrasse passaria para Christian Werner, pelo menos no papel, quando fossem pressionados a vendê-lo. Outros, no prédio, já haviam sido arianizados, ainda sem os novos moradores. Kurt confiava em Christian. Quando tudo voltasse ao normal, a papelada seria desfeita e o apartamento voltaria ao nome dele e da família. Promessa apalavrada.

Além dos Eisen, ainda ali viviam mais três famílias judias. Vizinhos de porta, os Epstein — casal de meia-idade, donos de uma joalheria — não eram vistos há uma semana. Haviam viajado, às pressas, para o enterro de um parente, no Norte do país. Kurt suspeitava que tinham fugido. Os Hoss moravam no piso térreo. E os Goldenberg, no último andar. O nome dos Eisen já não constava na caixa de correio nem na porta de entrada. Haviam retirado a placa quando o prédio fora riscado, há alguns meses. O mesmo

fizeram os outros moradores judeus.

Naquele final de outubro, a caminho de mais um dia de exaustivas consultas sem remuneração, sentiu que o último fiapo de esperança se rompera. A situação não iria melhorar, tão-pouco manter-se. Não poderia ajudar as pessoas indefinidamente. Os medicamentos eram cada vez mais escassos e os conhecidos nos hospitais temiam ser apanhados a traficar — era o termo que usavam — para um judeu. Acima de tudo, tinha uma família por quem zelar. Ficar no país era assinar um atestado de óbito em vida. Como explicar às raparigas que, daí a uns meses, elas teriam de incorporar um «Sara» aos seus nomes e ele próprio um «Israel»? Recordou, mais uma vez, o irmão, que previra, três anos antes, o absurdo que ele, Kurt, vislumbrava apenas agora.

— Israel Kurt Eisen... Dr. Israel Kurt Eisen... Pai de Sara Adele e Sara Eva... — disse a si mesmo. — Não! Eu não vou deixar que isso aconteça! — E seguiu, em passos firmes, até ao consultório.

Kurt sabia exatamente o que precisava de fazer. Mas teria de esperar até ao fim do dia. Atendeu os pacientes com mais pressa do que era habitual. Quando bateram as três horas da tarde, fechou o consultório e saiu apressadamente. Tinha de estar dentro de vinte minutos na casa de uma antiga paciente, não judia, na Munzstrasse. Ela estava grávida do terceiro filho e só confiava no Dr. Eisen, que já havia feito o parto dos outros dois. Ele acompanhava-a às escondidas. Era arriscado, mas, ao mesmo tempo, uma forma de ganhar algum dinheiro. Assim como na clínica, limitou-se à consulta e recusou o chá com bolo. Desceu os três lanços de escada a correr. Tinha de estar antes das cinco na Sophie Charlotte Platz. Até ao metro na Alexanderplatz, era uma caminhada de dez minutos, no máximo. Olhou para o relógio. Se não houvesse atraso na linha, chegaria antes da hora. Christian Werner atendia até às cinco, nunca saía antes. Kurt poderia ter ligado. Mas preferiu ir diretamente para lá. O que ele queria pedir não podia ser falado por telefone, muito menos adiado.

Haviam decorrido duas semanas desde o encontro de Kurt Eisen com Christian Werner. Até agora, nada de concreto acontecera. Cansado de procurar embaixadas, Kurt pedira ajuda ao amigo para tirar, pelo menos, Tzipora e as raparigas de Berlim, levá-las para Bruxelas, a mais de setecentos quilómetros da capital. Da Bélgica seria mais fácil fugir para França ou, quem sabe, para Inglaterra. «Os nazis jamais conquistarão esses territórios», afirmava Kurt com convicção. «O Oeste da Europa resistirá ao avanço do *Reich!*», costumava repetir ao pai e ao irmão sempre que escutava um discurso de Hitler.

Parte das economias fora transformada em ouro, por insistência de Franz. O irmão convencera-o, pouco antes de deixar a Alemanha, a retirar o que pudesse do banco. Mais uma vez, contou com Christian. O dinheiro fora retirado para pagar uma suposta dívida. Não houve muitas perguntas, já que o cobrador era um respeitado médico ariano e o devedor um judeu. Não era muito, mas seria suficiente por agora, pensava Kurt. Ou, pelo menos, teria de ser. A par de umas poucas joias, o ouro estava bem escondido no fundo falso do velho baú de bonecas, pousado num canto do quarto de Adele. Christian recusou o ouro.

«Por enquanto, deixa que eu trato disso. Guarda-o, e bem guardado, Kurt! Vais precisar!» Só que a ajuda estava a demorar mais do que Kurt imaginara. O plano era forjar documentos e cruzar a fronteira no lugar certo. Christian procurava uma camioneta e um motorista esperto que se passaria pelo chefe da família. Depois, arranjaria uma forma de tirar Kurt, Arne e os pais de Berlim. Só que executar o plano não parecia tão fácil quanto concebê-lo. Até agora, surgira uma possibilidade, mas só para Adele. Partir diretamente para França, com uma mulher que — por uma boa quantia — atravessaria a fronteira com crianças judias, passando-se por mãe delas. Duas já estavam «negociadas» — foi esse o termo que passaram a Christian. Ela poderia levar apenas mais uma sem levantar suspeitas.

Kurt e Tzipora optaram por esperar mais um pouco. Se ao menos Eva pudesse ir também... mas a oportunidade não surgira. Christian tentava

agora outra forma. Insistia para que Kurt fosse com eles. Ele, Tzipora e as raparigas seguiriam de comboio até Colónia, separadamente, para não despertarem suspeitas. Ele próprio levaria Adele e Eva. De lá, partiriam de carro até uma pequena cidade, quase na fronteira. Christian descobrira, de fonte segura, um esquema de comerciantes que entravam na Bélgica, todos os dias, com pessoas escondidas em móveis com fundo falso, na caixa de camiões. Caixotes com comida, bebida e cigarros roubavam a atenção nas eventuais revistas.

O montante tinha de ser pago adiantado e viajariam separados, um de cada vez. Era arriscado e teriam de confiar plenamente no motorista. Mas não havia notícia de travessias malogradas. Depois de cruzar a fronteira, ficariam ilegais e com o mesmo problema para conseguir um visto de saída do continente. «Pelo menos», Christian tentava animar o amigo, «não serão agredidos por serem judeus!» Ele já havia contactado velhos companheiros, em Bruxelas, que acolheriam Kurt, a mulher e as raparigas. «Um passo de cada vez. O fundamental é tirar-vos de Berlim o mais depressa possível.» Kurt passava as noites em claro. Temia pelos pais. Abandoná-los à própria sorte? Franz já havia partido. Não seria justo deixar toda a responsabilidade com Arne. Ao mesmo tempo, arriscaria a segurança da mulher e das filhas? Tomara uma decisão. Se não fosse possível levar também os pais e o irmão, Tzipora partiria com as raparigas e encontrar-se-iam depois.

Kurt sentia um calafrio a percorrer-lhe a espinha, juntamente com a sensação de abandono. O mundo vendara os olhos. Não só os judeus, mas todos aqueles que haviam sido rotulados à margem do ideal ariano e os que, mesmo enquadrados, se opunham ao governo, estavam sozinhos. Não havia polícia nem autoridade dentro do *Reich*, muito menos fora, a quem apelar.

O cerco estreitava-se. Até ao último ano, ainda havia um fio de esperança de que fosse possível resistir com todas as restrições impostas, mas 1938 viera como um divisor de águas. Além da anexação da Áustria em março, as medidas que restringiam o direito de ir e vir só aumentavam. A expulsão dos judeus polacos detonara uma onda de medo. Kurt estabelecera regras que tinham transformado a casa quase numa prisão. Tzipora, Adele e Eva

jamais andavam sozinhas e nunca fora dos limites da vizinhança. As saídas restringiam-se ao consultório de Kurt, à casa dos avós, à livraria do tio e ao comércio local. Uma vez por outra, assistiam a um concerto no centro comunitário judaico, numa tentativa de trazer alguma normalidade ao dia a dia, principalmente para as raparigas. Como justificar, racionalmente, a proibição de os judeus entrarem numa piscina pública e até de se sentarem em bancos de praças?

Eva passara a ajudar Arne na livraria. Ao contrário de Adele, que andava como um caracol, com a cabeça sempre voltada para a concha, Eva empinava o peito, desafiando tudo e todos. Envolvia-se em discussões, não tolerava insultos. Apesar das diferenças físicas — Eva era alta e loura, Adele morena e mais baixa — e de personalidade, as duas eram muito unidas e, de certa forma, completavam-se. Eva era impulsiva, vencia pela força. Adele, era comedida, persuadia pela palavra. Tzipora não temia tanto pela filha mais nova — receosa e desconfiada de tudo — quanto pela mais velha. Nos tempos em que viviam, receio e desconfiança eram qualidades. Já a ousadia e a audácia de Eva poderiam ter graves consequências. O emprego na livraria era uma forma de a manter ao alcance dos olhos. Para a ocupar, o tio incumbira-a de verificar a ordem de arrumação, por autor e assunto, fileira a fileira.

A livraria, que já fora ponto de encontro de jornalistas, poetas e escritores, agora estava às moscas. Três ou quatro pessoas juntas eram prato feito para as tropas que patrulhavam as ruas do bairro atrás de conspiradores e desordeiros. O que Arne e os amigos menos queriam era chamar a atenção dos capas negras.

Assim, ele e Eva passavam as tardes a arrumar estantes e a jogar cartas. Nem os discos de *jazz* — comprados a um amigo americano — Arne ousava tocar. Também já não havia passeios ao jardim zoológico, nem às margens do rio Spree, nos finais de semana. Muito menos ao cinema, cafés ou lojas na Kurfürstendamm.

Até Kurt redobrava a atenção quando, por algum motivo — fossem os encontros com Christian Werner ou a visita a algum paciente não judeu —,

precisava de se desviar dos trajetos rotineiros. A família vendera o carro logo após a ordem que estabelecia matrículas específicas para automóveis de judeus. Alguns cruzamentos em Berlim eram verdadeiras armadilhas. A lei de trânsito punia peões que atravessassem fora da faixa e automobilistas que passassem com o sinal amarelo. Coincidentemente, locais próximos de instituições judaicas — nem o cemitério fora poupado — eram intensamente visados. Um indivíduo «comum» desavisado — a maioria não tinha mesmo conhecimento — recebia uma advertência ou uma multa simbólica, de um marco. Um judeu era obrigado a pagar, às vezes, trezentos marcos, além de ser levado para a esquadra, onde era registado. Com isso, passava a ter antecedentes criminais. Se houvesse qualquer tipo de reincidência — por motivo igualmente banal —, esperavam-no Buchenwald ou Sachsenhausen, os temidos campos de trabalho nos arredores da capital.

Estes pensamentos invadiram a mente de Kurt enquanto atendia uma menina com dores de estômago. O que podia fazer por ela e por todas as pessoas que o procuravam diariamente? Não havia para onde encaminhar pacientes para exames e procedimentos. O acesso a medicamentos fora restringido. Ele contava com a boa vontade de antigos colegas que se arriscavam desviando medicamentos e até fazendo cirurgias em casos graves, como o de uma jovem com o apêndice supurado. Nos últimos anos, porém, essa ajuda escasseara e conseguir medicamentos tornara-se mais complicado. Como explicar à mãe da menina que aquela dor se devia, muito provavelmente, à fome, alimentação desequilibrada ou, simplesmente, stress? A sensação de impotência crescia porque via Adele naquela criança. A filha reclamava das mesmas dores. A solução, ele sabia bem, era só uma: partir. Hitler — um homem de carne e osso — ganhara o estatuto de Deus para decidir quem pertencia ou não à terra e ao povo. A nação de Goethe virara a nação de Goebbels.

— As pessoas são cegas? Perderam o juízo? — Lembrava-se do pai a esbravejar face a qualquer referência ao ministro da Propaganda. — Um homem mais baixo do que eu, franzino, com pé defeituoso e coxo prega esse modelo de raça pura? — Arnold Eisen apontava para um folheto com

um jovem louro, o ideal da supremacia branca. — Este é o verdadeiro alemão? Goebbels, por acaso, parece-se com ele? — berrava sacudindo o panfleto. — E Hitler? Hitler é um deles? — Depois apontava para si próprio e para uma caricatura de um judeu mirrado e narigudo no jornal *Der Stürmer*. — E eu? Eu sou assim? Nós somos estes? — Rasgava o papel em tiras largas e deitava-o ao lixo. — Não! Nós também somos a Alemanha! Mais cedo ou mais tarde, as pessoas vão acordar!

Mas não acordaram. Uma realidade que Kurt percebeu demasiado tarde. A Alemanha fora tomada por um sentimento de ufanismo que se traduzia nas bandeiras vermelhas com o símbolo preto, espalhadas em galhardetes gigantes nas ruas, nas fachadas e no topo de prédios públicos e até em casas de militantes fanáticos. Hitler cumprira o prometido. Fora eleito com um terço da população desempregada. Cinco anos depois, o trabalhador alemão viajava de férias com a família, ia ao teatro e a concertos, as crianças praticavam desporto e faziam excursões ao fim de semana. Em breve, teria um automóvel para passear com a família. O que mais um homem poderia querer? Casa, comida, trabalho e... um carro próprio! Um luxo que nenhum operário sonharia sequer poucos anos antes. A promessa do *Führer* estava a caminho. O próprio Hitler inaugurara, meses atrás, uma fábrica para produzir o carro do povo. Essa era a nação alemã, o império de mil anos que crescia como um gigante destemido, com passos firmes e fortes, esmagando e destruindo o que se atravessasse no seu caminho, sem dó nem piedade. Nesse caminho estavam judeus, pessoas com deficiências, homossexuais, comunistas e qualquer um que desagradasse ao gigante.

Ultimamente, era difícil concentrar-se com todas estas questões a martelarem-lhe a mente. Kurt dispensou a mãe e a menina com uma recomendação de dieta e — isso, ele disse apenas à mãe — um calmante à base de ervas. «As nossas crianças estão a ter de amadurecer mais depressa do que gostaríamos. Muito do que a Olga sente é emocional... A minha Adele também é assim, mais sensível, absorve tudo.» Depois de elas saírem, atendeu rapidamente as marcações do dia, tirou a bata branca e pendurou-a no armário. A seguir, vestiu o sobretudo cinzento e abandonou

o consultório. Iria até à livraria buscar Eva. Costumavam fazer juntos o percurso na ida e na volta. Mal trancara a porta, deparou-se com o irmão e a filha. Os rostos, tensos.

— Kurt, vamos até ao pai! — Arne apressou o irmão, dirigindo-se já à escada que levava ao apartamento dos pais. — As notícias não são nada boas... Parece que um rapaz, judeu, invadiu a embaixada alemã em Paris e disparou contra um diplomata.

Kurt mordeu o lábio inferior como costumava fazer quando ficava tenso. O irmão seguiu à frente, Eva logo atrás e ele por último. Na casa de Arnold, o rádio já estava sintonizado. As notícias não poderiam ser piores. O diplomata Ernst vom Rath fora seriamente atingido por disparos feitos por um jovem de origem polaca. As informações eram da rádio estatal. Falava-se em conspiração judaica contra a Alemanha.

Dois dias depois, Vom Rath morreu. Nada voltaria a ser como antes. E quem, por acaso, achava que os judeus já haviam chegado ao fundo do poço percebeu, naquele momento, que o mergulho estava apenas no início.

BERLIM, 9 E 10 DE NOVEMBRO DE 1938

Adele abriu os olhos, assustada. Não sabia ao certo se o estrondo fora sonho ou realidade. Mas logo se seguiu outro, e outro. A par, surgiam os clarões e o barulho crescente de passos apressados e vozes. Cobriu a cabeça com a coberta. Aos poucos, foi destapando o rosto. Eva estava em pé, junto à janela, a espreitar por uma fresta da cortina. Moravam no segundo andar.

— O que foi, Eva? O que é que está a acontecer? — A voz saiu trémula.

A irmã levou o indicador aos lábios e fez sinal para que ela não se mexesse. Afastou-se da janela em direção à porta. Foi quando ouviram o vidro estilhaçar. Subitamente, o quarto foi invadido por uma lufada de vento acompanhada pelo som de gargalhadas e berros vindos da rua. A pedra caiu no espaço entre as duas camas. Os cacos espalharam-se pelo chão e sobre a mesa de estudos debaixo da janela. Adele saltou da cama e agarrou Eva. Abraçadas, agacharam-se no pequeno espaço que sobrava entre o armário e a parede. Pela primeira vez, Adele sentiu o medo na irmã. O corpo tremia todo. Adele apertou a mão dela entre as suas. Também estava apavorada.

— Vocês estão bem? — A porta do quarto abriu-se como um trovão.

Tzipora entrou, apressada, e correu até junto das raparigas. Ela também já dormia e acordara assustada. Kurt ainda trabalhava no escritório. Entrou a seguir no quarto. Por alguns instantes, os quatro permaneceram imóveis, sentados no chão. Kurt virou a cabeça e viu a pedra e os estilhaços. A cortina balançava, e pelas frestas notavam-se clarões de incêndios. Ele fez o mesmo sinal que Eva fizera segundos antes com o dedo e gatinhou até à janela, desviando-se dos cacos. Apoiou-se na quina da mesa e ergueu-se bem devagarinho, o suficiente para ver a rua e prender a cortina entre a parede e a mesa, cobrindo o buraco feito na parte inferior do vidro.

Kurt cambaleou e deu um passo para trás, apoiando-se na cabeceira da cama de Adele, como se, assim, pudesse segurar o tremor que lhe paralisava as pernas. O grupo, de cerca de seis homens, já não se concentrava em frente ao prédio. Não era o único. Havia outros, com mais e menos componentes. Como caçadores que bem conhecem a sua presa,

caminhavam com passos largos e decididos. Seguiam na direção da esquina com a Oranienburger Strasse. Alguns levavam paus; outros, barras de ferro e tochas. Os passos e gritos ainda invadiam o quarto, só que abafados pela distância. Kurt respirou fundo antes de se voltar para Tzipora e as raparigas, que permaneciam abraçadas e imóveis. Ouviam perfeitamente o que a multidão gritava. «*Judenschwein, Judenscheisse, Juden!* Venham para a rua, assassinos! Cobardes!» Tzipora apertava a cabeça de Adele contra o peito, tentando tapar-lhe os ouvidos, como se, dessa forma, a impedisse de ouvir. Ao encarar Kurt, apercebeu-se do pânico estampado no rosto do marido. Ele, discretamente, fez sinal com as mãos para que ela continuasse calada. Não queria assustar ainda mais as filhas. Aproximou-se delas, tentando demonstrar tranquilidade, mas era impossível.

— Ouçam com atenção... Nada de barulho — sussurrou. — Vou buscar uma vela e já volto.

Kurt abriu a porta com extremo cuidado. Olhou para o corredor para se certificar de que não havia ninguém à espreita. Fechou a porta e seguiu até à cozinha, guiando-se pelas paredes e móveis. As cortinas da sala estavam fechadas, o que deixava a casa mais escura. Pegou na vela e passou rapidamente por todas as divisões. Verificou a tranca da frente, colocou o ouvido à madeira maciça e abriu o pequeno visor de ferro. O corredor estava deserto, silencioso. Aparentemente, o prédio não fora invadido. Mesmo assim, usou uma cadeira, calçando-a na maçaneta. A única janela atingida fora a do quarto das raparigas. O escritório ficava nos fundos. Era o lugar mais seguro.

— Vamos para o escritório — disse, já de volta ao quarto. — Quero que descansem... Agora, está tudo bem... — Aos poucos, ele retomava o controlo.

As três acompanharam-no sem dizer palavra. Ele acomodou Eva e Adele no sofá. Deu um beijo na testa de cada uma e puxou Tzipora pela mão até ao corredor. A verdade é que nada estava bem.

— Meu amor, fica com as meninas — sussurrou. — Não saiam do escritório, não acendam luzes... Vou a casa dos meus pais... Eu...

— Não podes sair agora! É perigoso! — Interrompeu-o com um abraço, como se, assim, pudesse detê-lo. — Liga antes, pelo menos! — Apontou para o telefone.

A Tzipora tem razão. É o mais sensato, pensou. Antes mesmo de chegar à mesinha no *hall* de entrada, a campainha do telefone soou, estridente.

— Kurt, meu filho! — Mal tirou o telefone do gancho, ouviu a voz desesperada da mãe. — Kurt! Eles levaram o Arne! Levaram o Arne! E o teu pai... O teu pai... Bateram-lhe! Foi horrível! — Um choro ofegante, sofrido, reteve a fala.

— Mãe, acalma-te! Não saias de casa! Estou a caminho! — Pousou o telefone no gancho e passou a mão pelo rosto.

A expressão nos olhos foi suficiente para calar qualquer apelo de Tzipora. Por uns segundos, ela sentiu que ele podia desabar. Pegou na mão esquerda de Kurt e entrelaçou-a com a sua.

— Estamos juntos. Aguentámos até agora porque estamos juntos. — Beijou os dedos dele. — Tem cuidado... e traz os teus pais para cá! Vai correr tudo bem — disse, sem a menor firmeza.

Kurt retribuiu beijando-lhe os dedos. Dirigiu-se ao cabide, vestiu o sobretudo e pôs o chapéu.

— Sim, vai correr tudo bem — respondeu, também sem firmeza, já a abrir a porta.

Adele e Eva, que haviam saído do escritório ao toque do telefone, escutavam, agachadas, a conversa. Sentiram o cansaço e a descrença na voz do pai. Afinal, o que havia para correr bem?

Uma luz fraca iluminava o corredor do prédio. Kurt desatarraxou a lâmpada e seguiu, tateando a parede, até à escada. Melhor o breu. Os olhos rapidamente se habituaram à penumbra. Tinha de descer apenas um lance. E fê-lo bem devagar, embora a vontade fosse disparar a correr até à rua. Ao passar pela porta dos Hoss, deu três toques espaçados. Um código que ele e Aron — um engenheiro que morava ali, com a família, há tanto tempo quanto os Eisen — haviam combinado desde que os novos moradores tinham começado a chegar. Hoss abriu uma fresta da porta, sem destravar a tranca.

— Está tudo bem? — perguntou Kurt, apressado, já que, na verdade, queria pedir um favor ao amigo.

— Na medida do possível... — respondeu Hoss, com um acenar de cabeça curto e nervoso. — Forçaram as venezianas, mas felizmente não conseguiram entrar.

— Lá em cima, uma janela partida. — Fez uma pausa. — Preciso que fiques de olho na Tzipora e nas meninas...

O outro assentiu. Um misto de raiva e impotência levou Kurt a socar a parede do corredor.

— Os canalhas levaram o meu irmão e bateram no meu pai... Cobardes! — bradou por entre os repetidos golpes curtos. — A minha vontade é acabar com eles! Tenho de ir, Hoss. A minha mãe está desesperada.

— Espera um instante, amigo. — Destravou a tranca e depositou nas mãos dele uma pequena moca de borracha. — Esconde no casaco... Vai com cuidado! Não acredito que voltem a perturbar-nos aqui, pelo menos por hoje!

Kurt guardou a moca no bolso interior do sobretudo e cruzou a portaria. Os estragos eram bem maiores do que imaginara. A porta do prédio tinha marcas de tentativa de arrombamento. Por pouco não haviam destruído as janelas do rés do chão. Olhou em volta. O comércio e os prédios habitados por judeus haviam sido atacados. As outras lojas e moradias mantinham-se intactas.

À medida que avançava, com passos apressados, Kurt ia tomando a dimensão da barbárie. Jamais pensara que, nos seus quase cinquenta anos de vida, presenciaria, um dia, um *pogrom*. Aquele tipo de violência era comum na Rússia e na Polónia, países onde os judeus viviam segregados à mercê de uma população ignorante. Ele nascera e fora criado em Berlim, no berço da cultura e da intelectualidade europeia. *Não podemos ter descido tanto*, pensou, horrorizado.

Montras estilhaçadas, prateleiras no chão, portas destruídas. Pessoas invadiam as lojas, espoliavam-nas e levavam os produtos. Ateavam fogo e lançavam bombas caseiras feitas com garrafas de vidro e querosene. Os proprietários, desesperados, tentavam evitar o vandalismo. Eram espancados, ridicularizados. Silberman, o barbeiro, fora obrigado a vestir a bata branca e, com a navalha, cortava a barba a velhos judeus ortodoxos sob olhares de escárnio. Foi o sinal para que Kurt se pusesse a correr desesperadamente. Mas ele nem imaginava o que iria encontrar mais à frente.

Ao virar a esquina na Linienstrasse, junto à Grosse Hamburger, Kurt paralisou. Um clarão provocado por labaredas dava um tom avermelhado à noite. Uma fogueira crepitava em frente à moradia da família. Mas não era esta que provocava o espetáculo que a multidão aplaudia, aos berros. A língua de fogo ardia ao lado. Kurt acelerou o passo. A gráfica Eisen era consumida pelas chamas. Um vulto solitário, alheio aos risos e palmas, ia e vinha, com baldes de água, num esforço inútil e patético. Era Arnold Eisen.

Kurt aproximou-se, diminuindo o passo. Tinha de tirar o pai dali. Num ato reflexo, levou a mão ao bolso interior do sobretudo. A moca permanecia lá, como que pronta a entrar em ação. Ele não era um homem violento, mas, naquele momento, sentiu vontade de lançar golpes e levar aquelas pessoas a sentirem a mesma dor e humilhação que provocavam. Seria em vão. Não se feria alma e consciência com pancada.

Fez um reconhecimento rápido da área. A mãe não estava ali. Não havia mulheres na rua. O pai, de pijama e roupão, cambaleava para dentro do prédio e voltava, com dois baldes que mal conseguia segurar. Esbarravam na perna e metade da água ficava pelo caminho. A roupa e o rosto estavam cobertos de fuligem. Uma mancha de sangue endurecido cobria parte da testa e da têmpora, do lado esquerdo.

A montra da livraria já não existia. Os cacos, no passeio, refletiam a Lua e brilhavam como cristais. As prateleiras tombadas amontoavam-se no centro da loja por entre os livros espalhados pelo chão. A maioria, no entanto, alimentava a fogueira. Kurt deu uma rápida espreitadela aos fundos. A porta do consultório encontrava-se intacta. Do outro lado da rua, dois polícias faziam a ronda, como se estivessem noutra dimensão. Caminhavam até à esquina e voltavam, alheios ao vandalismo e à violência. Kurt fez menção de os chamar, mas logo percebeu que só atrairia para si as atenções.

— Não adianta, doutor, eles estão ali desde que começou... neste vaivém, sem mexerem um dedo! — Kurt virou-se ao reconhecer a voz de

Klaus Weir, dono de uma mercearia dois quarteirões abaixo. — E não adianta chamar os bombeiros... Também fazem vista grossa.

Ele tinha razão. Apesar da estatura corpulenta e maciça, Klaus era um tipo gentil e prestável, que evitava confusões. Não era judeu. Como outros moradores da vizinhança, tivera os filhos pelas mãos do Dr. Eisen.

— Escute, Klaus, preciso da sua ajuda. Tenho de tirar os meus pais daqui. Mas, se não puder... entendo — disse, receoso.

— Doutor, conte comigo. — Klaus assentiu com a cabeça, aguardando instruções. — O que quer que tenha detonado esta revolta, não justifica tamanha selvajaria.

— Obrigado. — Kurt esboçou um leve sorriso de agradecimento. De seguida, pediu que vigiasse o pai enquanto subia para ir buscar a mãe. Ele faria sinal quando fosse hora de agir. Deu a volta e entrou pelo consultório. Alcançou rapidamente a escada. A sala do apartamento, em cima, estava iluminada pelo clarão da rua. A mãe, encostada à janela, espreitava pela cortina. Ele aproximou-se devagar e, por trás, cobriu-lhe a boca.

— Mãe... Sou eu! Por favor, não grites! — alertou, baixinho.

Ruth virou-se assustada e desabou nos braços do filho.

— O que estão a fazer ao teu pai...

O choro angustiado da mãe chegou a molhar a camisa de Kurt. Ele agarrou-lhe o rosto.

— Eu vou tirar-vos daqui. O consultório não foi invadido... Espera lá por mim. — Saíram na direção das escadas. — O Klaus Weir, da mercearia, vai ajudar-nos... — tentou acalmá-la, sem muita convicção.

Pessoas como Klaus Weir e Christian Werner eram cada vez mais raras. Aos poucos, também seriam tragadas pelo regime.

Antes de descerem, Kurt fez um telefonema rápido.

— *Herr Schuman?* — Uma voz sonolenta murmurou um «sim» do outro lado. — Desculpe ligar a esta hora... Aqui é o Dr. Kurt Eisen. O senhor ainda está interessado nos nossos imóveis? Tenho uma proposta para si.

Menos de quinze minutos depois do telefonema, chegaram bombeiros ao local. Em poucos minutos, ligaram a mangueira e, aos poucos, o forte jato

de água amainou o fogo. A placa com o nome da gráfica, totalmente retorcida, caíra em frente à porta. Os policiais, subitamente, também se aproximaram para dispersar a multidão. No meio da confusão, Klaus havia segurado, pela cintura, o velho Arnold. O idoso debatia-se, tentando bater-lhe com os baldes.

— Desculpe, *Herr* Eisen, ordens do seu filho! — Klaus encostou os lábios ao ouvido dele, enquanto o arrastava para os fundos.

Kurt deu um forte abraço a Klaus. Despediram-se sem palavras.

Arnold estava em choque. Kurt limpou o ferimento no couro cabeludo do pai, junto à testa. Fora infligido por um objeto pontiagudo. Felizmente, era superficial. Também havia queimaduras nas mãos e escoriações nos braços e pernas, provavelmente de socos e pontapés. Quem eram aqueles cobardes que espancavam um velho?

Ruth subiu ao apartamento e trouxe roupas limpas. Calada, ajudou o filho a despir o roupão e o pijama do marido, que continuava sem emitir um som. Dois toques leves, na porta do consultório, quebraram o silêncio.

Kurt aproximou-se da porta. Sabia exatamente quem era.

— Cumpri o prometido. Agora, faça a sua parte. — Schuman estendeu-lhe um envelope pardo. — Pelos estragos aí fora, sintam-se muito bem remunerados!

Kurt levantou a aba do envelope e retirou o contrato. Junto havia alguns maços magros de notas.

— Peço desculpas, mais uma vez, por tê-lo incomodado a esta hora da madrugada. — O tom de voz não dissimulava o desprezo. — O senhor dá-nos um segundo, por favor?

Dirigiu-se até junto do pai. Depositou a caneta na mão direita dele e, gentilmente, pediu que assinasse. Arnold não ofereceu resistência. Rabiscou o nome no local indicado e, logo a seguir, virou-se para Ruth:

— Temos de levar os meninos a Nuremberga, Ruth! Os Eisen começaram lá em 1780 e eles precisam de saber de onde vêm! — dizia, fitando o infinito.

— Sim, claro... meu amor. — Ruth passou os dedos pelo rosto do

marido.

— Franz, onde está o Franz? — prosseguiu Arnold. — Ele tem de rever o contrato da compra de papel!

Kurt trocou um único olhar com a mãe, que dizia mais do que qualquer palavra. Muito mais do que a gráfica e a moradia, haviam perdido Arnold naquela noite de novembro.

Já em casa, Kurt aqueceu a água e ajudou Ruth a dar banho a Arnold. Tranquilizou-a. Iria encontrar Arne e trazê-lo de volta. Selou a promessa com um beijo na testa da mãe. Depois, acomodou os pais no quarto das raparigas. Voltariam a casa no dia seguinte para fazerem as malas. Tzipora já limpou os cacos do chão e vedou o buraco com um papelão grosso. Adele e Eva não conseguiam pregar o olho. Escutavam atentas, e imóveis, a conversa dos pais na cozinha. Tzipora havia preparado um chá. Kurt precisava de relaxar, nem que fosse por uns minutos. A vida deles tinha mudado por completo em poucas horas.

— Querida, a situação é grave. — Segurava a caneca, sem a levar à boca. — Tive de apelar ao desgraçado do Schuman... A moradia tinha sido saqueada e seria atingida pelo fogo. Parte da gráfica já estava destruída... Ele chamou os bombeiros. Em troca, o meu pai assinou os documentos. — Fez uma pausa. — Mais cedo ou mais tarde, ia acontecer... O pior é não saber para onde levaram o meu irmão! — Bateu com a mão na mesa.

Kurt dava os primeiros sinais de cansaço extremo. Tzipora levantou-se e foi até ao armário da cozinha, de onde tirou uma lata metálica.

— Vamos, come! — Abriu a tampa e entregou ao marido um biscoito de canela. — São os teus preferidos! Fiz hoje à tarde... Estão fresquinhos!

Kurt pegou num biscoito e levou-o à boca. A trinca veio acompanhada de um choro. Tzipora foi até junto dele, que, ainda sentado, a abraçou com força.

— Não quero que as meninas me vejam assim. O meu pai está em choque... O Arne está desaparecido... As ruas foram tomadas por vândalos, criminosos, bêbados. Não sei o que fazer!

Kurt nunca se sentira tão impotente. Era impossível perceber o que se passava.

— Não são homens fardados que estão a destruir casas e lojas, Tzipora! — Sacudia as mãos. — São civis, gente como nós!

— Kurt, ouve. — O rosto dela ganhou um ar severo. — Não são gente como nós. Nós somos judeus. Não importa o que fizemos por este país, se

nascemos aqui ou não, seremos sempre intrusos. Não nos querem na Alemanha.

Kurt enxugou as lágrimas. Adele e Eva entreolharam-se. Havia ouvido o suficiente. Voltaram de mãos dadas para o escritório.

Kurt adormeceu no sofá da sala. Despertou com o toque da campainha. O relógio de parede marcava pouco mais de cinco horas da manhã. Ainda estava bem escuro lá fora. Tzipora e a mãe entraram apressadas. Ele fez sinal para que não se movessem e, com passos leves, só de meias, aproximou-se da porta. Não podia abrir o visor. Encostou o ouvido. O ruído do outro lado fez o rosto de Kurt ganhar vida e relaxar. As mãos tremiam de alegria.

— É o Arne! — Virou o rosto para a mãe e a mulher enquanto soltava a tranca e girava a maçaneta. — O Arne está aqui!

Era como se, por alguns instantes, a sorte tivesse olhado para eles. Depois de uma noite de tantas perdas, tinham o que agradecer. Arne entrou e os dois abraçaram-se.

— Meu irmão, como é bom ver-te! — Kurt não conteve as lágrimas. — Não sabia por onde começar a procurar-te!

A mãe correu até junto do filho mais novo e cobriu-o de beijos.

— Estás bem? Eles magoaram-te, meu filho? — Ruth atropelava-se nas perguntas, sem dar oportunidade de resposta. — Para onde te levaram? Porque é que te prenderam?

— Eu estou bem... Estou inteiro! — procurou acalmá-la. — Só preciso de um banho e de um chá... não necessariamente por esta ordem.

Tzipora entendeu o recado. Arne queria ficar a sós com Kurt.

— Pois vamos já preparar esse chá, não é, *mame* Ruth? — disse ela, ao mesmo tempo que seguia com a sogra para a cozinha.

Os dois esperaram, em silêncio, que a porta da cozinha se fechasse. Arne passara na casa e vira a destruição. Havia um cordão a isolar a área. Kurt relatou a noite de terror, o incêndio, a humilhação, o telefonema para Schuman. Ele ficara sem opções. A gráfica estava a ser consumida pelo fogo, que logo alastraria à residência. Arne encostou a cabeça à parede e apertou as têmporas com as mãos.

— Céus! O que fizemos para sermos odiados e massacrados desta forma? — A raiva pulsava, acelerada, no pescoço. — Kurt, eles prenderam-nos sem

motivo. Nem sequer olharam para os documentos. Quando ouvi o primeiro vidro a despedaçar-se, corri para a rua. Andavam em bando, com barras de ferro, garrafas com querosene. — Arne movia-se de um lado para o outro, sem parar. — Invadiram a loja, derrubaram as prateleiras, atiraram os livros para o passeio e atearam-lhes fogo! Assim... em cinco minutos, destruíram tudo o que construí em quinze anos! — Agora era ele que chorava, de raiva. — Corri até junto dos polícias, tinham acabado de entrar na rua! Aqueles idiotas, vendidos... Sabes o que fizeram? — Respondeu à própria pergunta, bufando. — Começaram a apitar, um som estridente, e logo surgiram outros e levaram-me... assim... como se eu fosse o bandido, o arruaceiro!

Tzipora entrou de novo na sala e deixou uma bandeja com chá e sanduíches. Já convencera Ruth a voltar para o quarto e a tratar de Arnold. Arne prosseguiu o relato. Como em muitas situações que marcariam o destino deles dali para a frente, a sorte ou o azar tinham mais peso do que o correto ou o justo. Arne fora levado para a esquadra de polícia de Alexanderplatz com dezenas de outros judeus que, como ele, haviam sido detidos ao acaso. Horas e horas de espera e tensão, espremidos numa cela onde tinham de se revezar entre ficar sentados e em pé, até serem levados para averiguação. Muitos estavam sem documentos; afinal, tinham sido apanhados de surpresa ao descerem para impedir os estragos nos seus negócios. Quem ousasse dizer que fora vítima de vandalismo apanhava ostensivamente, era registado criminalmente e mandado de volta para a cela.

— Havia rumores de que seríamos enviados para Buchenwald e Sachsenhausen. — Calou-se subitamente e bebeu o chá, em grandes goles. — Vês a loucura que vivemos? Ter o negócio destruído... Cumprir pena em campos de trabalho... E por qual motivo, exatamente? Por sermos judeus? — Bufou, abanando a cabeça.

— Tenho de admitir... O Franz tinha razão. A Alemanha acabou. — Kurt suspirou demoradamente, saudosista, antes de voltar ao assunto. — Mas, afinal, porque é que te liberaram? O que é que aconteceu?

— Sorte... Pura sorte! — Arne deixou escapar um sorriso. — Quando

chegou a hora de o meu grupo de cela ser averiguado, um dos guardas chamou-me: «Professor Arne? É o senhor?» — Imitou o rapaz. — «Sim», respondi. Ele aproximou-se e disse: «Não me reconhece?! Sou eu! Paul Alexander, seu aluno da faculdade!» — prosseguiu Arne, empolgado. — «Claro!», disse eu de imediato! Deu-me um certo alívio ver um rosto conhecido. E completei: «Estás bem diferente com esse uniforme!» Rimos, os dois. A seguir, ele perguntou-me porque estava eu ali... Eu disse que a minha livraria tinha sido saqueada e, ao pedir ajuda à polícia, acabara por ser levado para a esquadra. — Arne aproximou-se do irmão antes de prosseguir com a história. — Nesse momento, Kurt, ele tirou-me discretamente da fila, pediu que lhe passasse os documentos e folheou-os rapidamente. Então disse-me: «Com certeza, foi um engano. É melhor o senhor ir-se já embora. Limite-se a seguir-me, de cabeça baixa. Vamos até à saída dos funcionários, pelos fundos.» Lá chegados, abriu a porta, apertou-me a mão e desejou-me boa sorte... E aqui estou eu... por pura sorte! — Pegou novamente na chávena e bebeu o resto do chá.

Os dois permaneceram calados, cada um com os seus pensamentos. O de Kurt era um só: precisava de tirar a família de Berlim. Agora, mais do que nunca.

Kurt e Arne recostaram-se no sofá à espera que o dia clareasse. Quando o céu ganhou o tom cinza da aurora, aproximaram-se da janela. Kurt rodou a tranca e abriu o suficiente para a onda fria se apoderar da sala. Ao mesmo tempo, surgiu um silêncio de enterro. Os únicos sons eram os murmúrios da perda, misturados com o roçar das vassouras e das pás, que recolhiam cacos e destroços espalhados pelo passeio.

Os dois irmãos fizeram algo que não faziam desde a infância. Tratou-se de um ato instintivo. Frente a frente, deram as mãos e fecharam os olhos. Permaneceram assim uns segundos, como se, dessa forma, unissem coragem e dividissem o medo.

— Meu irmão, vou arranjar uma forma de nos tirar daqui. — Kurt foi enfático ao dirigir-se ao telefone. — Vai até casa e traz o que conseguires! — Enquanto discava, disse: — Não deixes o nosso pai ir até lá... Ele não vai aguentar.

Do outro lado da linha, Christian atendeu ao primeiro toque. Kurt respondeu com um olá, interrompendo a conversa com o irmão.

— Céus! Estava preocupado convosco! — disse Christian, ao reconhecer a voz do amigo. — Quis ligar antes, mas... — Havia um misto de incredulidade e vergonha. — Achei melhor esperar pelo teu contacto... Desculpa... O que vi ontem por aqui... Não sei o que dizer.

— Então não digas nada! Eu conheço-te! — interrompeu-o Kurt, sem rispidez. — Posso encontrar-te no lugar de sempre? — Referia-se ao café nos arredores do consultório.

— Que tal no velho ponto de encontro, dos tempos de solteiro? Convém mudar de ares...

Christian não precisou de completar a frase. Kurt percebeu de imediato o receio do amigo e soltou um curto «sim». Tanto um quanto o outro sabiam que, a partir de agora, todos seriam suspeitos de traição e denúncia.

— Vemo-nos daqui a uma hora — disse Christian. Antes de desligar, ainda deixou escapar: — Custa-me a acreditar que isto esteja a acontecer...

Kurt manteve o telefone no ouvido por alguns segundos, após o que o

amigo desligou. *A mim também... Também me custa a acreditar*, sussurrou para si mesmo.

— O que foi, meu querido?

Assustou-se ao ouvir a voz de Tzipora atrás de si.

— Nada, minha querida, preciso de sair. — Deu-lhe um beijo. — Não deixes sair as meninas nem os meus pais. Hoje, ninguém põe os pés na rua.

Antes que ela respondesse, já estava à porta, a vestir o sobretudo. Havia uma estação do S-Bahn a poucos metros do edifício, mas Kurt preferiu caminhar os quinze minutos até à Friedrichstrasse. Os atos de vandalismo da noite anterior haviam entrado pela madrugada e prosseguiram naquela manhã. Comerciantes tentavam salvar o que podiam por entre cacos, mercadorias e móveis queimados. Alguns improvisaram extintores com bombas que esguichavam água de baldes. Schlomo Meir, o padeiro da Tucholskystrasse, espalhava as cinzas no chão como se fossem farinha no tabuleiro. Não sobrara nada na loja, além do ferro retorcido do balcão e dos fornos. Os filhos tentavam tirar o pai dali, mas ele parecia uma árvore velha com raízes profundas entranhadas no solo. Kurt lembrou-se do próprio pai, na noite anterior. As manchas vermelhas das queimaduras, o rosto e o pijama cobertos de fuligem, o cabelo desgrenhado, uma imagem dantesca.

Só os estabelecimentos judaicos eram atacados, sem nenhum tipo de repreensão por parte dos polícias, que viravam a cara e mudavam descaradamente de passeio ao menor vislumbre de tumulto. Kurt gelou ao ver o grupo de mais de vinte homens que vinha na sua direção. O da frente carregava uma estrela de David, enorme, de madeira, como se fosse um estandarte. Atrás, seguiam os outros, em duas filas, escoltados por oficiais da SS. O médico enfiou as mãos no sobretudo para esconder o tremor e atravessou a rua antes que passassem por ele.

O movimento de peões crescia à medida que se aproximava da estação. Alguns apressavam o passo e baixavam a cabeça como se, ignorando os escombros, estes deixassem de existir. A maioria, no entanto, juntava-se em pequenos círculos, com a boca colada ao ouvido do vizinho, segredando comentários sarcásticos.

Dentro da carruagem, Kurt mantinha o rosto erguido, mas evitando qualquer tipo de contacto visual. Uma das raparigas sentadas à sua frente deu-lhe um pequeno toque no braço.

— Dr. Eisen, como vai o senhor? — Ao aperceber-se do espanto dele, rapidamente se identificou. — Não se lembra de mim? Catarina, amiga da sua filha! — Ele assentiu com a cabeça, reconhecendo-a. — Como está a Eva? E a pequena Adele? — prosseguiu ela, sorridente.

Kurt respondeu, educadamente, que estavam todas bem e desviou o olhar como se, assim, pusesse um ponto final na conversa. Catarina era uma das várias raparigas não judias que moravam no Mitte e costumavam frequentar a sua casa. Ela encolheu os ombros e voltou a falar com a amiga ao lado. Seguiam para a escola no bairro vizinho, a mesma que Eva e Adele frequentavam antes de começar a perseguição.

— O meu pai disse que foram ataques orquestrados por comunistas! — gesticulava, agitada. — A joalheria perto da nossa casa foi destruída. Levaram tudo! Os comunistas são selvagens e, no fundo, muito gananciosos!

A amiga arregalou os olhos, concordando com a cabeça. Por pouco, Kurt não se intrometeu para perguntar onde estavam os nacional-socialistas, que não haviam mexido um dedo para evitar o ataque vermelho, e mais, porque é que os comunistas tinham optado por atacar apenas estabelecimentos judaicos. Foi contido pelo sinal de adeus da rapariga. O comboio acabara de parar em Tiergarten e as duas saíram. Os comentários deixaram-no mais nervoso e preocupado. Aquelas jovens representavam boa parte dos alemães. Não pertenciam à Juventude Hitleriana, os pais não eram filiados, muito menos militantes fanáticos, e, no entanto, não ousavam admitir a verdade. Era mais cómodo culpar os comunistas do que encarar a realidade. A Alemanha tornara-se uma nação alienada com um olhar turvo para o futuro.

O que viu a seguir mostrou que esse futuro chegava a galope. Uma nuvem cinzenta, espessa, tomava o céu. O comboio seguia pela passagem elevada, acima do nível das casas. Não havia dúvidas. A coluna de fumo

saía de uma das três cúpulas da sinagoga da Fasanenstrasse. Kurt levou a mão à boca. A sua estação era a seguinte. Mas, como estava adiantado para o encontro, desceu logo ali. Percorreu a correr os poucos quarteirões que o separavam do templo, uma construção grandiosa, em estilo românico e bizantino, que servira, durante anos, a comunidade judaica liberal.

A polícia havia isolado a área e, no passeio oposto, a multidão aplaudia e gritava, ensandecida, insultos na mesma linha dos que Kurt ouvira na noite anterior. Enquanto a sinagoga era consumida pelas chamas, os bombeiros protegiam com jatos de água os prédios vizinhos. Alguém passou a gritar que haviam levado as «escrituras satânicas» — referência aos rolos da *Tora* — para serem queimadas na praça Wittenberg. Um bando seguiu atrás. Kurt sentiu-se nauseado, não sabia se pela situação ou pelo cheiro enjoativo a queimado. Abeirou-se de um canteiro, atrás de uma árvore, e vomitou. Ao levantar a cabeça, os seus olhos encontraram-se com os de um homem que se protegia, com as mãos, de socos e pontapés, sob gritos de «Porco! Esgoto da humanidade! Vamos acabar com essa raça imunda!». Kurt estava a cerca de vinte metros do homem, mas era visível a súplica por ajuda. Por segundos, hesitou. Não era um cobarde. Quando fez menção de se aproximar, um indivíduo, no meio da turba, tentou intervir. Foi igualmente atacado. Do lado oposto, os guardas assistiam à cena, de braços cruzados. Kurt apoiou-se por alguns segundos no tronco da árvore. Não havia nada a fazer, além de fugir. Se não saísse naquele minuto, ele próprio acabaria linchado. A frase de Christian voltou-lhe à cabeça. «Custa a acreditar que isto esteja a acontecer.» Estava.

Kurt desceu a Fasanenstrasse sem olhar para trás e virou à esquerda na Kantstrasse. Não havia palavra que descrevesse o sentimento de impotência frente à barbárie. A sensação de alívio — aquele homem poderia ser ele — fundiu-se com uma dor profunda — aquele homem com certeza tinha mulher e filhos, como ele. Também nos arredores do jardim zoológico havia lojas destruídas, produtos espalhados pelo chão e saqueadores. Em menos de dez minutos, estava sentado, numa mesa de canto, no restaurante em que passara tantos momentos felizes na juventude. Naquele instante, porém, sentia angústia e vontade de chorar.

Christian chegou cinco minutos depois. Fez sinal para que o empregado trouxesse dois cafés mesmo antes de se sentar à mesa.

— Desculpa fazer-te vir até aqui — disse, agitado. — Quando falámos mais cedo, eu realmente acreditei que a polícia poria ordem nesta confusão... — Baixou o rosto, envergonhado. — Então, fiz algumas chamadas... — Christian não precisava de citar nomes, o amigo sabia que a mulher dele era sobrinha de um alto funcionário do Ministério da Propaganda. — Kurt... Foi o próprio Goebbels quem orquestrou os ataques! Os agentes da Gestapo, da SS, saíram todos à paisana. A ordem era destruir sinagogas e estabelecimentos judaicos... e prender quem os tentasse impedir! E não foi só em Berlim... Foi no país inteiro!

— Isso é demasiado insano! — Kurt interrompeu o amigo. — Tudo por causa da morte de Vom Rath? Foi um ato impensado, sem premeditação, de um jovem perseguido!

— Mas servido numa bandeja ao *Reich* — continuou Christian. — A polícia não deveria intervir contra o que o rapina do Goebbels classificou de «espontânea manifestação de desejo do povo alemão». Uma revolta justificada — fez uma pausa — contra os judeus, inimigos da grande nação alemã! — O tom foi sarcástico.

— Inimigos da Alemanha?! — repetiu Kurt. — Os judeus não chegam a um por cento da população do país! Eu sou mais alemão do que muitos que se dizem alemães. Eu lutei por este país! — Calou-se, indignado.

Ficaram por alguns segundos em silêncio. A imagem do homem espancado invadia a mente de Kurt. Se não tivesse morrido, teria sido despejado numa cela. A vida daquele homem não valia nada. E a sua também não. Sobreviver era uma questão de sorte, como dissera o irmão.

— Escuta, Christian — ele tentava encontrar as palavras certas —, eu vi um homem a ser linchado... e eu estava a vinte metros dele. Esses vinte metros salvaram a minha vida... por acaso. — Engoliu em seco e mostrou-se firme. — Eu preciso de tirar a minha família da Alemanha. Já. — Apertou uma mão na outra. — A gráfica foi incendiada, o meu pai está em choque, a livraria foi destruída, tivemos de vender a casa, o Arne quase foi preso... Tudo em menos de vinte e quatro horas! — O tom de voz subiu na última frase, o que fez com que algumas cabeças se voltassem para ele.

Christian fez um aceno de que tudo estava em ordem. Pediu mais dois cafés. O que lhe apetecia mesmo era um uísque.

— Prometo que vou tirá-los daqui. — Estendeu a mão para Kurt. — E eu cumpro sempre uma promessa.

Christian chamou de novo o empregado.

— Suspenda os cafés, por favor, traga dois conhaques... e sanduíches para forrarmos o estômago! — Piscou o olho a Kurt, que deixou escapar um sorriso.

Pela primeira vez, nas últimas doze horas, o Dr. Eisen conseguia relaxar. Sabia que podia confiar em Christian Werner. Não era de beber, muito menos antes das dez da manhã, mas, tendo em conta os últimos acontecimentos, este seria o menos surpreendente.

Brindaram, sem muita convicção, a tempos melhores para a Alemanha e, com afinco, a tempos melhores para ambos. Enquanto devoravam as sanduíches, Kurt — que só então percebeu como estava faminto — narrou com detalhes a saga da noite anterior. Christian não podia acreditar na extorsão que o amigo sofrera para se desfazer da casa e da gráfica. Foi a sua vez de relatar as cenas de violência que testemunhara na Kurfürstendamm. Deixara o consultório tarde na noite. Devido ao cansaço, redobrou a atenção ao volante. Ao entrar na luxuosa avenida, foi surpreendido por

grupos, com grossas barras de ferro, que desciam a rua a partir montras, invadindo e saqueando lojas que sabiam ser de judeus.

— E as minhas suspeitas confirmaram-se com o telefonema desta manhã. — Aproximou o rosto do de Kurt. — Eu vi perfeitamente bem. — Sussurrou, a seguir: — Numa e noutra esquina havia homens, dentro de carros, com os uniformes pretos da SS. Eles indicavam os locais e incentivavam os ataques. — Pegou no copo e bebeu de um só trago. — É melhor pedir a conta! Queres mais alguma coisa?

— Aqui está a escritura do apartamento e o compromisso de venda, assinado. — Kurt tirou um envelope do bolso. — Sabes o que tens a fazer. — Entregou os documentos ao amigo.

— Não achas que estás a ser precipitado? — reagiu Christian, relutante, enquanto guardava o documento no bolso interior do fato.

— Precipitado?! — Kurt deixou escapar um sorriso sarcástico. — Tudo o que nos resta é este apartamento. Eu só confio em ti. — O sorriso havia desaparecido.

— Importas-te? — Christian pegou no copo de Kurt, que mal havia tocado na bebida, e despejou boa parte do líquido no dele. — Como o teu pai costumava brindar, *l'haim!*, à vida! Esse é o nosso bem mais precioso. — Levantou o copo na direção do amigo.

Pagaram a conta e saíram. Iam em direções opostas, mas Christian teve o impulso de acompanhar Kurt até à estação do jardim zoológico.

— Já estou atrasado, de qualquer forma! — Disfarçou, com uma piscadela de olho, e um sorriso largo, o temor que sentia. Não queria que Kurt fosse sozinho.

Logo na esquina, alheio aos peões, um grupo de mulheres exibia, exultante, carteiras, calçado, lingerie e meias finas. Trocavam os produtos entre si como se estivessem num mercado a céu aberto. À medida que eles subiam a rua, iam-se desviando de pessoas que tentavam equilibrar pares de sapatos e peças de roupa nas mãos e debaixo dos braços. Os dois amigos entreolharam-se e estugaram o passo. Deparam-se, de seguida, com uma loja de roupas e sapatos femininos que acabara de ser atacada. O barulho do

vidro a estilhaçar sob as solas misturava-se com o burburinho do entra e sai pelas montras partidas. Um dos proprietários gritava desesperado com dois polícias que montavam guarda de costas para a pilhagem. Os agentes irritaram-se. O mais corpulento empurrou o homem, que caiu sobre os cacos.

Kurt sentiu a mesma impotência de horas antes, em frente à sinagoga. Christian puxou-o pelo braço. Seguiram lado a lado, e calados, o resto do trajeto.

— Vai correr tudo bem! — Christian tentou animar Kurt com um abraço e uma palmada carinhosa nas costas. Estavam diante da estação. Kurt nada respondeu, apenas retribuiu o abraço e a palmadinha, e seguiu em frente. Mal passou a entrada, parou por alguns segundos e virou-se. Christian permanecia imóvel, a poucos metros. Acenaram um para o outro. Kurt desceu as escadas e Christian foi andando a esmo, até se deparar com uma tabacaria. Não punha um cigarro na boca há mais de três anos.

Mal abriu a porta, Kurt deparou-se com a mulher e as filhas em volta do velho baú que viera da moradia. Havia fotografias e uns poucos objetos de valor afetivo espalhados no tapete. Tzipora tentava dar um toque de normalidade à situação. Em menos de vinte e quatro horas, a vida dos sogros reduzira-se a três malas, um caixote com louças e dois pequenos retratos pintados de antepassados, além do baú.

— Ainda bem que chegaste, Kurt! — Ela correu até ao marido, seguida pelas filhas. — Os teus pais estão no quarto... — Calou-se sem completar a frase.

— Pai! — Adele agarrou-se à cintura dele. — Vai ficar tudo bem, não vai? O avô está muito estranho... Não diz coisa com coisa! — Fitou o pai.

Kurt e Tzipora entreolharam-se. A esposa mudou de assunto, sem se deixar abater.

— O Hoss emprestou o carro e o Klaus Weir ajudou o Arne a carregar o que o Schuman permitiu... — Tzipora apontou para as malas e as outras peças da parca mudança. — Não descolou do teu irmão um segundo! Já pôs lá um sobrinho a morar... O Arne encontrou a casa revirada... E cada peça de roupa ou objeto que ele conseguia trazer foram minuciosamente revistados. — Ela abanou a cabeça. — Que gente é esta? Acham que fabricamos ouro e dinheiro? — Sentia-se indignada.

De facto, não havia mais nada de valor na casa. Todas as economias tinham sido consumidas em impostos e despesas. Era uma conta simples. Não havia entrada de capital, apenas gastos. As máquinas haviam deixado de rodar há mais de um ano. Arne fora expulso da universidade. A livraria vivia às moscas. A teimosia do pai em não vender o negócio enquanto tinham uma carteira de clientes respeitável transformara a gráfica num depósito de sucata. Schuman pagara um preço simbólico. Porta fechada. O que os Eisen trouxeram foram apenas roupas e objetos de valor afetivo. Nos últimos tempos, somente Kurt ainda ganhava algum dinheiro com as consultas, mesmo assim muito pouco. O que ele tinha guardado era para a fuga da família.

A mãe surgiu no corredor. Caminhava lentamente, como se arrastasse correntes.

— O teu pai precisa de comer, sair da cama. — Com um lenço de linho branco, tentava conter as lágrimas. — Não sei o que fazer! — choramingou.

Kurt aninhou-a nos braços, tentando acalmá-la.

— O pai vai recuperar... Dá-lhe um pouco de tempo. — Beijou-lhe a testa com carinho, como se a mãe fosse uma das filhas.

A preocupação naquele momento era outra: Arne. Onde se teria metido?

O irmão entrou esbaforido, mais de uma hora depois, com o cabelo despenteado e as mangas arregaçadas. Havia fuligem e pó de cimento na camisa e nas calças.

— Kurt, as notícias não são nada boas. Venho de uma reunião com líderes da comunidade. Estão a incendiar sinagogas, não só em Berlim, mas por toda a Alemanha! A Nova Sinagoga escapou por pouco.

O irmão referia-se à sinagoga da Oranienburger Strasse. Era uma das mais imponentes da capital, assim como a da Fasanenstrasse, que Kurt vira em chamas horas antes. O zelador havia alertado funcionários da administração sobre o incêndio. Ele e outros homens tinham corrido para o templo assim que o fumo foi sentido. Conseguiram evitar que o fogo se espalhasse para as construções vizinhas, que também pertenciam ao complexo da sinagoga. Nathan Goldenberg morava no último andar do prédio de Kurt. Era assistente do tesoureiro e fora chamado para uma reunião de emergência nos arredores do templo. Passara para convocar o médico. Arne fora no lugar do irmão.

Na tal reunião, souberam não só dos atos de vandalismo, como também das detenções, espancamentos e até mortes. Frankfurt, Hamburgo, Munique, Leipzig. A lista ia das grandes cidades às mais pequenas, e chegava à Áustria. Viena também sofrera os ataques. Arne e Nathan foram ver os estragos na sinagoga. Soldados da SS haviam deixado o escritório da administração depois de se fartarem de beber vinho e cerveja servidos pela mulher e os filhos pequenos do zelador. Os oficiais não disfarçavam a alegria e o prazer pelo «trabalho bem feito». Vangloriavam-se dos «atos heroicos» — como classificavam a barbárie da noite anterior.

A estrutura da sinagoga estava intacta. Havia janelas partidas, candelabros espatifados no chão, vigas derrubadas e bancos tombados. O armário que guardava os rolos da *Tora* fora arrombado. Móveis e livros haviam sido empilhados e empapados de líquido inflamável. Apesar das fogueiras, as chamas não tinham chegado a consumir o prédio graças à ação dos bombeiros, chamados assim que o fogo começou. A atitude

surpreendeu-os a todos. Em toda a vizinhança — e por toda a capital —, as mangueiras só tinham sido ativadas para proteger construções que não pertencessem a judeus.

— Não vais acreditar, meu irmão! — Arne deixou escapar um sorriso nervoso. — Parece que foi o chefe de polícia que deu a ordem aos bombeiros. Chegou de arma em punho e dispersou a multidão alegando que o prédio era património da cidade!

— Ahn?! — Kurt soltou uma exclamação de espanto.

— O que quer que tenha alegado o tal polícia, graças a ele a sinagoga está de pé! — Arne puxou o irmão para a cozinha, onde teriam mais privacidade. — A minha preocupação está bem perto de nós... É com o pai. O Schuman já pôs uma placa com o nome dele no prédio. Temos de impedir o velhote de ir até lá. Ele não vai aguentar.

Os irmãos entreolharam-se, calados. No corredor, uma figura moribunda caminhava rumo à sala dando ordens às paredes. Adele e Eva acompanhavam o avô e respondiam «sim, senhor» a tudo o que ele dizia. Arne e Kurt deixaram a cozinha e deram de caras com o pai. A loucura protegê-lo-ia, pelo menos momentaneamente.

Os dias que se seguiram marcaram o início do fim para os judeus na Alemanha. Os Eisen, entre eles. Arnold escondera-se no seu próprio mundo. As mulheres não saíam de casa. Apenas Kurt e Arne deixavam o apartamento da Auguststrasse — mesmo assim, evitavam transportes públicos e locais afastados da vizinhança. Christian tentava de todas as maneiras arranjar um meio de levar a família do amigo até à fronteira da Bélgica ou da França. As novas leis de restrição impostas aos cidadãos judeus só diminuía as possibilidades. Os judeus estavam impedidos de viajar livremente pela Alemanha, além de terem a carta de condução cassada. Também não podiam frequentar cinemas, teatros, centros desportivos nem parques. Em algumas cidades, havia áreas delimitadas como «zonas arianas».

Nada, porém, causou tanta indignação e impotência quanto o decreto anunciado a 12 de novembro. O marechal Göring e os ministros, reunidos em Berlim, determinaram que os judeus arcariam com todos os prejuízos daqueles dois dias de ataques. E mais, o valor do seguro que os judeus de nacionalidade alemã tivessem direito a receber reverteria para os cofres públicos.

Arne entrou em casa a sacudir o jornal com o punho cerrado.

— Nós fomos as vítimas destes animais! — berrava. — Ouçam isto! — As mãos tremiam de raiva, mal conseguia segurar o jornal. — «Estragos gerados nas manifestações populares contra a agitação judaica»... Agitação judaica?! — repetiu, bufando. — Quem são estes lunáticos?! As pessoas não percebem o que está a acontecer?! — Levou o punho aos lábios antes de continuar a ler. — «O governo do *Reich* decidiu impor uma multa de mil milhões de marcos a todos os judeus alemães como punição pelo assassinio do diplomata Vom Rath.» — Amassou as folhas e lançou-as, com força, ao chão.

Adele e Eva ouviram tudo agarradas à cintura da mãe. Kurt escutou sem esboçar qualquer reação. O que lhe provocara um total sentimento de abandono fora a resposta das lideranças estrangeiras, mesmo com a

denúncia nos meios de comunicação. Um amigo de Arne, repórter banido dos *media* oficiais, tivera acesso à repercussão internacional. Os mais de cem jornalistas estrangeiros em Berlim relataram, estupefactos, os atos antisemitas — termo usado em vários artigos — nos jornais do mundo inteiro. França, Inglaterra, Portugal, Estados Unidos. A imprensa mundial denunciou o vandalismo, a falta de ação da polícia e dos bombeiros — ressaltando que os de Berlim eram os mais bem equipados da Europa —, questionou o «fechar de olhos» das autoridades, chegando a classificá-lo como «espetáculo odioso de um governo que se orgulha de ter o povo mais disciplinado do mundo». As notícias destacavam que não havia sinagoga que tivesse escapado ao incêndio, nem estabelecimento judaico, à pilhagem.

A Liga americana pró-Paz e Democracia organizara protestos em Nova Iorque e Washington em frente às representações alemãs. Os manifestantes carregavam cartazes com frases de repúdio ao terror fascista. Um bispo protestante declarou publicamente que a brutalidade e a bestialidade da perseguição nazi eram tão grandes que nenhum homem honesto poderia deixar de expressar o seu repúdio ao fascismo.

Eram estas notícias que tomavam a mente de Kurt, muito mais do que a revolta de Arne com os jornais alemães. O mundo sabia o que se passava e os governantes escondiam-se atrás da burocracia diplomática. Chefes de família, como ele, corriam desesperados atrás de vistos que jamais estampariam os passaportes. Consulados e embaixadas cerravam as portas e viravam costas às filas com estúpidos «sinto muito», «são ordens expressas», «as quotas já foram preenchidas».

— O que é que nos vai acontecer? — Adele escondeu o rosto no peito do pai.

Kurt acariciou os cabelos da filha.

— Adele, presta atenção. — Levantou o queixo dela, delicadamente, até os olhos se encontrarem. — O que quer que aconteça, estaremos juntos. Nunca esqueças quem és, nem de onde vens. — Estendeu a mão a Eva, que se aproximou. — Vocês as duas vão prometer-me que se, por algum motivo... — Fez uma pausa. Pensava na possibilidade de Christian

conseguir tirar pelo menos as raparigas de Berlim. — Se, por algum motivo, tivermos de nos separar — colocou os dedos sobre os lábios de Adele, que ameaçava um choro —, quero que jurem que farão o possível para se manterem unidas. Nunca discutam, ajudem-se uma à outra! — Abraçou as duas, com os olhos húmidos.

— Eu não quero deixar-vos, nunca! — soluçava Adele. — Eu nunca vou deixar-vos!

— Por favor, Kurt, não assustes as meninas! Ninguém vai deixar ninguém! — Tzipora puxou Adele e Eva para si.

Arne trocou a raiva pelo afeto e abraçou a mãe e o pobre Arnold, que permanecia alheio a tudo. Kurt recompôs-se.

— Eu não quis criar um melodrama! — Tentou ser engraçado, sem o menor sucesso.

— É claro que ficaremos todos juntos, e em breve vamos encontrar-nos com o tio Franz no Brasil! — completou Tzipora, encarando Kurt com uma afirmação em que nenhum dos dois acreditava.

Ele respondeu sem palavras, com um leve aceno de cabeça, como se, assim, a mentira se tornasse menos óbvia.

BERLIM, 14 DE NOVEMBRO DE 1938

Na segunda-feira, Kurt estava a pé antes das seis da manhã. Ainda faltavam seis horas para o encontro com Christian. O telefonema na noite anterior deixara-o ansioso e, ao mesmo tempo, animado. O amigo estava prestes a conseguir vistos para a República Dominicana. Assim que a resposta saísse — e já era praticamente positiva —, os Eisen deixariam a Alemanha, sem precisarem de fugir.

Kurt não conseguira dormir. Rolara de um lado para o outro na cama. Abriu o velho baú de bonecas de Adele e levantou o fundo falso. Contou e recontou as notas recebidas pela venda da moradia, conferiu as poucas joias e as pequeninas lâminas de ouro. Seriam suficientes para financiar as passagens até Paris e, de lá, cruzar o oceano. Nada mais os prendia à Alemanha. O amor que sentiam pela pátria era um amor nostálgico. A pátria onde tinham nascido e vivido já não existia. Aquela Alemanha era outra. Uma nação que destruíra em horas o que gerações tinham levado décadas a construir.

Kurt e Christian encontrar-se-iam por volta do meio-dia, na margem direita do rio Spree, junto à Friedrichstrasse. Era uma caminhada bastante curta, menos de dez minutos. Haviam escolhido o lugar justamente para que Kurt evitasse o comboio ou o metro.

Tzipora preparou um chá com panquecas para que ele não saísse em jejum. Os dois sentaram-se, frente a frente, na mesa de madeira encostada à parede da cozinha. Kurt mastigava lentamente, comendo apenas para lhe agradar.

— Presta atenção — disse, e agarrou as mãos da mulher. — Vou levar os passaportes ao Christian. Quero que vás fazendo as malas, acomodando o mínimo necessário. Se tudo correr bem... partiremos em breve. — Apesar da pequena luz ao fundo do túnel, só relaxaria quando seguissem no navio a cruzar o Atlântico. — Se me acontecer alguma coisa, procura o Christian, apenas ele. Sabes onde estão as nossas economias. — Quando Tzipora fez menção de falar, ele interrompeu-a: — Não digas nada, por favor! — E

estendeu-lhe os braços.

Os dois permaneceram abraçados e, juntos, seguiram até à porta. Kurt desceu as escadas saltando os degraus de dois em dois, mas não chegaria ao fim da rua. Quando pôs o pé no passeio, o motorista de um carro preto, estacionado a poucos metros do prédio, girou a ignição. Num relance, Kurt viu o automóvel a descer a rua devagar. Não havia dúvida. Era um *Mercedes 260D*, a marca registada da Gestapo. Ele apressou o passo, o carro aproximava-se por trás. O coração acelerou e começou a correr, embora sentisse, naquele exato momento, que a caçada estava terminada. A morte do animal era apenas uma questão de tempo, tanto quanto o caçador, por puro deleite, quisesse prolongar a perseguição à presa.

O carro acelerou e, antes de chegar à esquina, parou abruptamente. As portas abriram-se e quatro homens, com casacões de couro lustroso, saltaram do interior. Os poucos peões atravessaram o passeio, de cabeça baixa. Kurt foi cercado e, instintivamente, levantou os braços. Reconheceu de imediato Ernst Hansen. Sylvia, a sua mulher, tivera complicações no parto do filho mais novo e ele fizera uma cesariana de emergência. A mãe e a criança haviam sobrevivido sem sequelas. Isso acontecera há dez anos. *Ninguém esquece quem salva a nossa mulher e o nosso filho*, pensou ele.

— Dr. Eisen, quanta pressa — disse Hansen, que liderava o grupo. — Se precisar de uma boleia... — Apontou para o carro.

— Que bom revê-lo, Hansen! — Kurt baixou os braços. — Como vai o pequeno Johan? E *Frau* Sylvia? — Tentou mostrar naturalidade. — Um cliente espera-me... Fica a duas ruas daqui... A pé chego mais depressa! — Engoliu em seco. — O que é que querem? — reagiu, retomando a segurança na voz.

— É justamente sobre os seus clientes — prosseguiu Hansen, ignorando qualquer cordialidade ou referência ao passado. — Tivemos uma denúncia de que o senhor continua a atender pacientes arianos, mesmo sabendo da proibição. — Franziu a testa, com cinismo.

— Creio que deve ser um engano. — Kurt ainda tinha três pacientes que visitava em segredo, mas não imaginava que alguma delas o pudesse ter

denunciado. — Os meus pacientes são judeus.

— Então não há o que temer, correto? — O homem mantinha o tom jocoso, enquanto um dos agentes revistava o sobretudo do médico.

Não foi difícil encontrar os passaportes no bolso interior, juntamente com um maço de notas. O agente passou os objetos ao líder do grupo.

— Veja o que temos aqui... O senhor planeia viajar? — Sorriu ao pegar nos documentos. — E vai levar a família?

— Não estou a perceber. O que tem isso de mal?

A pergunta de Kurt foi respondida com um estalo na cara.

— Vocês são todos iguais. Judeus insolentes. O que o leva a fugir, Dr. Eisen?

Kurt baixou a cabeça; não havia resposta que não fosse seguida de agressão. *Mais vale ficar calado*, pensou.

— Nós vamos levá-lo para averiguações, mas, antes, gostaríamos de fazer uma pequena busca ao apartamento. — A frase foi dita enquanto outros dois se posicionavam, cada um de um lado do médico.

— Por favor, Hansen! Há quantos anos me conhece? Não quero assustar a minha mulher e as minhas filhas... Os meus pais são idosos! — Hansen fitava-o, sem emitir uma palavra. — Por favor, imploro-lhe, como pai de família que é... Pense na sua mulher e no seu filho, que eu ajudei a nascer! — suplicou, entregando o dinheiro. — Tome, é tudo o que temos! Era para pagar as viagens. Estou à espera de vistos para a República Dominicana. Tudo dentro da lei... — Antes de completar a frase, foi de novo atingido, desta vez por um murro.

— O senhor está a tentar subornar-me? E usando a minha família?! Não ouse falar na minha mulher, nem no meu filho com essa boca imunda! — Hansen mantinha o punho em riste.

Não havia como argumentar. Os agentes empurraram Kurt na direção da entrada do prédio. Ele estancou o sangue do nariz com o lenço que trazia nas calças. No exato momento em que o grupo se aproximava, um homem deixava o edifício. Ele e Kurt trocaram um olhar aflito, sem que os agentes de preto percebessem. Depois, o homem baixou a cabeça e seguiu

rapidamente, sem se virar para trás. Era Arne. Minutos depois, Kurt despedir-se-ia, também ele, do resto da família.

A Gestapo não primava pela delicadeza. O apartamento foi revirado. Com um canivete afiado, o sofá e as cadeiras da sala foram escarafunchados e o estofado retirado. O enchimento de algodão espalhou-se pelo chão, evocando flocos de neve.

— Por favor, não há aqui nada. É a mim que vocês querem!

Kurt falava com convicção. Naquele instante, já sabia que o seu destino fora selado, mas o fundo do baú de bonecas salvaria a família.

Os agentes pareciam não o ouvir. Depois de revirarem a sala e o escritório, partiram para a parte interior da casa. As raparigas agarraram-se à mãe e, juntamente com os avós, permaneceram na cozinha. Os homens revistaram os dois quartos com voracidade. Esvaziaram as gavetas e os armários em busca de esconderijos. Cortaram os colchões e bateram com os pés sobre cada milímetro das tábuas do soalho em busca de um som oco. Fizeram o mesmo às paredes. Nada, não havia nenhum lugar secreto. Pareciam inconformados. Só Hansen falava.

— Dr. Eisen, eu vou perguntar mais uma vez... Onde estão as joias e o dinheiro? — Falou com uma voz mansa. — Nós vamos acabar por descobrir... Porque é que não colabora? — completou, enquanto juntava as palmas das mãos como se fosse rezar.

Kurt respondeu, mais uma vez, que tudo o que tinham eram as notas que já havia entregado.

— Estou a dizer a verdade — insistiu. — Foi o dinheiro que recebemos da venda da casa dos meus pais e deste imóvel também. — Apontou para o chão. — Pagamos aluguer. — Uma mentira que poderia facilmente ser confirmada por Christian.

Era impossível saber o que o agente de facto queria: extorquir os Eisen ou torturá-los psicologicamente. O passo seguinte mostrou que ambas as respostas estavam certas. Ele seguiu até à cozinha e chamou o velho Arnold. Sentaram-se à mesa. A conversa começou despretensiosa. Falaram sobre a Guerra da Prússia, as condecorações, a tradição dos Eisen na tipografia. Kurt observava de pé, imóvel. Não percebia onde o outro queria

chegar.

— Quer dizer, *Herr* Arnold, que a gráfica foi vendida e a família vai deixar Berlim? — A voz suave soou, para Kurt, como mais um soco.

— O senhor está enganado, *Herr* Hansen! — Uma expressão de horror tomou conta do rosto do velho. — Jamais venderia a gráfica! O nosso negócio tem cento e cinquenta anos! Jamais deixarei a Alemanha, é a minha pátria! — Voltou-se para o filho. — Diz-lhe que isto é um absurdo! Vamos, diz! — A voz autoritária e ao mesmo tempo trémula gerava mais pena do que medo.

— Pai... Não te lembras? — Kurt segurou Arnold pelos ombros. — Tivemos de vender... Não te lembras?

Arnold simplesmente ignorara a assinatura da escritura e tudo o que acontecera naquela noite e nos dias seguintes. Kurt considerava-se um homem civilizado, mas, naquele momento, a sua única vontade era socar o rosto cínico de Hansen, que destruía a sua vida e a da sua família por puro deleite. Aquele homem representava, ali, todas as injustiças que vinha engolindo há anos. Kurt baixou os olhos.

Hansen aproximou-se de Arnold e sussurrou-lhe junto ao ouvido.

— Tenho a certeza de que tudo não passa de um mal-entendido! — Manteve o tom amistoso. — O senhor acompanhe-me, juntamente com o seu filho, até à central de polícia e tratamos lá do assunto.

— Não, por favor, Hansen, ele não vai aguentar! — suplicou Kurt. — Eu já disse que não temos mais nada!

— E se, por acaso, tivéssemos? — murmurou Arnold.

Hansen e Kurt voltaram-se para o velho ao mesmo tempo. Um com ar de triunfo, outro com a morte estampada no rosto. Arnold caminhou até ao quarto das raparigas e apontou para o baú. Em segundos, Hansen exibiu o que lá fora procurar.

— Dr. Eisen, o senhor não está a par dos últimos decretos? — Hansen aproximou o rosto de Kurt. — Os judeus, por lei, são obrigados a entregar metais preciosos e joias ao governo! — berrou, mostrando as lâminas de ouro antes de se voltar para Arnold. — E o senhor a fingir-se de doido e a

fazer-me de parvo? Quem ri por último, ri melhor! — Soltou uma gargalhada.

Arnold virou a cara para se desviar do hálito quente e malcheiroso de cigarro barato. Foi repreendido com um estalo. Ruth correu para o marido e abraçou-o. Daí até deixarem a casa, as palavras deram lugar a um silêncio absoluto. Como «sinal de respeito» aos Eisen — Hansen deixou bem claro que se tratava de um favor —, os documentos de Ruth, Tzipora e das raparigas ficavam. Kurt só teve tempo de dizer «procurem o Christian, saiam daqui, amo-vos».

As quatro, à janela, acompanharam os dois a serem enfiados no *Mercedes* preto como criminosos. Kurt virou a cabeça, uma última vez, antes de entrar no carro rumo ao complexo da Wilhelmstrasse. Os Eisen separaram-se para sempre naquela tarde de novembro.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

— Separámo-nos para sempre naquela tarde de novembro — repetiu Adele.

— Porque é que nunca falaste sobre isso? — perguntou Haya, num tom brando. — Porque é que nunca partilhaste comigo?

Não era uma resposta simples. Além de Enoch, ninguém escutara aquele relato. Não por doer lembrar aqueles dias terríveis, mas porque jamais conseguiria expressar o sentimento. A sua história, achava ela, juntar-se-ia aos imensos depoimentos de sobreviventes do Holocausto. Assim como todos os que levavam a marca no braço, fora contactada por fundações, escolas e estudiosos que queriam aquele registo. Uma forma de mostrar às novas gerações as atrocidades do nazismo, para que jamais se repetissem. Adele era o que se classificava de «otimista de fachada». Tinha bom humor, bom sono, acreditava que o trabalho duro levava à prosperidade, generosidade gerava generosidade, felicidade era poder dormir e acordar ao lado do homem amado, ter filha e netos que a visitavam por prazer e não por obrigação.

Mas daí a contar a sua história? Como se houvesse palavras que pudessem expressar o que fora tudo aquilo? Alguém consegue realmente mostrar ao outro o que é viver com um membro amputado? Impossível. Não transportava rancor nem raiva no peito. Mas a vida mostrara-lhe que atos como os de Friedrich, Christian e Klaus Weir eram individuais e que maldades como as que sofrera eram coletivas. Adele fora premiada com a sorte. Mas isso não apagava perdas, nem apaziguava feridas. Por isso, ela não contara a sua história. A história de Adele soaria igual à de Hannas, Faigas, Rivas, de tantas mulheres. Adele queria preservar Kurt, Tzipora, Arnold, Ruth, Arne, Eva. E também o avô materno, Samuel, a mulher dele, Fruma, e Norman, o pai biológico de Haya. Viviam na sua memória como seres únicos. Jamais seriam estatísticas, nem estampariam livros e filmes como vítimas genéricas de uma guerra, como seres que nasceram na época errada, no lugar errado.

Afinal, porque é que aconteceu tudo aquilo? E de que adiantava expor os seus entes queridos? O mundo continuava igual. Injustiças, opressão, racismo, antissemitismo existiriam para sempre. No pouco mais de meio século que a separava do fim da Segunda Guerra, quantos confrontos se haviam sucedido? Quantos sobreviventes tinham contado as suas histórias arrancando lágrimas em salas confortáveis enquanto, em algum lugar do mundo, no mesmo instante, uma criança via o seu pai a ser arrancado de casa por nenhum motivo que não o ódio e a vontade de outro indivíduo tão humano quanto ele? O que Adele poderia responder? Porque é que nunca falara sobre isso?

— Eu quis poupar-te, não mudaria em nada o passado. — Deu a resposta que lhe parecia mais confortável. No fundo, o que queria ter dito era: as pessoas só sentem quando é com elas.

Eu nada digo. Sinto-me desconfortável. Adele tinha nove anos quando Hitler se tornou chanceler e lhe roubaram a infância. Narra factos que presenciou aos catorze anos. Não acredito que Adele tenha guardado para si o passado para poupar a filha. Entendo que seja mais como a preservação de um túmulo. A lápide retirada expõe ossos que, um dia, sustentaram carne e sangue. Ossos não representam os humanos que existiram sobre os esqueletos. Sinto que Adele jamais exumou o passado. Sabe que memórias são como ossos. Não fazem jus aos que se foram, são apenas rastos de gente. Contar é profanar.

Tão diferente de Frida, que nunca se abriu por ser demasiado egoísta para pensar além de si própria. A sua memória, seletiva. Auschwitz era apenas um lugar na distante Polónia para onde não deveriam ter mandado o seu único filho. O que aconteceu nos campos, nos anos anteriores e durante a guerra, ou mesmo nos que imediatamente se seguiram, só a afetou no que atingiu diretamente a sua pessoa. Não havia vergonha, sentimento de culpa nem drama de consciência. Portanto, acusações sobre convivência do povo alemão, participação, mesmo que involuntária, no genocídio de judeus e ciganos não atormentavam a sua mente tanto quanto o remorso de não ter acolhido o filho e uma bebé recém-nascida. É nisso que penso enquanto

ouço Adele. Não emito um som. Não ousa perguntar nada.

Factos históricos, números e dados que lhe chegaram décadas depois juntam-se à narrativa. A gráfica Eisen foi destruída na Noite dos Cristais — ganhou esse nome por causa da quantidade de vidros estilhaçados. Culminou em mais de mil sinagogas queimadas, sete mil e quinhentos estabelecimentos judaicos destruídos, quase cem mortos e trinta mil detidos. «Tamanha foi a devastação que o país teve de importar vidro da Bélgica... mas, para mim, o pior não foi o vandalismo», ela faz uma pausa e continua, «foi a passividade do povo alemão.» Engulo as palavras de Adele como um líquido amargo e necessário. Sou fruto dessa passividade.

Depois de os agentes da Gestapo invadirem e revirarem a casa, nunca mais viu o pai nem o avô. Os dois haviam sido levados para o campo de Sachsenhausen. Do avô tiveram notícias cinco dias depois. Num papel timbrado do *Reich*, receberam o comunicado de que Arnold morrera por «complicações de saúde». Adele só veio a saber a verdade anos depois, já no Brasil, por um amigo do tio Franz. O avô não aguentou dois dias. Agarrou-se à cerca eletrificada logo na primeira chamada de prisioneiros. Não resistiu a quase vinte e quatro horas de pé, ao relento. Desmaiava e era acordado com um cacete. Kurt viu o pai arrastar-se, cambaleante, em direção à cerca. O tal amigo e um desconhecido agarraram o médico quando fez menção de correr. «Não podes fazer nada, e ainda por cima vais levar um tiro», disseram. Dor é coisa que se sente. Quando muito intensa, espalha-se no ar. Sinto a dor de Adele. E não posso fazer nada. Passados sessenta anos, ninguém pode fazer nada.

«Tenho a certeza de que o meu pai começou a desaparecer ali», murmura. «Não existe degradação maior do que a impotência diante de quem amamos. Eu vi a minha mãe e o meu avô a serem enviados para a morte, a minha irmã a definhar... mas isso foi bastante tempo depois.» O final da frase é dito já com ela de pé. Avança até à estante e pega num *passe-partout*. A foto foi tirada no início dos anos trinta. «Uma das poucas que restaram. O tio Franz trouxe-a quando imigrou.» Adele aponta a menina com um laçarote na cabeça e cabelos negros ondulados. «Sou eu, com cinco

anos.» Só ela e o tio mais velho sobreviveram à guerra. «Morreu senil, aos oitenta anos.» Fala dos pesadelos terríveis que ele tinha. A cada noite, um membro da família a assombrá-lo dentro de um caldeirão fumegante. O que leva Adele subitamente a falar de Franz? Ela mesma responde. «Não há como fugir. Muitos dos que partiram para salvar a própria pele viveram a vida atormentados.» É como se ela lesse os meus pensamentos. Levo o dedo médio à boca e começo a puxar peles. Um tique que tenho desde pequena para escamotear a ansiedade. Puxo até sangrar. Frida também teve pesadelos no fim da vida. Adele passeia o indicador pela fotografia. Dá rosto a cada um dos nomes que povoam até agora a narrativa. Todos mortos. «O avô Arnold, a avó Ruth, o tio Arne.» O tio — regressa àquele fatídico novembro — voltou para casa na madrugada seguinte. Preparou uma mochila e partiu. Não tinha escolha. Era caça para a Gestapo. Dele, nada mais se ouviu. «Ou se juntou aos *partisans* e morreu a resistir, ou foi detido e definhou nos campos.» O tio Arne desapareceu como tantos outros, como o próprio Norman — ela cita o pai biológico de Haya. Agora é a vez de o indicador acarinhar os três rostos mais à esquerda: «Aqui estão a minha irmã Eva, a minha mãe... e o meu pai.»

— Este é o Dr. Kurt Eisen. — Adele acariciou o rosto no retrato a preto-e-branco. — O meu pai era um homem tão bonito, tão forte... Fez o que pôde por nós.

Adele tinha catorze anos quando viu o pai pela última vez. A imagem que tinha dele era a de um super-herói. Seria o eterno pai roubado à menina. Christian Werner revelou-se realmente um amigo fiel. Fez o que pôde para tirar Kurt de Sachsenhausen. Os vistos para a República Dominicana não vingaram. Era a única oportunidade de resgatar Kurt do campo: a certeza de que iria emigrar.

— Eu cansei-me de perguntar porquê... Não faria o tempo voltar para trás, nem traria a minha família de volta... — Ela falava mais para si do que para Haya e Amália. — Mas, porque é que os vistos não saíram? A nossa vida teria sido tão diferente! — prosseguiu. — Mas, imediatamente, penso também... Porque não nos viemos embora com o tio Franz? Ou, porque é que os alemães elegeram Hitler em 1933? — Abanou a cabeça. — Então, simplesmente paro de pensar, fartei-me de tentar entender tudo isso. — Aperta a fotografia no peito. — Tive muitas zangas com Deus... mas ele nunca me respondeu! — Forçou um sorriso. O humor era uma forma de esconder a ferida.

Adele era objetiva e raras vezes deixava a emoção superar os factos. Talvez justamente por isso fosse tão doloroso para Haya acompanhar a narrativa. Percebia que, mesmo já tendo vivido mais da metade da vida — ia fazer cinquenta e cinco anos —, esta era repleta de lacunas por preencher. «Olhar para trás é como entrar em contramão numa avenida movimentada.» Mais uma das metáforas de Adele que Haya aprendera a seguir desde pequena. Só o presente importava. O que sabia dos avós era vago; parte das histórias que o tio Franz contava quando ela era jovem pouco lhe interessavam. Enquanto Haya escutava, imóvel e concentrada, Amália remexia-se na cadeira, dobrava e desdobrava as pernas, baixava a cabeça, comia as cutículas.

Adele prosseguiu o relato. Sobre Kurt, nada mais souberam a não ser que

morreu em Sachsenhausen, meses antes de a guerra estourar. Quem lhes deu a notícia foi Christian Werner, numa ligação entrecortada por ruídos de estática, quando elas já estavam na Roménia há quase seis meses. Um telefonema rápido e sem detalhes: ou porque quisesse poupá-las ou porque ele mesmo não os tivesse.

— Quando soube da morte do meu pai, foi estranho, não podia acreditar... Era inconcebível o mundo sem ele... Mas era inconcebível, também, tudo o que estávamos a passar. A verdade, e isso eu percebi anos depois de deixar a Europa, é que o nosso fim havia começado antes da morte dele. — Adele mordeu os lábios. — Foi naquele 9 de novembro de 1938 que começámos a desaparecer... A nossa vida, já então cheia de restrições, tornou-se um inferno ainda maior sem o pai, o avô e o tio Arne. As nossas economias foram confiscadas. Vivíamos segregados, sem direito a transitar pela cidade, barrados em lugares públicos, sob toque de recolher. No último inverno que passámos em Berlim, estávamos proibidas de sair de casa entre as oito da noite e as seis da manhã. Imaginam, naquela época, quatro mulheres, sozinhas, sendo uma delas idosa? — Calou-se de repente, talvez ao lembrar-se de que apenas ela sobrevivera.

Dois meses depois da Noite dos Cristais — sem a menor perspetiva de um visto que as levasse para algum país neutro ou distante da Alemanha e, além disso, sem a possibilidade de Kurt ser libertado e com Arne foragido —, Tzipora pediu a Christian que arranjasse uma maneira de as levar até à Roménia. Lá, tinha o pai, a madrastra e os irmãos. Apesar do pouco contacto, eram família e iriam recebê-las. Se Kurt fosse libertado, encontrá-las-ia lá.

No final de janeiro de 1939, num sábado cinzento, partiram para Oradea, cidade na região da Transilvânia, bastante próxima da fronteira com a Hungria.

— A viagem levou alguns dias, foram mais de mil quilómetros. O Christian tratou de tudo e levou-nos pessoalmente. Parecíamos uma autêntica família ariana. Pai, mãe, sogra e duas filhas. Que me lembre, não tivemos problemas com revistas ou controlo de passaportes. Era a primeira

vez que eu deixava a Alemanha... — Adele suspirou, melancólica. — Era uma adolescente como outra qualquer... Sonhava em conhecer o mundo... mas não daquela maneira. Fizemos parte do trajeto, até Budapeste, de comboio. Depois, seguimos de carro até à fronteira. Lá, esperava-nos o meu avô materno, com um amigo. Estavam em dois carros. — Ela pegou novamente na fotografia da família reunida e, desta vez, passou os dedos pelo rosto da mãe. — É curioso que ainda me venha à mente, como se fosse agora, o exato momento em que pusemos o pé na Roménia, que, para a minha mãe, ainda era a Hungria, e vi o meu avô Samuel pela primeira vez... — fez uma pausa — e, pela última vez, o Dr. Christian Werner.

Adele ainda tinha nítidas na memória as últimas palavras do médico. «Em breve, o nosso Kurt juntar-se-á a vocês e, depois de esta loucura acabar, voltarão todos para casa. O apartamento será sempre vosso!» Nenhum deles, no fundo, acreditava naquilo.

Christian Werner foi detido como traidor do *Reich* e enforcado. De todos, só restou mesmo Adele. E, então, já não havia apartamento, prédio ou família. Mas, muito se passou antes da tarde em que, apenas com a roupa do corpo, retornou à Berlim devastada do pós-guerra.

ORADEA, JANEIRO DE 1939 A AGOSTO DE 1940

Oradea tinha menos de cem mil habitantes — *deve ser mais pequena do que o Mitte*, pensara Adele, logo à chegada, lembrando-se do bairro onde moravam em Berlim. Só que, em Oradea, os judeus eram quase um terço da população, o que, de certa forma, lhe trouxera uma sensação de segurança e alívio. Não que os romenos fossem tolerantes, muito pelo contrário. O antissemitismo parecia até mais enraizado e muito anterior à ascensão de Hitler na Alemanha. Pelo menos foi o que ouviu do avô, Samuel Dunai — comerciante do ramo do calçado que havia nascido e morado ali toda a vida —, numa conversa com a mãe, quando ela relatara o *pogrom* e a prisão de Kurt. Ele mesmo fora vítima dos violentos ataques contra estabelecimentos judaicos no final dos anos vinte, ali, em Oradea.

Ao contrário da Alemanha, onde a soberania dos nazis era absoluta, a Roménia vivia em constante disputa de poder, aliada à ameaça real e iminente de uma invasão soviética. Apesar das rixas internas, das mudanças de primeiro-ministro, de um monarca ditador e de uma oposição formada pelos ultranacionalistas cristãos da Guarda de Ferro, havia um ponto em comum entre todos: o antissemitismo.

— O melhor que fazemos é não reagir às provocações. — O avô era categórico. — Além do mais, eles precisam de nós. — Referia-se aos negócios geridos por judeus, muitos à frente do comércio de cereais, que impulsionava a economia romena. — Por maior simpatia que o rei nutra por Hitler, será sempre mais fiel à França e à Inglaterra! São eles que hão de assegurar as nossas fronteiras! — E, nisto, voltara-se para o filho mais velho: — Jacob, não te esqueças de levar a encomenda da Sra. Bărbulescu. O casamento da filha é na próxima semana e não quero problemas com ela!

Adele, a princípio, estranhara aquela família onde as discussões políticas e intelectuais davam rapidamente lugar às rezas e conversas sobre calçado e alternativas para o negócio. O avô tinha uma pequena fábrica e uma loja de calçado fino para homens e mulheres da qual se orgulhava por ser uma das melhores da região. Os clientes vinham de Budapeste para comprar os seus

sapatos, gostava de se vangloriar. Fora viúvo por duas décadas até encontrar Fruma, filha única de judeus ortodoxos. Ela devolvera-o à religião. A segunda esposa era da mesma idade de Tzipora — o que provocou, no começo, uma confusão na cabeça de Adele. Afinal de contas, a mulher que ocupava o papel de «avó» tinha a mesma idade da mãe! O mesmo aconteceu em relação aos tios — Milos, de dezanove anos, e Jacob, de vinte. Tinham a mesma idade de Eva. Com o passar do tempo, habituou-se à ideia de os ter por perto e lamentou que não tivessem existido antes na sua vida. Eram destemidos como a irmã e, com certeza, tê-la-iam defendido das ofensas na escola, em Berlim. Mas logo os pensamentos se dissolviam. O «antes» pertencia a um mundo dilacerado e perdido, sem conserto ou remendo.

Aliás, os últimos meses na capital alemã tinham apagado qualquer memória do que, um dia, fora uma infância feliz, de belos passeios no rio Spree, aos domingos, das tentativas frustradas do pai e do tio de lhe ensinarem a remar. Difícil era adaptar-se à vida sem as pessoas que amava.

A morte do pai pôs uma pedra na história dos Eisen na Alemanha. Tzipora recebeu o telefonema de Christian em junho de 1939. Kurt morrera. Ela trancou-se no quarto e chorou. Chorou muito. Adele e Eva escutaram a dor da mãe através da fina porta de madeira.

— Venham. — O avô abraçou as netas. — A vossa mãe vai precisar muito das duas, mas este momento, agora, é só dela — disse, enquanto as conduzia para a sala.

No final daquela tarde de junho de 1939, Tzipora deixou o quarto e pediu ao pai que encontrasse uma boa carne, não importava o quanto custasse. Ele saiu sem questionar. Um silêncio moribundo apoderou-se da casa.

Quando Samuel voltou, Ruth e Tzipora já estavam na cozinha. Ao lado da sogra, ela preparou o jantar. No rosto inchado, as lágrimas escorriam e pingavam nas batatas que ralava. O aroma da carne a assar na cerveja e das panquecas a fritar trouxe a recordação dos jantares no apartamento da Auguststrasse. Mas, cada uma, guardou-a para si. Na cabeceira da mesa, um prato vazio. Tzipora sentou-se de um lado e Ruth do outro. Assim,

despediram-se de Kurt, com a sua refeição preferida. Adele engoliu a comida com um nó na garganta. Daquele dia em diante, qualquer comida regada a cerveja provocar-lhe-ia náuseas, bem como as panquecas de batata.

Quase três meses depois da morte de Kurt, Ruth foi levada por um enfarte fulminante, sem tempo para socorro ou lágrimas. A sua morte foi ofuscada pela invasão da Polónia por parte da Alemanha. Agora, era oficial. Enquanto França e Inglaterra declaravam guerra ao *Reich*, Hitler conquistava um importante aliado: Estaline. Como um rolo compressor, o exército alemão atacou os países do Norte e, a seguir, os do Oeste. Uma vitória atrás da outra: Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, parte da França. A Europa ia sendo fatiada entre alemães e soviéticos, que, por sua vez, ocupavam países e regiões a nordeste e a leste.

Mesmo após o assassinio do primeiro-ministro Călinescu, no final de setembro de 1939, o rei Carol II — e apesar dos estreitos laços com a Alemanha, não só ideológicos, como políticos e económicos, reforçados nos anos que se seguiram à Grande Guerra — tentou manter a neutralidade. Vários representantes do governo polaco, inclusive, procuraram asilo na Roménia. Mas a rendição de França e a retirada do exército inglês do continente, nos meses seguintes, deixaram a Roménia sem garantias. Já não havia a proteção aliada. No final do mês de junho de 1940, o país foi forçado a ceder a Bessarábia e parte da região da Bucovina ao governo de Moscovo. Logo a seguir, mais uma perda de território. Desta vez, o Norte da Transilvânia — para a Hungria. Oradea ficava lá.

Decorreu mais de um ano desde a tarde em que as mulheres da família Eisen receberam a notícia da morte de Kurt. Para Adele, a perda do pai foi também a perda da inocência, da crença e da esperança. A vergonha de ser alemã só não era maior do que o sentimento de impotência. Não havia a quem recorrer, nem a quem clamar por justiça. Aliás, qual era o real significado de justiça naqueles tempos? Interrogação que ela evitava — como se, deixando de pensar, pudesse proteger-se, e à família, dos avanços da guerra.

Adele estabelecera uma rotina que se dividia entre o colégio judaico — que, ao contrário do de Berlim, possuía um certificado de escola pública e um dos melhores currículos da região —, as horas de estudo no quarto e as de lazer na cozinha. Fruma ensinava-lhe segredos, receitas e o amor pela culinária, que, a partir de então, a acompanhou por toda a vida.

Alheia às notícias que tornavam cada vez mais taciturnos a mãe, a irmã e os tios, Adele ia-se adaptando com relativa facilidade ao universo paralelo em que viviam Fruma e Samuel. O avô proibia, à mesa, assuntos «de tirar o apetite» — como ele se referia às informações sobre a ocupação da Europa Ocidental, os bombardeamentos aéreos à Grã-Bretanha, o avanço dos soviéticos, a aproximação entre Berlim e Bucareste, tudo o que tivesse a ver com a guerra. Assim, restava pouco sobre o que conversar, e as refeições eram pontuadas por monólogos sobre a confecção de calçado fino e a qualidade da marca Dunai. Adele era quem sobrecarregava o avô de perguntas, como se, dessa forma, pudesse apaziguar a tensão da troca de olhares entre Eva, Jacob e Milos. O que ela aguardava com mais ansiedade era a preparação para o *shabat*, às sextas-feiras. Mal recordava que, em Berlim, não havia nada que diferenciasse aquele dia da semana, além das velas acesas, ao cair da tarde, pela mãe ou pela avó Ruth. Mas em Oradea era um dia especial. O cheiro da *challah* fumegante, os pratos de porcelana decorada, os cálices de cristal. Mesmo com o racionamento, Fruma fazia milagres na cozinha. E havia sempre um convidado diferente que o avô levava da sinagoga para casa.

O último *shabat* de agosto, porém, correu de forma diferente. A guerra completava um ano. Uma exceção seria aberta para os assuntos de «tirar o apetite», e as negociações em Viena sobre a integridade do território romeno chegariam à mesa. O conselho da coroa havia aceitado a mediação das potências do Eixo nas conversações entre os governos de Bucareste e Budapeste. O monarca cedera. Parte da região da Transilvânia voltaria ao domínio húngaro.

Na cozinha, Fruma murmurava baixinho, passando um leve sermão ao marido, enquanto tirava do armário, um a um, mais três pratos que Adele recebia em pilha. A ela pouco importava que os governantes fossem húngaros ou romenos, desde que não fosse apanhada de surpresa com mais três convidados para o jantar. Samuel roubou-lhe um beijo nos lábios e uniu as palmas das mãos num pedido de desculpas que de pronto a amoleceu.

— Não me venhas com esse olhar... É o espírito do *shabat*... Onde comem sete, comem dez, não é?! — exclamou, bem-humorada, adiantando-se à provável resposta do marido, ao mesmo tempo que se voltava para Adele. — Minha querida, põe os pratos extra nas pontas. Tu, a tua irmã e o Milos sentam-se nos banquinhos.

Adele assentiu com a cabeça e seguiu apressada para a sala. A ela também pouco importava que os soberanos fossem húngaros ou romenos, desde que se sentasse ao lado do jovem convidado do avô.

Fruma e Adele contrastavam com os convidados. Atenta à comida, Fruma esticava o olhar para os filhos, terminantemente proibidos de repetir. Os segundos pratos dos rapazes destinavam-se às visitas. Naquela noite específica, a advertência fora desnecessária. A comida era digerida comedidamente. Havia uma dificuldade coletiva em engolir que Fruma tomou por educação dos seus e dos convidados. Cada um tinha a sua maneira de lidar com a tensão. A dela era afastá-la como uma mosca da sopa.

Adele, por sua vez, mantinha-se calada e franzia o sobrolho como se, a qualquer momento, lhe pudesse sair da boca algo que paralisasse o debate e focasse nela as atenções. Norman Solber sentara-se ao seu lado. Se ela pousasse o cotovelo um pouco mais à esquerda, tocaria no dele, tão espremidos estavam à mesa.

Viera com os avós. Fora criado por eles desde pequeno, logo após a morte dos pais, num acidente de comboio. O avô, Sandor, era farmacêutico e amigo de longa data de Samuel. Riva, a avó, dividia-se entre os afazeres da casa e o balcão da farmácia do marido. Norman seguira para Bucareste ainda antes de a guerra começar — quando os judeus ainda podiam frequentar universidades públicas sem restrições —, para estudar e trabalhar com o tio, um advogado que representava indústrias de diversos ramos, do agrícola ao petrolífero. Aquilo de que Norman gostava mesmo era de matemática pura. Noutra época, seguiria a vida académica. Mas, naquela em que vivia, prestava serviço no departamento de contabilidade da firma, dividindo-se entre Oradea e a sede, em Bucareste.

Nem dois meses depois do início da guerra, o tio de Norman passara a totalidade do escritório para o sócio minoritário, um empresário alemão que se mudara para a capital romena em 1935. *Herr* Gunter era o parceiro perfeito para Roman Solber. Bom de lábia e péssimo estratega, tornara-se a fachada ideal. Era bem relacionado com os figurões do *Reich* e reverenciava o talento de Roman para transações lucrativas, pouco lhe importando a etnia ou religião das partes envolvidas. A sua guerra era a dos

cifrões.

— Desta forma, o meu tio comanda os negócios através de um testa de ferro que leva uma boa soma no fim do mês sem fazer nada! — Norman travava uma conversa com Milos, sentado à sua frente. — Agora, não sei. Talvez feche o escritório daqui. — Calou-se, havia mais suposições do que certezas no ar.

— E tu, vais-te embora? Vais morar de vez para Bucareste? — murmurou Adele, de repente, para espanto de Norman, que, até àquele momento, mal reparara na figura sentada ao seu lado.

Ele levantou os ombros e esboçou um sorriso sem graça. A pergunta perdeu-se na conversa paralela sobre o que aconteceria dali para a frente. Samuel apostava que estariam melhor com os húngaros.

— Sandor, quando nascemos, tudo isto era Hungria! Nós ajudámos a construir este país, somos húngaros judeus mais do que judeus húngaros! O magiar é a nossa língua-mãe! — Bateu no peito com convicção. — Os romenos nunca gostaram de nós, os legionários são tão ou mais fanáticos do que os nazis. Ou já te esqueceste do que aconteceu em 1927? Custou-me um ano de trabalho duro cobrir os prejuízos daqueles vândalos!

Samuel referia-se ao *pogrom* que se seguiu ao Congresso Estudantil, em Oradea, e que acabou por se transformar numa reunião de nacionalistas. Sinagogas e estabelecimentos judaicos foram atacados, entre eles a sapataria Dunai e a farmácia de Sandor.

— Já para não falar disto aqui! — Apontou para a cicatriz na testa, fruto de uma paulada que levava ao tentar defender o negócio.

— Samuel, acorda! — exclamou Sandor, exaltado. — Língua-mãe? Nós não estamos no início do século, em Budapeste! E mesmo os judeus da capital... de que adiantou trocarmos nomes, porem os filhos em escolas laicas ou converterem-se para serem aceites — fez um sinal de aspas — em clubes e associações? De que adiantou serem os virtuosos da música, da medicina, do direito? Essa Hungria acabou, acabou há muito tempo! E ainda fomos acusados de traidores comunistas, graças a Béla Kun e ao seu desastroso golpe bolchevique!

Na última palavra, engasgou-se. A mulher, Riva, apressou-se a encher um copo com água, que ele sorveu de um gole.

Béla Kun, que era judeu e comunista, estivera à frente do golpe, logo após o fim da Grande Guerra e de uma Hungria destroçada. Foram menos de cinco meses no poder até ser derrubado pela extrema-direita. O suficiente para associar judeus a comunistas. E isto fazia o sangue subir à cabeça de Sandor. Considerava-se burguês — tinha o seu próprio negócio, não era um reles operário, muito menos um camponês, apesar de ter sido criado numa aldeola isolada, no meio de galinhas e vacas. Conservador como era, unia-se aos nacionalistas no repúdio aos comunistas. Só que os nacionalistas insistiam em associar bolcheviques a judeus, atijando o antissemitismo.

— Pior do que os alemães, só os russos! E estão juntos! — continuou. — Somos cidadãos de segunda classe, Samuel, independentemente do que façamos. A assimilação só existe quando serve ao outro lado! — Voltou-se para Tzipora. — Pergunte à sua filha! Ela sentiu isso na pele, em Berlim, e bem antes de a guerra começar! — Elevou o tom de voz, exaltado.

Os talheres estacionaram nos pratos. Tzipora baixou os olhos. Samuel permaneceu mudo, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos sobre a mesa. Não havia argumento que se opusesse à verdade nua e crua. Os filhos não o contestavam por respeito, ele bem sabia. Sandor estava certo. Caminhavam vendados, a esmo, sem guias em quem pudessem confiar.

Fazia exatamente um ano que a Alemanha invadira a Polónia e os ingleses e franceses haviam declarado guerra ao *Reich*. A Hungria, porém, já apertava o cerco aos judeus desde 1938. Era a isso que Sandor se referia. Em março daquele ano, a participação dos judeus na economia havia sido drástica e escancaradamente reduzida. As empresas tinham sido obrigadas a proceder a demissões, pois só um quinto dos empregados podia ser de origem judaica. O mesmo valia para os cargos administrativos e até para as profissões liberais, o que, na prática, levava ao encerramento de consultórios médicos e escritórios de advocacia. Os estabelecimentos comerciais também tinham sido atingidos. Mesmo os judeus que se haviam convertido

nos últimos anos deram por si no funil. A legislação era clara e não reconhecia processos de conversão realizados depois do fim da Grande Guerra. Alguns procuraram sócios não-judeus e arianizaram os negócios e os bens, a exemplo do tio de Norman, na capital romena, ou do próprio Kurt, que fizera o mesmo em Berlim, ao passar o apartamento da Auguststrasse para o nome do amigo Christian. Em 1939, ainda antes de a guerra estourar, outra lei mudara o estatuto dos judeus para raça — já não eram um grupo religioso —, restringindo ainda mais a sua participação no mercado.

Tzipora estava sentada à direita de Samuel. Ele estendeu a mão instintivamente e, ao de leve, tocou-lhe nos dedos. A vida da filha estilhaçara-se como um cristal numa tragédia anunciada há anos. Agora, era como se a mesma tragédia se anunciasse ali. Ela encarou o pai — com quem pouco convivera — e, pela primeira vez, reparou nas bolsas enrugadas e escurecidas sob os seus olhos. *Quantas noites passava ele sem dormir?*, pensou ela. Sandor tinha razão, mas não adiantava nada tentar adivinhar o que aconteceria.

— Alguém quer um pouco mais de sopa? Ainda há na panela! — Os segundos de silêncio foram interrompidos por Fruma.

Só os filhos disseram que sim, para seu alívio. Já quase não havia nada a ser raspado do tacho. Eva, que queria ser médica, rapidamente entabulou uma conversa com Sandor sobre medicamentos manipulados e ofereceu-se para ajudar na farmácia. Riva, por sua vez, encheu Samuel com uma série de perguntas sobre acabamentos para couro e pele, a que ele respondeu de bom grado. Esse, sim, era um assunto que lhe agradava. Desta forma, o *shabat* seguiu como se as outras questões pudessem ser deixadas para o dia seguinte. Norman pigarreou e voltou-se para Adele.

— Desculpa... Adele, não é? — Ajeitou os óculos com a mão esquerda para, a seguir, esboçar um sorriso sem graça. — Perguntaste-me algo.

Adele, que mantinha a cabeça baixa, levantou o rosto um pouco envergonhada e repetiu a pergunta.

— Vais de vez para Bucarest?

Ele, mais uma vez, levantou os ombros, como se a resposta coubesse apenas ao futuro. Calados, voltaram aos pratos e sorveram o que ainda restava do caldo. Adele já havia visto Norman na escola. Ele substituíra, certa vez, o professor de matemática de um ano acima do dela. Desajeitado, derrubara os livros na escada.

— Lembro-me de ti na escola. — Tentou fazer conversa. — És professor de matemática? Eu adoro matemática!

A conexão fora estabelecida. Norman pôs-se a falar com ardor do assunto que mais dominava. Mexia sistematicamente nos óculos redondos, de aro de tartaruga, que davam um ar engraçado ao rosto fino, emoldurado por cachos pretos, irregulares, que lhe caíam pela testa. Era mais alto do que Milos e Jacob e, ao contrário deles — um, nadador; o outro, jogador de futebol —, tinha braços longos e naturalmente delineados de quem, no máximo, se exercitava numa biblioteca. Para Adele, bastou. Norman transportava-a para um mundo que ela podia racionalmente entender e, portanto, amar.

Cerca de um mês depois daquela sexta-feira, parte da Transilvânia — onde moravam cento e setenta mil judeus — foi formalmente incorporada na Hungria. Em Oradea — que passou a chamar-se Nagyvárad —, viviam trinta mil deles, um terço da população da cidade. Milhares, como Samuel, agarraram-se ao passado como se, dessa forma, pudessem voltar aos tempos em que os judeus viviam com relativa tranquilidade na Hungria, ocupando, até, cargos de prestígio no governo.

As autoridades de Budapeste, no entanto, não perderam tempo e logo implementaram as leis antijudaicas — que tanto preocupavam Sandor — já em vigor no resto do país. Jornais, clubes e associações judaicas cerraram as portas, funcionários foram dispensados de órgãos governamentais, alunos excluídos das escolas públicas.

Menos de dois anos depois, Samuel Dunai sentiu, diretamente, o primeiro baque da guerra. Tzipora trancou-se no quarto para não testemunhar a dor do pai. Fruma caiu de joelhos no chão e foi abraçada pelos filhos. A Hungria já se aliara formalmente à Alemanha nazi. Milos e Jacob foram

convocados pelo exército húngaro, que se juntara aos alemães na batalha contra os soviéticos. Todos os judeus entre os dezoito e os quarenta e cinco anos, com raras exceções, foram obrigados a apresentar-se às forças de trabalho que seguiam para a frente. Norman foi uma dessas exceções. O jovem matemático era mais útil como contabilista do que como soldado. Enquanto gerasse lucro ao patrão que comprara o escritório do tio, estava protegido. A sua habilidade com números, porém, serviu apenas para adiar o inadiável. Um ano e meio depois, já casado com Adele, também ele foi convocado. Assim como a mãe, anos antes, em Berlim, Adele não teve tempo de se despedir do marido. Norman partiu sem saber que seria pai.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

—No dia em que o Norman partiu, eu tinha vinte anos... Eu só me lembrava da minha mãe no dia em que o meu pai foi levado pela Gestapo, em Berlim. Ela sabia que jamais o veria de novo, embora todos tentassem animá-la com esperanças vãs. Eu, ainda criança, fora uma delas. Mas, naquele janeiro cinzento, senti uma parte do meu coração a ser arrancada. Uma dor tão forte... — Levantou-se lentamente, apoiando as mãos nos braços da poltrona.

Haya fez menção de a ajudar, mas ela soltou um breve «não é preciso», seguido de um «esperem um minuto». Amália aproveitou para se levantar e esticar as pernas. Ela e Haya haviam criado uma intimidade que só se tem com estranhos — o caso delas — em situações extremas, como ficarem presos, juntos, durante horas, num elevador ou reféns num mesmo assalto. Não havia constrangimento em não trocar palavras. Cada uma imersa nas suas próprias questões.

Será altura de parar? Mas, e o Friedrich?, penso, enquanto o silêncio, mais uma vez, se apodera da sala durante os instantes em que aguardamos o regresso de Adele. O relato — não posso chamar-lhe conversa, pois o único som que eu e Haya emitimos são singelos grunhidos e interjeições para nos mostrarmos presentes como interlocutoras atentas — é entremeado por interrupções súbitas, algumas mais curtas, outras mais longas. A narrativa é rica, mas a emoção é contida. É impossível não recordar o meu pai. O homem das emoções contidas. Tal como Adele, os seus silêncios expressam mais os seus sentimentos do que qualquer palavra ou manifestação física. Será que Haya também acha o mesmo? No que estará a pensar neste exato momento? Pelo que percebo, são grandes amigas, moram a poucos quarteirões de distância, trabalham juntas, compartilham todos os assuntos do dia a dia. Mas, aqui e agora, diante da mulher que se revela, Haya é como eu. Não é à toa que nos sentamos lado a lado e Adele à nossa frente. As cinco badaladas do relógio de parede invadem o silêncio. Pela ampla janela de vidro, ainda aberta, o céu limpo de julho começa a ganhar um tom

violeta. Não quero que Adele pare. Pelo menos, até que eu saiba o que aconteceu ao meu avô. Uma brisa fria invade a sala. Sinto Haya a aproximar-se. «Importa-se?», murmura, ao mesmo tempo que desliza uma janela de encontro à outra e deixa apenas uma pequena fresta aberta. «A mãe teve recentemente uma pneumonia.» Não emito som, apenas cinjo os lábios, num consentimento mudo, enquanto apoio as mãos no parapeito da janela. Haya tem a idade da minha mãe, mas, neste momento, é como se fôssemos duas crianças numa estrada desconhecida. Ela pousa a mão sobre a minha e aperta com força. É como se dissesse «vamos juntas». Instintivamente, viramo-nos ao ouvir os passos de Adele de volta à sala.

Uns óculos de armação de tartaruga com hastes retorcidas, sem uma das lentes e com a outra trincada no aro partido, foram colocados sobre a mesa que separava a poltrona de Adele do sofá onde Amália e Haya voltaram a sentar-se. Haya pegou no objeto e acariciou-o. Era a primeira vez que o via.

— Os óculos de... — Haya fez uma pausa, não conseguiria chamar-lhe pai. — ...do Norman? O que aconteceu ao Norman? — prosseguiu, enquanto pousava a armação no colo.

— Já lá vai tanto tempo. Cada um encontrou a sua maneira de seguir em frente... — prosseguiu Adele. — Logo a seguir à guerra, eu tinha muitos pesadelos. As pessoas também não queriam saber do que havíamos passado. O ser humano tem esta estranha forma de se proteger. «Não, por favor, chega de tragédia! A vida segue em frente! O importante é que estás viva e estás bem.» — Ela elevou o tom de voz, de forma teatral. — Foi isso que mais ouvi quando voltei. E havia também os que questionavam como tínhamos sobrevivido, deixando no ar dúvidas que, muitas vezes, soavam como cobranças. Porquê nós? Porquê eu? — Os olhos fixaram-se nos de Amália. — Eu tinha pouco mais de vinte anos e um passado de cinzas. Toda a minha família havia desaparecido, as pessoas que amava. Ironicamente, eu era a mais cobarde, diria a mais fraca. A minha irmã Eva, ela sim, era uma lutadora, corajosa. Fomos juntas para Auschwitz. Aguentou firme enquanto pôde... — Adele cingiu os lábios. — O Norman era um bom homem, gentil, honesto, inteligentíssimo... Poderia ter ganhado um Prémio Nobel! — Ela esboçou um sorriso que rapidamente se extinguiu. — E o que é que lhe fizeram? — Pegou nos óculos que Haya devolvera à mesa e, desta vez, encarou a própria filha. — Se não fosse o Enoch, eu não sei o que teria sido de mim... de nós. O Enoch é o teu pai, quem cuidou de ti antes mesmo que eu pudesse segurar-te nos meus braços... — Adele não conseguia ir direta ao assunto, contornava o que precisava de dizer. — O Norman foi o meu primeiro amor, um amor ingénuo. Não falávamos do pavor que sentíamos do som cadenciado dos coturnos pretos, nem das restrições que

nos isolavam cada vez mais, muito menos sobre os amigos que eram levados. Preferíamos construir fantasias e imaginar a vida que levaríamos depois de tudo aquilo terminar... — Num impulso, aproximou os óculos do próprio peito, como se aquele objeto preservasse um pouco da alma dele. — Preferi enterrar o Norman com o passado, com a Adele que ficou em Oradea no dia em que ele partiu.

Permaneço imóvel, quase sem respirar, como que querendo apagar a minha presença deste momento tão íntimo que, de certa forma, provoqueei. Talvez Haya jamais confrontasse Adele se eu não tivesse aparecido. A questão é que não apareci para detonar uma catarse familiar.

Haya repete a pergunta, de forma carinhosa, mas firme. «Mas, o que é que aconteceu ao Norman?» Adele finalmente cede. «Tens razão, é teu direito.» E eu, só a mim, digo que também é meu direito saber o que aconteceu a Friedrich. Quero a peça que falta na minha história.

«Caçado como um rafeiro pelo canil.» O tom conformado é recorrente, não é a primeira vez que nele reparo. «A polícia húngara conseguia ser tão cruel quanto a alemã. Havia um certo prazer em tratarem-nos como animais, como se não existissem relações de afeto — pais, filhos, irmãos, tios, família para nos despedirmos.»

Norman foi detido na firma onde era contabilista, no final de janeiro de 1944, e levado imediatamente para um barracão juntamente com outros homens. Dias depois, partiu para uma das frentes de trabalho, achava ela que na Ucrânia, mas não tinha a certeza. Os tios, sim, tinham sido levados para lá com toda a certeza. Diz que Jacob morreu ao pisar uma mina terrestre. «Os judeus eram lançados nas frentes de batalha, sem armas, e serviam para limpar o terreno das minas, detonando-as com o próprio corpo, para o avanço das tropas do Eixo.» Realça que o seu outro tio, Milos, presenciou a morte do irmão. «Ele sobreviveu à guerra e emigrou para Israel. Reencontrámo-nos por acaso, quando um conhecido do Enoch nos trouxe, dos Estados Unidos, já nos anos cinquenta, um jornal, editado em iídiche, com listas de sobreviventes à procura de parentes. O nome do Milos estava lá! Encontrámo-nos em Telavive. Lá, eu soube de tudo... O Jacob

morreu nos braços dele.»

Adele deu mais uma volta e alonga o caminho. Emociona-se ao recordar o único parente direto que, como ela, escapou ao Holocausto. «O tio Franz não conta.» Ela abre mais uma porta na história, referindo-se ao irmão de Kurt que saíra da Alemanha logo após a ascensão de Hitler e que fora o responsável pela vinda dela e de Enoch para o Brasil.

«Mas, eu estava a falar do Norman.» Ela própria retoma a narrativa. Recua, mais uma vez, no tempo, até um ano antes da detenção. Conta que teve uma cerimónia de casamento simples, mas muito bonita, num povoado nos arredores de Oradea, onde morava um irmão do avô. «Dava menos nas vistas», completa. Tudo dentro da tradição, «com jejum dos noivos, vestido branco, *chuppah* ao ar livre». Pergunta se já estive num casamento judaico e se sei o que é a *chuppah*. Respondo não às duas perguntas. Explica-me que é uma cobertura — uma espécie de tenda aberta — sob a qual se realiza o casamento. «Representa o novo lar que será formado.» Depois, fala-me de um copo partido no final da cerimónia, que tem algo a ver com o Templo de Jerusalém, mas eu, sinceramente, já não presto atenção. É Haya quem, mais uma vez, capta a atenção de Adele. «Mãe, conta o que aconteceu ao Norman.» É a terceira vez que faz o pedido.

Adele finalmente responde. Sinto o mesmo desconforto de quando vi o número tatuado no braço dela. «O que sei é que o Norman esteve em Majdanek, outro campo na Polónia. Lá, também havia câmaras de gás... mas ele passou pelas seleções. Morreu numa das marchas da morte. A guerra já estava perdida, mas os alemães não se rendiam. Obrigaram-nos a seguir de campo em campo, fugindo dos russos.» Ela própria teve essa experiência, realça. «Alguns morriam de frio e fome. Simplesmente, tombavam. Quem já não conseguia caminhar, insistia em arrastar-se, era abatido com um tiro na cabeça, como um cavalo que parte uma pata.» Adele pega, mais uma vez, na armação de tartaruga. «Havia outros homens de Oradea no mesmo grupo. Alguns regressaram. Foi por um deles que soube da morte do Norman. Ele fez questão de vir a Berlim encontrar-se pessoalmente comigo. O Norman tinha tratado dele quando teve tifo.

Tentaram manter-se juntos na marcha. Ele e os outros revezavam-se a ajudar o Norman, por causa de uma ferida na perna que alastrara até à coxa. Foram até onde deu...» Não termina a frase e pega novamente na armação de tartaruga. «Trouxe-me isto. Foi o que restou... Sentia-se envergonhado, pediu-me perdão... Eu? O que tinha eu a perdoar? Mas, fiquei muito orgulhosa. O Norman nunca deixou de ser um homem bom.»

Corrige de imediato: «Uma coisa que aprendi em Auschwitz é que nós até podemos viver sós, mas sobreviver? Precisamos de ter, pelo menos, um amigo, um verdadeiro amigo. Ninguém que sobreviveu aos *campos* sobreviveu sozinho. E verdadeiros amigos morreram para que sobrevivêssemos.» Nesse momento, lembra-se do pai. Um dia, ela perguntou: «Quem é o homem mais rico do mundo?» Kurt respondeu: «O ladrão de lágrimas. A riqueza de um homem mede-se pela quantidade de lágrimas que ele extrai a outros homens no seu funeral.»

Sinto uma vontade enorme de abraçar Adele. Mas é Haya quem se levanta e o faz. A seguir, aproxima a outra poltrona e senta-se ao lado dela. Aperta a mão esquerda de Adele, como havia feito comigo, minutos antes. Agora, sou eu que estou sozinha, de frente para ambas. São parecidas de rosto. Tipos físicos completamente diferentes. Haya saiu ao pai, penso. É alta. Norman era alto. Usava óculos e tinha cachos. É tudo o que sei dele. Não há uma fotografia sequer. A sua imagem existe apenas na memória de Adele.

«Eu soube que estava grávida em fevereiro de 1944, pouco mais de um mês depois de o Norman partir.» Adele encosta os dedos, ao de leve, à barriga. O facto de ter Haya ao seu lado parece incentivá-la.

«Ao contrário do que se passava com os judeus na Alemanha e na Polónia, e noutros países ocupados, levávamos uma vida relativamente normal. Continuávamos nas nossas casas!» Faz um movimento brusco com o braço. A manga escorrega e lá está, novamente, para que eu não esqueça, o número. Fala da Hungria, da Roménia. Em Portugal, dizemos sempre orgulhosamente que «saudade» só existe em português, não havendo, supostamente, outra língua que a consiga traduzir num único substantivo.

Descubro, agora, que existe esse correspondente em... romeno! A palavra romena *dor* significa, exatamente, saudade. Adele adianta-se de pronto, para que não haja confusão: a «dor» portuguesa, em romeno, é *durere*. Escuto, em silêncio. Para mim, dor e saudade, tantas vezes, confundem-se mesmo. Haya pergunta-me se quero água. Aceito. Serve Adele, serve-me, serve-se. Bebemos ao mesmo tempo. O único som na sala é o dos goles curtos a descer pela garganta. Parece uma eternidade. Adele é a primeira a pousar o copo na mesinha de centro.

«Concluí os estudos e passei a ajudar o meu avô, mesmo depois de casada. Ele já não tinha a loja, mas consertava sapatos numa pequena oficina montada nos fundos da casa. A Eva trabalhava como enfermeira. Nem sequer usávamos a estrela amarela!» Era essa a vida relativamente «normal»? Percebo que a palavra «normal» é totalmente maleável conforme a época em que se vive. «Em março, tudo ruiu, como num terramoto.» Os nazis ocuparam Budapeste no final do mês. Temiam que a Hungria seguisse os passos da Itália e abandonasse o Eixo. A batalha de Estalinegrado foi um verdadeiro massacre. Milhares de soldados húngaros morreram. Surgiram boatos de que o próprio almirante Horthy, que chefiava o governo, procurara os Aliados para negociar a rendição. Os russos avançavam rapidamente, estavam próximos da fronteira romena. Recordo o meu pai, que já era nascido enquanto isso tudo acontecia. Foi o pano de fundo dos seus primeiros passos e palavras. Se existe memória genética, a minha está a ser ativada agora.

«Na época, não tivemos clareza para perceber a verdadeira guerra que os alemães vieram travar à Hungria.» Faz uma pausa mais longa, daquelas que antecedem uma fala importante. «Depuseram o almirante... Mandaram Eichmann. Já ouviu falar de Adolf Eichmann?» A garganta trava e tusso. Agora, é a voz de Frida que ressoa. O meu bisavô trabalhou com Eichmann no setor de «transportes para o Leste». A tal memória genética faz-me curvar a cabeça. Não conheci Hans, nem sequer saberia da sua existência se não fosse o telefonema intercetado entre Gretl e o meu pai. Deveria dizer, «Sim, o meu bisavô trabalhou com ele»? Respondo, apenas, «Sim, o que foi

preso na Argentina e julgado em Israel». Ela segue adiante. «Esse mesmo. Eichmann, o responsável pela solução final, administrador do extermínio dos judeus. Hitler sabia que o fim estava próximo... Iria tirar-nos o máximo que pudesse.»

NAGYVÁRAD (ORADEA), MARÇO A MAIO DE 1944

Samuel levantou-se mais cedo do que o habitual naquela segunda-feira, 20 de março. Não pregara o olho a noite toda, mas preferira não sair da cama para não preocupar Fruma. Desde a partida de Jacob e Milos, a esposa passava a vida cabisbaixa a andar pelos cantos da casa. Perdera até o prazer de cozinhar. Quem tratava das refeições era Tzipora. Não que fizesse grande diferença, já que não havia alternativa à sopa de batatas, cada dia mais rala. Mas não podiam reclamar, pois ainda tinham comida na mesa e, uma vez por outra, até carne salgada, que o irmão de Samuel, que morava numa aldeola a menos de cem quilómetros de Oradea — a mesma em que Adele havia casado —, guardara para o inverno.

Na cozinha, Samuel aqueceu água para o chá. Não se apercebeu da aproximação de Adele, minutos depois. Também ela não conseguira dormir. Apoiada na porta de madeira entreaberta, observava o avô, de costas, imóvel, à espera que a água fervesse. Os ombros curvados davam a impressão de que aquele homem carregava mais de cem anos. A guerra havia levado muito mais do que cinco anos da vida daquelas pessoas, pensou ela enquanto acariciava a barriga. No seu corpo, agora, batiam dois corações, o que lhe aflorava as sensações e reações. Tinha o dobro da esperança ao imaginar que um ser crescia dentro dela. Também tinha o dobro do medo, ao constatar que mal podia cuidar de si. O facto é que Adele chegara até ali sem pensar no futuro, nem mesmo no presente. Os outros é que se preocupavam por ela.

Mas, depois da partida dos tios e de Norman, e da descoberta da gravidez, percebera que era altura de tirar o véu que encobria a realidade. Agora, ela tinha de se preocupar. O bebé dependia dela. Por isso, não dormira naquela noite. Escutara a conversa do avô com os amigos. O próprio *Führer* convocara o gabinete húngaro para uma reunião na Áustria, enquanto tanques e soldados alemães entravam em Budapeste. Não havia sinal do regente, o almirante Horthy, nem dos altos funcionários do governo que tinham participado no encontro. A suspeita era de que haviam sido

feitos prisioneiros.

— Avô — soou a voz baixinho, para não o assustar. — O senhor quer ajuda? — Aproximou-se do fogão.

— Anda tomar uma chávena de chá comigo. — Abraçou a neta. — Temos de tratar desse pequeno húngaro que vem aí. — O sorriso forçado não escondia o temor pelo futuro daquela criança.

— O que é que o senhor acha que vai acontecer? — Sentou-se ao lado dele, esperando a resposta. — O que mais querem eles de nós? Levaram o Milos, o Jacob, o Norman... Mataram o meu pai, o avô Arnold! Confiscaram os nossos negócios, os nossos empregos! Não é suficiente? — Adele não conteve a indignação. — Tenho medo!

Samuel levou o indicador, delicadamente, aos lábios dela, como se, ao fazê-la calar-se, pudesse espantar pensamentos maus. A seguir, secou, com a ponta da toalha de pano, as lágrimas que desciam pelo rosto da neta.

— Adele, ouve. — Havia mais conformismo do que otimismo no tom dele. — Eu não tenho a resposta que queres, mas posso dizer-te, com convicção, que os alemães já não são o que eram em 1940. Os russos estão há oito meses seguidos em forte ofensiva, a maior desde o início da guerra. Cruzaram o rio Dniester, não tarda chegam a Iași. — Referia-se à cidade romena que abrigava um importante quartel-general alemão. — Então, minha querida... — Esboçou um sorriso. — Talvez seja altura de orarmos a *ele* — apontou para cima — e de termos fé... *Ele*, até agora, protegeu-nos. Assim será até esta guerra acabar. — A seguir, fez sinal para que Adele encostasse a cabeça ao seu peito.

Assim ficaram, cada um com as suas preces, lançando ao divino os temores e aflições. Deus protegera-os até àquele momento. Dali em diante, seguiriam por conta própria, num carro desgovernado, a alta velocidade.

A ocupação alemã confirmou-se com a saída do primeiro-ministro Miklós Kállay — um moderado para os padrões de Berlim — e a nomeação do ex-embaixador húngaro na capital alemã, Döme Sztójay, antissemita convicto. Um dos seus primeiros atos foi legalizar o temido Partido da Cruz Flechada, que, como o Partido Nacional-Socialista alemão, defendia a pureza racial. Em poucos dias, o Norte da Transilvânia, a Ruténia e a região próxima da fronteira com a Checoslováquia passaram para o comando militar do novo governo. Nestes territórios, viviam cerca de trezentos e vinte mil judeus. A Hungria foi dividida em seis zonas operacionais. A segunda era a região onde a família de Adele vivia.

Os *Judenräte* — conselhos judaicos — foram estabelecidos em toda a Hungria. Recebiam ordens do *Judenrat* central, instalado em Budapeste, com oito representantes sob supervisão direta dos alemães. O chefe da missão era Adolf Eichmann, que se instalou, com os seus subordinados, no Hotel Majestic, na capital húngara. De lá saíram, em poucos dias, mais de cem ordens que baniram, de vez, os direitos dos judeus. Foram excluídos de todas as atividades públicas, intelectuais, comerciais e industriais. Jornais, clubes e associações judaicas afundaram. Casas, negócios e lojas foram confiscados, assim como carros, bicicletas, rádios e telefones.

Havia o sentir coletivo, que assustava, e o sentir na própria pele, que doía. Samuel cerrou as portas da oficina. Vendeu todas as máquinas — à exceção de uma —, e a preço tão irrisório que o valor deu para poucos dias de comida. Eva foi demitida do consultório onde trabalhava como um misto de secretária e enfermeira. Chegara a ter aulas informais com profissionais que haviam sido banidos de universidades públicas. Alguns eram alemães e tinham conhecido o Dr. Kurt. «Quando a guerra acabar», o sonho movia Eva, «entrarei para a faculdade de medicina e retomarei o consultório do pai, em Berlim.» Agora, ficava pelos cantos a treinar injeções numa bola de meia.

Para Adele, foi como estilhaçar o vidro da redoma onde ela tentara, inutilmente, proteger-se. Nada trouxe tanto pavor quanto a obrigatoriedade

da estrela amarela nas roupas. O uso da *Magen David* para identificar judeus havia começado na Polónia, logo após a ocupação, e foi-se estendendo aos países dominados pelo *Reich*. Assim como tantas outras imposições e restrições, esta também chegou tardiamente à Hungria. Adele lembrou-se imediatamente do tempo da escola, em Berlim, quando a professora a pôs de frente para a turma exibindo um «espécime judeu do género feminino». *Isso não pode voltar a acontecer*, pensou, levando a mão à barriga. Tzipora costurou os retalhos com a ajuda de Samuel. Havia especificações sobre a medida da estrela e em que parte da roupa a prender. Tinham de as seguir à risca.

— Se há uma coisa que os alemães adoram, e acho que mais ainda do que adoram o *Führer*, são regras — murmurou Tzipora, sem ironia. — Querem ver um alemão feliz? Deem-lhes um manual para seguir durante as vinte e quatro horas do dia.

O que eles perceberam, logo a seguir, é que cumprir determinações sem questionar não era condição apenas dos alemães. Os húngaros comportavam-se de igual modo. No início de abril, surgiram ordens para elaborar listas de todos os judeus no país. Ao contrário das lideranças judaicas em Budapeste, os conselhos judaicos das regiões afastadas da capital — caso da Transilvânia — não faziam ideia do objetivo das listas. Jovens, praticamente miúdos, seguiam aos pares, de casa em casa, catalogando moradores judeus. As listas foram entregues às autoridades húngaras, que, juntamente com as alemãs, determinaram os primeiros decretos para a formação de guetos.

Os procedimentos sobre como seria feita a concentração dos judeus, as áreas de confinamento e a confiscação de bens e riquezas — como joias, ouro, dinheiro, peles e qualquer objeto de valor — ficariam a cargo de cada município e, portanto, dependeriam da boa vontade e do grau de humanidade ou perversidade de cada mandatário.

Dos trinta mil judeus que moravam em Oradea — a família continuava a chamar-lhe assim, apesar de a cidade há mais de três anos ter mudado de nome para Nagyvárad —, cerca de seis mil estavam nos trabalhos forçados,

muitos na frente de batalha como iscos humanos. A maioria eram homens jovens como Milos, Jacob e Norman. Mesmo assim, os judeus ainda constituíam quase um terço da população de noventa mil habitantes.

Em poucos dias, seriam confiscados cinco mil apartamentos, seiscentas lojas e quinhentas fábricas, com consequências desastrosas para a economia. No período de transição das propriedades, não haveria quem pagasse os salários e o índice de desemprego aumentaria. As pensões que o Estado obrigava os patrões judeus a pagarem às famílias de funcionários não-judeus convocados pelo exército também acabariam. Nagyvárad abrigaria o maior gueto da Hungria depois do de Budapeste. Na verdade, dois guetos. Um outro seria criado, em condições ainda piores do que o primeiro, para abrigar judeus deslocados das povoações próximas. Sem teto para todos, muitas famílias passariam a viver nas ruas do gueto mais pequeno.

Tudo isto Samuel, a sua mulher, a filha e as netas só saberiam mais à frente, quando já era demasiado tarde. O breve período que antecedeu o confinamento foi marcado pelo terror e remeteu diretamente ao *pogrom* de 1938, em Berlim, e aos dias que se seguiram a este. De uma hora para a outra, as prisões tornaram-se corriqueiras e abusivas, os negócios fecharam, o racionamento intensificou-se. E corria um boato que afetou em cheio a família Dunai. Funcionários das ferrovias informaram que povoações com menos de dez mil habitantes estavam a ser esvaziadas de judeus. Estes eram obrigados a deixar tudo para trás e a seguir a pé, ou de carroça, para cidades maiores, onde eram embarcados em vagões de gado e enviados para destino desconhecido. Samuel preocupava-se com o irmão, que continuava na quinta.

Naquele início de maio, porém, Samuel só conseguia pensar na própria família. Um velho amigo, cujo genro era uma figura importante na gendarmaria, entrou esbaforido no anexo onde, um dia, funcionara a oficina. Nicolai trazia notícias — nada boas, frisava.

— O meu genro, aquele fascista de merda! — O som reverberou no pequeno barracão, e Samuel correu para encostar a porta que dava para o

interior da casa. — Aquele *fascistazinho* estava a gabar-se de ter conhecido, e até conversado, com o homem que organizou o gueto polaco de Varsóvia, um tal de Dannecker, e isso um dia depois de uma reunião no município com o próprio Endre! Contou que um reforço grande, de gendarmes, está a chegar vindo do lado de lá do Danúbio!

— Sim... — Samuel parecia confuso. — E o que tem isso a ver connosco?

— Escuta, amigo... — Nicolai aproximou-se. — O que tem a ver convosco? Se quiserem sair, tem de ser «ontem»! Em breve, não sobrá um judeu fora do gueto!

Samuel não expressou reação. Os braços caídos ao longo do corpo manifestavam o desânimo.

— Nicolai, eu agradeço, de coração, que nos tenhas vindo avisar. Mas o que podemos fazer? Ir para onde? — Forçou um sorriso. — Temos de acreditar. A guerra está perdida para a Alemanha, são cinco anos de batalhas! Os russos não param de avançar e, em breve, os americanos e os ingleses chegarão por oeste! De que adianta isolarem-nos? Não será por muito tempo! — Era um falso tom de otimismo que não convencia nem o próprio Samuel, quanto mais o amigo.

Nicolai calou-se. Samuel tinha razão. O que poderiam fazer? Deram um longo abraço. Sabiam que a despedida estava próxima.

No dia seguinte, foi a vez de Eva entrar em casa atordoada. Nas mãos, carregava um pedaço de papel, retalhado, que arrancara de um poste da rua.

— Avô, mãe, Adele, Fruma! Venham todos, depressa! — gritou ela, assim que fechou a porta.

— O que é que aconteceu?! Estás bem? — Enquanto Tzipora perguntava, Adele, Samuel e Fruma acomodaram-se no sofá.

— Ouçam com atenção! — As mãos tremiam enquanto ela tentava juntar os pedaços.

Quando as primeiras palavras do comunicado tomaram a sala, foi como se uma névoa densa tivesse assentado. Subitamente, ninguém via um palmo à frente do nariz.

— «Os judeus são obrigados a usar a estrela amarela»...

Eva lia pausadamente. Alguns judeus, como os condecorados na Grande Guerra, estavam isentos do uso da estrela. Repetiu a frase, desta vez completa e de uma só vez.

— «Os judeus obrigados a usar a estrela amarela estão proibidos de deixar as suas casas a partir do momento em que este anúncio se torna público.» — Encarou o trio no sofá e a mãe, em pé, logo atrás, antes de continuar. — «Até segunda ordem, os judeus só poderão deixar as suas casas uma vez por dia, entre as nove e as dez horas da manhã, até ao momento de serem encaminhados para o gueto.» — Pigarreou. — «Sob ordem do governo húngaro de Nagyvárad. Assinado, László Gyapay, vice-presidente da Câmara.»

A sala permaneceu muda. Eva pousou o comunicado na mesa e dirigiu-se à janela. Na rua, as pessoas caminhavam apressadamente, mães carregavam mais de uma criança ao colo, sem histeria, mas a sensação de pânico era a mesma de dentro de casa, disse Eva tinha a certeza.

Poucas horas depois, receberam nova visita de Nicolai. Trazia uma broa ainda quente e compota de frutos vermelhos. Oferta da esposa. Desta vez, Samuel convocou a família. Sentaram-se em volta da mesa. Ninguém emitiu uma palavra até Fruma chegar com o chá. Permaneceu intocado, assim como a broa e a compota.

— Eu lamento imenso, Samuel... Nós somos amigos há quanto tempo? — Só Nicolai falava. — Mais de sessenta anos! Éramos miúdos, crescemos juntos! Tenho vergonha do que estão a fazer-vos... — Baixou a cabeça. — ...do que estamos, pois eu assisto passivo a isto tudo! — Socou a própria mão.

As mulheres entreolharam-se. Eva foi a única que o encarou — com tanta intensidade, que ele desviou o rosto.

— Podes contar-nos o que se passa? Estamos de mãos atadas, sem saber o que fazer! — Samuel interpelou Nicolai, pois naquele momento de nada adiantariam culpas e desculpas.

— Estão a cercar, com madeira, uma área na margem esquerda do rio Körös, em volta da sinagoga ortodoxa. — Nicolai recompôs-se. — Acabo de vir de lá. Um muro com dois metros de altura.

— Mas, já é uma vizinhança superpovoada! — deixou escapar Fruma. — Onde vamos ficar?

Todos haviam pensado o mesmo. Era o bairro judaico mais pobre da cidade. E seriam confinados numa área que mal abrigaria dez por cento da população total de Oradea.

— Uma outra área, mais pequena, também na margem esquerda, vai ser cercada para os judeus que vierem das aldeias...

— Podes fazer-me um favor? — Samuel interrompeu o amigo. — Descobre se o meu irmão vai ser levado para lá... e, se for possível, faz com que ele se junte a nós.

Nicolai assentiu com a cabeça. Iria fazer o que pudesse, garantiu. Despediram-se, desta vez com um abraço mais longo que o do dia anterior. Ainda se veriam uma última vez antes da partida para o gueto. Sobre o destino do irmão de Samuel e da família dele, ninguém nunca soube nada, nem mesmo depois de terminada a guerra.

—Que direito têm eles de nos fazer isto? — Eva não continha a revolta. Com o rosto colado à janela, observava grupos que caminhavam vagarosamente — crianças, mulheres, homens de ombros curvados. Os pequenos arrastavam sacas ou levavam mochilas às costas, os bebês iam acomodados em carrinhos de mão por entre panelas e outros utensílios de cozinha. Adele aproximou-se da irmã. No olhar que trocaram, uma única mensagem: «Em breve, seremos nós.»

Tinham ainda um dia para tratar da pequena mudança. Para Tzipora e as filhas, separar o que levar não foi problema. Haviam feito isso há mais de cinco anos, quando tinham deixado Berlim à pressa. Logo no primeiro dia, separaram objetos pessoais, um bom par de sapatos e um casacão, roupas confortáveis e fáceis de lavar, lençóis, manta e toalhas. Acomodaram os pertences em trouxas e sacas surradas. Malas e baús chamavam a atenção e eram mais suscetíveis de serem confiscados, mesmo que não guardassem nada de valor. Enfiaram objetos de higiene pessoal no meio das roupas e esconderam as alianças de casamento de Adele e de Tzipora nas bainhas das saias. Era tudo o que tinham de valor.

Havia, na bagagem, apenas uma mala, pequena, de couro desgastado e fecho emperrado. Pertencia ao bebê. Mal se notava a barriga de quatro meses. Adele estava mais magra do que quando casara, mesmo que a melhor alimentação da casa fosse reservada para ela. Não tivera enjoos — algo que agradecia todos os dias —, nem sentira qualquer desconforto até ao momento. No último mês, ocupara-se, com a mãe, a preparar um pequeno enxoval para o bebê. Era como se algo, no inconsciente, as tivesse alertado. As fraldas haviam sido cortadas de lençóis. Tinham costurado cinco camisolinhas compridas de flanela e tricotado seis casaquinhos, quatro calças, oito pares de meias, dois de luvinhas e três gorros com a lã que conseguiram comprar a um comerciante da mesma rua que se desfazia do *stock*. Na máquina que restou, Samuel transformara retalhos de pele de coelho numa grossa e confortável manta. A previsão era de que o bebê nascesse no outono, quando a temperatura já começaria a descer.

Enquanto as três se preparavam como formigas para um longo inverno, o velho sapateiro passou a maior parte do tempo trancado no barracão, como se, dessa forma, pudesse adiar a dor de se despedir do ofício que o acompanhara por toda a vida. A única máquina — desgastada — que sobrara retratava-o melhor do que qualquer das fotografias emolduradas na sala. Sem ela, não era ninguém. «Privem um homem do seu trabalho e terão um saco de pele e ossos», costumava responder sempre que a mulher insinuava que estava na hora de se reformar. Fora nisso que se transformara, num saco de pele e ossos. Não tinha o que levar, seria apenas levado.

Fruma, por sua vez, andava de um lado para o outro a vasculhar os armários. Espalhara pela sala tudo o que repousava há anos nas prateleiras. Toalhas e lençóis de linho, prataria, candelabros, samovares, a louça de *Pessach*.

— O que está ela a fazer? — Eva era a mais inconformada. — Alguém precisa de trazer a Fruma de volta à realidade! Precisamos de ser práticos! — sussurrava irritada ao ouvido da mãe. — Ou ela acha que vamos fazer jantares de gala no gueto?

— Eva, controla-te, por favor! Cada um tem a sua forma de reagir. — Tzipora tentava apaziguar os ânimos. — Nós já separámos o que é necessário... Deixa a Fruma tratar das coisas à maneira dela. Primeiro os meninos, agora a casa... — Voltou-se para as filhas. — Eu, pelo menos, tenho-vos a vocês. — Abraçou as duas ao mesmo tempo. — Prometam: independentemente do que acontecer, farão tudo para ficarem sempre juntas! — Pousou a mão sobre a barriga de Adele. — E tudo por este bebé... Que nasça forte e com saúde!

Adele e Eva aconchegaram-se ao peito de Tzipora, como faziam quando eram crianças. Ficaram assim por longos minutos até que a realidade as chamou de volta, com três batidas na porta.

Era Nicolai, que chegava para a última visita aos Dunai, acompanhado por Itzak Sommer, filho de um outro amigo de infância, já falecido. Tzipora foi chamar o pai à oficina. Em menos de vinte e quatro horas, seguiriam para o gueto.

Naquela manhã, Samuel enviara um bilhete a Nicolai por intermédio do próprio Sommer, um dos poucos judeus a escapar à estrela amarela ao peito e a livrar o único filho dos trabalhos forçados. Sommer não tinha nem cinquenta anos e aparentava a mesma idade de Samuel. Perdera parte da perna esquerda na Grande Guerra, mas com isso salvara a vida do capitão do regimento durante uma emboscada russa, na batalha da Galícia. O feito valeu-lhe a mais alta medalha concedida pelo exército austro-húngaro e uma vida de dependência e quase mendicidade. Vivia dos favores dos amigos. Bem-humorado, considerava-se mais burro do que herói. «Só um idiota se atira sobre um verme quando vê uma granada no ar! Se eu tivesse um pouco de inteligência, teria salvado a minha perna e não aquele tipo pedante e asqueroso!» Quase trinta anos depois, ironicamente, a deficiência e a condecoração transformavam-se em passaporte para a vida dele e da família. «Itzak, Deus segue os seus caminhos», dissera-lhe Samuel logo após a convocatória de Milos e Jacob. «Eu daria uma perna para que os meus filhos ficassem aqui. A recompensa por esta vida de sacrifício e penúria, recebe-la agora. Agradece.»

Enquanto se dirigia para a sala, Samuel lembrava-se com clareza desta conversa. «Sim, de bom grado teria dado as duas pernas pela família.» Mas de nada adiantava pensar nisso agora. Aproximou-se de Fruma e abraçou-a.

— Minha querida — o tom era suave, como se falasse com uma criança magoada que precisasse de pontos sem anestesia —, não tarda voltaremos para casa. O Nicolai e o Itzak vão tratar de tudo, não é? — Voltou-se para os dois, que concordaram com a cabeça. — Vamos para o quarto arrumar as malas. Tzipora — fez um sinal à filha —, tu e as meninas ajudam os nossos bons amigos, certo?

Sem esperar resposta, conduziu a mulher pelo corredor. Fruma passou os

olhos pela mobília, quadros, louças, bibelôs e tantos objetos espalhados pelo chão e mesa de jantar. Muitos, por tantos anos guardados no armário à espera das ocasiões especiais. Deixou-se levar enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Lágrimas que nem ela nem Samuel se preocuparam em secar.

Adele apertou a mão da mãe, que estava ao seu lado. Ambas sabiam como Fruma se sentia. Não era apenas a perda de um bem material. Cada objeto guardava uma partícula de memória, de lembrança, e estava relacionado com um momento daquela pessoa, daquela família. A dor da história de uma vida a ser espoliada é que escorria pelos olhos de Fruma.

Mesmo assim, era melhor deixar tudo com amigos do que entregar aos nazis. Nicolai, Itzak e o filho deste encheram dois baús enormes e arrastaram-nos até à camioneta estacionada em frente à casa. Entraram uma última vez para as despedidas. Palavras de ânimo soariam falsas. Samuel regressou do quarto para agradecer ao amigo com um longo abraço. Adele e Eva colaram os rostos à janela. O filho de Itzak tirou o boné e levantou a mão num breve aceno. «Adeus», murmurou Adele, os lábios colados ao vidro. Eva, a seguir, fez o mesmo.

Quando a noite caiu, toda a bagagem estava alinhada junto à porta. Três malas gastas, trouxas feitas com lençóis e algumas sacas. Samuel transformara uma pequena carroça num carro de mão e acomodara nele um colchão, um urinol, utensílios de cozinha, objetos de higiene pessoal e mantimentos. Havia também um carrinho de bebé com mantas e travesseiros.

Fruma acendeu as velas de *shabat* — era sexta-feira — e fez a oração, com a família, em volta dos dois candelabros. Sentaram-se para a última refeição na casa em que o marido e os filhos haviam nascido. Comeram a broa e a compota que, mais uma vez, Nicolai trouxera. E partiram em silêncio para os seus quartos. Adele, Eva e Tzipora deitaram-se juntas, na mesma cama, com a roupa com que partiriam às primeiras horas da manhã. Foi uma longa noite. Para Eva e a mãe, a última em que dormiriam numa cama.

As primeiras horas da manhã daquele sábado, 6 de maio, surgiram acompanhadas da visita da comissão que inspecionaria a casa antes da partida: um civil, um funcionário para catalogar os bens e um gendarme. Eva esboçou um leve sorriso quando viu o segundo homem cruzar a porta.

— Sr. Gabos, sou eu, Eva, secretária do Dr. Linus! — Apressou-se a cumprimentar o paciente que algumas vezes estivera no consultório.

— Mantenham-se em pé, junto à parede. — Ele recuou e fez sinal a Eva para que se afastasse.

— Sr. Gabos, sou eu... — repetiu Eva, num sussurro.

— Abram as malas, sacas e também as trouxas. — O homem, simplesmente, ignorou-a, sem qualquer constrangimento, e deu seguimento ao protocolo. — Não é permitido entrar no gueto com dinheiro, joias ou objetos de valor. — Fixou o olhar em Samuel, enquanto os outros dois revistavam a bagagem. — Se houver algo que não esteja à vista, por favor, entreguem, sob pena de grave punição se descoberto após esta revista.

Samuel, imóvel, manteve o olhar firme. O que tinham de valor financeiro já fora vendido, e os objetos de valor afetivo já haviam sido levados por Nicolai e Itzak. Portanto, não havia o que temer.

— Muito bem — o homem prosseguiu, enquanto anotava as peças de mobiliário e se dirigia à parte interior da casa —, toda esta bagagem é realmente necessária? — Olhou para os dois companheiros. — Esta gente pensa que vai para uma casa de verão! — E soltou uma gargalhada.

Adele sentiu a humilhação misturada com a impotência nos olhos da irmã. Tal como eles, dezenas de famílias recebiam, naquele mesmo instante, visitas como aquela. Muitos provavelmente conheciam-se da rua, do trabalho, da escola, do comércio. O que levava aquelas pessoas — que até há pouco tempo conviviam com os que agora perseguiam, e que eram trabalhadoras, pagavam os seus impostos a tempo e frequentavam a igreja — a sujeitarem outros seres humanos a tamanha crueldade?

Existia algo mais do que um simples «cumprir ordens», se é que podia ser simples, de alguma forma, cumprir a ordem de retirar alguém da sua própria casa, por ódio ou preconceito. Não eram soldados. E, mesmo que

fossem, poderiam fazê-lo com alguma humanidade. Era esse o sentimento que Adele compartilhava com Eva. Aqueles homens não se colocavam no lugar do outro porque *o outro*, para eles, não era um semelhante — era *um judeu*.

Minutos depois, estavam na rua. A cada esquina, afluíam novos grupos, engrossando a multidão que se arrastava vagarosa e silenciosamente, observada por peões parados nos passeios e olhos pendurados nas janelas. Berravam «já vão tarde», «porcos judeus», «traidores». Tzipora ergueu a cabeça e enfrentou, um a um, cada par de olhos que pousava sobre ela. Murmurava para si e, ao mesmo tempo, alto o suficiente para as meninas ouvirem. «Eu sou Tzipora Eisen, de solteira Dunai. Sou judia nascida nesta cidade e criada em Berlim. O meu marido, Kurt Eisen, foi um dos mais célebres médicos da capital alemã. Eu sou Tzipora Eisen...» E assim seguiu, as frases repetidas em sequência como um mantra, até à entrada do gueto. Adele e Eva encheram o peito e caminharam, orgulhosas, ao lado da mãe. Quase um mês depois, as duas recordariam aquele momento, só que a mãe já não estaria entre elas.

Ao atravessar o portão do gueto, Adele sentiu, mais uma vez, a vida a afunilar-se. Tinha vinte anos. Catorze deles vividos numa capital com milhões de habitantes. Os últimos seis, numa cidade com nem cem mil. Oradea era como se fosse um bairro de Berlim. E, agora, mudavam-se para um pequeno bairro de Oradea, superpopuloso e cercado.

Os novatos eram recebidos por veteranos — se é que se podiam nomear assim pessoas que haviam chegado um ou dois dias antes deles. Pareciam ter estado ali a vida inteira. Alguns rostos conhecidos, outros totalmente estranhos. Em comum, o facto de serem, todos, judeus. Pobres, ricos, bem vestidos, mal vestidos, intelectuais, operários. Ajudavam a carregar os pertences e encaminhavam as famílias para as suas novas moradas.

— Nós vamos ficar na rua Vámház, junto à fábrica de produtos químicos. — Eva tirou do bolso um papel com o endereço e passou-o ao rapaz que os levaria. — Família Dunai... Conheces? — Era um primo em segundo grau de Samuel quem os acolheria.

— Mulher, isto aqui é como um bolo, com o dobro do fermento, numa forma minúscula, num forno de temperatura máxima. — Partiu apressado, indicando o caminho com o braço erguido. Eva virou-se para a mãe e a irmã e ergueu as sobrancelhas como quem não compreendera a resposta. Com o avô ao lado, seguiram colados ao rapaz. Em minutos, todos perceberam o que ele queria dizer.

A casa de Moishe Dunai era uma das maiores da rua. Tinha dois andares, um jardim à frente e um quintal atrás, que atualmente seguia contíguo aos dos vizinhos, para trás e para os lados. As cercas que separavam as propriedades haviam sido arrancadas para a construção do muro que delimitava o gueto. Aliás, as cercas de todas as casas. Desta forma, um terreno colava-se ao outro, e assim sucessivamente. Havia gente por todos os lados. Os que chegavam agora lutavam por espaço. Os que já estavam, espremiam-se.

— Primo! — gritou Samuel ao avistar Moishe parado como um poste junto à porta da frente. — Primo, aqui! — berrou mais uma vez.

Moishe esticou o pescoço e, ao ver Samuel, desceu apressado os três lanços de escadas, desviando-se de um e outro. Abraçaram-se e, a seguir, ele tirou uma mala das mãos de Fruma e duas sacas das mãos de Tzipora. Apressou-se a abrir caminho para dentro da casa.

— Venham! Vocês ficam no nosso quarto! — Virou-se para trás. — Acredita que foi uma façanha... mas ser o dono do imóvel vale de alguma coisa! — Em qualquer outro momento, o tom seria de ironia; naquele ali, não. Moishe falava a sério.

Desde que haviam cruzado a porta do gueto, a única das mulheres que emitira algum som fora Eva. Tzipora, Fruma e Adele estavam como que anestesiadas. Observavam tudo com olhos tristes e sem brilho. Deixavam-se levar. Ao chegarem ao alojamento designado para a família, porém, as três abriram a boca numa expressão de horror, quase em simultâneo.

— Não pode ser! — deixou escapar Fruma. — Não há espaço! Onde vamos ficar?

— A Adele está grávida! — Tzipora olhou suplicante para o pai. — Ela precisa de uma cama! Tratam-nos como animais... — Levou as mãos ao rosto enquanto as filhas a amparavam.

Samuel fez menção de se desculpar, mas o primo adiantou-se.

— Deixa que ela extravase... A minha mulher chorou uma hora seguida... Não se conformava com aquilo em que se tinha transformado a nossa casa... Isso foi quando? Três dias? — Apontou para a esposa, que acomodava uma senhora de idade num colchão colado à parede. Perceberam de imediato que era a mãe dela. — E olha para ela agora! Uma mulher que não tolerava uma poeira, uma desordem... pôs todos os móveis lá fora sem pestanejar! — Soltou um suspiro e apontou para umas prateleiras improvisadas no lado esquerdo do quarto. — Guardei aquele canto para vocês.

Samuel ouvia o primo, mas não conseguia entender o que, no fundo, ele queria dizer. Um canto? Não teriam um quarto? Era início da tarde, estavam cansados, com fome. Fechou os olhos por alguns segundos e tornou a abri-los. O pesadelo era real. Dali para a frente, dividiriam um quarto com mais

dez pessoas. As ordens eram estritas: quinze pessoas por divisão. Pelo menos, estariam em família. Além de Moishe, havia a sua esposa, os sogros, duas filhas e quatro netas, que deviam ser da idade de Adele ou até um pouco mais jovens. O seu filho e os genros também haviam sido levados para os trabalhos forçados.

Naquele primeiro dia, trataram de desfazer as malas e acomodar os pertences nas prateleiras. Lançaram os lençóis sobre o colchão que tinham trazido e um outro que Moishe havia separado para eles. As quatro mulheres dormiriam ali, espremidas. Samuel desenrascar-se-ia com as mantas.

Os mantimentos, utensílios de cozinha e qualquer objeto de uso coletivo foram levados para o sótão, onde fora improvisada uma despensa. Dessa forma, controlariam a comida, já que não se sabia quanto tempo duraria aquela situação. Uma das principais regras domésticas dizia respeito ao uso da casa de banho. A casa tinha três quartos, uma sala de estar, uma cozinha, sótão, cave e uma casa de banho. Uma casa de banho e uma população de setenta pessoas, vinte e cinco delas a dormir na sala. Tinham a sorte de ter uma casa de banho dentro de casa, pois, na maioria das vezes, era exterior. Latrinas extras foram cavadas ao fundo dos quintais e improvisadas cortinas com lençóis para garantir alguma privacidade. O cuidado com a higiene e, principalmente, o uso racionado da água eram fundamentais para manter a saúde de todos, física e mental.

Cada casa criava as suas regras. Em algumas, como na deles, dividiam-se as divisões por famílias; noutras, mulheres e crianças ficavam separadas dos homens. Um conselho judaico formado por cinco representantes da comunidade — entre eles um rabino, um médico e um advogado — cuidava dos interesses comuns a todos: fornecimento de comida, energia elétrica, saneamento, atendimento médico e, o mais temido, contacto com as autoridades húngaras. Tentavam dar um ar de civilização ao gueto e emprestar o máximo de normalidade ao dia a dia.

O muro ainda estava em construção. Carpinteiros trabalhavam na cerca, enquanto famílias cristãs ainda se mudavam para outras áreas da cidade —

provavelmente para apartamentos e casas como a dos Dunai. Adele e a sua família chegaram três dias antes de a última família cruzar o portão e o local ser, finalmente, isolado do mundo. O pior ainda estava por vir.

— **S**e Deus levou sete dias para criar o mundo, estes húngaros nazis levaram o mesmo tempo a criar o inferno! — Moishe cuspiu a frase assim que entrou no quarto.

— O que se passou? — Havia uma tensão na voz do primo que levou Samuel, imediatamente, a pedir silêncio geral. — Por favor, diz lá! — apressou-o.

— O conselho judaico foi desfeito, acabou! Primeiro, mandaram todos sair, esvaziaram as duas sinagogas, a cozinha coletiva, até a *Chevra Kadisha*! Mandaram cercar a área para montar ali o quartel-general... Depois, mudaram de ideias, foram para a fábrica de cerveja e ocuparam o prédio!

— Podes ser mais claro? — pediu Samuel, de forma comedida.

— Mais claro?! — respondeu Moishe, alterado. — Os húngaros assumiram o controlo do gueto! O comando da gendarmaria de Oradea... Nazis desgraçados! — Engasgou-se com as próprias palavras e começou a tossir, quase sufocando.

A esposa correu para o acalmar e Samuel pegou num copo de água. Aos poucos, Moishe foi retomando a cor e o ar. Sentou-se no colchão, abraçado à mulher. Um silêncio sepulcral inundou o quarto. Poucas horas depois, um extenso comunicado foi afixado na porta das casas e por todos os cantos. Durante os dias que se seguiram, até ao embarque para Auschwitz, essa foi a única leitura de Adele.

Instruções para o Gueto

I. Geral

1. O Gueto é guardado por gendarmes. Os gendarmes dispararão sobre quem deixar a área sem autorização ou for apanhado em locais proibidos.

2. Só podem sair do Gueto judeus com

autorização de um gendarme e por ele acompanhados.

3. Contactos com o mundo exterior são terminantemente proibidos, assim como serviços de correio e contrabando de mercadorias.

II. Alojamentos

1. As divisões designadas como alojamentos devem ser numeradas por ordem. O número deve constar acima da porta. O gendarme responsável pela casa-dormitório irá escolher entre os judeus do sexo masculino um chefe e um subchefe para cada divisão.

2. Devem ser elaboradas três listas com os nomes dos ocupantes de cada divisão. Uma será afixada na porta, outra ficará com o chefe da casa — que deve mantê-la sempre à mão — e a terceira com o vice-gendarme responsável pelo grupo. Todas as listas têm de ser escritas com a mesma caligrafia e tinta.

3. Cada vice-gendarme terá um conjunto de casas sob sua supervisão, com cerca de 1500 judeus. Os conjuntos de casas serão assinalados com algarismos romanos.

4. Em cada casa, 15 judeus, entre os 20 e os 40 anos, irão garantir a ordem local. Este número inclui o chefe e o subchefe. Cada homem do grupo de comando usará, na manga esquerda, uma

fita amarela contendo, a vermelho, o número da casa em algarismos romanos, a letra «R» e a posição no grupo em algarismos arábicos. O chefe da casa é o 1, o subchefe é o 2 e assim por diante.

5. Durante o dia, apenas o chefe e os seus subordinados poderão deixar o alojamento e somente com ordens superiores. As ordens serão dadas por gendarmes. Visitas estão proibidas.

6. O horário de despertar é às 6h e o de recolher às 20h. Entre as 20h e as 6h, permaneçam nas suas divisões. Só poderão deixar os quartos para cuidar da higiene pessoal e por um curto período de tempo.

7. O Gueto deve permanecer em silêncio também durante o dia, no período entre as 6h e as 20h. Barulho, cantoria e aglomeração de gente são proibidos.

III. Alimentação

1. As autoridades municipais cuidarão do fornecimento de alimentos assim que as reservas trazidas pelos judeus acabarem. A receção e a distribuição dos alimentos ficarão a cargo de um comité central – formado por um líder e quatro subordinados – e um comité de cada casa – formado por um líder e dois subordinados. A preparação da comida será feita em cozinhas

comunitárias estabelecidas em cada grupo de casas pelo comité central.

2. O pequeno-almoço ocorre às 7h, o almoço às 12h e o jantar às 18h. A comida será entregue a um ocupante de cada quarto, designado pelo chefe da divisão. Será escoltado até à cozinha e de volta ao quarto. O pão é distribuído à hora do jantar.

3. O pessoal da cozinha será designado pelo chefe da casa. A cozinha está sob jurisdição direta do comandante do Gueto.

4. Os nomes dos representantes do comité de fornecimento de alimentos e do pessoal da cozinha devem ser afixados na porta de cada centro de distribuição de alimentos e cozinha comunitária. Todos devem usar uma fita amarela contendo, a vermelho, o número da casa em algarismos romanos e a letra «E». Exemplo: «III E».

5. O uso de bebidas alcoólicas é proibido. Quem estiver na posse de qualquer bebida alcoólica deve entregar o produto ao escritório da gendarmaria, localizado no primeiro andar do ginásio feminino.

IV. Regulamento geral

1. Qualquer questão relativa aos ocupantes de cada quarto deve ser levada ao chefe da

divisão. Este, por sua vez, levá-la-á ao chefe da casa, que a levará ao chefe do grupo de casas. Questões mais importantes serão levadas ao comando do Gueto. O gendarme na chefia tomará a decisão de acordo com as ordens do comando-geral. Da mesma forma, as medidas do comando-geral serão divulgadas, seguindo essa mesma hierarquia, só que de cima para baixo.

V. Regulamento geral interno

1. Em cada grupo de casas, o chefe deve nomear diariamente uma pessoa para os serviços do dia e outra para as tarefas da casa. Ocuparão a função durante 24 horas a partir das 13h do dia em questão até às 13h do dia seguinte. São responsáveis pela execução do regulamento da casa e pelo serviço de mensagens.

2. O chefe do grupo de casas deve enviar, diariamente, entre as 7h e as 19h, um membro do grupo de execução de ordens, com as mensagens do dia, ao quartel-general do Gueto.

3. Os designados para as tarefas do dia devem usar um cartão amarelo, escrito a preto e pendurado ao pescoço, com o número da casa em algarismos romanos e o tipo de serviço a ser executado.

VI. Trabalho

1. A supervisão das tarefas na casa fica sob

comando do chefe da casa e do chefe do grupo de casas. Trabalhos externos só podem ser feitos com o conhecimento do chefe do grupo de casas. Trabalhos internos serão designados de acordo com o sexo e a idade e por turnos.

2. A manutenção da ordem nas divisões e na casa é da responsabilidade dos chefes das divisões e do chefe da casa. A manutenção da ordem nas áreas comuns, como ruas e cozinha, é da responsabilidade do chefe de execução das ordens.

VII. Saúde

1. Cada grupo de casas terá pelo menos um médico e um local para os doentes. O Gueto deve ter um hospital e uma maternidade.

2. O médico-chefe indicará o corpo médico e de enfermagem e determinará as tarefas. O médico-chefe da casa reportará ao médico-chefe militar da cidade em caso de dúvida profissional.

3. A equipa médica e de enfermagem usará uma braçadeira amarela com o símbolo da Cruz Vermelha.

4. O local que abrigará a divisão para doentes, o hospital e a maternidade deverão içar a bandeira da Cruz Vermelha.

5. A divisão para doentes, o hospital e a maternidade devem ter duas listas: uma com os

nomes do pessoal, outra com os nomes dos doentes. Uma cópia de cada, assinada pelo médico-chefe, deve ser afixada na entrada.

6. Os doentes devem apresentar-se ao médico às 8h. Os internamentos devem ser feitos pelo médico do grupo da casa em acordo com o médico-chefe. Os médicos devem elaborar relatórios minuciosos e precisos.

7. É da responsabilidade do médico-chefe isolar e tratar casos de doenças contagiosas.

8. É da responsabilidade do médico-chefe reportar imediatamente nascimentos, mortes e doenças contagiosas ao quartel-general do Gueto e, no caso de doenças contagiosas, tomar medidas de proteção imediatas.

9. Os médicos devem estar alertas para o cumprimento das regras relacionadas com a higiene nos alojamentos. A inspeção das cozinhas e casas de banho será rigorosa.

10. Onde não houver sistema de calhas, o esgoto será lançado nas latrinas ou em local designado pelo chefe da casa. Se houver entupimento, a casa de banho será lacrada e latrinas serão, imediatamente, escavadas no jardim. O lixo será lançado em local designado pelo chefe da casa. O lixo acumulado será encaminhado para um local de recolha indicado pelo médico-chefe.

VIII. Prevenção de incêndios

1. Uma brigada de incêndios, com 6 a 10 homens, será organizada para cada casa e, com 25 a 30 homens, para cada grupo de casas. Os chefes da casa e do grupo de casas serão responsáveis pela formação das brigadas.

2. Baldes cheios de água são obrigatórios em todos os quartos durante a noite.

3. É proibido fumar nos quartos e no sótão, bem como acender fósforos ou isqueiros perto de materiais inflamáveis.

IX. Cortinas e ataques aéreos

1. Durante o dia, é proibido acender luzes em divisões onde não seja possível tapar por completo as janelas.

2. Ao soar das sirenes antiaéreas da cidade, todos os que estiverem fora devem correr para casa e procurar abrigo na cave.

X. Regras de comportamento

1. Os homens têm de tirar o chapéu e baixar a cabeça, de forma polida, sempre que passarem por um oficial húngaro ou alemão, independentemente da patente. Se forem chamados, devem permanecer imóveis, em sinal de atenção, com a cabeça descoberta. Quando um oficial entrar numa divisão, o primeiro que o vir tem de gritar «Atenção!». Todos devem parar

imediatamente o que estiverem a fazer. A chamada vale também para as mulheres. O chefe da divisão e o chefe da casa têm de se apresentar à maneira militar.

2. O respeito à moral e aos bons costumes é condição básica para o convívio coletivo. Não serão tolerados atentados ao pudor.

XI. Relatórios

1. Qualquer mudança no número de pessoas de cada divisão ou casa — seja por falecimento, internamento ou alta do hospital — tem de ser imediatamente comunicada ao comando do grupo de casas.

2. As ordens do dia serão passadas em duas reuniões — uma pela manhã e outra à tarde —, nas quais estarão presentes os chefes do comando de execução de tarefas e os designados para as executar.

XII. Inspeção

Além dos comandos para supervisionar tarefas em cada grupo de casas, faremos o controlo total do cumprimento deste regulamento através de constantes patrulhas no Gueto. Quem desrespeitar as regras será preso imediatamente.

Este regulamento deve ser afixado na porta de entrada de cada construção — casa ou prédio — e

em todos os andares, quando houver mais de um
pisso.

Nagyvárad, 10 de maio de 1944

Assinado: Comandante do Gueto e
Batalhão de Recrutamento de Gendarmes

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

— «Assinado: Comandante do Gueto»...

Amália engoliu o gosto amargo da leitura antes de levantar os olhos e encarar Adele. O pedido fora inusitado e inesperado. Mais uma vez, Adele deixara a sala repentinamente, voltando cinco minutos depois, desta vez com uma caixa de madeira maciça, pequena, que abriu com uma chave grossa de metal. De lá, tirou um envelope velho e desgastado. Dentro, havia folhas escritas em alemão, num papel sem pauta. A letra desenhada e linear era a mesma do postal que Frida guardara durante anos. Adele desdobrou as folhas bem marcadas pelos vincos.

— O seu alemão é fluente? — perguntou a Amália, que respondeu afirmativamente. — Será que poderia ler, traduzi-las para nós? Não consigo ler em voz alta estas palavras...

Antes de Amália começar a ler, Adele contou que aquelas páginas continham as regras do gueto em Oradea. Estavam originalmente escritas em húngaro. Ela mesma as passara para o alemão — um trabalho realizado às escondidas. Um dia o mundo iria desmascarar aquelas pessoas, assim acreditava na época. Aquelas folhas tinham sido depositadas nas mãos de uma não-judia, casada com um judeu que também estava na casa de Moishe, no gueto.

— Eles também eram de Berlim. Tinham ido para Oradea depois de nós. O homem tinha origem húngara. Já ela, era alemã e com parentes bem relacionados no *Reich*. Conseguiram que ela voltasse para a Alemanha, assim como o filho do casal, de dois anos. Ela prontificou-se a levar o manuscrito e a entregá-lo a militantes que, por sua vez, tentariam fazê-lo chegar às mãos dos Aliados. Mas de nada adiantou... Fomos deportados três semanas depois. Anos mais tarde, quando eu já morava no Brasil, recebi uma carta de um dos filhos de Moishe, Andras. Outro que foi levado para trabalhos forçados, mas que conseguiu sobreviver. O envelope com as folhas traduzidas nunca saiu de Oradea. A tal mulher ficou com medo e deixou-o escondido na casa de uma idosa. Depois do fim da guerra, ela

voltou à cidade e entregou-o ao Andras, único sobrevivente dos Dunai na cidade. O Andras era amigo do Norman e dos meus tios. — Veio-lhe à ideia a imagem dos quatro juntos. — Como apenas nós, as Eisen, era assim que nos chamavam, falávamos alemão fluentemente, ele concluiu que a carta seria de uma de nós.

Enquanto traduzia para português, em voz alta, Amália demorava, às vezes, a perceber, não por lhe ocorrer qualquer limitação linguística, mas pelo absurdo do conteúdo. Aquilo não podia ser real, pensava consigo mesma.

— Isto tudo é tão... — Amália levantou-se, agoniada. — É tão sem sentido! Arrancar pessoas das suas casas para as prender numa divisão? Isolá-las para quê? Vocês iam fugir para onde? — Colava uma pergunta à outra. — É horrível o que fizeram convosco! Como se não bastassem os campos... É de loucos. Eu enlouqueceria. — Sentou-se de novo e levou as mãos à cabeça.

— Muitas pessoas enlouqueceram mesmo, outras suicidaram-se... Os alemães gostavam de regras, manuais... A minha mãe dizia sempre isso! Eram exímios cumpridores de ordens... e criadores de ordens. Se observasse, por um minuto apenas, o movimento dos homens pelo gueto... e depois, também, no campo... veria uma estranha coreografia. Revezavam o andar apressado com paragens súbitas à passagem de um oficial. Tiravam o chapéu, as boinas, e apressadamente baixavam a cabeça. Depois, retomavam o passo ligeiro para, de novo, estacarem... Quem não obedecia, podia morrer a qualquer momento, de forma estúpida. Sempre as malditas regras sem explicação. A Eva trabalhava no hospital do gueto, usava uma braçadeira amarela com algarismos e letras e mais algarismos. Nunca podia desviar-se do trajeto, mesmo que fosse para o encurtar.

Adele retirou as folhas traduzidas das mãos de Amália e passou-lhes os olhos, como quem via imagens no lugar das letras. Dobrou-as rapidamente e prosseguiu.

— O meu avô era o responsável pela nossa casa. Mas isso não significava nenhuma regalia, só mais dores de cabeça. Ouvia reclamações

vinte e quatro horas por dia! Casa de banho entupida, aposentos fétidos por causa das janelas fechadas, bebês chorões, velhos a ressonar. Tínhamos fome. A principal refeição era uma sopa de batatas rala. A luz era cortada às oito da noite. Não podíamos ler, muito menos conversar ou ir ao sótão ver as estrelas. Ficávamos imóveis, à espera de um sono que jamais viria. — Pela primeira vez, Adele sorri. — Mas eu, pelo menos, tinha algo que os outros não tinham... — Agarrou as mãos da filha entre as suas. — Eu tinha-te a ti a crescer dentro de mim... Acredita, ter-te comigo redobrava as minhas forças.

Os olhos de Haya, fixos no infinito, não pestanejavam. Foi como se ela percebesse, naquele exato momento, que Adele fora muito além de a dar à luz. Adele lutara por aquele ser que ainda nem se formara completamente.

— Adele, posso fazer-lhe uma pergunta? — Amália não queria apressar a história, mas também tinha as suas ansiedades. — Porque é que vos enviaram para Auschwitz se a guerra estava perto do fim?

Haya sentou-se no braço da poltrona, ao lado da mãe. Agora, estavam as duas de frente para Amália.

— Eu própria me fiz essa pergunta muitas vezes, depois de a guerra já ter acabado. Já vivíamos no Brasil. Tínhamos um vizinho, o Rufino Luz, que se tornou um grande jornalista. Foi a primeira pessoa que teve a coragem de me perguntar isso, mais de quinze anos depois. — Aponta para a tatuagem. — As pessoas desviavam o olhar, fingiam que o número borrado não as incomodava. Ele não. Ele queria saber sobre os campos, sobre Auschwitz. O Enoch foi contra. Achava que mexer na ferida só iria magoar. O Rufino fez-me essa mesma pergunta: porque é que nos mandaram para o campo se a guerra estava praticamente perdida? Mostrou-me jornais da época, muitos deles americanos, que ele tinha traduzido. Fiquei a saber que os russos estavam estacionados na margem do rio Vístula, enquanto os polacos eram massacrados na revolta de Varsóvia. Que os americanos e os ingleses sabiam a exata localização do campo, mas não bombardearam os crematórios nem as linhas de comboio, o que teria dificultado a chegada dos transportes. Que, entre maio e junho de 1944, quase trezentos mil judeus da

Hungria chegaram, como eu, a Auschwitz. Enquanto isso, os Aliados libertavam Roma e desembarcavam na Normandia. Percebi que o extermínio dos judeus era uma batalha à parte, em que os alemães não tinham adversário... A Wehrmacht e as ferrovias do *Reich* deram prioridade às deportações em vez de reforçarem, por exemplo, a ajuda ao Eixo para deter os soviéticos. Ou seja, foi exatamente o contrário: o prenúncio da derrota acelerou o extermínio! — Adele fixou o olhar em Amália. — Foi nesta guerra que eu participei. E ela estava apenas a começar naquelas poucas semanas no gueto... Não apenas pelas condições sub-humanas. Havia, também, a tortura física.

Uma sensação incômoda percorreu Amália. Tortura era uma palavra que pontuara a sua infância.

— Eram torturas para extorquir mais dinheiro e bens que pudessem ter sido deixados com amigos fora do gueto. O quartel funcionava no prédio da antiga cervejaria. O local era conhecido como *Mint*, «casa da moeda» — traduziu, com ironia. — Um lugar onde se cunhava dinheiro com sangue... Todos os dias, dezenas de pessoas eram levadas para interrogatório. Os gendarmes queriam os nomes daqueles com quem tínhamos deixado o que não tínhamos levado. Imaginavam tesouros escondidos, barras de ouro, diamantes. Como se fosse possível manter economias depois de cinco anos de guerra. No caso da nossa família, o pouco que tinha sobrado estava com o Nicolai e o Itzak. O meu avô foi levado para a *Mint*... Ao fim de três dias, estava de volta. Só sabemos que não denunciou os amigos. Eles próprios se apresentaram depois de uma amnistia-relâmpago na cidade, incitando todos a entregar pertences guardados de judeus. O meu avô começou a definhar ali. Depois, viemos a saber dos métodos de tortura dos húngaros, que não diferem muito dos que existem até hoje. O meu avô transformou-se num corpo à espera que o levassem para junto da sua alma.

Adele entrou em detalhes que acenderam em Amália a sua própria história.

Na dor — ou no amor, ou em qualquer sentimento, mas fixo-me agora na dor —, o ser humano é a sua própria medida. Não há grau de comparação.

Assim como duas pessoas não ocupam um mesmo lugar ao mesmo tempo, é impossível sentir como o outro sente. E acabamos sempre por achar que a nossa dor é mais dolorosa do que a do outro. Ser filha de pais torturados que seguiram para o exílio fez-me pensar assim. Ninguém na minha escola, quando cheguei a Portugal, tinha ideia do que era sofrimento. Ainda pequena, em Moçambique, eu afundava o rosto no travesseiro e tapava os ouvidos para não ouvir os gritos da minha mãe por conta dos pesadelos que, uma vez por outra, a acoassavam. Aos catorze anos, soube dos choques, das pancadas na planta dos pés, dos dias e noites em total escuridão com música em alto volume, dos amigos que não voltaram, dos que voltaram apenas sombras do que tinham sido. O que os meus pais sofreram era o pior do que o ser humano podia sofrer, pensava eu. Orgulhava-me deles, do seu altruísmo, despojamento. Queriam um mundo melhor. Acreditavam numa causa e por ela arriscaram a própria vida.

«Primeiro, foram os mais ricos. Depois, éramos apanhados ao acaso.» Foi assim que levaram Samuel, conta. «Na fila do pão, na cozinha comunitária, os homens esperavam horas em pé, em pânico. Os gendarmes passavam e escolhiam, como quem escolhe um melão na feira.» Fios nos genitais, correntes elétricas ininterruptas por meia hora, jatos de água no ânus, unhas arrancadas. Alguns dos métodos descritos por Adele. Quero contar-lhe que outros pais também foram torturados, como se, aproximando as dores dos nossos entes queridos, nos aproximássemos, eu e ela. Um forte «não» ecoa como um grito na minha cabeça. É impossível sentir como o outro sente. A tortura, de certa forma, guiou o trajeto dos meus pais para o que eles são hoje. O discurso deles — profissional ou pessoal — é impregnado desta memória do corpo. E vive em mim como se carregasse uma espécie de carga genética heroica. Com Adele, é diferente. Não há defesa de ideais, não há divagações sobre os porões da ditadura. O seu avô foi torturado por estar no lugar errado à hora errada. «Três dias depois de o meu avô ser libertado, algo começou a mudar no gueto.» Da boca de Adele, a tortura surge como algo que levou a energia do seu avô e pronto. «As ruas começaram a ficar desertas. A Eva entrou em casa esbaforida.» Eva, sempre

ela. Portadora das más notícias, penso.

GUETO DE NAGYVÁRAD (ORADEA), FINAL DE MAIO DE 1944

Eva subiu as escadas com o coração acelerado. Abriu a porta do quarto, de repente. Assumira a chefia da divisão na ausência de Samuel e assim permanecera mesmo depois de este voltar da *Mint*. Naquele momento, até ele, que passara os últimos dias afundado no colchão, calado, de olhar fixo no teto, virou o rosto para a neta.

— Atenção! — exclamou, ainda ofegante. — Estamos a ser transferidos!

Ao fim de alguns segundos de completo silêncio, explodiram perguntas, exclamações de indignação e o desespero. Todos falavam ao mesmo tempo, o que dava ao ambiente um cheiro a hálito velho. Adele levou as mãos à boca, nauseada. Um enjoo que ela atribuía à condição em que viviam, independentemente da gravidez. Dividia um quarto com quinze pessoas que mal se alimentavam, escovavam os dentes com cerdas desgastadas e secas, lavavam a roupa íntima com pingos de água e raspas de sabão. Desde que chegara ao gueto, há quase três semanas, não tomara um banho decente. Evitava olhar-se ao espelho. Ainda não se acostumara aos cabelos mais curtos, pouco abaixo das orelhas. A ordem de os cortar fora dada poucos dias antes e valia para todas as mulheres, jovens ou velhas. O que poderia ser pior do que aquilo? As pernas estremeceram e encostou-se à parede, escorregando até ao chão.

— Adele! Sentes-te bem?

Eva correu para acudir a irmã, que fez um sinal positivo ao mesmo tempo que lhe pedia para continuar.

— Muito bem, ouçam todos! Preciso que prestem atenção! — O tom alto surgiu acompanhado por um assobio curto e preciso.

De novo, o silêncio. Adele viu-se em criança, nas ruas do Mitte, com Eva a liderar meninos e meninas, qualquer que fosse a brincadeira.

— Algumas ruas já foram isoladas. Os gendarmes montaram postos de segurança para impedir a nossa entrada. Eu e o pequeno Boris conseguimos furar o bloqueio e chegar à rua Kapucinus. — Apontou para o miúdo, que morava no quarto ao lado e conhecia atalhos pelos jardins e quintais sem

cerca, sarjetas camufladas, passagens entre os prédios.

— Desembucha, filha! — exclamou Tzipora, impaciente.

— Não há vivalma, ninguém! — Os braços caíram pesados ao lado do corpo. — Entrámos nas casas, nos prédios! Colchões e lençóis espalhados pelo chão, móveis, utensílios de cozinha, brinquedos largados pelos cantos... e, nos passeios, roupas esparramadas, pegadas ainda frescas na poeira da rua... como se tivessem fugido de uma praga, sem tempo para apanhar o que caía pelo caminho.

— E quando será a nossa vez? — A voz de Samuel soou do fundo, enquanto se aproximava da neta. — Mais vale dizeres logo de uma vez, Eva.

— Para evitar a desordem, o gueto foi dividido em áreas. A nossa é a quinta. — Eva encarou o avô. — Partiremos dentro de quatro dias, contando com hoje. Até lá, estão todos proibidos de deixar a casa, com exceção dos líderes. — Tirou a braçadeira e passou-a a Samuel. — É sua, avô. — Deu-lhe um beijo na face.

Era a primeira vez que Samuel se manifestava desde que fora levado para o interrogatório na *Mint*.

— Estou velho para isto. — Devolveu o beijo e a faixa amarela, sussurrando ao ouvido de Eva: — Tens sido mais líder do que qualquer um aqui. — Depois, elevou de novo o tom. — E o que mais descobriram? Alguma ideia de para onde estão a levar-nos? — O sobrolho franzido demonstrava a preocupação.

— Não... — Eva respondeu com algum desânimo. — Só sei que o gueto será totalmente esvaziado. A cidade de Oradea vai ficar livre de judeus. Nem as exceções serão poupadas. — Repôs a braçadeira e fez sinal para que todos se aproximassem. — Temos de nos preparar. Cada um tem direito a uma bagagem e um saco com alimentos. Sugiro que façamos mochilas, são mais fáceis de carregar, ficamos com as mãos livres. Podemos usar cortinas e tapetes. — Virando-se para Moishe, perguntou: — A máquina no sótão está a funcionar?

— Sim. — Anuiu com a cabeça.

— Então, mãos à obra. Lembrem-se: separem apenas o necessário. Um bom par de sapatos, casaco, gorro. Espero que não tenhamos de enfrentar mais um inverno com guerra... mas, se tivermos, precisamos de estar preparados. — Ela dava ordens ao mesmo tempo que acalmava as pessoas. — E vistam roupas umas por cima das outras, assim, economizamos espaço.

Adele recostou-se no colchão enquanto observava a irmã a ajudar um e outro. Com Eva por perto, tudo corria sempre bem. Ela era como o pai, tinha iniciativa e solução para tudo. Fechou os olhos e deixou-se embalar num sono sereno.

Ao início da noite, a casa recebeu mais um homem e uma mulher. Procuravam Samuel Dunai. O homem saltitava com uma só perna, com a muleta apoiada na axila. A mulher carregava duas malas. Samuel desceu apressado as escadas e abraçou o amigo. Itzak retribuiu, retraído. A seguir, subiram para a divisão.

— Eu não tinha mais ninguém por quem procurar — disse, num misto de vergonha e alívio. — Achei que não voltarias a olhar para a minha cara... Perdoa-me, Samuel. Eu tive de entregar tudo! Eles ameaçaram a minha família, ameaçaram prender-nos!

— Itzak, escuta. — Samuel sacudiu-o pelos ombros. — Para com isso, homem! Precisamos de saber o que se passa lá fora. Tens ideia de para onde vamos? Os americanos continuam a avançar? E os russos?

Colava uma pergunta à outra. Estavam isolados desde o início de maio, sem comunicação com o mundo exterior.

Itzak não foi de grande ajuda. Contou que, de certa forma, ele e outros judeus haviam passado as últimas semanas em reclusão voluntária. Estavam dispensados do uso da estrela amarela, mas de que valia? Os vizinhos sabiam que eles eram judeus, o chefe de polícia também. Pelo menos, conseguira tirar o filho dali. O rapaz cruzara ilegalmente a fronteira com a Roménia e estava escondido numa aldeola no interior do país. Itzak preferiu não saber o nome. Até os médicos judeus que haviam permanecido na cidade para atender a população local — não havia doutores cristãos

suficientes — acabaram por ser enviados para o gueto. O mesmo se passou com cristãos casados com judeus que não quiseram abandonar esposas ou maridos e filhos.

— Lembras-te do Dr. Pinkus? — Itzak aproximou o rosto e baixou o tom da voz, quase num sussurro. — Envenenou a própria mulher e a filha e, a seguir, tomou ele o pó maldito! Encontraram os corpos secos, caídos no chão. E não foi o único caso...

Samuel já não prestava atenção ao relato, preocupado com o destino que os esperava. Todos se ocupavam com o que levar e em como acomodar tudo na bagagem. Adele optou pela pequena maleta com o enxoval do bebé. Amarrou um urinol na alça. Com cinco meses, a barriga mal aparecia. Não tinha dores nas pernas, nem no corpo. Até agora, a gravidez não lhe pesara.

Partiriam no dia seguinte. Eva, uma das poucas pessoas na casa com autorização para sair, regressou no final da tarde. O gueto tornava-se fantasma. Nas ruas desertas, o cheiro dos que lá tinham morado impregnava o ar. Mas não havia mais ninguém. Eva subiu ao quarto. As bagagens estavam arrumadas a um canto, umas sobre as outras, mas sem qualquer ordem.

— Sugiro que façamos algo diferente nesta última noite aqui! — Tentou ser otimista, mas não recebeu sorrisos de volta.

— Estamos todos no mesmo barco. — Samuel adiantou-se para ajudar a neta. — Já levaram metade da população do gueto... não fazemos ideia para onde! Mas não vamos esmorecer... A guerra está no fim! Os alemães é que vão render-se, não nós! O que sugeres, Eva?

— Que nos sentemos no jardim para ver o céu! — Era o que lhe ocorria naquele instante de mais parecido com liberdade.

— Está louca, menina! — rebateu Moishe. — Estamos proibidos de sair do quarto! Quanto mais de casa!

— O que importa isso agora? Amanhã vamo-nos embora! — Ela tentava animar todos. — A polícia do gueto vai prender-nos para quê? Não temos nada a temer!

O súbito vigor de Eva contagiou os corpos cansados. Foram-se

levantando aos poucos e, numa fila indiana de corpos curvos e suados, seguiram-na pelo corredor para o exterior. A eles foram-se juntando, lentamente, os habitantes das outras divisões. Ao fim de alguns minutos, os setenta moradores que, durante semanas, tinham dividido a casa de Moishe Dunai reuniram-se para uma confraternização silenciosa sob um céu sem Lua e sem estrelas.

Entre eles, estava o jovem rabino Rosenthal, a esposa e os quatro filhos pequenos. Qual Moisés no deserto, o rabino pôs-se à frente do grupo e tapou os olhos com a mão direita. Não foi preciso dizer nada. Todos, até as crianças, repetiram o gesto. Assim, apenas com os ruídos da noite daquela quarta-feira, último dia de maio, rezaram o *Shemá*. Poucos dias depois, a oração seria repetida, conduzida pelo mesmo rabino, mas, dessa vez, no fim do caminho.

Tal como na véspera da ida para o gueto, ninguém dormiu naquela noite. Era ainda madrugada quando a ordem para que se apresentassem à frente da casa foi dada. Os chefes dos quartos organizaram a saída de cada divisão. Os grupos iam-se alinhando, sob os olhares atentos dos gendarmes. Evitavam contacto visual. Qualquer segundo a mais resultava em açoites, pontapés e insultos.

— Tu! — O gendarme apontou para uma jovem encolhida entre os pais. — *Prostituált!* — Ordenou que desse um passo em frente. Ela acatou de imediato a ordem, de cabeça baixa. Apesar da altura, não teria mais de quinze anos. Tamanho era o silêncio em volta que se conseguia ouvir o ranger dos seus dentes. O soldado — arrogância duplicada por causa da farda — também era bastante jovem, talvez pouco mais velho do que a rapariga. Parecia estar ali para se divertir. Pediu que ela se baixasse e limpasse o seu coturno. Sem saber o que fazer, ela virou-se, desesperada, para o pai. O movimento foi seguido do baque de uma moca nas pernas dela. A rapariga curvou-se e caiu no chão.

O pai apressou-se a socorrê-la. O gendarme partiu para cima dele, desferindo-lhe golpes nas costas, na barriga, no crânio. Berrava «*Zsidó disznó, disznó, disznó!*» Judeu porco, porco, porco. A jovem permanecia no chão, paralisada, em estado de choque. A mãe, descontrolada, começara a berrar. Teve rapidamente os gritos abafados pelas mãos de gigante do talhante Eli.

— Calada! — sussurrou ele. — Vai acabar por nos matar a todos!

O gendarme estava tão absorto na sua tarefa de espancar que nem percebeu que o homem deixara de reagir. Estava morto. A filha levantou-se sem dizer uma palavra e dirigiu-se para junto da mãe. O gendarme fez sinal a dois homens, na frente da fila, para que retirassem o corpo do caminho. Um segurou as pernas; o outro, os braços. Levaram-no rapidamente para o jardim lateral da casa e depositaram-no perto de uma árvore. A esposa desenvencilhou-se do talhante e, gritando enlouquecida, foi atrás do corpo do marido. A filha fez menção de a seguir, mas foi puxada por Samuel

assim que o soldado sacou da arma e disparou, atingindo a mulher pelas costas. Tombou a poucos metros do outro corpo. Menos de cinco minutos depois, o grupo recebeu ordem de marchar em fila indiana.

— Aperta a minha mão com toda a força. — Adele esticou o braço para a rapariga, que caminhava como uma *zombie*. — Nós estamos juntas, compreendes? — A jovem meneou a cabeça, lentamente. — Como te chamas? Eu chamo-me Adele — completou.

— Haya, chamo-me Haya — limitou-se a murmurar, enquanto apertava a mão de Adele.

— Haya — repetiu Adele. — Haya significa vida. Nós vamos viver.

Meses depois, seria Adele a apertar as mãos de Haya, com mais força ainda, no nascimento da sua filha.

Caminharam até ao Rhedey Park com os primeiros raios de sol a despontar naquela pálida manhã de primavera. Homens fardados descansavam sob as árvores, enquanto passarinhos cantavam, alheios à massa humana que se aproximava. Sobre os trilhos que cortavam o parque, ladeados por arbustos, os vagões estavam abertos. Era uma composição enorme.

— Vão transportar-nos em vagões de gado?! — exclamou Eva.

— Para onde irão levar-nos? — Samuel repetia a pergunta que fizera incessantemente nos últimos dias.

A multidão ia-se afunilando à medida que caminhava na plataforma. Adele esticou o pescoço e pôs-se na ponta dos pés, olhando para a frente e para trás. Deviam ser uns trinta, quarenta vagões. Contou por alto. Duas largas tábuas de madeira, em cada porta, funcionavam como rampas.

— *Gyorsan, gyorsan!* Depressa, depressa! Mais rápido! — gritavam os soldados húngaros ao mesmo tempo que empurravam os mais lentos, com mocas e pontas de armas, para dentro dos vagões.

Um casal de civis acompanhava a estranha procissão com a empáfia de quem havia sido convidado para um evento exclusivo. Era impossível não dar por eles. Ele, num fato escuro, bem cortado, sapatos envernizados e chapéu primoroso. Ela, num vestido em tom pastel, sandálias com salto, uma *écharpe* envolta no pescoço e um sorriso cortês congelado no rosto. Uma vez por outra, o homem aproximava a boca do ouvido da mulher. Ela acenava com a cabeça e ria baixinho. Adele, comprimida entre a irmã e a jovem Haya, protegia a barriga com a mão esquerda. Era no mundo destas pessoas que teria o seu filho? Mais uma de tantas perguntas sem resposta.

Samuel seguia à frente com Tzipora de um lado e Fruma do outro. De vez em quando, alguém tropeçava e quase era pisado. Crianças choravam. Alguns velhos eram carregados ao colo.

— Meninas! — O avô gritou sem olhar para trás. Era impossível virar o corpo. — Fiquem juntas e não se descolem de mim. O que quer que aconteça, agarrem-se a mim!

A voz de Samuel misturou-se com o burburinho que crescia à medida que os vagões eram cerrados. Um jovem da SS, num uniforme impecável, disputava com os húngaros a chefia da operação.

— *Schnell, schnell!* Depressa, depressa! — grunhia, irritado, enquanto corria a porta de um vagão e passava um cadeado. — E não se armem em engraçadinhos! Se alguém tentar fugir, um em cada dez de vocês será morto!

Samuel apressava e diminuía o passo à medida que se aproximavam da rampa. Algumas pessoas entraram em pânico, mas não havia para onde correr. Fruma respirou fundo e agarrou a mão do marido.

— Temos de ficar no fundo do vagão, ou nas laterais — disse, enquanto subiam por entre cotoveladas, pontapés e gritos.

Tzipora apertou o pulso ao pai, sufocada pela parede humana, compacta, à sua frente. Não havia volta a dar. Tinha de permanecer forte, nem que fosse pelas filhas. Adele e Eva, logo atrás, sentiam-se como a mãe. Como era mais alta, Eva via, dali, o interior do vagão.

— Vamos para a direita, perto da janela! — Passou à frente do avô assim que cruzaram a porta.

Acomodaram-se no chão encardido com as pernas dobradas, as costas coladas à parede e a bagagem à frente. Numa das trouxas, tinham trazido pão, água, compota e algumas conservas. A pergunta de Samuel permanecia no ar: para onde vamos? Como estabelecer um racionamento se não se sabe quanto tempo vai durar a viagem? Havia apenas duas janelas, pequenas aberturas na parte superior do vagão, bloqueadas com arame farpado. O ar entrava por ali e pelas frestas na madeira. Tal como a pouca luz que clareava o interior.

Entre setenta e oitenta pessoas foram ali prensadas como pepinos numa conserva. Cada uma recebera uma porção de pão preto antes do embarque. Segundos antes de correrem a porta, os soldados passaram dois baldes, um com cerca de seis litros de água e outro vazio, para as fezes e urina. Seria o sinal de uma viagem curta? Seis litros para setenta pessoas? Significava um copo pequeno por cabeça.

Ouviu-se o barulho da madeira a deslizar pelos trilhos da porta do vagão e viu-se a forte luz da manhã a distanciar-se. Logo a seguir, os cliques da trave de ferro e do cadeado. O vagão ficou na penumbra, o ar abafado. Aos poucos, parentes, amigos e simples conhecidos foram-se acomodando, ficando próximos dos seus. O Dr. Manea, respeitado médico de Oradea, foi designado para gerir a água e determinar as regras de higiene. Rapidamente se improvisou uma cortina, com um lençol, para o local destinado ao balde-casa de banho. Era junto a uma das janelas. As fezes e a urina teriam de ser lançadas dali. Também era a área mais ventilada.

O apito da locomotiva soou. A composição começou a mover-se, as pesadas rodas giravam lentamente. Eva levantou-se e, na ponta dos pés, alcançou a abertura na parte superior do vagão. O homem e a mulher — os civis de roupas elegantes — acenaram do mesmo lugar onde tinham permanecido durante todo o embarque. Sabiam que aquelas pessoas não iriam voltar.

— Preciso de subir mais! — Esticou o pescoço o máximo que pôde.

— Apoia-te aqui. — O desconhecido que se sentara ao lado, com outra família, apontou para o próprio joelho, fazendo uma escadinha.

Ela subiu rapidamente e fixou as mãos na borda da janela e, a seguir, esticou o arame. O que mais a preocupava, e a todos no comboio, não era a frieza do casal. Eles precisavam de saber quem escoltaria a composição.

— Os húngaros entraram! Os gendarmes húngaros entraram! Os alemães ficaram de fora! — Foi um grito aliviado por entre respirações ofegantes.

Eva desceu e abraçou o avô. Parecia que, finalmente, algo corria a favor deles.

— Vamos permanecer na Hungria! — Samuel finalmente obtinha a tão desejada resposta.

— Eu sabia que as forças húngaras não nos entregariam assim, de mão beijada, aos alemães! — disse alguém, mais atrás.

Alguns permaneciam pendurados na pequena janela numa despedida melancólica da cidade onde haviam nascido e crescido. Os edifícios tornavam-se menores no horizonte à medida que o comboio ganhava velocidade sobre a via-férrea. Até então, rodara sobre a linha urbana.

Aos poucos, os grupos foram-se acomodando. Tornara-se evidente que seria impossível mudarem de lugar, tão-pouco deitarem-se. Sentavam-se com as pernas dobradas e, quando alguém se levantava para as esticar, outro alguém fazia o mesmo na horizontal. O local improvisado como casa de banho ficava no lado oposto ao de Adele e da família. Samuel fitou o mar de gente. *Nem Moisés abriria espaço aqui*, pensou. Adele parecia estar em sintonia com o avô.

— Eva! — Voltou-se para a irmã, segurando o urinol. — Pelo menos não teremos de usar aquele balde! Eu não aguentaria... — Apontou para a massa compacta de gente.

Adele soltou a peça esmaltada, feita em ágata, da alça da maleta. A seguir, Eva pediu à mãe a pequena faca de cortar pão. Virou-se para a parede do comboio e entalhou: «Dunai e Eisen, 31/05/1944, I». Até ao destino final, a cada manhã riscaria um novo tracinho.

Também decidiram criar as suas próprias regras de sobrevivência. Juntaram os pães que tinham recebido e entregaram-nos a Tzipora, que ficou responsável pela distribuição da comida, assim como da água armazenada em três cantis. Formavam um grupo de seis pessoas. A jovem

Haya não largara a mão de Adele desde o frio assassinio dos pais. O destino do comboio permanecia incerto. No lado esquerdo, alguém dissera que seguiam para norte, rumo à fronteira com a República Eslovaca. O boato foi rapidamente abafado. Outro ouvira de fonte segura — uma datilógrafa do escritório central da gendarmaria — que algumas vilas no interior da Hungria estavam a ser preparadas para receber judeus. À medida que as horas passavam, não havia mudança de rota. Seguiam mesmo para norte. As paredes e o teto absorviam o calor, transformando o vagão numa estufa.

Os homens despiram fatos e camisas, ficando apenas com as camisolas interiores. As mulheres despiram as camadas de roupa que se sobrepunham e as meias, e desabotoaram as blusas e os vestidos, deixando as roupas íntimas à mostra. As peças de roupa, dobradas em montinhos, passaram a servir de almofadas. As crianças ficaram praticamente nuas. O cheiro da urina misturado com o do suor impregnava o ambiente. Quando o balde chegava a meio — assim se evitava que a urina fosse derramada e tornasse mais imundo o vagão —, era passado de mão em mão até chegar à janela, de onde o conteúdo era lançado. Como Adele, outras pessoas haviam trazido urinóis. Alguns usavam panelas. O mesmo ritual repetia-se para esvaziar os vários recipientes. Era a única opção para quem estava no fundo do vagão. Não havia como caminhar até à casa de banho improvisada sem pisar os outros.

Os bebés esperneavam, choravam de sede. Como explicar a um ser com menos de um ano de idade que ele tinha de se manter quieto, que não era possível dar-lhe mais de dois goles de água?

— Calem essa criança! — gritou um homem cuja esposa apertava a cabeça entre as mãos. — Calma, querida, já estamos a chegar... — Ele tentava acalmar a mulher em pânico.

— O que é que querem? Que eu o atire pela janela? — vociferou a jovem mãe, apertando o filho no peito.

As discussões alastravam. A sede era pior do que a fome. Assim sendo, o Dr. Manea cedia mais um pouco do precioso líquido e, por alguns minutos, os ânimos acalmavam. Os que haviam trazido suprimentos, guardavam-nos

como tesouros.

Tzipora cortou finas fatias de pão e besuntou-as com um pouco de compota do pote escondido na trouxa de roupas. Tentou, sem sucesso, evitar os olhares observadores em volta.

— O que eles querem é transformar-nos em bichos — sussurrou para si mesma. — Toma, come! — Esticou o braço para o menino com olhos fixos na fatia salpicada a vermelho.

— Obrigado — agradeceu ele, depois de ter devorado o pedaço.

A mãe do menino esboçou um sorriso. *Sim, ainda somos humanos.* Tzipora retribuiu com outro sorriso.

O pai do menino e Samuel entabularam uma conversa. Sem apresentações, falavam somente do que era de interesse imediato.

— Não são boatos — sussurrou o homem. — Estamos a ir na direção de Kassa. Já fiz este trajeto algumas vezes... Eram outros tempos, vendi muita mercadoria lá.

— Kassa? Porque é que nos haveriam de deixar na fronteira? Como é que viveremos nas montanhas? — rebateu Samuel, confuso.

O homem ergueu os ombros. Transportava as mesmas perguntas que ele.

— Samuel — disse Fruma, voltando-se para o marido —, ajuda a Adele a levantar-se! Ela precisa de esticar as pernas!

Samuel comprimiu os lábios e baixou levemente a cabeça antes de se virar para ajudar a neta. Mal ela se ergueu, sentiram o solavanco da composição. As pessoas começaram a levantar-se, assustadas. As crianças agitaram-se. De novo com a ajuda do desconhecido, Eva chegou ao pequeno orifício na parede.

— Estamos em Kassa! — O grito misturou-se com os pedidos de água que vinham da outra janela e de outros vagões.

Mulheres e crianças esticavam os braços e passavam canecas pequenas por entre o arame farpado. Um gendarme aproximou-se com um garrafão. As canecas eram trocadas rapidamente por outras vazias. Eva esticou a mão, os olhos baixos para não encarar o jovem fardado que se divertia com o ir e vir desesperado de braços.

— Soldado! — A voz de comando fez com que ele se afastasse rapidamente.

O comboio voltou a andar, lento, afastando-se da estação, e parou alguns quilómetros mais à frente. Houve um rápido burburinho, seguido de silêncio e respirações contidas. Ouviu-se o barulho da chave no cadeado, o destravar da barra de ferro e a porta a deslizar sobre o trilho. Era fim de tarde, o Sol estava baixo. Mesmo assim, a maioria tapou os olhos com a mão, diante da súbita claridade.

— Um homem por vagão. Rápido. Vai buscar água! — berrou o gendarme, enquanto o filho do Dr. Manea saltava carregando o balde vazio e garrafas debaixo do braço.

A bomba ficava logo à frente. Uma fila formou-se rapidamente. Os homens enchiam baldes e garrafas, corriam até aos vagões e voltavam com mais recipientes. Era um ato mecânico, até que recebessem ordem para parar. Samuel conseguiu que os cantis fossem reabastecidos. Outros, concentrados junto à porta, tentavam ouvir algo, qualquer pista que indicasse para onde iriam. Os mais otimistas estavam certos de que seguiriam para um campo nos arredores de Kassa. Sugeriram que fosse criada uma comissão — de imediato nomearam o Dr. Manea presidente — para responder pelo grupo.

— O meu marido é carpinteiro — adiantou-se uma senhora, os fios grisalhos escapando desgrehados do puxo. — Com certeza, vão precisar de mão de obra especializada, não é? Ele tem setenta anos, mas vale por dois! Era o melhor da nossa vila! — disse, suplicante, agarrando-se ao braço de um dos homens em torno do médico.

E não era somente ela. Outras mulheres aproximaram-se, ávidas por informações sobre o suposto acampamento. Mulheres eram a maioria na carruagem, depois vinham as crianças e, por último, homens acima de cinquenta anos. Com praticamente todos de pé, havia uma pequena mobilidade. Eva aproveitou para pôr uma mala sobre a outra e assim observar, da janela, o movimento. Até então, os únicos alemães que havia visto eram os SS na estação de Oradea. Sentiu um arrepio percorrer-lhe a

espinha. Mais de cinco anos depois de terem deixado Berlim, ela estava ali, à sua frente: a farda preta, impecável. As botas, de tão lustradas, refletiam as luzes que se acendiam na plataforma. Jamais esqueceria o uniforme da Gestapo.

O oficial rugia com outro oficial de igual patente — húngaro —, que respondia no mesmo tom. Com o rosto rubro de raiva, andava de um lado para o outro, com as mãos cruzadas atrás das costas. Ao fim de alguns segundos, esticou o braço direito e afastou-se. O tenente húngaro chamou dois soldados e passou uma ordem. Os dois assentiram com a cabeça e seguiram apressados para um barracão a poucos metros dali. Eva observava sem piscar os olhos. Saíram segundos depois, carregando sacos de juta, em direção aos vagões. Mais uma vez, um homem de cada um dos quarenta vagões foi recrutado e recebeu um saco. O tenente posicionou-se de forma a ser ouvido claramente, com a sua mensagem a ser repassada até às extremidades do comboio.

— Atenção! Todos os objetos de valor devem ser depositados nestes sacos! Se os alemães encontrarem alguma coisa, vocês serão executados, sem piedade. E não se iludam... eles hão de encontrar! — Vociferou mais três vezes.

Ainda agarrada à janela, Eva observou, de cima, a massa humana a recuar dentro do vagão, por um segundo, até rapidamente começar a remexer em bagagens, arrancar costuras dos casacos e vestidos, das roupas das crianças. Colares, anéis, broches, diamantes, notas, moedas de ouro. O saco ficava rapidamente cheio. Samuel e Fruma permaneciam imóveis, abraçados. Eva desceu do degrau improvisado com as malas e uniu-se a Adele e à mãe. Tudo o que tinham de valor material já fora levado, vendido, roubado. Faltavam as alianças. Soltaram-nas da barra dos vestidos. Entregaram-nas. A jovem Haya arrancou parte da costura interior do casaco. Duas pedrinhas brilhantes, muito pequenas, rolaram-lhe na palma da mão.

— Não as entregues! Põe-nas na boca! Se for necessário, engole! Mas não as entregues! — Eva agarrou-lhe o braço.

Sem emitir um som, Haya colocou as pedras entre os dentes de trás e as bochechas. Com os sacos já a abarrotar, as pessoas continuavam a lançar objetos de valor que o tenente e um soldado recolhiam nos chapéus dos próprios prisioneiros. Demorou alguns minutos até que Eva encarasse a mãe e a irmã e dissesse o que, até àquele momento, ninguém ousara dizer.

— Estamos a ser deportados — disse, sem raiva ou qualquer outra emoção.

Sentia-se cansada. Evitara sempre, como os outros, a palavra deportação. Em vez disso, preferira «deslocação», «recolocação», «realojamento». No fundo, sempre fora isso: deportação.

Os húngaros entregavam-nos aos alemães como se fossem pedaços de carne podre sem espaço para armazenamento. Antes que as portas fossem cerradas, um gendarme aproximou-se do vagão e soltou o seu grito de despedida.

— Ouçam bem. Se algum de vocês tentar fugir, o responsável pelo vagão morre. — E emendou, com um sorriso sarcástico: — Se o responsável pelo vagão tentar fugir, todos serão executados. Espero nunca mais voltar a ver-vos! — exclamou, enquanto puxava a porta maciça com toda a força.

Sentiram a noite chegar quando a pouca luz que entrava pelas frestas se foi apagando até o vagão adquirir uma coloração prateada que vinha do céu estrelado. A composição permaneceu estacionada até de madrugada. Uma leve brisa amenizava o calor do dia. Mesmo assim, ninguém conseguiu dormir, não mais do que dormitar com a cabeça caída para a frente, que logo se endireitava com o despertar assustado, as pernas e braços dormentes. Não era um pesadelo. Estavam num vagão de gado, sob tutela da Gestapo.

O apito soou pouco antes de os raios dourados incidirem como faíscas, aquecendo a madeira das paredes. Eva arranhou mais um traço com a ponta da faca: o segundo. Havia pouca comida e quase nenhuma água. As mulheres deixavam o decoro de lado, com as roupas íntimas cada vez mais à mostra. Adele passava a maior parte do tempo a dormir, sem forças sequer para falar. Eva, uma vez por outra, subia às malas e espreitava a paisagem.

— Estamos a ir para oeste — indicou com os lábios ao avô, sem emitir qualquer som.

O comboio seguia para a Alemanha. De que adiantava fazer alarde?, pensou ela ao descer das malas. Já haviam feito tantas elucubrações. Encontravam-se todos sujos e malcheirosos, as roupas amarfanhadas, o cheiro a urina e fezes impregnado na madeira. As horas passavam lentas, embaladas pelo andar moroso da composição.

Ao final da tarde, um novo solavanco. O comboio parou por uns segundos e, a seguir, retomou a marcha. Eva subiu rapidamente para o posto de observação.

— Estamos a mudar de via! E de direção... Estamos a voltar!

Todos falavam ao mesmo tempo. Rumavam de novo a leste. Não era possível que voltassem à Hungria.

— Polónia... — soou uma voz ao fundo do vagão. — Estamos a ir para a Polónia.

— Polónia? — repetiram, em uníssono, várias vozes. — O que restou da Polónia?

— Vão levar-nos para Lublin? — berrou alguém. — Os romenos foram enviados para lá!

— Calem-se! Todos! Parem com esses absurdos! — O Dr. Manea assumira o comando do vagão. — Não podem levar-nos para Lublin! Já não há guetos em Lublin! Já não há guetos em Varsóvia! Já não há guetos em lado nenhum! — Num misto de raiva e desespero, socou a parede.

A mulher e os filhos rodearam-no. Aos poucos, a ordem foi regressando à carruagem, mais por cansaço do que por vontade. Os que se haviam levantado, voltaram a sentar-se, espremidos entre corpos recolhidos. Eva encostou a cabeça ao ombro da mãe. Adele fez o mesmo no ombro da irmã. Deram as mãos. A jovem Haya deitou-se no colo de Adele. Ficaram assim, de olhos fechados, até que mais uma noite caísse, desta vez sem luz de prata.

Samuel não conseguia dormir. Levou vinte minutos a percorrer os cinco metros que o separavam da outra extremidade do comboio, tratando de não

pisar os corpos espalhados pelo chão. Abria espaço com os pés e, uma vez por outra, caía em cima de alguém que o espantava com uma palmada nas pernas. Foi juntar-se à roda de homens que se formara perto da casa de banho improvisada. Dividiam os cigarros que restavam naquela jornada. Samuel ainda tinha dois. Os homens murmuravam para não acordar as mulheres. A conversa carregava um pessimismo mórbido que ele preferiu evitar. Samuel deu algumas passas e fez o percurso de volta pisando uma perna aqui, um braço ali. O dia amanhecia. Observou a família a dormir, encostada à parede. Aqueles homens não podiam estar a pensar seriamente no que propunham, pensou. Guardavam pequenas cápsulas de veneno em bolsos camuflados. Apoiou os braços na madeira e aproximou o rosto de uma fresta. O que viu foi um céu pálido e nublado. A névoa cinzenta, baixa, cobria a paisagem. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. A Polónia tinha a cor da morte. Talvez aqueles homens estivessem certos, ele é que era demasiado otimista.

Eva marcou o terceiro traço e voltou a recostar a cabeça no ombro da mãe. Apenas um ou outro se levantava. O chão desaparecera sob o tapete humano. A sede era pior do que a fome. Até crianças maiores eram colocadas no peito das mães.

— Estamos em Cracóvia! — O grito ecoou no vagão assim que o comboio parou.

As portas permaneceram cerradas. Por entre o arame farpado, Eva observava. Não podia esquecer que a Polónia integrava o Governo Geral da Alemanha. Lá estavam os burocratas na plataforma, a preencher papeladas e a conferir os lacres dos vagões. Um rapaz passava um esfregão pelo chão. Eva escutou baixinho um pedido por água. Não soube precisar de onde veio. A resposta do rapaz fez com que ela se afastasse da janela e descesse rapidamente das malas. Ele passara o dedo lentamente pelo pescoço, como se fosse uma faca afiada, e continuou a limpar o chão como se aquelas pessoas não existissem. Eva engoliu em seco e passou a língua pelos lábios gretados. A composição partiu logo a seguir. Fechou os olhos e só os abriu quando o comboio parou, mais de uma hora depois. Houve troca de guarda

e os funcionários da via-férrea abandonaram o comboio. Soou o apito da locomotiva. Nova partida, desta vez para uma viagem mais curta. Em minutos, os selos colocados pela alfândega foram retirados e os cadeados destrancados. As portas deslizaram, abrindo caminho para a lufada de ar.

— *Wasser, wasser!* Água, água! — Os homens gritavam, com meio corpo para fora do vagão.

— *Innen!* Dentro! — Soldados da SS aproximaram-se e, com a ponta das armas, empurraram-nos.

A porta permaneceu aberta por uns minutos, mas ninguém teve permissão para sair e ir buscar água. Não conseguiam identificar o local onde se encontravam. Já não se via estação, nem casas ao redor. A porta foi fechada de novo e, ao início da madrugada, a composição colocada em movimento. Rodou poucos metros e estacionou. Eva tomou o seu posto à janela. Viu um conjunto de barracões ao fundo. A batida dos coturnos no chão ganhava volume à medida que os soldados se aproximavam da composição. O latido dos cães misturava-se com a marcha. Dentro do vagão, todos permaneciam imóveis, prensados no fundo, o mais longe possível da porta. O silêncio era tanto que se escutou nitidamente a chave a rodar no cadeado e, lentamente, o içar da pesada trave de segurança. Dois guardas fizeram correr a porta ao mesmo tempo que uma rampa era improvisada com duas tábuas maciças e largas.

— Última paragem! — vociferou um dos guardas.

Pastores-alemães, contidos firmemente com trelas curtas e grossas, latiam exibindo os caninos afiados.

— Deixem a bagagem no vagão e saiam! *Alle hunter!* Todos para fora!

O receio de descer para o desconhecido diluía-se na ânsia de sair do vagão fétido e abafado. Não havia resistência a oferecer, nem lugar para onde fugir. As famílias desceram muito juntas entre si. Tzipora, ladeada por Adele e Haya, e Samuel, à frente, com Fruma e Eva, enfiaram-se no meio dos corpos colados, comprimidos, fugindo das pancadas dos guardas.

Postes de cimento, espaçados com precisão e unidos por grossas linhas de arame farpado, de cima a baixo, cercavam o descampado. Placas indicavam que a cerca era eletrificada. A iluminação de um amarelo fraco dava um tom soturno à plataforma. Percebia-se o movimento dos soldados pelas sombras. Mais à frente, a claridade aumentava, alimentada por holofotes. O vagão em que estavam ficava mais ou menos no meio da composição. Os corpos formavam um bloco que se movia conforme as ordens.

— Homens à esquerda, mulheres à direita! — gritavam os soldados.

— *Schnell, schnell!* Depressa! Cinco à frente e os outros atrás! *Schnell!*

— Empurravam as pessoas com as armas por entre gritos e choro.

Maridos e esposas abraçavam-se, assim como mães e filhos crescidos. As crianças mais pequenas permaneciam ao colo. Os SS batiam nas costas e nas pernas dos que mostravam relutância em se separar. Usavam bastões de cabo curvo que lembravam bengalas. Atiçavam os cães, afrouxando as trelas, permitindo que avançassem para os puxar de volta, rindo às gargalhadas. As crianças enfiavam o rosto no pescoço dos pais, aterrorizadas.

— Fruma! — Samuel mal teve tempo de se despedir da mulher. — Tzipora! — Voltou-se para a filha. — Fiquem juntas, vemo-nos em breve! — gritou enquanto era empurrado para a fila.

Foi neste momento que Adele reparou nas estranhas *criaturas* — como passou a referir-se aos prisioneiros — com uniformes às riscas, que

cortavam a multidão e entravam nos vagões para descerem, a seguir, com os corpos daqueles que não haviam resistido, ou que haviam preferido as cápsulas. Os mortos eram empilhados junto à cerca. Viu quando arrastaram os corpos do Dr. Manea, da mulher e dos filhos. As *criaturas* de pele encardida, magras e curvas, movimentavam-se rapidamente e, ao passarem por um oficial, subitamente paravam, tiravam a boina, também às riscas, e voltavam a acelerar o passo.

Como no gueto, veio-lhe à mente a lembrança amarga. Só que, ali, eram prisioneiros com roupas largas e sujas, cabeças mal rapadas, tamancos de madeira que martelavam o chão. Um deles passou de cabeça baixa, junto a dois rapazes altos, que não deviam ter catorze anos, e segredou, em alemão, «*alter, sechzehn*».

— Ele disse: idade, dezasseis. — Eva voltou-se imediatamente para Haya. — Não te esqueças: tens dezasseis anos. — Encarou-a enquanto cingiam o passo.

À medida que caminhavam, começaram a reparar nos flocos que caíam do céu. O fumo denso expelido por duas imensas chaminés fundia-se numa nuvem negra. Que tipo de trabalho se fazia ali àquela hora da madrugada? O pensamento tomou por segundos a mente de Eva enquanto se posicionava na fila. As cinco tomaram lugares lado a lado.

— São cinzas! — exclamou Adele, baixinho, com as mãos estendidas.

A seguir, tapou o nariz. Havia um cheiro doce e enjoativo no ar.

Três mil pessoas, mais ou menos, era o cálculo de Adele. A quantidade de vagões multiplicada pela quantidade de gente por vagão. Homens de um lado, mulheres do outro. Caminhavam sob a mira dos SS, que empurravam os mais lentos com o cano das armas, aos gritos. *Estes guardas não são nem um por cento de nós*, constatou Adele, rapidamente. Tanto fazia. Nem que houvesse apenas um homem armado, iria dar ao mesmo, concluiu. Estavam há dias com fome, sede e sem um sono decente. As pernas inchadas e bambas arrastavam-nos.

No meio da procissão, que avançava lentamente, as *criaturas* lançavam malas e trouxas dos vagões com a mesma rapidez com que haviam retirado os corpos. As bagagens eram depositadas em pilhas, juntamente com os utensílios domésticos, ao longo da plataforma. *Com certeza, hão de separá-las por ordem alfabética*, calculou Adele. A maioria trazia o nome em destaque riscado ou colado na bagagem. Habitando o olhar à luz dos holofotes, fixou a atenção nas construções do outro lado da cerca de arame. Eram dezenas de barracões retangulares, dispostos simetricamente, em longas filas paralelas. Lembravam estábulos ou celeiros para armazenar cereais. Seriam alojamentos? Não se ouvia o mínimo ruído vindo de lá. E as fábricas a funcionar a pleno vapor àquela hora? A camada escura engolia o céu, assombrava o breu da noite. A mesma interrogação de Eva, e talvez de todos os que marchavam calados, invadiu Adele: que tipo de trabalho se fazia ali? Meditava nas respostas numa tentativa frustrada de desviar o foco da ânsia de vômito que aquele cheiro provocava.

— Cospe aqui! — Eva passou um lenço no exato momento em que a golfada subiu, fazendo o corpo de Adele retorcer-se. — Agora, respira de forma curta e rápida! Estamos a chegar — disse, a seguir, face ao rosto pálido da irmã.

Não se percebia bem o que acontecia lá à frente. Tudo muito rápido. Formavam-se dois novos grupos, que seguiam em direções opostas. O mesmo processo para homens e mulheres. Eva reparou que os mais velhos, assim como as mães com crianças pequenas, iam para a esquerda, e os

outros, para a direita. O cortejo parava em frente a um oficial, ladeado por guardas, que discretamente apontava o dedo para a esquerda ou para a direita. Os guardas direcionavam o escolhido. Estavam a poucas fileiras da seleção quando os gritos de uma mulher ecoaram na noite. Houve uma rápida movimentação dos SS, a mulher caiu e levantou-se, de seguida, em pranto.

— Que vá com os filhos. — A voz de comando soou suave e polida.

A mulher correu para a esquerda e agarrou as crianças. O oficial retomou rapidamente a função. Pouco depois, posicionaram-se, à sua frente, nesta ordem: Eva, Adele, Tzipora, Haya e Fruma. Em menos de dez segundos, o indicador voltou-se duas vezes para a direita, uma para a esquerda, novamente para a direita e a última, para a esquerda. Num impulso, Eva curvou-se para o oficial, juntando as palmas das mãos.

— *Herr Doktor, bitte!* — Ela deduzira, pela braçadeira, que se tratava de um médico. — Somos alemãs! *Meine Schwester ist schwanger!* — suplicou.

Um dos guardas levantou o cassetete pronto para o baixar nas costas de Eva. O oficial fez um gesto curto com o queixo, em negativa, que levou o SS a recuar. Depois, abriu um sorriso que rapidamente acalmou Eva, incentivando-a a continuar.

— A minha irmã está grávida — repetiu ela, apontando para Adele. — Por favor, eu imploro-lhe, deixe-a ir com a nossa mãe! — Apontou para Tzipora e Fruma, no grupo da esquerda.

Antes de cruzar as mãos atrás das costas, o oficial passou um dedo, ao de leve, pela gola bem engomada e tirou um ponto de cinza que mal se via sobre o uniforme preto. Mantinha o sorriso no rosto, com os lábios cerrados, prolongando ao máximo o prazer que o olhar aterrorizado de Eva, de um lado, e de expectativa dos soldados, do outro, lhe proporcionava.

— Grávida? — Alargou o sorriso enquanto observava Adele. A seguir, voltou-se para Eva. — Ouve, a tua irmã vai contigo. Não te preocupes, eu prometo que em breve vão encontrar a vossa mamã! — Fez um novo gesto para o soldado, para que encaminhasse as duas para a direita.

Adele voltou-se a tempo de trocar um longo olhar com Tzipora. Sussurrou um «até já». A mãe soprou um beijo da palma da mão. Ela retribuiu, da mesma forma, como costumava fazer quando era pequena. Rapidamente, perdeu a mãe na multidão. Encontrar-se-iam daí a pouco. O oficial prometera.

— Viste, Adele? — Eva puxou a irmã pela mão. Pela primeira vez, em dias, as duas respiraram aliviadas. — Não tarda nada estaremos com a mãe. Vamos ficar juntas. Aquele homem manda aqui. E deu-nos a palavra dele!

A sensação de enjoo passara. «Nós, alemães, nunca faltamos à palavra.» Ouviu a voz do pai ecoar na cabeça. Iriam primeiro para a desinfecção, tomariam um banho, receberiam roupa lavada — foi o que anunciou o guarda responsável pelo destacamento de mulheres — e, depois, reencontrariam a família. Aquele lugar não devia ser tão mau quanto parecia.

Com o amanhecer, o breu deu lugar ao cinzento e, finalmente, conseguiram ver onde estavam. As barracas em que Adele reparara do lado esquerdo da plataforma também existiam do lado direito. Cobriam toda a extensão até ao portão de tijolos com uma guarita de observação ao alto, por onde o comboio entrara na noite anterior. Não havia muro, mas vedações eletrificadas, por todos os lados, e torres de vigilância com soldados armados. O local era um grande descampado, a não ser pelo bosque que se vislumbrava atrás das chaminés.

Aquele lugar era, literalmente, o fim da linha. A estrada de ferro terminava ali dentro. Não era uma estação de passagem, nem sequer uma estação, mas não dava para perceber *o que era*. Os doentes e velhos com dificuldade em andar eram colocados em camiões com o símbolo da Cruz Vermelha. Foram os primeiros a partir. Logo depois, o grupo da esquerda. Só então, o grupo onde estavam Adele, Eva e Haya iniciou a marcha.

Atravessaram um portão gradeado e seguiram por um caminho de terra batida entre duas alas de barracões de madeira. Ali, também os postes de cimento com cercas elétricas e uma espécie de fosso delimitavam a área. Do lado esquerdo, homens de cabeça rapada, vestindo trapos — alguns com os uniformes de riscas, outros com calças e camisas curtas ou demasiado compridas, cheias de remendos — e bem mais magros — subnutridos, esqueléticos — do que os que elas tinham visto na plataforma, surgiam aos montes, de dentro dos barracões. Adele levou as mãos à boca, com nojo. Em que condições viviam aquelas pessoas? Nem bichos eram largados em tamanha imundície. Alguns chegavam-se à cerca e gritavam em diversas línguas. Adele conseguiu identificar o polaco, o checo, o húngaro, o francês.

— *Schnell! Schnell!* — Os soldados berravam para que se apressassem. — Sigam em linha reta, não olhem para os lados! — E pontapeavam as pernas das que estavam nas pontas.

Era impossível não olhar. No lado direito, as mesmas cabeças rapadas, corpos esqueléticos, atravessavam as portas como *zombies* e concentravam-se

em frente às construções em fila, como se fossem passar por uma revista militar. Adele teve outra ânsia de vômito. Por alguns segundos, paralisou. Eram mulheres. Tinham a mesma aparência dos homens e seriam facilmente confundidas, não fossem os vestidos. Caíam como trapos desconjuntados sobre esqueletos maltratados.

— *Magyar? Mi Magyar!* Somos húngaras! — gritavam algumas.

— Eva, para onde nos levam? — sussurrou Adele, horrorizada, mais por asco do que por medo. A imagem daquelas mulheres maltrapilhas perturbava-a. — O que fizeram estas pessoas? Que tipo de criminosos são para serem tratadas desta maneira? — Agarrou o braço da irmã.

Eva limitou-se a encarar Adele, sem responder. Teve vontade de a sacudir. Lembrou-se do sinal feito pelo rapaz na estação em Cracóvia. Depois de quase um quilómetro a caminhar naquele mórbido corredor de terra batida, outro portão, semelhante ao primeiro, foi aberto por uma sentinela. Foram parar a uma estrada que cortava o acampamento. Viraram à esquerda. Trezentos metros à frente, avistaram o cume de mais chaminés, duas de cada lado da estrada. Eram estreitas, de tijolos avermelhados. Chegavam a uns trinta metros de altura. Despontavam de construções escondidas por cercas de troncos estreitos, com mais de dois metros de altura, bem colados, sem frestas. Ao fundo, uma floresta vasta e cerrada.

Os guardas levantaram o braço num sinal de paragem. Logo à frente, velhos, mulheres e crianças — que haviam sido separados à esquerda e seguido primeiro que elas — arrastavam-se ainda lentamente. O grupo afunilava na entrada para a área das chaminés, o que retardava a dispersão, fazendo com que o batalhão das mulheres, logo atrás, tivesse de esperar. Subitamente ouviram, num crescente, uma voz puxar o *Shemá*. Outras vozes se juntaram. *É o rabino Rosenthal!* Adele e Eva lembraram-se imediatamente da última noite no gueto. Puseram-se em bicos de pés numa tentativa frustrada de ver Tzipora, Fruma ou mesmo o avô. Naquele instante, a promessa de que encontrariam a mãe mais tarde era tudo a que se agarravam. Foram de novo postas em marcha. Enquanto o grupo à frente entrou no espaço fechado onde estavam as chaminés, elas foram

encaminhadas na direção de outra estrutura, também de tijolos vermelhos e com chaminés, só que menos robustas e sem muros em volta.

— *Schnell! Schnell!* — gritavam os guardas enquanto despejavam golpes com cassetetes e bengalas nas costas e ombros da massa humana.

Do céu de chumbo pesado, mesmo com o dia já claro, nevava cinzas. O cheiro repugnantemente adocicado impregnava de tal forma o ar que era preciso sustentar a respiração para não enjoar. Horas mais tarde, viriam a saber que tipo de fábrica operava ali, mas, naquele instante, era como se o cérebro reconhecesse os cheiros, mas não os processasse.

Adele não sabia precisar quantas mulheres seguiam com elas. Prensada entre Haya e Eva, os pés moviam-se apressados, como que guiados por uma energia própria. A mente estava paralisada. Céu cinzento de cinzas, céu cinzento da Polónia. Terreno árido, fora as imensas árvores que se fundiam numa floresta delimitando fundos sem porta de saída. Barracões e barracões, dezenas deles, por todos os lados. *Criaturas* carecas e sujas a correr curvadas. «*Schnell! Schnell!*» — o rugir dos soldados. «Vamos aos banhos?» «Onde iremos dormir?» «Receberemos água e comida?» «E os nossos filhos?» «E os nossos pais?» Perguntas que só aumentavam o burburinho e não traziam como resposta nada além de incertezas e suposições. Ninguém ousava questionar o que acontecia dentro dos portões onde ficavam as chaminés que mais pareciam vulcões de barro em erupção constante.

— Meu Deus, o que nos vai acontecer?! — Uma expressão de horror tomou conta do rosto de Adele. — O que é isto, Eva? Um manicómio? — Apontou para a porta do edifício, formada por dois blocos verticais unidos entre si por um terceiro, na horizontal, em que estavam prestes a entrar.

Criaturas carecas — Adele manteve a expressão mesmo quando ela própria se tornou uma delas —, com roupas mal-arranjadas, deixavam o local a correr e posicionavam-se em fila.

Ao entrarem, a imagem era igualmente perturbadora. Os gritos dos guardas ecoavam pelo salão retangular, com chão e paredes de cimento desbotado, enquanto oficiais registavam nomes de forma rápida e automática.

— *Schnell, schnell! Brause, brause!* — Soldados e prisioneiros com braçadeiras ordenavam que as mulheres se despissem para o banho. Muitas resistiam, negavam-se a tirar as roupas. Os SS batiam com os cassetetes nas costas, nas pernas. Puxavam as mais jovens, que se agarravam às mais velhas. Ouviam-se gritos seguidos de choro. Algumas caíam ao chão e, retorcidas, defendiam-se dos pontapés.

— *Schlampe!* Putas! Mexam-se, judias putas! — berravam os homens,

enquanto, com as mãos trémulas, elas tiravam, rapidamente, às vezes três camadas de roupa, e ajudavam as que tinham botões nas costas.

— Engole as pedras, depressa! — murmurou Eva, com lábios quase cerrados, a Haya. — Rápido! Engole as pedras! — repetiu.

Haya virou lentamente a cabeça no meio da cena grotesca de mulheres nuas, tapando o púbis e os seios com mãos e braços, empurradas por um corredor enquanto prisioneiros recolhiam as roupas. Os olhos arregalados encaravam Eva.

— Então dá-mas, depressa! — Eva apertou o pulso da rapariga com tanta força que os dedos formaram tiras vermelhas na pele.

A reação de dor foi imediata e suficiente para tirar Haya do transe. Ela enfiou a mão no bolso interior do casaco e discretamente tirou as duas pedras que, dias antes, tinham sido escondidas na boca, à saída da Hungria. Passou-as rapidamente para as mãos de Eva, que, no segundo seguinte, cobriu os lábios, como se tossisse, e engoliu as pedrinhas.

Enquanto Eva avaliara o local rapidamente, logo percebendo que, a dada altura, seriam revistadas — como de facto foram, minutos depois —, Adele transportara-se para o quarto onde, numa noite fria de inverno, se despira para um homem. Norman: primeiro e único, até então. Os cabelos soltos sobre o ombro, o desabotoar do vestido, o beijo mais longo e íntimo enquanto a peça caía ao chão, os longos segundos que afastaram a timidez e a roupa íntima. O corpo nu, intocado, admirado como uma obra de arte fora da redoma. Deixava de ser uma menina para ser mulher antes mesmo de ser tocada.

Manteve os olhos fechados, a imagem de Norman à sua frente. *Norman, fica comigo, por favor*, dizia Adele a si mesma enquanto arrancava cada peça de roupa do corpo. Escorreu uma lágrima, não percebeu se de pesar, medo ou raiva. Os oficiais riam às gargalhadas e insultavam as mais velhas, faziam gestos e soltavam palavras obscenas às mais jovens. Adele cruzou os braços tapando os seios e a barriga. A mão sobre o púbis. A humilhação. Eram, ali, violadas por olhos e insultos. Com o maxilar tenso, Eva despiu-se rapidamente, evitando qualquer contacto visual.

Nuas, foram escorraçadas por um corredor com janelas à esquerda, que garantiam a luz natural. À direita, mulheres com uniformes às riscas e lenços na cabeça movimentavam-se rapidamente entre os nichos na parede cobertos de roupas e largos fornos a vapor, onde as vestes eram lançadas, provavelmente para desinfecção. Os alemães nutriam verdadeiro pânico de doenças. O tifo era um fantasma. Piolhos, a ameaça primária.

Seguiam lentamente com os corpos colados a desconhecidas, o cheiro azedo dos dias sem banho, o fedor da urina impregnada no corpo e das fezes ressequidas nas nádegas. Não havia como apressar o passo, pois o corredor estreitava por uma porta para a divisão seguinte. Por cima do vão da porta, pintado com letras grossas, estava escrito: *Haarschneideraum*.

— Corte de cabelo? — Adele levou as mãos à cabeça. — O que há mais para cortar? — Passou os dedos pelas pontas acima dos ombros. — Eu não vou aguentar, Eva! Eu quero sair daqui! Isto é de enlouquecer! — Debateu-se ofegante, não havia para onde ir.

— Chega! — Eva berrou por entre os gritos que vinham de trás e da frente. — Chega! Isto não é um pesadelo, isto é real. — Eva estava fora de si. — Estas pessoas — apontou para as *criaturas* que recolhiam as roupas, mecanicamente — somos nós, Adele! Somos nós!

Adele apercebeu-se do movimento de uma prisioneira com braçadeira na direção delas. Respirou fundo. Eva estava a ficar descontrolada. Agarrou a mão da irmã, de um lado, e de Haya, do outro, e apressou o passo. A mulher deu meia-volta.

— Não, não somos! Não somos! — A imagem da mãe, nas ruas de Oradea a caminho do gueto, veio-lhe à mente. — Tu és Eva Eisen. Eu sou Adele Eisen Solber, nascida em Berlim, em 1924, casada com Norman Solber, filha de Kurt Eisen e Tzipora Eisen, de solteira Dunai. Eu sou Adele Eisen...

E assim continuou, murmurando para si mesma a história da sua vida. Eva e Haya fizeram o mesmo. Sentadas em três bancos sujos, foram tosquiadas com tesouras cegas e navalhas. Os pelos pubianos rapados com rapidez. Nem um minuto depois, foram atiradas para outra sala para exame

médico. Ali, tiveram a boca e o ânus examinados em busca de objetos escondidos. Adele procurou Eva na mulher ao seu lado, meio corpo tombado à frente, enquanto mãos vasculhavam as partes íntimas. Eva também procurou Adele. Os pescoços virados, encaravam os lábios uma da outra que, sem som, repetiam, como um mantra, os seus próprios nomes e de onde vinham. Os olhos estavam secos. As mãos nas nádegas não despertavam vergonha. O íntimo deixara de existir.

As letras pintadas no alto do portal seguinte anunciavam o local do banho.

— *Brausen! Desinfektion! Schnell! Schnell!*

Os gritos dos SS rebatiam nas paredes e ecoavam na massa que submergia compacta numa espécie de banheira com um líquido desinfetante. Dali, saíam para se posicionarem sob os chuveiros. A claridade entrava por janelas grandes — de alto a baixo — que iluminavam os corpos nus, sem cabelos nem pelos, unidos pelo horror. O humano, ali, não existia. Logo atrás das janelas, no lado de fora, havia também barracões, mas ninguém parecia interessado nas pessoas que se acotovelavam naqueles chuveiros.

Eva, Adele e Haya abraçaram-se em círculo, com os rostos colados. O líquido escorreu gélido, provocando uma onda de arrepios e gritos. Mesmo assim, trouxe alívio. Era o primeiro banho em dias. Ousavam tocar o próprio corpo, a cabeça. A seguir, a água saiu a ferver de tal maneira que as mulheres ali aglomeradas começaram a debater-se para fugir do jato. As peles ficaram marcadas por um vermelho vivo. O riso alto dos guardas foi acompanhado por um novo jato de água gelada, causando choque térmico.

A passagem pela *die zentrale Sauna* — como os SS chamavam ao local — parecia um ritual de iniciação. Era. Uma iniciação à sobrevivência. *O que pode ser pior do que isto?*, questionou-se Adele. Rapidamente desviou a atenção. Sempre que se perguntara isso, o pior viera a seguir. E cada vez pior. O *pogrom* em Berlim, a fuga da Alemanha, o gueto, o comboio, agora aquilo.

Havia uma sinalização de toalhas, mas ninguém as recebeu. Após uma

curtíssima espera pela secagem natural, seguiram por outro corredor semelhante ao primeiro, com janelas grandes à esquerda e as enormes câmaras de desinfecção das roupas — peças de ferro que cuspiam vapor — do lado oposto.

Vestidos velhos, manchados, alguns remendados, eram distribuídos sem qualquer critério. Alguns demasiado largos, outros demasiado curtos. Quem ousasse reclamar era esbofeteado. As mulheres ajeitavam-se como podiam, trocavam as peças entre si. Não havia roupa íntima. O mais degradante acontecia com os sapatos. Nem dez minutos haviam decorrido desde que tinham entrado, com as suas melhores roupas, naquele lugar onde, achavam, nada poderia ser pior do que o desconforto dos três dias no comboio. Agora, tosquiadas e maltrapilhas, nada era mais importante do que pegar num par que lhes coubesse no pé. Era desesperante pensar num número menor. Duas mulheres rebolaram no chão na disputa por um par de botas. Um guarda aproximou-se e escolheu uma delas, aleatoriamente. Com o coturno, aplicou-lhe um pontapé em cheio no rosto. De imediato, formou-se uma poça de sangue, que escorreu do nariz.

— Agora limpa! — ordenou à outra, que, imediatamente, se lançou ao chão, ensopando a vermelho a bainha do vestido. A bota em disputa foi surripiada no meio da confusão. As duas ficaram sem sapatos. Prosseguiram descalças. O guarda não precisou de proferir nem mais uma palavra.

Adele não conseguia encarar Eva. Não era uma mulher, não era um homem. Era uma *criatura*. Eva devia pensar o mesmo. Aquele lugar não precisava de espelhos. Por todos os lados, elas refletiam-se nos semblantes aterrorizados de quem estava ao lado, atrás, à frente.

Quando chegou a sua vez, Adele arriscou. Encarou a prisioneira que distribuía sapatos. A rapariga não baixou os olhos, observou-a por segundos e entregou-lhe um par de botas com solas pouco gastas. Era um sinal de que dali não partiria uma bofetada ou um pontapé.

— *Magyar? Deutsch?* — sussurrou Adele entre dentes.

— *Pole. Deutsch* — respondeu, da mesma forma.

— *Danke* — agradeceu Adele. Era o primeiro gesto humano que via naquele lugar. — Onde estamos? — murmurou enquanto pegava nas botas, lançando desde logo outra pergunta. — E as chaminés?

— Chaminés? — A rapariga deixou escapar um riso retorcido e abanou a cabeça negativamente. — Crematório.

— Crematório? — repetiu Adele, sem perceber. — Como assim, crematório? A minha mãe foi para lá! O médico disse que iríamos encontrar-nos! — Ela não compreendia.

— A sua mãe? — A rapariga virou a cabeça, rapidamente, para um lado e para o outro, averiguando se não havia um guarda por perto. Deu um toque no ombro de Adele e, a seguir, apontou o dedo para o denso fumo negro, visível através da janela. — A sua mãe está ali.

Adele levou a mão à boca no exato momento em que o jato de bÍlis voou. A rapariga olhou, mais uma vez, para os lados e pegou num trapo velho e encardido, que entregou a Adele para que se limpasse. Por uns segundos, sentiu os dedos daquela desconhecida apertarem os seus. Era o máximo de solidariedade que ela podia oferecer.

— Auschwitz. Aqui, Auschwitz. Birkenau — repetiu ela para, a seguir, apontar novamente para o fumo, ela própria e Adele. — Todos. Única saída de Auschwitz.

Adele ouviu sem mover um músculo ou derramar uma lágrima. Os sentimentos haviam sido trancados em algum lugar que ela desconhecia. O único movimento que fez antes de se virar e seguir para a porta de saída foi tocar na barriga. A partir de agora, o seu coração bateria ali.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

— O médico era Mengele. Só vim a saber mais tarde, já a morar no Brasil. Nunca esquecerei aquele rosto... *To-des-engel*. — disse Adele, pausadamente, em alemão, para depois traduzir: — Anjo da morte.

Haya estava ao lado da mãe. Amália permanecia diante das duas.

— Jamais esquecerei também o olhar da minha mãe, naquele momento da separação... — Adele parou por uns instantes. A seguir, continuou: — Porque é que aquele homem nos deu esperança? Porquê?

Pela primeira vez, durante o relato, Adele emocionou-se e secou uma lágrima com as costas da mão esquerda. Amália acompanhou o gesto. A imagem evocou-lhe ela própria em criança. Costumava fazer o mesmo quando se sentia impotente perante uma situação de injustiça. Secava o choro com as costas da mão.

— Eu fiquei cerca de dez meses nos campos, quatro deles em Auschwitz... mas aquele primeiro dia... — Adele voltou a secar os olhos e rapidamente se recompôs. — Quando saímos do banho, fomos enviadas para o bloco C, aquele onde, horas antes, tínhamos visto as húngaras de cabeça rapada, ao atravessar o corredor de terra batida... Agora, nós éramos elas. O nosso barracão era o 11. Parecia uma estrebaria. Não tinha janelas laterais, apenas claraboias, por onde entrava a claridade. Ficámos isoladas das outras prisioneiras por mais de duas semanas, numa espécie de quarentena. Dormíamos em beliches estreitos, sobre estrados de madeira. Em algumas noites, chegávamos a ser dez no nosso estrado. Tínhamos de nos mexer em bloco, sem altura sequer para nos sentarmos... O nosso era o do meio. Entrávamos, uma a uma, agachadas, esticávamo-nos e a seguir subia a outra. Eu e a Eva dormíamos sempre abraçadas.

Adele dormia assim até hoje, com o corpo de Enoch colado ao seu. Não era a paixão que os unia nesse sono encaixado. Tinha um pesadelo recorrente. Olhava-se ao espelho, mas o que via era um ser disforme, um animal que não conseguia identificar. Eva surgia por trás dela e aconchegava-se nas suas costas. Ainda no sonho, Adele fechava os olhos e,

quando os abria, reconhecia o próprio rosto. Era de novo humana. Na vida real, acordava com as unhas cravadas nos braços de Enoch.

— Eu ficava sempre na ponta, juntamente com a minha irmã. As mãos dela protegiam a minha barriga. As outras alternavam cabeça para um lado, pés para o outro.

Adele não mencionou as vezes em que o desconforto do estrado, dos odores, dos piolhos era vencido pelo total esgotamento e ela desmaiava por minutos num sono profundo para acordar, a seguir, e, durante um ou dois segundos, num estado de confusão mental, acreditar que era tudo um pesadelo do qual iria despertar. Mas já havia despertado. O pesadelo era real.

— Cada setor era uma pequena cidade cercada de arame farpado. — Ela acrescentou outro assunto. — Homens e mulheres ficavam separados. A não ser os judeus que vieram de Terezín... Esses ficavam em família. O bloco deles era ao lado do nosso, do outro lado da cerca. Um mês depois da nossa chegada, o setor foi extinto. — Ela volta a ficar em silêncio. — Os ciganos também ficavam em família. Não trabalhavam. Havia muitas crianças no bloco deles. Uma noite, ouvimos gritos desesperados. Não podíamos deixar as barracas, mas, mesmo assim, algumas arriscaram. Havia movimentação dos guardas. As chaminés cuspiam o fumo negro. Na manhã seguinte, soubemos... Foram dizimados.

Havia tanta coisa a contar, pensou Adele, mas que ordem escolher? As palavras bastariam? Contar exigia uma certa lógica. Não existia lógica em Auschwitz.

— O nosso bloco tinha umas trinta barracas... Éramos mais de quinhentas mulheres em cada uma, algumas dormiam no chão. À noite, urinávamos num balde. Não podíamos ir à casa de banho. — Calou-se mais uma vez ao lembrar-se das latrinas.

Dez meses e doze dias a urinar e defecar ao lado de dezenas de estranhos seres carecas, em buracos, sobre caixas que acumulavam fezes, sem papel ou água para se lavar. Dez meses e doze dias com pingos amarelados entranhados na pele, impregnada de cheiros azedos de roupas pouco

trocadas. Dez meses e doze dias de nádegas ressequidas com crostas castanhas e fétidas. Sob as unhas, dez meses e doze dias do gosto de sangue das peles arrancadas na comichão insana de braços e pernas devorados por piolhos inchados. Dez meses e doze dias a desviar-se de corpos moribundos de onde a urina pingava misturada com diarreia. Dez meses e doze dias sem uma torneira que fizesse jorrar abundantemente o líquido que lavaria o corpo e aliviaria a alma. Mas estas são coisas que se conseguem verbalizar? Em Auschwitz, só se ia à casa de banho em horas estabelecidas pelos guardas. E em grupo. Foi assim também na marcha e nos outros campos. Sempre em grupo. Eram memórias pintadas de vergonhas sobre as quais jamais falaria. Havia resolvido à sua maneira. Trabalhara arduamente. Quando a situação financeira da família estabilizou, e eles finalmente compraram o apartamento, a única exigência de Adele foi ter a sua própria casa de banho.

— Havia uma chefe em cada barracão, a *Blockältester*. — Mais um termo que Adele proferiu em alemão. — Muitas eram cruéis, nós tivemos sorte com a nossa. Ela dormia num quartinho à entrada. Era a voz dos guardas. Os SS tinham horror a doenças, circulavam pouco entre nós... mas faziam valer a sua linguagem. Quando estavam perto, ela pontapeava-nos, cuspia, humilhava-nos. — Adele deixou escapar um sorriso amargo. — Ela não tinha escolha... Mas, quando não estavam por perto, deixava-nos em paz. Uma vez, atrasei-me para a chamada. A Eva pôs-se à minha frente. Não precisou de dizer nada... Alguém deveria ser punido. Vi a minha irmã a curvar-se, cair, levantar-se e dar-me a mão. — Adele olhou na direção da janela, como se, assim, pudesse afastar a angústia que aquela recordação lhe gerava. — Como eram torturantes as chamadas. Acordávamos ainda de madrugada, estivesse o tempo como estivesse, e posicionávamo-nos em fila para a contagem. Podia durar duas horas. Ou mais, ou menos. Dependia do humor do comando. Um guarda ordenava que nos dispuséssemos por altura, da mais baixa para a mais alta. Vinha outro e mudava o critério: da mais alta para a mais baixa. Se não fosse a altura, era a idade ou qualquer coisa que viesse à mente do infeliz naquele momento. Isso acontecia todos os

dias... duas vezes por dia. Eu ainda não tinha o número tatuado. — Adele passou a ponta dos dedos na mancha sobre o antebraço. — Os mortos também eram levados para a contagem. Quando a Eva morreu...

— Mãe, não precisas... — Haya interrompeu Adele, tocando ao de leve nos ombros dela.

— Preciso, sim — continuou, com a voz firme. — Ainda na quarentena, soubemos que éramos força de reserva para trabalho — fez uma pausa curta — ou excedente para os crematórios. As chaminés não paravam, dia e noite. Os comboios chegavam com húngaros e mais húngaros. — Adele pontuava as palavras com silêncios curtos. — Precisávamos de ser recrutadas, de qualquer maneira. Foi quando a Haya usou uma das pedras que a Eva havia engolido e defecado logo à chegada... Depois, foi ela a engolir e a defecar as pedrinhas...

Absteve-se de dizer que Haya defecava as pedrinhas na mesma vasilha em que recebia a sopa. Era próprio do ser humano virar a cara e tapar os ouvidos face a assuntos relacionados com dejetos humanos, maus cheiros e tudo o que remetesse à decadência do corpo. A filha atravessava a rua para não ter de enfrentar o mendigo que vivia na esquina. O fedor que exalava tirava-lhe o apetite. Nunca pensara em oferecer-lhe um banho. Adele, ela própria admitia, também se tornara essa pessoa que mudava de passeio.

— Duas coisas punham Auschwitz em movimento — prosseguiu. — Violência e ganância. Isso percebia-se logo, do chefe dos prisioneiros aos guardas. A primeira pedrinha valeu-nos trabalho na cozinha e pôs-nos no fim da fila das seleções para a morte. Também não era preciso andar quilómetros até um local para cavar trincheiras ou partir pedra. — E, dirigindo-se à filha: — Era um trabalho que não te punha em risco. A nossa maior preocupação era contigo! Juntávamos cascas de batatas, nabos velhos, o que quer que pudesse reforçar a sopa. Mas, lá pelo décimo dia... a Eva começou a sentir náuseas... e febre. Logo a seguir, vieram as manchas vermelhas, os delírios... era o tifo.

O tiquetaque do relógio de parede, uma buzina de bicicleta, uma música a escapar-se por uma janela de carro. Sons que invadiram a sala no meio do

silêncio absoluto quando Adele se calou.

— Às vezes, o Mengele, acompanhado de outro médico, visitava as barracas. — Adele seguiu o monólogo sem ordem. — Chegava num carro sem capota. A agitação e o medo espalhavam-se. Os escolhidos nunca mais voltavam. Um dia, o Mengele foi verificar como estava a ser controlado o surto de tifo. Era médico, mas tinha horror a doenças e epidemias. A minha irmã tinha sido dispensada do trabalho. Eu e a Haya trazíamos as sobras para a alimentar... Fizemos de tudo para que não fosse mandada para a enfermaria, de tudo, de tudo! De novo, aquele homem brincava a Deus. Chegou durante o horário de trabalho e decidiu que todas as que estavam no barracão naquele momento seriam levadas para «desinfecção». Quando eu e a Haya chegámos do trabalho na cozinha, ao final da tarde, a Eva já não estava lá. A colher e a vasilha dela também tinham desaparecido. O lugar dela no estrado já estava ocupado. — A última frase foi sussurrada, como se falasse para si mesma.

Naquela noite, Haya pôs a cabeça de Adele no peito e cantarolou baixinho *Yiddishe Mame*. Eva sempre fora a protetora da irmã. A ela juntou-se outra voz e, como uma onda, a melodia foi varrendo cada beliche, até se apoderar de todo o barracão. A *Blockältester* tapou os ouvidos. Naquela noite, Haya e Adele dormiram abraçadas, assim como outras mulheres em volta. Ouviam-se os soluços. Órfãs de mãe, órfãs de filhos, órfãs de irmãs, órfãs de humanidade.

— Ficámos na cozinha até ao início de setembro, quando a chefe do serviço que nos dava proteção foi transferida. Eu estava a entrar no oitavo mês de gravidez. Riscávamos os dias na parede. Eu evitava pensar no parto... Preferia acreditar que os Aliados chegariam antes. Bombardeiros americanos já haviam sobrevoado o campo. Havia informações de que os russos estavam perto de Varsóvia. Os transportes húngaros tinham cessado no início de julho. Ainda chegavam comboios, mas em menor quantidade. Era uma questão de semanas, pensávamos... — Adele agarrou as mãos da filha. — Embora a barriga fosse impercetível, eu temia que alguém me denunciasse. As grávidas eram levadas para o hospital e também para uma

zona do *campo*, ainda em construção, que ficava do outro lado da estrada que levava aos depósitos e aos crematórios. Era a ala III... ficou inacabada.

Um arrepio percorreu o corpo de Adele. Ela escapara às injeções para induzir abortos e às faixas nos seios para as mães judias que davam à luz com a cruel dúvida entre asfixiar os bebés ou ouvir, impotentes, os gritos da fome até que a morte os levasse. Passou as mãos pelo rosto da filha. Se era possível usar a palavra «sorte» para aquele lugar, essa era a única explicação para estarem ali — ambas — vivas.

— Foi quando a Haya decidiu usar a segunda pedrinha. Conseguiu que fôssemos trabalhar nos depósitos para onde seguiam as bagagens dos comboios. Era considerado o melhor trabalho no *campo*. O facto de falarmos alemão trouxe-nos vantagens. Eu tornei-me uma espécie de professora para a encarregada, uma judia polaca truculenta que, muitas vezes, era mais cruel do que os próprios guardas. Em mim e na Haya ela não tocava, e em troca eu ensinava-lhe alemão. Justyna, era o nome dela. — A imagem da *kapo* veio-lhe à mente e Adele pensou, pela primeira vez, na ironia do nome. — Muitos desses encarregados foram entregues aos Aliados e até linchados quando a guerra acabou. Alguns eram tão sádicos quanto os nazis — continuou ela. — Mudámos de alojamento, recebemos outra roupa. Nos depósitos, não se rapava o cabelo e podíamos lavar-nos em banhos improvisados ao ar livre... sob os olhares dos guardas que riam e faziam piadas obscenas. — Pigarreou como se o incómodo da lembrança se manifestasse na garganta. — Mas, isso já era o menos — completou. — Separávamos o que havia de valor. Candelabros, objetos de prata e ouro, moedas, joias escondidas nos forros e nas bainhas. As melhores roupas eram enviadas para a Alemanha. O povo alemão tinha asco aos judeus, mas vestia as nossas roupas, morava nas nossas casas, cozinhava nas nossas panelas, dormia nas nossas camas. Tudo o que pudesse ser aproveitado, em bom estado, seguia para a Alemanha. Tudo o que era de valor enchia os cofres do *Reich*. As roupas velhas, gastas, e os sapatos furados ficavam no *campo*, para os prisioneiros. Também havia alimentos nas malas. Abasteciam os SS. Muitas vezes, os encarregados faziam vista grossa e

enfiávamos o que desse na boca, engolíamos sem mastigar... pão, queijo, salame, conservas, compotas, batatas cruas. Havia de tudo. Só não podíamos sair com nada dali. A revista era rigorosa. Quem fosse apanhado com uma migalha levava vinte e cinco chibatadas.

Adele abanou a cabeça.

— Nem o cabelo mal cortado ou as roupas largas e sujas foram capazes de afastar a beleza da Haya. — Esboçou um sorriso. — Havia um sargento que não tirava os olhos dela... Evitámos tomar banho quando era o turno dele! Em compensação, saíamos com cigarros... e um maço podia valer mais do que ouro nas trocas no *campo*. Eu nunca fumei... Nunca entendi por que razão as pessoas quase se matavam por um cigarro. — Calou-se, ligeiramente perturbada. — As barracas ficavam ao lado dos crematórios. Nos comboios, chegavam judeus de várias nacionalidades... Percebíamos pelas fotografias, diplomas, passaportes, cartas. — Adele baixou os olhos. — Desculpem, eu não consigo.

Amália, em frente, permanecia imóvel, como se, dessa forma, parecesse invisível. Falar sobre os depósitos despertava em Adele, mais do que sensações, a memória do olfato. O ar impregnado de gordura e cabelos queimados turvava os sentidos. Tudo o que tocava, comia, via e ouvia carregava o cheiro da morte. Nos três primeiros dias, ela vomitara sem parar. A vida das pessoas passava pelas suas mãos quando já estavam mortas. Os gritos eram perturbadores. Calavam-se com tiros. Depois, habituara-se. A verdade era essa. Habituara-se. Houve casos, mais de um, de mulheres destacadas para os depósitos que preferiram voltar para as pedreiras a sujar as mãos nos pertences dos mortos. Adele viveria para sempre com a dúvida: se não estivesse grávida, teria agido de forma diferente? Lembrou-se da primeira vez que usou uma roupa íntima das malas. Eram umas cuecas de seda, rendadas na borda. Não pensou duas vezes. A sensação do sexo coberto e protegido, depois de dois meses sem nada além de um vestido velho e a feder, superava qualquer pudor. E assim, diariamente, ou de dois em dois dias, vestia roupa interior limpa. Também foi naquele lugar que, por alguns segundos, se viu enquanto *criatura*

refletida num espelho partido. Falhas no cabelo que crescia sem vigor, olheiras profundas, pele de uma cor que ela não conseguia definir. Não era ela. As outras é que eram assim. Entreabriu os lábios gretados, de um vermelho desbotado. O sorriso de que ela tanto se orgulhava mostrava uma arcada com crostas amareladas e espessas que se esparramavam também pela língua. Eram imagens que morreriam em Adele junto com a despensa a abarrotar de fios dentais e rolos de papel higiénico. A mão pousou sobre o antebraço esquerdo.

— Foram tatuados quando fui convocada para trabalhar na cozinha. — Adele passou os dedos, lentamente, sobre os números borrados. — Os húngaros tinham letras à frente. — Pousou o indicador sobre o «A». — A Eva também teve um número. — Retirou da caixa uma fotografia da irmã muito jovem, antes da guerra, ainda em Berlim. — Esta fotografia sobreviveu com outras da família graças ao tio Franz, que as trouxe quando imigrou... A Eva era tão linda, tinha tantos sonhos. — Acariciou a foto.

Ali, de frente para a filha e para aquela jovem, até há pouco, desconhecida, a parte mais íntima de Adele desnudava-se. Os factos do Holocausto podiam ser pesquisados nos livros, as emoções não. Ela mesma só compreenderia a dimensão de Auschwitz quinze anos depois de ter estado lá.

— Durante o julgamento de Eichmann em Jerusalém, o Rufino, o tal vizinho jornalista sobre o qual já vos falei, procurou-me. — Mais uma vez, Adele retomava o relato com outro tópico. — Nós acompanhávamos pelos jornais. O Rufino tinha chegado dos Estados Unidos e visto algumas sessões transmitidas pela televisão americana. Um nazi era julgado em Israel por crimes contra o povo judeu. Era a primeira vez que as testemunhas, gente que havia passado pelos *campos*, mostravam a cara na televisão para milhões de pessoas. Gente de todos os cantos, diferentes línguas. Pessoas que nunca se tinham visto, nem sequer cruzado, traziam as mesmas recordações do horror. O mundo subitamente queria saber. Não adiantava fugir... Auschwitz encontrava-nos. — Falou mais para si mesma do que para Haya e Amália. — Muitos anos depois, soubemos que Mengele

havia vivido e morrido aqui no Brasil... Não é absurdo?

— Mãe — a filha tocou no ombro de Adele —, eu queria saber mais sobre a Haya. O que é que lhe aconteceu?

Amália encolhera-se no sofá. Iniciara aquela jornada para descobrir o passado da sua família. O que vinha à tona era o motivo de a sua família esconder o passado. Observava aquela senhora de cabelo bem arranjado, unhas bem tratadas, as mãos sobre os joelhos, unidos e ligeiramente caídos para a direita. Talvez por isso fosse tão difícil imaginar que aquele horror existira. Mas existira. Adele sacou outra fotografia da mesma caixa de onde tirara, pouco antes, o retrato de Eva.

— Depois de Auschwitz, fomos enviadas para outros *campos*, até chegarmos a Bergen-Belsen... Aqui, somos eu e a Haya, em Bergen-Belsen, logo após a libertação, em abril de 1945. Os ingleses registavam tudo... É a única foto que tenho desta época. Com a exceção do Enoch, nunca a mostrei a ninguém. — Adele passou os dedos pelo papel desbotado. — A Haya morreu menos de um mês depois. Não resistiu, estava muito fraca. Depois de tudo o que passámos... — Mostrou o retrato à filha.

Dois esqueletos com ossos pontiagudos a atravessar a pele, cabelos um pouco crescidos e ralos, sem corte, rostos chupados, realçando as arcadas dentárias, que sorriam para o fotógrafo. Haya agarrou, por longos segundos, a fotografia. Era como se tomasse contacto com a real circunstância do seu nascimento. Mais do que admiração, uma gratidão emocionada tomou-lhe o peito. A mãe realmente *dera-lhe* a vida, a própria vida. Passou a fotografia amarelada a Amália e abraçou a mãe.

A pessoa à minha frente não pode ser a mesma da foto. Quero acreditar nisso como uma verdade inquestionável. Um saco de ossos, menos de quarenta quilos — trinta e seis, para ser exata, é o que Adele diz —, com a mesma expressão de todos os sobreviventes em fotografias dos *campos*. É incrível a semelhança física que a pobreza, a degradação, a imundície e a violência causam. Todos têm a mesma cara nos seus uniformes encardidos às riscas, costelas à mostra, rostos encovados, cabeças mal rapadas, lábios

sem cor e gretados. O mesmo rosto... até que se conhece um deles. Encolho-me ainda mais no sofá. O olhar que se despede da mãe na fila da morte, que fita o médico algoz, que come restos, que dorme com piolhos é o mesmo que mora num dos bairros mais caros da cidade, tem unhas e cabelos impecáveis e faz as melhores tortas de damasco do mundo. Observo uma e outra. O olhar é o mesmo, na elegante senhora à minha frente e na *criatura* da fotografia.

Depois do encontro com Frida, já de volta a Portugal, enfiei-me na biblioteca da faculdade e procurei jornais de época e artigos relacionados com o Holocausto, no acervo do extinto *Diário de Lisboa*. Li sobre o Tribunal Internacional de Nuremberga e os seus vinte e dois réus. Li sobre as cortes independentes na Alemanha, Hungria, Roménia, Polónia e outros países ocupados. A maior parte dos condenados — soldados de baixa patente e civis colaboracionistas — foi absolvida ou recebeu penas leves. Num exemplar de 11 de abril de 1961, encontrei a seguinte manchete: «Eichmann está a ser julgado sob acusação do assassinio de seis milhões de judeus.» Eu nasci uma década depois desse tribunal. Se aquele mesmo jornal caísse nas minhas mãos antes do encontro com Frida, eu leria a manchete com curiosidade histórica, mas fixar-me-ia noutra chamada de capa, «No Norte de Angola, prosseguem as operações militares», mesmo ao lado da fotografia de Eichmann na prisão, em Israel.

Penso em tudo o que Adele conta. O ser humano não quer saber do que, de facto, acontece na guerra. Se quisesse mesmo saber, aprenderia e não repetiria. Cada guerra é enterrada quando começa outra para fazer esquecer a que a antecedeu. O passado transforma-se em História. Cada geração vive batalhas presentes ou guerras pessoais. A manchete de Eichmann tem a ver com a minha guerra. O meu bisavô apertou a mão a Eichmann. O meu avô, talvez. Adele jamais saberá disso.

Quero saber de Friedrich. Não posso apressá-la. Foi trabalhar para a cozinha graças a Haya e a uma das duas pedrinhas que Eva engoliu e defecou, no dia seguinte à primeira noite. Em Auschwitz, a narrativa de Adele perde a sequência de tempo e espaço. Vai e volta. Adele impregna de

vida — ou apenas existência? — os factos e números que pesquisei. Ganham carne e sangue. Pulsam. Como assim, engoliu e defecou? Engolia e defecava? É demasiado escatológico. Apercebo-me da expressão de nojo no rosto de Haya. Deve ser a mesma do meu.

Adele esteve em Birkenau, mas refere-se ao *campo* como Auschwitz. Birkenau é Auschwitz II, Auschwitz-Birkenau, a dois quilómetros do primeiro *campo*, apenas Auschwitz, onde funcionava a administração. Havia também Auschwitz III — Monowitz —, um campo de trabalho de uma indústria química. Fora os mais de quarenta *campos* satélite. Os moradores de mais de sete vilas foram desalojados para dar espaço aos três *campos* principais. É possível para imaginar o tamanho de tudo aquilo? Birkenau era uma fábrica da morte. Foi lá que construíram quatro câmaras de gás, cada uma com o seu crematório. Era apenas isso que existia lá: barracões a abarrotar de gente e matadouros para a executar. Adele refere-se aos dois crematórios perto da parte do *campo* onde ela ficou. Diz que ficou no bloco C. O bloco C era no setor II. Era o bloco para mulheres judias húngaras «em trânsito». Afundo-me no sofá. As húngaras foram lançadas lá, não há expressão que melhor se encaixe.

Nem todos os que escapavam à seleção para a câmara de gás, à chegada, eram imediatamente tatuados. Foi o que aconteceu a Adele. «Forças de reserva, para trabalho ou crematório.» Reserva de trabalho escravo para Auschwitz ou para qualquer outro *campo*. Como foi feita a tatuagem? Em que condições e local? Era chamada pelo nome, enquanto não tinha um número? São informações que Adele não detalha e eu não ousar perguntar. O facto é que os números estão cravados na pele dela. As *criaturas* descartáveis, paradoxalmente, eram fundamentais para fazer girar a grande máquina chamada Alemanha. A verdade é simples, estúpida e irreversível. Vamos escondê-la nas cinzas.

Adele cita os judeus de Terezín, «ficavam em família». *Theresienstadt*, em alemão. Um gueto numa fortaleza — muitos chamam-lhe *campo* —, nos arredores de Praga. Os nazis disfarçaram Terezín para a visita da Cruz Vermelha. Chegaram a fazer um filme de propaganda com a maravilhosa

orquestra do gueto. Ao que parece, os representantes da ajuda humanitária engoliram a fachada dos bons tratos. Os judeus de Terezín acabaram em Auschwitz. Tudo soa mais absurdo porque tenho à minha frente alguém que existiu nesse período absurdo. Não é uma visita da faculdade aos arquivos da Torre do Tombo.

«As chamadas podiam durar duas horas. Ou mais, ou menos.» Não há sobrevivente que não recorde a *Appell*. Talvez seja uma das maiores demonstrações do absurdo da condição humana — ou melhor, da falta de — em Auschwitz. É a minha opinião. Contar e recontar. Contar e recontar. Agarrar os mortos. Tirar os mortos. Ficar de cócoras ou de braços erguidos, horas a fio. Enfrentar uma jornada de onze horas de trabalho entre as chamadas da manhã e do fim do dia. Todos os dias. Ser mais um ou menos um. Sempre um número.

Também não ousou perguntar a Adele se tem vontade de lá voltar. Questiono-me se eu teria. Os russos chegaram a Auschwitz a 27 de janeiro de 1945, sob um rigoroso inverno de quinze graus negativos. Deparam-se com pouco mais de sete mil *criaturas* — para usar o termo de Adele — moribundas junto a excrementos e corpos que manchavam a neve branca. Um milhão e cem mil pessoas morreram em Auschwitz. Novecentos e sessenta mil eram judeus. Um terço deles, de origem húngara, e chegaram entre maio e julho de 1944. Quatro ganham nome para mim: Eva, Tzipora, Fruma e Samuel. Cerca de sete mil homens e mulheres serviram em Auschwitz. Um deles também tem nome: Friedrich.

Adele cita os depósitos. Provavelmente, na época, chamava-lhes *Canadá*. Era a gíria dos prisioneiros. Talvez não o diga para não ter de se estender em explicações. O setor ganhou o apelido porque o Canadá era considerado um país de muitas riquezas. Na guerra, sobrevive-se sem amor, mas não sem humor. Eram trinta barracões que funcionavam como depósitos de tudo o que vinha nos comboios e que seria enviado para a Alemanha. Os nazis deitaram-lhes fogo quando abandonaram o *campo*, dias antes da libertação soviética. Diz-se que arderam ao longo de cinco dias. Uns poucos resistiram. Num deles, os russos encontraram oito toneladas de cabelo

humano que seriam enviadas a fabricantes de tecidos, cordas, colchões e o que mais se fabricasse com os fios. As alemãs usavam perucas feitas de cabelos das tranças de adolescentes judias. Tudo o que li me revira a mente e o estômago. Adele viveu ali. Os nazis explodiram os crematórios, mas o cheiro dos mortos consumiu as entranhas de Adele. Os mortos vivem nos seus silêncios.

Ela cantarola o trecho de uma música que a mãe lhe ensinou. Uma música em iídiche que a jovem Haya cantou no dia da morte de Eva. Uma música que fala da saudade da mãe. Pousei a fotografia na mesa. Há tantas coisas que quero saber. Quero ter filhos, mas a gestação amedronta-me. O medo das mudanças no corpo, as dores no parto. Mas o lugar de que Adele fala é fora de qualquer normalidade. Não posso deixar de observar Haya. Sem assistência pré-natal, sem vitaminas, sem repouso, sem exames. Não tenho detalhes do dia a dia da grávida Adele, tão-pouco dos sonhos de uma futura mãe de primeiro filho. O mundo que ela narra tem valores únicos e próprios. Ali, mata-se por um cigarro. Adele não compreende o vício. Também não fumo, mas, neste exato momento, anseio, quero muito, lutaria por um cigarro, ou por um uísque, ou qualquer coisa que me entorpeça. Estico os braços e agarro as mãos de Adele. «Como é que o Friedrich participou em tudo isto?» Mais do que uma pergunta, é um desabafo que deixo escapar. Ela responde que ele «foi um anjo com imensas asas que veio à Terra para dar vida à Haya e voar com ela para bem longe daquele inferno». Adele não acredita em homens, acredita em enviados de Deus. E eu? Eu ainda acredito nos homens?

AUSCHWITZ-BIRKENAU, NOITE DE 29 DE SETEMBRO E MADRUGADA DE 30
DE SETEMBRO DE 1944

Pelo segundo dia consecutivo, um transporte com judeus de Terezín estacionava na *rampa* em Birkenau. Depois da seleção de julho, o bloco imediatamente vizinho ao das mulheres húngaras deixara de abrigar famílias do gueto checo. Adele lembrava-se perfeitamente das crianças e dos velhos a abandonar as barracas com a promessa de mudança para campos de trabalho. Parte do grupo foi mesmo. A maioria terminou nas câmaras de gás. Agora, neste final de setembro, os comboios da Boémia voltavam a chegar.

Os transportes da Hungria haviam cessado também em julho. Nunca se trabalhara tanto em Auschwitz como naquelas poucas e longas semanas. Aos húngaros, seguiram-se os polacos. Haya e Adele foram recrutadas para o *Canadá* quando os últimos judeus de Łódź começaram a desembarcar em Auschwitz. Uma única vez, Adele vira, ao longe, a seleção na *rampa*. Porém, estava mais preocupada com a bagagem a ser descarregada dos camiões do que com a angústia alheia. No *campo*, não havia tempo nem espaço para si próprio, muito menos para se colocar no lugar do outro. Os sentimentos que pulsavam nela estavam guardados no útero.

Graças à vista grossa do sargento Fritz — «*minha judiazinha*», assim sussurrava ele ao ouvido da sua eleita, Haya — e às aulas de alemão que Adele oferecia à *kapo* Justyna, conseguiam regalias. Não podiam sair com comida, mas o que importava? Comiam ali o suficiente para se aguentarem de pé. As pessoas que mais importavam a ambas eram elas próprias e o bebé. Todos os outros estavam mortos. Pelo menos de dois em dois dias, trocavam as roupas íntimas. O que Adele fazia era avançar com a gravidez. Não sabia para onde nem até quando. Muitas vezes, perdera a contagem dos dias em Auschwitz. Antes de seguirem para o *campo*, logo que descobriu estar grávida, fizera as contas. O bebé nasceria perto do *Yom Kippur*, a data mais sagrada para o judaísmo. Dia do perdão, em que os judeus jejuam depois de refletirem e de se arrependerem dos pecados para, expiados,

serem inscritos no Livro da Vida. No lugar onde estavam, a palavra jejum soava irônica e de mau gosto, pensou Adele ao ouvir, ao longe, um som que lhe lembrou o toque do *Shofar*.

Dois dias depois do *Yom Kippur*, ela estava do lado de fora do barracão a fazer a triagem de bagagens estampadas com centenas de nomes inscritos, pelo homem, no livro da morte. Pôs a mão nas costas, à altura dos rins. Há uma semana que o incômodo na lombar se intensificara, assim como as cólicas. Mas o corpo habituara-se às dores e movia-se mecanicamente, adaptado às mesmas. Naquele momento, porém, surgiram subitamente mais fortes. Era como se uma força interior lhe sugasse os órgãos. As pernas tremeram.

— Estás bem? — Haya aproximou-se, nervosa, já a amparar Adele, que ameaçava desmaiar. — Precisas de te sentar — disse, enquanto a levava para uma parte menos iluminada, entre duas pilhas de malas.

— Haya, nós não podemos... Se alguém nos vir... Meu Deus, ajuda-me. — Adele mordeu os lábios para não gritar. Curvou-se sobre a barriga e caiu de joelhos.

Daí a poucos dias, completaria quatro meses no *campo*. A gravidez fora um segredo compartilhado apenas com Haya e Eva. Havia outras mulheres na mesma situação, talvez mais do que ela imaginasse. A barriga não era um problema. Naquelas condições, era fácil escondê-la. Até para o banho desenvolvera uma técnica. Mantinha-se encolhida como um animal acoissado. Não havia tempo nem espaço para se reparar no outro. No entanto, mais do que temer uma denúncia e as suas consequências, aterrorizava-a o momento em que já não teria como esconder, nem proteger, o seu filho. Esse momento era o do parto. Não havia para onde fugir.

Adele cerrou os olhos e abriu-os logo a seguir. A expressão no rosto era de sofrimento. Apesar do frio, brotaram-lhe na testa gotas de suor. Mordeu, com força, a gola do vestido. Aos poucos, a tensão na boca, no corpo todo, foi diminuindo e ela soltou o pano. Inspirou e expirou longamente, algumas vezes, enquanto estirava as pernas no chão. Haya secou o suor com o próprio lenço, que desamarrara da cabeça.

— Chegou a hora, não é? — Haya agarrou carinhosamente no rosto de Adele entre as mãos. — Ouve, vais prometer-me que fazes o que eu disser, sem perguntas... Tens forças para andar? — perguntou, enquanto ajudava Adele a levantar-se.

Adele deixou-se conduzir sem interrogações. Estava demasiado cansada para pensar e, naquele momento, o que mais queria era que tratassem dela. Agarrou a mão de Haya e apertou-a com a mesma força daquele junho que parecia tão distante, em Oradea. A menina já não estava ali. Haya transformara-se numa mulher.

— Obrigada, obrigada... — foi só o que conseguiu dizer.

A dor dava sinal de que, em breve, voltaria. As outras mulheres espiavam pelo canto do olho, e uma vez por outra resmungavam. «Voltem ao trabalho», «não vamos pagar pela vossa idiotice». «Calem a boca», «metam-se nas vossas vidas», rebatia Haya, de forma ríspida, enquanto conduzia Adele — os braços em torno da cintura dela — para dentro do barracão.

Adele arrastava-se com dificuldade. Sabia que surgiria a seguir uma nova contração. Mal cruzaram a porta, a *kapo* aproximou-se das duas. Com o cassetete em punho. Haya posicionou-se à frente de Adele e levantou a mão. Alguns rostos viraram-se para a cena. Apanhar pancada fazia parte da rotina. Desafiar a chefe do barracão, não. À medida que a *kapo* se aproximava, o burburinho crescia. O que Haya fizera fora assinar uma sentença de morte. Vinte e cinco chibatadas, no mínimo. Mas a jovem órfã aprendera, em poucos meses no *campo*, o que, em qualquer outra vida, passaria ao largo da sua existência: o poder da pequena autoridade. Naquela hierarquia, Justyna era a mais baixa.

— O sargento Fritz! — mentiu Haya. — Foi ele quem nos chamou!

O nome do guarda ecoou entre as prateleiras e mesas a abarrotar de objetos e roupa. As mãos das outras congelaram por segundos antes de retomarem as tarefas. Adele fechou os olhos e suspirou fundo. A sensação das entranhas a serem sugadas recomeçara. Haya sentiu o corpo da amiga a pesar e, depois de enfrentar o olhar de ódio da *kapo*, seguiu em frente, com

passos firmes. Justyna ergueu os ombros e soltou um sorriso malicioso, ao mesmo tempo que cuspiu no chão à passagem delas. Desta vez, a contração foi mais forte. Haya praticamente arrastava Adele, e ninguém ousava ajudar — continuavam o trabalho como se nada de anormal se passasse. Agora, quem suava, também, era Haya. A sala dos guardas encontrava-se a poucos metros.

Fritz observava os passos curtos das duas com as costas apoiadas no batente da porta e os braços cruzados. Adele contorcia-se sobre o próprio ventre. Ele observava, impassível. À medida que se aproximavam, ele afastou-se do batente, na direção delas.

— *Was ist los?* O que se passa? — perguntou, enquanto acendia, calmamente, um cigarro.

A tranquilidade do sargento contrastava com a tensão estampada no rosto de Haya. Adele mordia o próprio braço para não gritar.

— *Herr Kommandant!* — Era como ele gostava que lhe chamassem, embora não passasse de um terceiro-sargento que chefiava o turno da noite. — Ela vai ter um bebé, precisa de ajuda!

— *Baby?* — Ele deu uma longa baforada, indiferente à mulher curvada à sua frente. — E o que queres que eu faça, *meine kleine jude?* Eu não sou médico! — Esboçou um sorriso enquanto dava mais uma passa, antes de atirar o cigarro, pela metade, ao chão. — Vai para o hospital. — Levantou a mão, fazendo sinal a duas prisioneiras que separavam roupas, indiferentes à cena. — Ei, vocês as duas!

— Eu faço o que for preciso — adiantou-se Haya, sussurrando entre os lábios, para que só ele ouvisse. — Não mande a Adele para o hospital — suplicou.

Haya sabia que aquele momento chegaria, mais cedo ou mais tarde. O seu corpo era apenas mais um corpo de *criatura* — termo que ela também passara a usar para se referir a si própria e aos seres daquele lugar. Se um dia saísse dali, aí sim, o corpo seria novamente seu. E tratá-lo-ia como um santuário. Ali, era apenas um pedaço maltratado de carne. Desde que tinham sido recrutadas para o *Canadá*, o sargento Fritz não tirara os olhos

dela. Era comum chamá-la à sala dos guardas para que lhe limpasse o coturno ou lhe cortasse as unhas. Haya mentira quanto à idade. «Dezassete, quase dezoito», respondera assim que chegara aos depósitos. Tinha medo de que não a deixassem ficar se soubessem que tinha apenas quinze anos. «Eu podia ser teu pai», dissera ele na primeira vez que fora escalada para o turno da noite, «mas não sou», completara, arqueando as sobrancelhas.

Haya evitava, como podia, o turno de Fritz, embora ouvisse piadas e gracejos de outras mulheres sobre o seu excesso de pudor. Ser a preferida do guarda no comando era um prémio. E Fritz realmente fazia vista grossa às roupas que ela trocava com mais frequência do que as outras, à comida que engolia sem mastigar, aos cigarros e outras miudezas — como linhas, agulhas e botões — que furtava sorrateiramente. Coisas que tinham peso de ouro no mercado clandestino do *campo*.

Depois, começaram as chamadas à sala dele para «tarefas especiais». Às vezes, pedia-lhe que esfregasse o chão com uma escova de cerdas duras. Ela, então, punha-se de gatas e limpava cada milímetro da sala. Ele observava em êxtase, caído na cadeira com as botas sobre a mesa. Passou a pedir que ela o olhasse nos olhos. E que respondesse sempre, «*jawohl, Herr Kommandant!*», «sim, senhor comandante!». Numa outra ocasião, ordenou que ela trabalhasse com um vestido bem confeccionado de seda e sapatos de salto alto. Haya ia satisfazendo as fantasias do sargento, mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele pediria algo mais.

Ouvira casos de prisioneiras que «faziam coisas» — que ela não ousava repetir — com guardas e *kaapos*. Outras eram violadas. As leis raciais que proibiam cidadãos alemães de terem relações sexuais com judeus não bastavam para barrar o desejo animal daqueles bárbaros afogados em álcool nos dias de folga. Quando Haya percebeu que a hora do nascimento do bebé se aproximava, subornou a responsável pelo recrutamento do *Canadá*. Pediu que as pusesse, a ela e a Adele, no turno de Fritz. Era lá que estavam desde o início da semana.

— Eu suplico-lhe, *Herr Kommandant*. Faço o que for preciso! — insistiu Haya.

O sargento fez um sinal com a cabeça para que entrassem na sala, que estava vazia, e a seguir berrou:

— Alguma parteira?

O grito difundiu-se pelas mesas e por entre as pilhas de objetos e roupa. Uma mulher mais velha apresentou-se, timidamente.

— Traz panos para não emporcalhar o chão! — Virou-se para Haya: — Tu, vem comigo.

Entre uma contração e outra, Adele respirava ofegante. Mantinha-se em pé graças a Haya. Estava a ponto de desmaiar. De cabeça baixa, sentia o chão girar sob as botas. Antes que Haya pudesse mexer-se, Adele soltou um grunhido.

— Rebentaram as águas! — Apertou o braço de Haya enquanto o líquido escorria pelas pernas. — Por favor, ajuda-me! Haya! — O suor empapava-lhe o rosto.

Haya ignorou a chamada do sargento e, com a ajuda da parteira, deitou Adele no canto da sala. A mulher trouxera panos e uma bacia grande.

— Enche até à borda, por favor — disse, entregando o objeto esmaltado a Haya.

O sargento andava de um lado para o outro, com a boca a espumar entre a raiva e a impaciência. Olhou para Haya e teve vontade de a socar. Não seria repreendido por uma «puta judia» o tentar seduzir e por uma «vaca judia» resolver parir no turno dele, vociferou. Saiu da sala, dando um pontapé na porta.

No barracão, ninguém ousara levantar a cabeça. Havia dezenas de mulheres. Cada uma ensimesmada com a sua tarefa. Separavam utensílios por tipo e roupas por género. Os objetos eram depositados em prateleiras de madeira. Havia os mais visados — metais, pedras preciosas, moedas e notas — e o mais desejado — a comida. Outros guardas estavam espalhados pelas alas a fiscalizar com rigor a chegada das malas do transporte checo e a separação dos pertences. Estavam preocupados em mostrar serviço e salvar a própria pele. Um investigador de Berlim chegara a Auschwitz para apurar as denúncias de desvio de bens de valor. Não era a primeira vez que um oficial de confiança de Himmler aparecia sem avisar atrás dos SS corruptos que roubavam o *Reich*.

O sargento Fritz instruíra os guardas a não furtarem um alfinete que fosse. Daí a nada, o oficial partiria. Por acaso, eram mais ladrões do que a cúpula berlinense que enchia os cofres às custas deles? Não. Eles eram a verdadeira Alemanha. O povo extorquido. Apenas recuperavam o que os

judeus haviam tomado. O sargento estava a sair-se bem na auditoria. Pelo menos, até agora, o oficial não dissera nada. Não seria um parto que lhe mancharia a ficha. *Aquela judiazinha vai receber o castigo merecido*, chegou a gabar-se, para si mesmo, com certo triunfo. *E vai gostar*. Depois, passou a língua pelos lábios, de forma obscena, mordendo a seguir o canto inferior. Esperava que fosse rápido. Nascesse viva ou morta, o destino da criança já estava traçado. Ele não seria punido. Não era responsável por fiscalizar as prisioneiras. Voltou para a sala e abriu a porta bruscamente.

— Despachem-se com isso! — gritou.

Adele agonizava no chão. O rosto vermelho, exaurido. Haya ajoelhou-se por trás, à cabeça de Adele, que estava apoiada no seu colo. Secava-lhe a testa com um pedaço de pano. Ignoraram o sargento, que, uma vez mais, saiu pontapeando a porta.

— Está a vir — sussurrou a parteira. — Vamos, força!

— Vamos, Adele, respira... Vamos, força! — Haya fixou os olhos nos dela. — Vais ter um lindo bebé! Segura! — Esticou-lhe a mão. — Vamos!

Adele arfava, ofegante. Uma dor lancinante descia-lhe pelo ventre. Sentiu a vagina rasgar. Apertou com tanta força os dedos de Haya que a rapariga sentiu vontade de gritar. Mas quem gritou foi Adele. Um uivo que atravessou as paredes da sala e se espalhou pelo barracão.

Num rompante, a porta abriu-se. O sargento Fritz entrou esbaforido. Logo atrás vinha um homem alto, louro, com boné e farda esmerados. Apesar de jovem, era um oficial de alta patente. Percebia-se pelas insígnias.

— Acabem lá com isso! — vociferou Fritz, antes de se empertigar para o capitão: — Senhor, a situação está controlada. — Tentava explicar-se cuspidando uma frase atrás da outra. — A prisioneira ocultou a gravidez. Não houve tempo de seguir para o hospital. Será punida. É contra o regulamento.

As palavras simplesmente atravessavam o homem imóvel à sua frente. Hipnotizado pela cena, o olhar dele encontrou o da mulher, que, subitamente, deixara de berrar, e passou para o minúsculo bebé que escorregava nas mãos da parteira. A mulher virou a criança de costas e

começou a dar-lhe pancadas leves. Primeiro, ouviu-se um grunhido tímido, que logo se transformou num choro potente.

— É uma menina! — A parteira levantou a criança para que Adele a visse.

— Uma menina linda! — disse Haya, interrompida por um sonoro «não» gritado por Adele.

O sargento adiantara-se em direção à parteira. Antes que tocasse na criança, o oficial colocou-se à frente dele.

— Deixe que ela acabe o que tem a fazer. — Apontou para a parteira. — Sugiro que continue o seu trabalho. — Indicou a porta ao sargento.

Fritz lançou um rápido olhar de ódio a Haya antes de levantar o braço direito, bater uma bota na outra e deixar a sala.

O oficial, de costas para as três mulheres ainda no chão, esperou que o sargento cruzasse a porta para tirar o boné. Pousou-o sobre a mesa e, com as duas mãos, ajeitou o cabelo para trás. Antes de se virar, fechou levemente as pálpebras. A pátria vinha acima de Deus e da família. O que o dever o mandava fazer, pela primeira vez, gerava-lhe dúvidas.

O capitão levantou levemente a manga esquerda do uniforme e conferiu as horas. Passava das duas da manhã do dia 30 de setembro.

— Entregue a criança à mãe. — Dirigiu-se com voz firme e precisa à parteira.

A mulher enrolou a bebé num pano e entregou-a rapidamente a Adele. Era mãe. Aquele ser minúsculo viera dela. Contou imediatamente os dedinhos das mãos e dos pés. Tzipora dissera-lhe que fora a primeira coisa que fizera quando ela, Adele, nascera. Haya permanecia ajoelhada atrás dela. Adele endireitou-se, apoiada em Haya, e aninhou a filha no colo. Passava os dedos com suavidade pelas pernas e braços finos como gravetos.

A parteira havia amarrado um fio ao cordão, centímetros à frente do umbigo. Adele agarrou-lhe o braço e agradeceu-lhe com um olhar, sem palavras. A mulher acenou levemente com a cabeça e retribuiu com um sorriso murcho. Não era o primeiro parto que fazia no campo. Conhecia o destino que teria aquela criança. A menina, colada ao peito, sugava avidamente o líquido amarelado que saía dos mamilos. O capitão percebeu que a parteira procurava algo para cortar o fio. Não foi difícil encontrar uma tesoura no armário dos guardas. Havia também uma garrafa de vidro com um líquido transparente. Ele puxou a tampa e cheirou. Era vodka. Deitou o destilado sobre a tesoura e secou-a com o lenço que trazia num bolso da farda. Estava prestes a passar o objeto à parteira quando ouviu a voz de Adele.

— *Ich bin Deutsche.* — Adele encarava-o, num misto de medo e ousadia.

Foi quando os olhos dele encontraram os seus que ela percebeu o quanto ele era jovem. Devia ser da idade de Eva. Visto de baixo, parecia ainda mais alto. Haya e a parteira não se mexiam. Um judeu jamais poderia dirigir a palavra a um alemão sem ser solicitado, quanto mais olhá-lo nos olhos. Em qualquer situação, um judeu tinha a obrigação de manter a cabeça baixa.

— Berlim? — perguntou ele.

— Berlim. Mitte — completou ela, para, de seguida, lhe agradecer: — Obrigada.

— Uma linda menina... — comentou o oficial, enquanto se baixava, ele próprio, para cortar o cordão. — Posso?

Adele mergulhou mais fundo nos olhos dele por um instante e acenou positivamente com a cabeça. Quem era aquele homem? Como é que um oficial nazi se oferecia para cortar o cordão umbilical da sua filha? Naquele instante, Adele acreditou que havia algo maior, além daquele universo.

Haya, estática, mantinha os braços em arco, como uma cadeira onde o corpo de Adele se acomodara. O olhar saltitava entre o capitão e a porta. Enquanto o oficial ali permanecesse, estariam protegidas. Mas, por quanto tempo? Cinco, dez minutos? O facto é que a bebé nascera com vida. Uma menina de choro forte e perfeita. Ela e Adele jamais tinham ousado falar sobre o «depois do parto». Preferiam viver um dia de cada vez.

O capitão ajoelhou-se e, com as mãos um pouco trémulas, por mais que tentasse disfarçar, aproximou a tesoura do cordão. A parteira, de olhos sempre baixos e muda, segurou com firmeza o tecido acinzentado para que ele cortasse. A seguir, juntou a massa avermelhada que fora expelida logo após a bebé nascer e despejou-a na vasilha.

Se fosse possível congelar um momento na vida, o de Adele seria aquele. O ser pequenino, aconchegado no peito. Ela aconchegada em Haya.

— O que vai acontecer à minha bebé? — sussurrou Adele, baixinho, curvada sobre a criança.

Haya ajudou Adele a levantar-se. A seguir, ajudou a parteira a secar o chão. Nenhuma palavra traduziria o sentimento de gratidão. Haya apertou a mão da mulher. Ela tinha de voltar ao trabalho. Daí a pouco, amanheceria e viria a troca de turno. Deixou a bacia com a placenta num canto e saiu. Haya juntou os panos espalhados e colocou-os dentro da mesma bacia. Era de novo a sala dos guardas, não fosse a peça de alumínio com o monte de trapos sujos, as duas mulheres e a bebé.

Adele deu dois passos e manteve a cabeça erguida. Os seus olhos continuavam fixos nos do capitão. Azuis, de céu limpo. Desta vez, a voz saiu alta.

— O que vai acontecer à minha bebé?

Adele agarrou a manga da farda. Mais do que encarar, ela tocara, de forma abrupta e agressiva, no oficial. Sabia das consequências, mas não pensou nelas. Os dois toques na porta fizeram Adele recuar. O sargento Fritz entrou sem esperar resposta.

— Capitão, o senhor deve estar cansado. Não devia ter estes aborrecimentos... Não é para isso que está aqui! — A voz escorregou falsa e adúladora.

Fritz estava cansado daqueles «frangotes de merda», como se referia aos oficiais condecorados de Berlim enviados para supervisionar o trabalho que não tinham estômago para fazer. Não aguentariam um turno no crematório e virariam a cara aos dentes arrancados, ainda com sangue, à raiz. No entanto, o ouro derretido das obturações não lhes fazia mal algum. A guerra estava perdida. E ele levaria o máximo que pudesse dali. Mais valia baixar a cabeça e deixar que o outro pensasse que mandava nele. Se fosse preciso, lambe-lhe-ia as botas.

— Espero que conste no seu relatório que não tive nada a ver com isto. A prisioneira omitiu o seu estado. Não se incomode que, a partir de agora, eu trato do assunto.

A última frase saiu pausada, bem lenta, e direcionada a Haya. Ela desviou o olhar enquanto Fritz caminhava na direção de Adele, que protegeu a filha com o próprio corpo. Antes que ela gritasse, o capitão posicionou-se, de novo, à frente do sargento. Fez sinal para que se aproximasse e murmurou-lhe ao ouvido.

— *Unterscharführer*, vamos simplificar. Desapareça com aquela bacia. Não aconteceu nada esta noite. — Aproximou-se ainda mais do ouvido dele. — Aliás, não aconteceu nada nos últimos dias. Não vi nada de anormal, os livros conferem. O senhor merece uma condecoração. Estamos entendidos?

O sargento Fritz demorou alguns segundos a perceber se aquilo era uma ironia ou não. Vira, mais de uma vez, oficiais de fala mansa estourarem miolos de prisioneiros em tardes de ócio.

O capitão apontou, com o queixo, para o canto da sala. A seguir, fez a

saudação com o braço direito esticado. O sargento respondeu com um mecânico «*Heil Hitler!*» e dirigiu-se, em passos lentos, até à bacia a abarrotar de trapos húmidos que cobriam a placenta. Não disfarçou o asco. Pegou no objeto esmaltado, com as duas mãos, e encaminhou-se para a porta. Foi o próprio capitão que rodou a maçaneta. Ao passar por ele, o sargento ouviu um novo sussurro, baixo, mas claro o suficiente.

— Só mais uma coisa. São minhas prisioneiras.

Fritz virou a cabeça e olhou uma última vez para Haya, com escárnio. Foi como se dissesse «escapaste, judiazinha, mas não de Auschwitz».

Em qualquer outro espaço e tempo, Adele estaria deitada num colchão macio forrado com lençóis limpos e cheirosos, a dormir o sono da recompensa por, durante nove meses, ter sido casa, comida e ar de um ser que se criara dentro dela. Mas, ali? Ali não havia espaço nem tempo para cansaço, exaustão, abatimento. Era um vácuo no mundo.

— O que vai acontecer à minha bebé? — insistiu ela. — Posso ficar com a minha bebé?

A segunda pergunta estava carregada de outra questão: até onde contava com aquele homem? Ela arranjará uma forma de esconder a bebé no barracão. Revezaria turnos de trabalho com Haya. Subornaria a *Blockältester*, as outras *kapos*. Escondera a gravidez até ao parto, esconderia a filha. A estes pensamentos seguiram-se outros terríveis. Os ratos, os piolhos, o inverno que chegaria em breve, o tifo e tantas doenças. Ela já não podia dar à filha a imunidade do útero. Adele baixou o rosto e beijou longamente a testa da bebé.

— Tire a minha filha daqui. É a única possibilidade de ela sobreviver. — Estendeu a criança na direção dele, para logo a trazer de encontro ao peito. — Leve-a para Berlim, por favor! Um velho amigo do meu pai, médico, cuidará dela! — Adele dirigia-se ao oficial sem temor ou reverência.

Só então o capitão parou para fitar a menina. A cabeça recostada no ombro da mãe, aninhada no travesseiro duro dos ossos. Dar vida num lugar que cheirava a morte era tão improvável quanto o leite jorrar do peito murcho. Permaneceu em silêncio por uns segundos que, para Adele, se estenderam como horas.

— Ouça, temos pouco tempo até à mudança de turno. — A resposta veio súbita, enquanto ele procurava uma folha, um pedaço de papel qualquer nas gavetas.

Arrancou uma página de um bloco e passou-a a Adele, juntamente com um lápis de ponta grossa. Ela rabiscou o nome de Christian Werner, do próprio pai e o endereço do apartamento, na Auguststrasse. Pôs também o seu nome e o de Norman.

— Chamo-me Adele Eisen Solber. Não sei onde está o meu marido. — A mão tremia, há meses que não pegava num lápis. — Por favor, salve a minha filha — suplicou.

O capitão dobrou a folha e guardou-a no bolso da farda para, a seguir, levar os dedos, timidamente, à cabeça da bebé, e fazer uma carícia.

— Como é que ela se chama? — murmurou, para não assustar a criança. Desde que Eva morrera, Adele não pensara noutro nome se fosse menina. Quando os seus lábios se abriram para pronunciar o nome da irmã, paralisaram. A imagem de Eva surgiu à sua frente, como num sonho acordado. Eva movia os lábios que Adele se esforçava por ler. «Não... Dá-lhe vida... um nome... vida!» A voz sussurrada de Eva inundou os ouvidos de Adele. Ela fechou os olhos, no meio do delírio, para a seguir os abrir rapidamente. No lugar de Eva, estava Haya, iluminada.

— Haya. O nome da minha filha é Haya. — Estendeu a mão à jovem, que retribuiu com força, como no dia em que se tinham conhecido. — Haya quer dizer vida. — Adele repetiu a frase daquele primeiro encontro.

Haya fungou. Não se importava com as lágrimas que escorriam pelas faces. Depois, beijou delicadamente os dedinhos das mãos e dos pés da pequena Haya.

— Está na hora.

Com a mesma delicadeza, mas firme, foi desenhando a bebé dos braços de Adele. A vida pela qual Adele tanto lutara nos últimos quatro meses vingara. Como ela queria que a mãe, a irmã e o pai estivessem ali! Ou como ela queria estar com eles, noutro lugar que não ali. E Norman? Podia imaginar o rosto dele, ao mesmo tempo aparvalhado e orgulhoso por aquele pequeno ser que levava a sua semente. E os avós? «Mais uma Eisen para deixar o mundo alegre e florido», parecia-lhe escutar o velho Arnold.

— Vais viver — sussurrou Adele, por entre lágrimas, ao ouvido da menina já acomodada nos braços do capitão. — Obrigada. Não tenho palavras para agradecer — disse, depois de dar um beijo longo na barriga da bebé.

— Precisamos de ir. — O capitão ajustou o boné e acomodou, no braço

esquerdo, a bebé enrolada em panos. — Eu prometo-lhe. A sua filha vai ficar bem. Eu prometo.

— O senhor pode dizer-me o seu nome? — perguntou Adele quando ele já deitava a mão à porta.

— Chamo-me Friedrich. Capitão Friedrich Schmidt.

As paredes da sala seriam as únicas testemunhas do que acontecera naquela noite. Friedrich Schmidt era o nome de um anjo que pousara ali, no lugar onde ninguém tinha nome.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

Adele prossegue o relato, mas já não presto atenção. Marcha da morte, campos-satélite, Bergen-Belsen, libertação pelos ingleses, regresso a Berlim, prédio em destroços, chegada a Potsdam, reencontro com a filha. Essa é a história dela. A minha estaciona naquela madrugada de 1944. Jamais saberei o que, de facto, aconteceu a Friedrich. Adele diz que, depois da guerra, tentou encontrá-lo, mas em vão. O tempo passou e a vida seguiu.

Só agora lhe mostro e a Haya a foto que tenho do meu avô. As duas emocionam-se. «Como era bonito... O Friedrich foi um milagre nas nossas vidas.» Adele abraça-me. «Graças a ele, aprendi a não guardar ódio no coração e pude seguir em frente.» Eu limito-me a ouvir. O Friedrich de Adele tem um quê de super-homem. Não é à toa que ela o associa às ideias de «milagre» e «anjo». A descrição do parto de Haya enobrece Friedrich. Destoa do Friedrich atordado que procurou Frida com uma recém-nascida num cesto. Talvez o relato de Adele apaziguasse o coração de Frida. O relato dela, de certa forma, redime o passado nazi da minha família. Gosto de acreditar neste jovem corajoso que arriscou a própria vida pela bebé de uma estranha. Um super-herói que veio ao mundo para salvar a pequena Haya. Depois da missão cumprida, perdeu o cargo e morreu numa emboscada estúpida. Nada digo sobre as cartas de Frida ou da suspeita da minha bisavó de que o filho continuava vivo e era pai de Haya. Frida está morta e de nada valerá passar a Adele as suas angústias. Resta a partitura. Essa, eu tenho de mostrar. Pertence a Haya.

Enquanto ouvia a história, imaginei centenas de teorias para tentar perceber o silêncio de Johannes. Mas nenhuma me satisfaz. Porque é que ele não contou a Adele que era avô de Friedrich? Porque é que não contou a Frida a verdade depois do final da guerra? Ela ter-se-ia orgulhado do filho, o meu pai ter-se-ia orgulhado do pai dele. A nossa história teria sido completamente diferente. Ter um passado nazi é um peso difícil de se carregar. O feito de Friedrich teria aliviado esse peso.

Adele pergunta-me se me importo que ela tire uma fotografia minha com

Haya. Vai pôr no aparador. Também gostaria de uma cópia da foto de Friedrich. Ficarão ao lado do postal que lhe dei, dela com Haya ainda bebê. É curioso que o uniforme da Juventude Hitleriana que tanto me incomoda pareça não perturbar Adele. Talvez porque ela reconheça o homem além da farda.

Faz-me perguntas sobre a minha família. Quer saber tudo sobre Friedrich. Dou respostas evasivas, sei apenas o que Frida me contou. Evito falar da minha própria família. É engraçado que eu tenha criticado esta atitude em Frida e no meu pai. Comporto-me da mesma maneira. Afinal, de que adianta contar-lhe toda a história? Johannes e Frida estão mortos. O meu pai apagou o passado. Nem o sobrenome de Friedrich mantemos. Convidam-me para lanchar. É como se eu fosse da família. Haya também está emocionada. Não há cobranças da parte dela, nem porquê.

«E o meu pai? Ele sabe como foi o meu nascimento?», pergunta Haya. Apercebo-me de que ainda não conheci Enoch. «Sim, decidimos juntos enterrar o passado quando deixámos a Alemanha. O Enoch foi, e é, a minha força. Com ele, descobri o amor, o que é ser de um outro ser. Não teria conseguido sem ele.» Emudece subitamente e pergunto-me se, um dia, compreenderei o que é esse *ser de outro ser*. «O Johannes acolheu-o como te acolheu a ti, Haya.» Vira-se para mim e pensa ler os meus pensamentos. «Não julgue o Johannes. Ele deve ter tido bons motivos para manter este segredo. O que importa é que ele, tal como o Friedrich, salvaram vidas, as nossas vidas. Eles mostraram que um povo é feito de indivíduos. Nem todos os alemães eram nazis.» Adele não transporta rancor na voz. «Eu sou alemã. Antes de ser judia, sempre fui e serei uma alemã. O Friedrich e o Johannes fizeram-me sentir orgulho e esperança, fizeram-me não odiar de onde venho.» Escutar Adele remete-me diretamente para o meu pai. Adele é veemente. Apesar de tudo o que sofreu, tem fé no povo alemão, ao contrário do meu pai, que renega a própria origem. Ironicamente, o Friedrich que inspira Adele é o Friedrich que envergonha o meu pai. Dois lados de um mesmo indivíduo.

«Amália, este é o Enoch», diz Adele, interrompendo as minhas

divagações. É estranho pensar que, durante meses, acreditei que o homem, que agora ganha carne e osso, pudesse ser meu avô. Trocamos um longo olhar. Cumprimenta-me com um leve curvar da cabeça e um sorriso cerrado que não identifico se é de receptividade ou de suspeita. Retribuo e estendo a mão. Adele já lhe adiantou que sou neta de Friedrich e que Friedrich é neto de Johannes. «Eu telefonei para a loja quando fui buscar a caixa», diz, apontando para o quadrado de madeira na mesa. «Tive de lhe contar, senão ele não vinha. O Enoch não deixa o escritório por nada!» Ela encosta a cabeça ao peito dele.

Adele não para. Como um disco de mil faixas, cola um assunto ao outro, sem pausas. Volta a ser a senhora alegre que me recebeu há algumas horas. De um otimismo exagerado, daquele tipo «se a vida te der limões, faz uma limonada». Confesso que sempre achei a limonada algo extremamente ácido, independentemente da quantidade de açúcar. «O Enoch trata de um programa de assistência para pugilistas amadores.»

Explica o trabalho social de Enoch como se fosse o mais importante do mundo. Não para mim. Não absorvo uma única palavra. Enoch é elegante. Viril para a idade. Deve rondar os oitenta anos. Tem olhos azuis, e o que sobrou dos cabelos é rapado rente, com máquina. Os vastos pelos dos braços, ainda bem musculados, denunciam que foi louro. Tal como Friedrich, veste uma camisa polo num tom verde-escuro, de manga curta. Chama-me a atenção, de imediato, a tatuagem no braço esquerdo. Ao contrário da de Adele, não ostenta números. É um pássaro preto, com vastas asas abertas, que ocupa boa parte do lado interior e exterior do antebraço. Repara no meu olhar nada discreto. «Fénix, a ave que renasce das cinzas. Acompanha-me onde quer que eu vá!» Enoch mostra a tatuagem. É linda, respondendo um pouco constrangida. «Acha uma heresia um velho judeu, como eu, ter uma tatuagem destas?»

Antes que eu responda, Adele puxa-me pela mão. «Não lhe ligue! O Enoch gosta de chocar! A Amália não sabe destas coisas!» E explica-me que a *Tora* proíbe que os judeus se tatuem, que façam marcas definitivas na pele. Ao que ele completa, apontando para o número de Adele: «Essa é do

tempo em que Deus não existia.» «Para com as tuas piadas sem graça!» Ela dá um pequeno soco, ao de leve, no braço dele. Dá para perceber que Enoch se ressentia mais do que ela com a perseguição e o antissemitismo. O humor sarcástico parece ser a sua forma de lidar com esse período. «Contas a tua história nos ringues enquanto comemos! Vamos lá?!» Deixo-me levar por aquela sensação de leveza que transmitem as pessoas apaixonadas. Está no tom da voz, na troca de olhares, no jeito como se tocam. Sinceramente, não me pergunto porque é que um judeu, nos seus oitenta anos, traz uma fénix tatuada no braço. Pergunto-me como pode nascer um amor por entre perdas, destruição e dor e manter-se por tanto tempo?

A mesa da pequena sala, separada da sala principal por uma porta de correr, estava posta com muitas guloseimas e belas louças. Parecia montada para um artigo de revista. A famosa torta de damascos, ao centro, cortada numas vinte fatias. Amália percebeu logo que a divisão era o antigo escritório da casa. Ao fundo, uma estante de madeira maciça com livros dispostos sem qualquer ordem. Romances, biografias e cadernos de receitas misturavam-se com fotos de Haya adolescente, e também dos netos, dois rapazes. O escritório certamente mantinha a mesma decoração de há décadas, acrescido da mesa redonda que acomodava facilmente oito pessoas. Na parede que fazia canto com a estante, um piano, de madeira escura, chamou a atenção de Amália. O antigo banquinho, encostado ao lado, servia de apoio para revistas. Não havia partituras sobre o tampo. Parecia mais um móvel abandonado do que um instrumento em uso. Antes que Amália pudesse perguntar quem o tocava ou em tempos tocara, Adele puxou-a para a mesa.

— Sente-se perto de mim! — Adele conduziu Amália para a sua direita.

— Foi uma tarde de revelações... — Enoch, já sentado à esquerda de Adele, agarrou-lhe a mão e voltou-se para Amália. — Ora bem! A tatuagem é resultado de uma aposta. Eu interessei-me pelo boxe muito jovem, aos onze anos, quando vi lutar, pela primeira vez, Max Schmeling, o Ulano do Reno. Ele tinha acabado de se mudar para Berlim. Eu jurei que seria como ele.

Enoch contava a história da lenda do boxe alemão de quem Amália nunca ouvira falar. Não era um desporto que a atraísse minimamente. O tal Schmeling, além de ter conquistado o título mundial dos pesos-pesados, derrotara o famoso pugilista americano Joe Louis. De início, ela mantinha aquele meio-sorriso de quem ouve por mera educação, mas, aos poucos, foi-se interessando.

— Quanto mais crescia nos ringues, mais os nazis o idolatravam! — Enoch simulou um soco no ar. — Ulano tornou-se um troféu para Hitler e os figurões do partido. Era exibido como o ideal da raça ariana! Mas não

era um porco fascista, nunca se filiou. Só que, em 1938, perdeu a luta de desforra contra Louis... Os nazis chegaram a interromper a transmissão! Foi uma vergonha para o *Reich*... — Enoch aponta para a tatuagem. — Mas não para mim. Eu tinha vinte e um anos na época. Um judeu de origem polaca criado em Berlim... Nunca pude participar numa competição oficial... Eu sabia o que era ser odiado... Foi então que tatuei a fénix... Eu tinha a certeza de que Ulano, como eu, jamais se deixaria abater. Ele foi enviado para a frente de batalha e sobreviveu! — A seguir, levantou-se e retirou, de uma gaveta, um recorte de jornal com uma reportagem sobre o pugilista. — Mas a sua grande vitória não foi essa! Muitos anos depois, ficámos a saber que ele tinha desafiado o *Reich* ao ajudar os filhos de um amigo judeu a abandonarem a Alemanha depois da Noite dos Cristais, e era preciso coragem para isso na época. Ingleses, americanos... O mundo baixava a cabeça diante do *Führer*! O próprio Schmeling nunca relatou o feito. Nunca se gabou... e durante muito tempo foi estigmatizado como um símbolo do nazismo. — Neste momento, arqueou as sobrancelhas. — Talvez se questione porquê... Porque é que Schmeling nunca contou a sua própria história? — Ergueu os ombros como resposta e espetou um pedaço de torta com o garfo. — O que importa é que sobrevivemos... e recomeçámos! — Enfiou o pedaço na boca e mastigou com prazer. — Os anos passam, mas a torta de damasco da Adele continua igual e a melhor do mundo!

Amália também partiu um pedaço e levou-o à boca. O que queria Enoch dizer com a história do pugilista? Frida, Adele e, agora, Enoch entravam na sua vida de forma repentina e, ao mesmo tempo, enigmática. Falavam por entrelinhas que Amália ia, aos poucos, desvendando. Talvez se referisse a Johannes. Porque é que nunca contara a sua história? Adele, por sua vez, queria saber mais de Frida.

— Lamento imenso não ter conhecido a sua bisavó e ter-lhe dito que o filho dela foi um herói! Nunca hei de entender por que razão o Johannes nunca nos contou nada.

— A Frida também adoraria conhecê-la — disse Amália com pesar, após

o que se voltou para Enoch. — Eu gostaria de saber mais sobre o Johannes... Como era ele?

— O Johannes era um homem de muita coragem e honra. Acolheu-me arriscando a própria vida. Passei a guerra a fugir, escondendo-me, roubando para comer... Ele deu-me teto e proteção, sem julgamentos ou cobranças. O que mais posso dizer? Jamais poderei descrever com palavras o que ele fez pela nossa família. O Johannes... e o seu avô. — Era a primeira vez que Enoch se referia diretamente ao assunto que levava Amália àquela casa. — A Adele contou que chegou até nós através de uma dedicatória numa fotografia, dela com a Haya ainda bebê... que estava com a sua bisavó... Como?

— Acho que a Frida saiu ao pai... Era cheia de mistérios... — respondeu Amália, reticente. — A foto estava numa caixa que lhe foi enviada depois da morte do Johannes, na década de sessenta... Foi o que me contou. — Enfiou mais um pedaço de torta na boca para ganhar tempo. — O importante é que nos conhecemos e eu pude saber do feito do meu avô.

Amália sentiu, naquele instante, uma profunda ligação a Frida. Não iria falar das cartas enviadas para o Brasil, muito menos da esperança da bisavó de que Friedrich estivesse vivo. A suspeita fora por água abaixo. Frida também não teria do que se culpar, a recém-nascida sobrevivera. Amália descobrira a verdade, cumprira o prometido. Talvez fosse o momento de mostrar a partitura, pôr um ponto final naquela história e seguir com a vida em frente. Cada um parecia mergulhado em diferentes pensamentos. Por uns segundos, ouviu-se apenas o barulho dos talheres, do mastigar, das interjeições elogiosas às delícias servidas, como se tudo de importante já tivesse sido dito.

Enoch viu as horas e pediu licença. Tinha de fazer um telefonema rápido a um fornecedor. «E você, não saia daí!», disse Adele, de uma forma carinhosa, quando Amália fez menção de se levantar, insinuando que era hora de ir. *É melhor deixar a sonata para outro momento*, pensou, *já foi muito para uma tarde*. Iria esperar pelo regresso de Enoch e despedir-se. O que ela precisava era de um bom banho, uma dose dupla de uísque e cama.

— E o piano? — perguntou para matar o tempo. — Toca, Adele?

— Não. É o Enoch quem toca! Tocava todos os dias, quando a Haya era criança. Mas ela cresceu, mudou de casa... — Agarrou as mãos de Amália. — E você tem mãos de quem toca!

— Sim — respondeu Amália. — Desde pequena... Está afinado? — Apontou para o instrumento.

— Creio que sim... — titubeou Adele. — De vez em quando, a namorada do meu neto aparece por aqui e dá umas dedilhadas! Engraçado... — recordou, saudosa. — De repente, veio-me à imagem a casa do Johannes... Havia um piano na casa... — E, enquanto retirava as revistas e libertava o banquinho, sussurrou: — Vamos, Amália, toque algo para nós!

Amália engoliu em seco. Era um sinal de que não deixaria para depois. Tocaria, finalmente, a *Sonata para Haya*. O legado de Friedrich. Levantou-se e dirigiu-se ao piano. Ergueu a tampa e, da mesma forma que fizera em casa de Frida, meses antes, abriu bem os dedos, esfregou uma mão na outra e, a seguir, nas coxas, num misto de ritual e aquecimento. Não precisava da partitura que estava na mochila. Sabia-a de cor. Surgiu a primeira nota, a segunda, a seguinte. Desde logo, a melodia envolveu a sala. Haya levou as mãos ao rosto. Ela, que se mantivera praticamente calada durante todo o tempo, manifestou-se.

— De onde conhece esta música?! — exclamou, surpresa. — É a minha música!

Parou subitamente de tocar. Sim, a música é dela, tem o seu nome! Como é que Haya sabe que é a sua música? Ela olha para a mãe, assim como eu. Mas a expressão de espanto no rosto de Adele também pede respostas.

«Quando peguei ao colo na Haya, pela primeira vez, mal cheguei à casa do lago, ela assustou-se e começou a chorar... e foi assim ao longo de noites e noites. O Enoch sentava-se ao piano ou simplesmente cantarolava a melodia... e ela ia-se acalmando, aos poucos, até cair num sono tranquilo, aninhada no meu peito.» São mais de cinco décadas e a lembrança está bem viva. «Pequena Haya, dizia ele, esta é a tua música.»

Sinto um aperto na garganta, a subir-me até aos olhos. «Desculpe, eu...», e saio da salinha e corro para a casa de banho. Deito água no rosto, como nos filmes. De nada adianta. Vejo-me ao espelho. É um choro daqueles que vêm aos espasmos, a par de uma falta de ar e de uma expressão de riso histérico. Patético. Sinto-me, de certa forma, traída! Então, Enoch sempre soube da sonata? Haya ouviu-a a vida inteira?! «Por favor, Amália», sussurro baixinho, «deixa de ser ridícula.» Isso devia deixar-me feliz. Foi para ela que Friedrich a compôs. Com certeza, foi Johannes que a ensinou a Enoch. Mais do que traição, sinto raiva. Não é só por Friedrich ter abandonado o meu pai, o seu próprio filho — isso já seria muito. Mas porque compôs ele algo tão belo para uma desconhecida? Haya não era sua filha. Adele viu-o, apenas, uma única vez! Para elas, Friedrich existia apenas como o «milagre que salvou Haya de Auschwitz». Sinto raiva também de Johannes. Foi ele quem apagou a existência de Friedrich. Estranhamente, essa sensação ajuda-me a recompor-me. Atiro novamente água ao rosto. Seco-o com a toalha. Respiro fundo algumas vezes. A calma regressa. E eu retorno à salinha, já com a partitura na mão.

O rosto inchado era visível. Amália pouco se importava. A tarde estendia-se por um labirinto que, a cada curva, apontava um novo caminho. Enoch regressara à salinha. A verdade é que desligara o telefone assim que os primeiros acordes tinham soado pela casa. E vira Amália passar apressada para a casa de banho. Agora, estavam ali, frente a frente. Amália mostrou a partitura. Aproximou-se de Haya.

— Tem razão. É a sua música. Foi composta especialmente para si pelo meu avô... Friedrich. — Apontou para o título. — *Für Haya*... Para Haya — e calou-se.

Haya acariciou as páginas amareladas. Passou os dedos sobre as notas como se, assim, pudesse sentir o momento em que tinham sido escritas. Olhou para Adele e, a seguir, para Enoch. Ele baixou a cabeça.

— Pai, sempre soubeste, não é? Porque é que nos mentiste? — perguntou Haya, num misto de revolta e tristeza.

Adele atropelou a fala da filha. O que sentia era decepção.

— Eu sempre confiei em ti... — A decepção dava um tom amargo às palavras. — Porque é que nunca me contaste? O que mais escondes, Enoch? — Sustentava o olhar fixo no dele, que permanecia calado. — Foi preciso aparecer a Amália? Porque é que nunca te abriste?! — O silêncio dele só exacerbava a reação de Adele. — Porque é que não dizes nada?! — Elevou o tom de voz. — Foi o Johannes que te ensinou a tocá-la! E é a música que toda a vida tocaste! — Arrancou a partitura das mãos de Haya e abeirou-se dele. — Porque escondeste isto de nós, de mim? — Ela suportaria tudo, menos perder a confiança em Enoch.

— Adele, Enoch, Haya... — Amália procurava as melhores palavras. — Eu não tive a intenção de os perturbar! Eu jamais poderia imaginar... Eu... A Frida mostrou-me a música antes de revelar que foi composta pelo Friedrich... Eu emocionei-me imenso... A minha intenção foi das melhores... Eu iria contar-vos, mas queria que sentissem o que senti... — Tentava explicar-se em vão. — Peço desculpa.

Adele agarrou os ombros de Amália de forma carinhosa e pediu que se

calasse.

— Minha querida, desculpas porquê? Quem lhe deve explicações somos nós! — Voltou-se para o marido. — Enoch, precisas de dizer alguma coisa!

Foi a vez de Enoch pegar na partitura e passar lá os dedos. Johannes ensinara-lhe a música nota a nota, nas próprias teclas, que ele decorou até incorporar. Amália chegara como uma arrombadora de cofres. Será que conseguiria abrir todos? O que procurava ela tanto? Cada camada arrancada daquela história desnudava as pessoas em torno de Friedrich, mas não ele. Enoch aproximou uma cadeira do piano e sentou-se ao lado de Amália. Depois, virou-se para Haya.

— O Friedrich compôs a sonata logo após o teu nascimento. Ele salvou-te a vida, mas tu, de certa forma, também salvaste a dele, pelo menos naquele momento.

IV
JOHANNES

POTSDAM, NOVEMBRO DE 1944

A noite fria daquele início de novembro prenunciava mais um rigoroso inverno. Johannes, com o ouvido encostado à caixa de madeira sobre o aparador num canto da sala, girava o botão vagorosamente à procura da faixa da rádio inglesa. Sintonizou a transmissão. Uma voz grave, misturada com ruídos de estática, atualizava o avanço aliado. Há muito, ele deixara de temer a patrulha nazi. Tinham mais que fazer do que vigiar um velho que vivia isolado numa casa no lago. Sentou-se colado ao rádio, a mão em concha atrás da orelha direita, para captar melhor o que o locutor dizia. «Tropas britânicas perseguiram as forças alemãs em retirada, no extremo norte da Grécia, e alcançaram Salónica, a cidade mais importante a seguir à capital Atenas.»

— *Meine kleine Haya*. — Com a outra mão balançava delicadamente o berço. — Os ingleses estarão aqui antes que comeces a balbuciar! — A menina dormia profundamente, alheia ao chiado do rádio. — Ouve! — Pôs o indicador na frente dos lábios. — Ouviste? Caças britânicos atacaram Colónia e Hamburgo... e o general De Gaulle pediu que os filhos e filhas dos que morreram nos combates levem a cabo a tarefa de lutar pela grande França! — Falava para a pequena, embalada no sono.

Decorрera pouco mais de um mês desde que Friedrich — o neto que ele não via há mais de uma década, desde o corte de relações com a filha, quando o rapaz ainda era uma criança — batera, já homem feito, à sua porta segurando a recém-nascida. Criara o hábito de conversar com a menina, mesmo que fosse um monólogo. Ficara viúvo cedo e não voltara a casar. Preferia os animais aos humanos. Nos últimos treze anos, *Moby*, um braco alemão de pelo rijo, era a única companhia na imensa casa de frente para o lago. Substituíra *Wurst*, um *dachshund* castanho, que vivera mais de quinze anos. A menina fora, de certa maneira, uma imposição. Embora não admitisse, Johannes já se afeiçoara a ela.

Aproximou-se da lareira, onde o velho cão se esparramava num cobertor coçado, e atirou um toco de lenha, atijando as brasas avermelhadas. A

chama rapidamente cresceu na madeira e clareou a sala.

«A campanha da frente ocidental deve prolongar-se pelo inverno. Os exércitos aliados encaram com serenidade tal perspectiva. A neve já cai em alguns locais. O abastecimento às tropas constitui um problema mais grave do que o mau tempo.» A voz do locutor ecoava, arranhada pelo chiar do aparelho.

— Mais um inverno, meu velho... — Afagou a cabeça do cão, antes de se sentar na poltrona ao lado do berço. — E o teu primeiro inverno... — Verificou a manta que envolvia a bebé. — Mas estás bem agasalhada!

Quando o noticiário acabou, Johannes desligou o rádio e dirigiu-se à cozinha. «Um chá quente cairia bem», pensou. *Moby* sacudiu as orelhas, esticou as patas e seguiu o dono. Antes de deixar a sala, o cão aproximou-se da porta lateral, que dava para o jardim, e, atento a algo lá fora, arranhou insistentemente o vidro com a pata. Johannes observou a cena, para a seguir o chamar.

— *Moby*, aqui! — Fez um sinal com os dedos para que o cão o acompanhasse.

Antes de abrir a porta da cozinha, pegou na espingarda que descansava no aparador do *hall*, no casaco e no cachecol. Era uma noite escura, mas estava habituado ao breu. Circundou a casa, pisando a relva com leveza. O cão acompanhava-o no mesmo ritmo. Sem fazer barulho, aproximou-se da garagem dos barcos. A porta estava entreaberta. *Moby* arrancou à frente, farejando. Johannes empurrou a porta com o pé ao mesmo tempo que acendeu a luz para, a seguir, empunhar a arma.

— Quem está aí? Apareça!

Não havia onde alguém se esconder além do pequeno barco a remos tapado pela lona. O resto do espaço estava ocupado por ferramentas de jardinagem e carpintaria.

— Vamos! Saia ou disparo! — disse, enquanto destravava a espingarda.

Imediatamente, a lona mexeu-se. Dois braços ergueram-se no ar. O cão latiu e mostrou os dentes.

— Não dispare! Não estou armado!

— Um passo em falso e rebento-lhe a cabeça. O que é que quer? — Johannes mirou a testa do homem e, a seguir, falou para o cão, sem se virar: — *Moby*, quieto!

— Por favor, eu só preciso de abrigo... Uma noite que seja. E de um prato de comida — respondeu, ainda com os braços para cima. — Chamo-me Enoch, Enoch Solomon. Sou alemão, mas venho da Polónia. Estou a caminho de Berlim.

Johannes baixou a arma. Enoch baixou as mãos para que o cão as cheirasse. A seguir, afagou a cabeça dele. O cão abanou o rabo.

— A mim, até poderia enganar-me... mas não ao *Moby*. Venha. — Indicou a porta para que Enoch seguisse à frente.

Atravessaram o jardim. Ao rodar a maçaneta da porta dos fundos da casa, Johannes ouviu o choro da bebé. Seguiu para a sala com a espingarda a tiracolo e retirou Haya do berço.

— Minha querida... O avô está aqui...

Johannes encostou-a ao ombro esquerdo, dando-lhe palmadinhas leves nas costas enquanto cantarolava uma melodia desconhecida. A menina adormeceu de pronto e foi de novo posta no berço.

Enoch acompanhou a cena em silêncio. Sentaram-se à mesa da cozinha. Johannes abriu uma lata de carne, que despejou para um prato fundo. Pôs, ao lado, pão e queijo. Tirou a rolha da garrafa de vinho e serviu dois copos. Enoch, primeiro, devorou a carne. Não comia há mais de vinte e quatro horas. Saciada a fome, sorveu um gole grande da bebida.

— Você é judeu, não é? — Johannes foi o primeiro a falar.

O outro assentiu com a cabeça.

— Fui deportado com os meus pais para a Polónia, antes de a guerra começar. Fomos mandados para Łódź, cidade natal deles, e minha também. Só que fui criado em Berlim. Quando a minha família imigrou, eu tinha três anos. Em fevereiro de 1940, fugi quando recebemos a ordem para seguir para o gueto. Juntei-me aos *partisans* e, desde então, vivo nas florestas... — Fez uma pausa. — Há umas semanas, os meus companheiros foram apanhados por uma patrulha alemã... Fui o único a escapar... Desde então,

escondendo-me nas matas como um lobo...

— ...e veio justamente para a toca dos leões? — questionou Johannes, sem ironia.

Enoch demorou a responder.

— Eu não tinha para onde ir. — Levantou a manga da camisa; o casaco, ele já havia despido. — Antes de tudo isto começar, eu era pugilista, em Berlim. — Indicou a águia. — Homenagem a Schmeling. Em breve, os russos tomarão Varsóvia... e não vão demorar a chegar aqui. As tropas alemãs não aguentam outro inverno. — Bebeu mais um gole de vinho. — E os russos... Os russos vêm com Estaline. — Os olhos encontraram os de Johannes. — Eu quero ir para a América.

Johannes tornou a encher os copos e beberam em silêncio.

— Pode dormir na casa dos barcos esta noite. Tem lá um colchão. Vou arranjar-lhe uma manta — disse, já a levantar-se. — Não acenda a luz, não faça barulho.

Voltou pouco depois com dois cobertores, um travesseiro e um pequeno candeeiro. Enoch agradeceu e atravessou a porta para a noite escura. Johannes acompanhou a luz fraca que seguia pelo jardim até desaparecer na construção de madeira à beira do lago.

Quando Johannes se levantou, na manhã seguinte, e olhou pela janela do quarto, a relva estava cortada e as folhas tinham sido recolhidas do jardim. Os pés do banco de madeira junto à margem do lago também haviam sido afixados. O local, nos fundos da propriedade, era isolado dos vizinhos. Não havia casas na outra margem, apenas bosque. Observou o rapaz que, naquele exato momento, consertava a janela emperrada da garagem dos barcos. Devia ser da idade do neto, pensou. Não tinha notícias de Friedrich desde aquela sexta-feira de outubro em que ele partira disposto a ir buscar a mãe da menina. Frida aparecera, uma vez, no portão da mansão. Pouco antes de Enoch chegar. Foi a primeira e única vez que viu a filha em mais de dez anos. Ele permaneceu escondido atrás da cortina. Ela não tocara a sineta que há décadas anunciava a chegada de um visitante.

O rapaz ficou por mais uma noite. No dia seguinte, cortou lenha, arrumou os toros e reforçou as tábuas do soalho da sala que estavam a levantar. Havia muito a fazer na casa. Assim, foi ficando dia após dia, para ir terminando mais uma e outra tarefa. Passou a dormir na cave. Todas as noites jogavam às cartas depois de Enoch dar o biberão à bebé e Johannes tocava, ao piano, a mesma música, sempre. Quando deram por ela, já era dezembro.

POTSDAM, DEZEMBRO DE 1944

Enquanto Johannes aquecia água para o chá, Enoch foi até à garagem dos barcos à procura de lenha armazenada. As galochas afundavam-se na neve que cobria o jardim. O céu cinzento servia de aviso para mais um dia curto de inverno. Ouviu a sineta do portão da frente vibrar três vezes. Estugou o passo e escondeu-se na casinha.

Johannes espreitava pela janela da cozinha. Esperou que Enoch desaparecesse e dirigiu-se à parte da frente da casa. Não abriu o portão, limitou-se a retirar um envelope das mãos de um rapaz jovem que, logo a seguir, partiu apressado. Abriu-o ali mesmo. Leu o conteúdo e ficou imóvel, indiferente aos flocos finos que salpicavam de branco o boné e o casacão de lã. Regressou a casa caminhando lentamente, como se transportasse chumbo nos pés. Quando Enoch entrou, Johannes estava sentado, na cozinha. Os braços tombados sobre a mesa e o olhar vazio a fitar o nada. Sobre o tampo da mesa, uma folha de papel caída ao lado de um envelope.

— Sente-se bem? — Enoch tocou-lhe no ombro.

Johannes virou-se e apontou para a folha.

— Sente-se. Temos muito que conversar. É sobre a Haya. — Fez uma pausa. — Já reparei no enorme carinho que nutre pela menina e agradeço-lhe por isso. Agradeço, também, a sua descrição. Nunca me perguntou nada sobre ela, nem sobre mim. Pois bem, há coisas que preciso de lhe contar. Estou velho. Esta guerra vai acabar em breve e preciso que me prometa que, se me acontecer alguma coisa, vai cuidar desta criança até que a mãe dela apareça ou... — parou subitamente, retomando com ênfase — ...ou não.

Johannes pegou no bilhete caído na mesa e leu-o, só para si, uma vez mais.

— Enoch, sou viúvo há muito tempo, já perdi a conta aos anos... O meu filho pôs-se a andar antes de a guerra começar, fugindo ao alistamento. Um aventureiro. Morreu num país de África. Nunca fomos próximos. Já a minha filha Frida... era a minha joia. Entreguei-a a um porco desgraçado. Um homem medíocre, mas rico na época... Envergonho-me. Esse homem

tornou-se um nome do primeiro escalão do *Reich*: *Obergruppenführer* Hans Schmidt, um capacho de Hitler. Afastei-me da Frida quando os filhos dela ainda eram pequenos. Eu era muito ligado ao meu neto, Friedrich. Era um rapaz sensível, adorava música... — Calou-se por um instante. — Pois bem, esse rapaz tornou-se capitão da Luftwaffe, piloto condecorado. Depois de ficar ferido em combate, não pôde voltar a voar. O meu genro, o verme nazi, inseriu-o no círculo restrito da cúpula do governo. Foi enviado para uma missão num campo de trabalho na Polónia... O inferno na terra, foi como definiu o lugar quando me procurou, há pouco mais de dois meses. Eu não o via desde que era um miúdo de calções. Tornou-se um homem alto e forte. Trazia, num cesto, a pequena Haya, então com dois dias de vida. — Calou-se uma vez mais. — Uma menina judia que ele viu nascer, literalmente. O parto aconteceu à frente dele.

AUSCHWITZ-BIRKENAU, MADRUGADA DE 30 DE SETEMBRO DE 1944

O capitão Schmidt estava na Polónia há menos de uma semana. Instalara-se numa casa pequena, ao fundo de um terreno murado, na separação entre duas vilas, a cerca de quatro quilómetros do centro administrativo do *Lager* de Auschwitz. O *campo* crescera tanto que se tornara um complexo com três instalações principais e dezenas de subdivisões. Recebia prisioneiros de toda a Europa, que se transformavam em mão de obra escrava para o *Reich*. A bagagem desses homens e mulheres era confiscada logo à chegada, o que fazia de Auschwitz uma fonte permanente de riqueza e, ao mesmo tempo, de tentação.

A batalha que Friedrich ali fora travar era bem diferente daquela a que estava habituado. Era um homem do ar, da ação. Combatera o inimigo na linha da frente. Era um milagre ter sobrevivido ao caça abatido. Mas essa sobrevivência tivera um preço. Com apenas vinte e quatro anos de idade, por causa das sequelas no olho, nunca mais voltaria a voar. Agora, prestava serviço à tropa de elite. O próprio chefe da SS convocara-o.

Um ano antes, fora destacada uma comissão para Auschwitz a fim de apurar suspeitas de roubo e fraude depois de um pacote, enviado por um oficial da SS à mulher, ter sido aberto por funcionários da alfândega. Dentro, seguia um bloco grande e disforme de ouro fundido, provavelmente dos dentes de prisioneiros. Himmler designara a comissão, chefiada pelo juiz Morgen, para apurar o caso e deixar claro aos oficiais e funcionários do *Lager* que os bens dos reclusos eram propriedade exclusiva do *Reich*. Os desobedientes seriam tratados como traidores e levados a tribunal. A investigação prosseguira ao longo de meses, mas, na prática, as detenções e penas acabaram por ser mais pequenas e mais leves do que as ameaças. Em junho, chegara-se a cogitar o alargamento da investigação, já que os comboios húngaros haviam rendido menos do que o esperado.

Oficialmente, Friedrich fora enviado para investigar desvios nos transportes da Hungria e esmiuçar as constatações de Morgen. A sua missão era observar. Um olheiro solitário de Berlim. No fundo, suspeitava que

Himmler o destacara mais para agradar ao pai, Hans Schmidt, do que propriamente para desmascarar corruptos. Isso foi algo que percebeu no primeiro dia em que pisou o *campo*. Registos adulterados, oficiais bêbados, pilhagens à vista. Tudo ali estava à mostra. Desde que chegara, estivera duas vezes no segundo *campo*, Birkenau, onde os comboios chegavam ao fim da linha a abarrotar de gente. «Isto aqui é, literalmente, o *anus mundi*», ouvira da parte de um oficial quando, instintivamente, levou um lenço ao nariz para conter a repulsa que aquele lugar inspirava.

Entre saber o que se passava naquele vasto terreno cercado e testemunhar o que, de facto, acontecia, havia um caminho dúbio que envolvia bloquear emoções e sensações e pensar com a razão. Os judeus constituíam o maior número dos reclusos. O jovem capitão sabia o que os judeus haviam feito à Alemanha. Ele crescera num país humilhado pela Grande Guerra e destruído pela ambição e traição semita. No entanto, após a primeira visita a Birkenau, onde as bagagens eram armazenadas para a separação dos objetos, a visão dos corpos esqueléticos cobertos de feridas, a caminho das chaminés que cuspiam um fumo espesso e escuro, provocara-lhe interrogações e, à noite, pesadelos. Mas ele não estava ali para pensar ou sentir. A sua missão era desvendar ações corruptas de uma corja que manchava a dignidade do *Reich*.

Chegara um comboio da Boémia no dia anterior. Passava da meia-noite quando Friedrich rodou a chave na ignição e seguiu pela viela estreita e cercada de árvores até desembocar na estrada que o levaria a Birkenau. Optou pelo trajeto pela rua Legionów, onde ficava a casa do comandante. Diminuiu a velocidade. A casa estava às escuras. Contornou o primeiro *campo* e seguiu para o segundo, a menos de três quilómetros dali. Entrou pelo portão secundário, que o levaria diretamente ao *Canadá*.

A visão lúgubre de Birkenau gerou-lhe a sensação de que a guerra vivida no ar era menos assustadora do que a da terra. À esquerda, dezenas de barracas, às escuras, guardavam um exército de corpos marcados para morrer. À direita, um descampado onde mais barracões eram erguidos para esconder o que o *Führer* considerava a escória do mundo. À frente, o fumo

denso que atormentava o seu sono, fazendo com que se mantivesse alerta sem uma única pílula de *Pervitin*. Baixou o vidro e cumprimentou a sentinela. Percorreu pouco menos de um quilómetro até deter o carro no pátio virado de frente para os depósitos. Dali, a visão do topo das chaminés era aterradora. Ficavam como que suspensas no ar, isoladas, a expirar a morte.

Sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de atravessar aquele portão. O próprio comandante — que já fora afastado de Auschwitz por suspeita de corrupção e voltara nem seis meses depois — designara um *Hauptsturmführer* para guiar Friedrich pelo *campo*, com uma ordem especial de visita ao edifício isolado. «É de lá que vem boa parte do ouro do *Reich*, capitão. O senhor tem de ver para perceber como é extremamente difícil encontrar homens com coragem para esta tarefa. Às vezes, eles fraquejam.» O cinismo do comandante multiplicava-se nos seus subordinados. Como é que aqueles homens conseguiam dormir? Ele não conseguia. Era por isso que estava ali, àquela hora da madrugada: para perturbar o sono deles.

Friedrich sentiu os olhos incidirem nele assim que cruzou a entrada de um dos barracões do *Canadá*. As prisioneiras agitaram-se e era perceptível o burburinho à medida que ele caminhava, com passos firmes e sincronizados, na direção da sala do comando.

Passava pelas mesas com malas abertas, onde os objetos pessoais dos recém-chegados eram vistoriados e separados em prateleiras. Tudo muito organizado. Havia pilhas de sapatos, roupas masculinas, femininas, brinquedos, pincéis de barba, escovas de cabelo e de dentes e, também, ferramentas de trabalho de dentistas, sapateiros, carpinteiros e outras profissões. Grande parte dos que chegavam nos transportes acreditava que seriam realojados e começariam vida nova.

A poucos metros da porta da sala, um homem corpulento, com cerca de quarenta anos, gesticulava e vociferava enquanto andava de um lado para o outro. Pela atitude, era o chefe do turno. À sua frente, a *kapo* — identificou-a logo pela braçadeira — ouvia de cabeça baixa e costas curvadas, sem nada responder. O homem só reparou na presença de Friedrich quando o capitão se colocou a menos de dois metros dele. Dispensou, de pronto, a prisioneira, ajeitou a farda e o boné e levantou o braço direito.

— *Heil Hitler!* Sargento Fritz, responsável pelo turno — apresentou-se, enquanto lhe escorria suor pela testa, apesar da noite fria.

— *Heil Hitler*. O que se passa aqui? — perguntou Friedrich, enquanto esticava o braço.

— Nada que não esteja sob controle, senhor capitão. — As gotas desciam pelas faces flácidas e vermelhas.

Foi nesse momento que um uivo, vindo das entranhas da noite, se apoderou do barracão. O sargento Fritz correu para a porta da sala dos guardas e abriu-a num rompante. Friedrich entrou logo atrás. No chão, uma mulher, as pernas abertas, coberta por trapos, dava à luz uma vida. Como era possível? Naquele lugar, naquelas condições? Friedrich era pai e nunca pensara naquele instante que era o surgimento da vida. Sentiu quão pequeno e grandioso era o ser humano perante o universo.

Ele tinha um filho para quem era um desconhecido. Passara mais tempo no ar do que em casa. Quem teria visto Hermann nascer? Não sabia sequer o nome do médico ou de quem recebera a criança nas mãos. Nunca lhe passara pela cabeça perguntar ou conhecer essa pessoa. Será que o estranho sentira o mesmo que ele sentia, ali, diante de uma estranha?

Foi nesse momento que, por instinto, barrou o sargento que avançava sobre a criança.

— Deixe que ela acabe o que tem a fazer! — Posicionou-se entre Fritz e a parteira. — Saia e trate do barracão. Aqui, assumo eu.

A parteira amarrara um fio no cordão umbilical e precisava de um objeto afiado para o cortar. Friedrich revirou o armário dos guardas e encontrou uma tesoura. Lembrou-se, mais uma vez, do filho e do tempo que não voltaria.

— Uma linda menina... — comentou Friedrich enquanto se baixava, ele próprio, para cortar o cordão. — Posso? — Conseguiu controlar a emoção na voz, mas não as mãos que seguravam a tesoura.

— O que vai acontecer à minha bebé? — sussurrou a mulher, exaurida.

Friedrich não estava a ouvir. A mente trabalhava a léguas dali. Não pensava em si. Pensava nelas. Não duvidava do que precisava de fazer. A questão era como. Não ouviu o sargento Fritz bater antes de a porta se abrir bruscamente.

— Capitão, o senhor deve estar cansado... — A voz do sargento soou como um gongo. — Espero que conste no seu relatório que não tive nada a ver com isto. A prisioneira omitiu o seu estado! — disse, enquanto se preparava para pegar na bebé.

O sargento Fritz era o que havia de mais repugnante para Friedrich. O capitão tinha-o nas mãos, como a todos ali. O que vira nos últimos dias precisava de ser enfrentado. Aquele lugar era uma máquina de morte operada por sádicos. A corrupção era apenas uma das engrenagens da máquina. O sargento Fritz poderia roubar o que quisesse. A vida daquela criança ele não roubaria.

— Ouça, sargento, vamos simplificar. Não aconteceu nada esta noite,

nem nos últimos dias — murmurou, depois de se posicionar entre o homem e a mulher que acabara de dar à luz. — Só mais uma coisa. São minhas prisioneiras — sussurrou quando ele abandonava a sala.

O sargento lançou um olhar de escárnio que Friedrich percebeu como sendo de triunfo. Até o capitão cedera. Era impossível não se corromper naquele lugar. Friedrich pouco se importava com o que diriam dele. A voz da mulher invadiu-lhe os pensamentos.

— Tire a minha filha daqui. Leve-a para Berlim. Um amigo cuidará dela — implorou a mulher, com a criança apertada ao peito.

— Temos pouco tempo. — Passou-lhe uma folha para que anotasse a morada na capital.

— Chamo-me Adele Solber.

— Confie em mim. A sua filha vai viver. E o nome dela? — perguntou, tentando desviar o olhar dos números tatuados no antebraço da mulher.

— Haya. Quer dizer *vida*.

— Pois eu prometo-lhe — disse ele, já com a bebé nos braços. — Esta criança vai viver.

Foi só então que Adele quis saber quem ele era.

— Friedrich. Capitão Friedrich Schmidt — respondeu, sem convicção.

Friedrich só voltaria a sentir orgulho em si mesmo quando retirasse a criança daquele inferno. Saiu com passos firmes, sem se virar para trás. Esperava-o o sargento Fritz. Sentiu o suor na testa, mas manteve a frieza. Não acelerou o passo e encarou todos os guardas. Ninguém ousaria perguntar sobre a criança e o sargento encarregar-se-ia de assegurar o silêncio.

Entrou no carro, girou a ignição. Menos de uma hora depois de ter chegado a Birkenau, na madrugada do último dia de setembro, ele deixava o *campo* com uma bebé recém-nascida, enrolada num trapo. Naquele sábado, não voltou ao *campo*. Ligou ao comandante.

— Preciso de estar em Berlim na segunda-feira, o mais tardar. Um motivo de ordem pessoal.

O comandante não pediu detalhes, muito menos se alongou. O capitão já

ia tarde. Partiu no dia seguinte. Durante todo o percurso até à capital, Friedrich agarrou-se à imagem da mulher a implorar que lhe salvasse a filha. Deixaria a menina na morada indicada e voltaria para a resgatar. Só quando chegou ao último posto de fronteira e a bebé ameaçou chorar é que Friedrich se apercebeu da dimensão de tudo aquilo. Notas musicais surgiram à sua frente e encheram de sons o carro e a noite. Acomodada num cesto improvisado no chão da parte de trás, a bebé acalmou. Passaram sem despertar suspeitas. Friedrich sentiu-se em paz e confiante. Foi esta confiança que o fez respirar fundo quando se deparou com o prédio em escombros na Auguststrasse. Não se deixou abalar. Cantarolou mais uma vez as notas. De repente, sentia-se novamente com quinze anos, nas tardes em que o mundo era apenas ele e a mãe e as aulas de piano do professor Schulz. Ele sabia exatamente quem procurar. Só Frida o entenderia.

POTSDAM, DEZEMBRO DE 1944

— O meu neto cruzou barreiras e postos de controlo sem levantar suspeitas. Seguiu determinado com o objetivo de entregar a Haya e voltar para salvar a mãe dela. — Johannes era fiel ao relato de Friedrich. — Quando chegou a Berlim, já não existia o prédio no Mitte, nem o tal amigo da rapariga... — A voz adquiriu um quê de amargura. — Ele não teve dúvidas... Procurou a Frida. Jamais imaginaria que a mãe pudesse desiludi-lo... e ela virou-lhe as costas. Foi então que se lembrou de mim. Ele sabia por que razão eu me afastara da minha filha... ele disse-me. Sabia que eu não iria desapontá-lo... — Johannes abanou a cabeça e mudou o tom. — Auschwitz... Já ouviu falar desse lugar?

«Sim», murmurou timidamente Enoch. Ouvira falar do *Lager* na Polónia. Os combatentes tinham uma rede de informações vasta e precisa. Aquela era uma das informações que circulavam entre eles. Um *campo*, perto de Cracóvia, de onde as pessoas não saíam vivas. A seguir, levou a conversa por outro caminho.

— Por isso toca a mesma música todas as noites?

— A inspiração que o Friedrich teve durante a viagem estendeu-se pelos poucos dias que aqui ficou. Não dormia há mais de vinte e quatro horas quando chegou, perdido, com a pequena Haya. Convenci-o a não partir de imediato. Ele ficou mais três dias, debruçado sobre o piano. Nada mais lhe interessava, a não ser criar algo belo para esta criança. «Eu salvei-a, avô. Mas ela deu um sentido à minha vida.» Entregou-me a sonata... — Johannes passou a partitura a Enoch — ...pronta. *Sonata para Haya*. Depois, obrigou-me a prometer que eu trataria da menina até que ele voltasse com a mãe dela. Mesmo assim, deixou-me os nomes dos pais da criança, e também a morada em Berlim do prédio em escombros, e o tal contacto... O Friedrich voltaria à Polónia para a tirar do *campo*... nem que fosse a última coisa que fizesse na vida. O meu neto não teria paz enquanto não salvasse aquela mulher... e agora... — Johannes apoiou o cotovelo na mesa e segurou a cabeça entre as mãos.

— O que aconteceu, Johannes? — Enoch encostou a mão ao braço dele.
— Diga-me. O que se passou?

— Esta carta... — Apontou para a folha caída na mesa. — Esta carta é da minha filha, Frida, a comunicar que o Friedrich está morto. O meu neto foi assassinado, provavelmente por rebeldes — fitou Enoch como se dissesse «um dos seus», mas sem raiva, apenas resignado —, logo depois de regressar à Polónia, nem sei se chegou ao tal *campo*... O corpo dele não foi encontrado, mas o carro sim... submerso num lago. — Engoliu a saliva, mas não conseguiu conter a emoção. — O meu neto era um bom rapaz. Estava transtornado com os horrores que testemunhou. Salvar a menina não diminuiu a culpa que ele sentia por tudo aquilo. «Somos todos cúmplices», dizia ele... — Johannes baixou a cabeça. — Não falo com a minha filha há mais de dez anos. Nesta carta, curta e seca, ela nada menciona sobre a visita do filho. Apenas se sentiu na obrigação, suponho eu, de me comunicar a morte de um neto. — Johannes pegou na folha e leu, mais uma vez, para si. — A Frida jamais imaginou que o Friedrich me procurou. — Desta feita, encarou Enoch, com firmeza. — E ela jamais saberá. Conto-lhe tudo isto porque estou velho, já lhe disse, e preciso da sua ajuda. Fique aqui até a guerra acabar. E ajude-me a encontrar a mãe da Haya. Ela há de estar viva... O meu neto não morreu à toa. Devo-lhe isso.

Johannes estendeu a mão direita, que Enoch apertou, selando a promessa.

— Eu prometo. Se o senhor me prometer que me ensina a tocar a música — disse, soltando a mão para voltar a estendê-la, para um novo aperto, desta vez para selar o compromisso de Johannes para com ele.

O velho apertou a mão estendida, com força, e puxou Enoch para perto dele. Deu-lhe um forte abraço. Perdera um neto, mas ganhara um amigo.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

— **E** foi nesse dia que comecei a aprender a sonata... — Enoch levantara-se da cadeira, embora permanecesse ao lado do piano. Amália continuava sentada no banquinho. Adele ouvia o relato, tentando reconhecer o homem à sua frente. Naquele momento, ainda era difícil compreender os motivos que tinham levado Enoch a omitir uma história que era mais dela do que dele. Haya estava ao lado da mãe e podia sentir, pela forma como ela apertava os dedos uns nos outros, a decepção que a invadia.

Já Amália, mantinha os olhos fixos nas teclas do piano. Não era o Friedrich heroico de Adele nem o Friedrich transtornado de Frida que tinham dado vida às teclas naqueles dias esquecidos de outubro de 1944. Havia angústia e desilusão e, ao mesmo tempo, esperança e paixão. Carne, osso e sentimento compuseram a sonata. Tocá-la, a partir de agora, despertar-lhe-ia emoções que teria de engolir, emoções que só se permitiria extravasar quando estivesse sozinha e pudesse encher e esvaziar os pulmões várias vezes. Ela precisava de respirar profundamente para assentar tudo aquilo dentro de si.

— Mesmo que o Friedrich tenha regressado a Auschwitz, dificilmente me teria encontrado. — A voz de Adele atravessou os pensamentos de Amália. — Dois dias depois do parto, o sargento Fritz arranhou uma maneira de nos castigar, a mim e a Haya. Mandou-nos de volta para o bloco C. Praticamente uma semana depois, na sexta-feira seguinte, escapámos a uma seleção para a morte graças à *Blockältester*. Demos-lhes roupa interior limpa que tínhamos trazido dos depósitos. Ela destacou-nos para o grupo que seguiu em marcha para outro *campo*... Fomos levadas para uma vila, também na Polónia, onde nos obrigaram a cavar trincheiras enormes para impedir a passagem dos tanques russos. Daí em diante, fomos despejadas de um *campo* para o outro, até chegarmos a Belsen... e foi lá que fomos libertadas em abril de 1945, ainda antes da rendição da Alemanha. Foram meses intermináveis onde o que me movia era imaginar que a minha bebé

estava viva e em segurança. — Pegou na mão da filha. — Foi isso que me deu força para continuar. Quando a guerra terminou, os meus pulmões estavam afetados. Ninguém achou que eu sobreviveria... Já a minha amiga Haya... — Adele passou os dedos pela nuca — ...tal como a Eva, não resistiu ao tifo. Eu demorei a aceitar. Como podia ser? Depois de tudo o que enfrentámos... ela morrer assim, precisamente quando já estávamos livres? — Calou-se subitamente para retomar, já com outro tom: — Fiquei semanas no hospital. Os médicos disseram que foi um milagre eu ter recuperado. Depois, mandaram-me para um abrigo... Lá, tive a ajuda de um soldado americano que me pôs num camião com mantimentos para Berlim... A cidade estava em ruínas... O prédio da Auguststrasse não passava de um escombro. Foi então que vi uma mensagem riscada num resto de parede... A minha filha estava viva... — Era como se falasse mais para si mesma do que para os outros. — Parece que isto tudo aconteceu numa outra vida... mas foi nesta... Foi nesta.

Desta feita, Amália ouviu com atenção o que aconteceu a Adele depois de Auschwitz. Já Adele, voltava a contar, para daí, quem sabe, ir buscar forças para enfrentar Enoch. Sentia-se traída na cumplicidade sobre a qual construía a vida com ele. Como se, de repente, visse que o abrigo que ele era para ela tivesse sido erguido sobre alicerces de areia. Foi Haya quem fez a pergunta que pulsava, entalada, no peito de Adele.

— Pai, eu percebo que o Johannes tenha omitido à Frida que o Friedrich o procurou depois de ela lhe negar ajuda... mas a mãe... e eu... Porque é que nós nunca soubemos disso? — Olhou para o pai e, a seguir, para Adele. — Principalmente, a mãe... — Era como se a amargura de Adele tivesse dominado a filha.

Enoch aproximou-se de Adele, mas ela manteve o rosto virado. Não conseguia encará-lo. Ele fez menção de lhe tocar, mas recuou e continuou a falar.

— Em maio de 1945, assim que a Alemanha assinou a rendição, cinco meses depois de sabermos da morte do Friedrich, fui a Berlim, com a morada que o Johannes me deu. A cidade estava destruída. As pessoas

procuravam os seus entes queridos em locais que já não existiam. Chegavam com a roupa do corpo, sem documentos, sem nada. Potsdam também tinha sido alvo de terríveis bombardeamentos, em abril, pouco antes de a guerra terminar... Felizmente, a casa do lago não foi atingida. — Fez uma pausa. — Mas, voltando a Berlim... No lugar do prédio da Auguststrasse só havia destroços. Também não havia sinal do médico, o tal doutor Werner... Lembro-me como se fosse hoje... A mensagem de que a Adele falou... rabisquei-a no cimento que restava: «Adele Eisen Solber, Haya está em Potsdam.» E deixei anotada a morada da casa do lago. Algo me dizia que a mãe da Haya estava viva... — Enoch agachou-se, agarrando as mãos de Adele, que permaneceu imóvel e não levantou o rosto. — Eu ia a Berlim quase diariamente para verificar se o recado não tinha sido apagado. Meu amor, lembras-te? — Segurou com gentileza o queixo dela, até que os olhos se encontrassem. — No dia em que atravessaste aquele portão, naquele início de agosto, o meu coração disparou. Eu estava com a Haya nos braços... Nunca hei de esquecer a sensação de felicidade e plenitude que me invadiu o peito. Era como se aqueles dias de chumbo se tivessem pulverizado. O meu coração disparou. Eu amei-te no primeiro momento em que te vi, Adele.

POTSDAM, AGOSTO DE 1945

Há três meses que a Alemanha assinara a rendição. O fim do conflito não trouxera a paz tão almejada. O que sobrara do país estava nas mãos de ingleses, americanos e soviéticos. Enoch e Johannes evitavam falar sobre o futuro, mesmo estando este a ser decidido, literalmente, ali ao lado. A conferência que juntara os «Três Grandes» em Potsdam terminara há pouco mais de uma semana. Se a conta após a Grande Guerra fora alta, agora vinha acompanhada de um mundo que mostrava uma divisão clara entre leste e oeste.

Enoch e Johannes optaram por viver um dia de cada vez, como nos tempos da guerra, porém, com a agravante de sentirem um pessimismo que evitavam partilhar um com o outro. O que fariam com a menina? Enoch não precisava de dizer — Johannes sabia pela expressão estampada no rosto dele — que ia a Berlim quase todos os dias, mais atrás de alguma notícia da mãe da criança do que para resolver qualquer outro assunto.

Aprendera a tocar a sonata com Johannes. Nunca havia visto uma partitura. Aprendeu-a de cor, decorando as teclas, os tempos, a melodia. Dedilhava a música todas as noites para Haya dormir, como um aluno aplicado, até deixar de errar. E assim levavam os dias, à espera que a paz finalmente assentasse. Não seriam os armistícios que a garantiriam.

— Agora, os japoneses rendem-se... mas a que preço. Duas bombas... O que aconteceu no Japão poderia ter acontecido aqui. — Johannes não se conformava com as notícias do Pacífico.

Enoch abanava a cabeça enquanto arranjava falhas na cerca viva que os separava do vizinho. Johannes podava a roseira ao fundo do jardim.

— Fala-se em mais de duzentos mil mortos... Aniquilados... A que ponto chegamos, Enoch? Isto não acaba, nunca! — Falou alto para que o outro escutasse.

Haya gatinhava pela relva. Já ensaiava os primeiros passos. Os dois observavam atentos, mas sem ajudar, as tentativas da menina de se levantar apoiando as mãozinhas nas costas do velho *Moby*. O cão fazia-se de morto

enquanto ela lhe puxava o rabo.

— Ouça, Enoch, fique de olho na pequena enquanto preparo um chá. — Largou a tesoura e seguiu para a porta dos fundos. — Da maneira que estou sem paciência, acabo por destruir a roseira... e ela não tem nada a ver com isto!

A saída de Johannes trouxe o silêncio por que Enoch tanto ansiava. Estava farto de discussões sobre a bomba atômica, recuperação de territórios anexados, indenizações, desmilitarização, fazer desaparecer os traços do nazismo e tantas outras medidas. Eram homens em gabinetes que decidiam a vida de homens como ele antes de seguirem para o conforto das casas que sempre tinham tido e teriam.

Enoch não sabia o que era *ter*. Perdera tudo. A sua única referência era a menina para a qual tocava todas as noites e o idoso que dera teto e comida aos dois. O resto, não queria — e não iria — recordar.

Pousou o alicate e foi-se dirigindo a Haya com passos lentos e largos, os braços envolvendo uma bola imaginária e as bochechas inchadas, numa tentativa de a fazer rir com o seu urso desajeitado. Dava uma e outra cambalhota, até que caiu esparramado no chão. A menina batia uma palma na outra e abria um riso desdentado. Depois, ele pegou-lhe ao colo e, juntos, rodopiaram.

Foi só ao dar a segunda volta que Enoch reparou na mulher, no meio do jardim, a poucos metros de onde brincava com Haya. Ela e ele permaneceram imóveis enquanto Haya, alheia ao que se passava, lhe puxava o nariz e as orelhas.

Enoch nunca soube precisar quanto tempo se passou até que se movessem ou quem deu o primeiro passo. Era Adele. Bastou ver os olhos dela para o saber. Estabelecera a ponte que o ligaria a uma nova vida dali para a frente, mesmo que ela tivesse desviado o olhar. Não via o tom acinzentado das olheiras, nem os cabelos, ainda fracos, a crescer desajeitados, muito menos a falta de tónus dos músculos que tornava flácida a áspera pele sobre o corpo magro. À sua frente, estava a mais bela mulher do mundo.

— Posso? — Ela estendeu os braços para pegar na menina.

Haya mostrou relutância em ir para as mãos da estranha. Agarrou-se ao pescoço dele e fez uma careta de choro. As mãos de Adele tremiam. Ela continuou parada, muda, com os braços estendidos.

— Haya — disse ele delicadamente, acariciando o rosto da menina —, está tudo bem... — Abraçou-a e começou a assobiar baixinho a melodia da sonata, junto ao ouvido dela. — Esta é a tua mãe, minha pequena, a tua mãe — disse, depois de ela se acalmar.

Adele permanecia com os braços estendidos, mas, ao mesmo tempo que queria aconchegar Haya ao peito, temia pegar na criança, com medo de que ela chorasse. Só queria estar com a filha. Estar, apenas.

Com a menina agarrada ao seu pescoço, Enoch chegou-se de tal maneira a Adele que conseguiu sentir-lhe a respiração ofegante e entrecortada. Expirava um ar quente e tossia levemente. Os lábios ainda pálidos entreabriram-se e deixaram escapar um sussurro enquanto ela tocava ao de leve na testa da menina.

— Minha filha... minha filha... Haya... Haya — repetia ela, baixinho. — Sou eu, a mãe... A tua mãe.

Adele continuou a fazer carícias no rosto de Haya até aproximar os lábios das bochechas da filha e lhe dar um beijo e depois outro e mais outro. Enoch assobiava a melodia enquanto a menina, aos poucos, estendia os bracinhos para a mãe.

Quando Haya finalmente se acomodou no seu colo, Adele apertou-a com força. Chorou profundamente, um choro abundante guardado nela desde bem antes de Haya nascer.

— Nunca mais me volto a separar de ti. Isso nunca mais vai acontecer — murmurava ao ouvido da menina, enquanto passava as mãos pelo cabelo de fios finos, castanhos. — Obrigada, quem quer que você seja. Obrigada. — Desta vez, os olhos encontraram os de Enoch e ali permaneceram.

Dentro de casa, Johannes espreitou a cena. A promessa que fizera ao neto estava cumprida. Mãe e filha encontravam-se. Dois sentimentos invadiram-no. Amor e esperança. «Talvez a guerra tenha finalmente terminado, pelo

menos para mim», pensou. Ali, tomou uma decisão. O primeiro passo foi guardar a partitura num lugar apenas do seu conhecimento. Enoch tocava a música de cor, não sabia ler notas, não precisava dela. O segundo passo seria falar com o rapaz que, nos últimos meses, se tornara o seu único amigo. Dependeria dele.

Johannes foi ao encontro dos dois no jardim. Quando Adele mencionou o nome de Friedrich, o capitão que lhe salvara a filha, Johannes omitiu que o conhecia e desconversou. Apresentou-se como um velho que não se metia em política, mas que odiava os nazis.

— Nunca apoiei esta guerra. A minha pequena contribuição foi acolher, sem perguntas, quem veio bater à minha porta. — Apontou para Enoch. — Foi também assim que a sua filha chegou cá. O que importa é que vocês se encontraram. Desfrute deste momento. A Haya foi... — Fez uma pausa. — Uma bênção para mim. E fico feliz que aqui esteja. Temos muito tempo para conversar — disse, encaminhando-a para dentro de casa. — Agora, vai descansar e dar muito carinho à nossa pequenina!

Adele não encontrava palavras que pudessem expressar a gratidão que lhe invadia o corpo. Agarrou a mão de Johannes e apertou-a com força. Com a filha aninhada no colo, a cabeça a descansar no seu ombro, deixou-se encaminhar pelo velho senhor que acabara de conhecer. Não se virou, mas pôde sentir a presença de Enoch, logo atrás, e o conforto e a paz que isso lhe dava.

Subiu as escadas, entrou no quarto indicado por Johannes e fechou a porta atrás de si. Havia uma cama encostada à parede. Uma cama com lençóis e uma colcha florida. Apenas uma cama, só para ela e a filha. A sensação de recostar a cabeça num travesseiro foi algo que também não conseguiu descrever. Esticou as pernas, fechou os olhos e abriu-os rapidamente. Não era um sonho. Haya estava ali. A sua filha estava viva. Ela podia, finalmente, dormir.

No andar de baixo, Johannes enchia dois copos com vinho.

— *L'haim*. É como vocês dizem, não é?

Enoch assentiu com a cabeça e ergueu o copo.

— Porque é que não lhe disse que o Friedrich era seu neto? — perguntou a Johannes antes de levar o copo à boca.

— É sobre isso que quero falar-lhe. Acredita no destino?

Enoch não respondeu, limitou-se a encolher os ombros.

— Estou a falar a sério. Não tem a ver com Deus ou divina providência... Refiro-me a situações com as quais nos deparamos, ao acaso, e que nos fazem refletir e decidir que, às vezes, é melhor pôr uma pedra num caminho para seguirmos por outro. — Johannes mantinha o tom hermético.

— Poderia ser mais claro? — Enoch pressionou o velho, sem rudeza.

— Tem razão... Serei direto. — Apontou para a escada. — Eu vi a Adele no jardim antes de você reparar na presença dela. E vi também quando se virou e se aproximou dela, com a Haya ao colo. Você está apaixonado, Enoch. E é correspondido... Ela, neste momento, não tem como saber disso, mas logo saberá.

— Você não passa de um romântico... — Enoch esboçou um sorriso constrangido. — A Adele encontrou a filha, é o que importa. A Haya tem um pai, quem diz que ele não sobreviveu? E eu? Eu vou-me embora para a América. — Bebeu o resto do vinho.

Johannes cruzou os braços e arqueou as sobrancelhas. Aguardou pacientemente até Enoch acabar.

— Ouça bem. Só vou dizer uma única vez. Vai prometer-me que a Adele jamais saberá do Friedrich. O meu neto está morto. O que importava para ele era que a menina e a mãe se salvassem. Contar a verdade será como alargar uma ferida aberta. A Adele vai querer procurar a Frida, e ficará a saber que o Friedrich tinha mulher e filho... Irá atrás deles, tenho a certeza. Já sabe como isso vai acabar! Elas vão culpá-la pela morte do meu neto! E jamais perdoarão ao Friedrich por não ter posto a própria família em primeiro lugar. Mais do que isso... Ele traiu-os e ao *Reich* para salvar a vida de uma criança judia. A minha filha nunca se separou daquele porco nazi. O Hans suicidou-se por Hitler! Deus sabe o que passa pela cabeça da Frida... no que se tornou! — Johannes apoiou as duas mãos sobre a mesa e encarou

Enoch. — Isso não vai trazer o Friedrich de volta, mas irá atormentar esta rapariga para o resto da vida! E aí, sim, a morte do meu neto terá sido em vão.

Enoch fez menção de falar, mas Johannes não deixou.

— Deixe-me continuar. Você surgiu aqui do nada, mas não foi por acaso. Por isso citei o destino. Cuidou da Haya muito melhor do que eu poderia cuidar. Aprendeu a tocar a música que o meu neto compôs para ela. Não sei se o pai biológico está vivo ou não. O que sei é que você tem sido o pai dela... e isso já faz com que a Adele o ame! Assim, prometa-me, pelo meu neto. Construam uma família.

Johannes contaria a Adele que Haya lhe chegara pelas mãos de combatentes da Resistência que jamais tornou a ver. Trazia presa à roupa uma nota contendo uma morada e um contacto em Berlim, o seu nome e o dos pais. Não havia informação de onde vinha. Com o prédio da morada em ruínas e sem pistas do tal contacto, sem saber o que fazer, foi cuidando da menina, até que Enoch surgiu, um mês depois, e ele também o escondeu.

— Você ajudou-me a cuidar da Haya — prosseguiu Johannes — e, daí em diante, foi o que de facto aconteceu. Quando a guerra acabou, foi a Berlim e deixou a mensagem nos escombros. Voltou lá várias vezes. Nunca perdeu a esperança de que a mãe da bebé estivesse viva. Até que, finalmente, a Adele apareceu e veio até nós. Ponto final. — Estendeu a mão a Enoch.

— E a sonata? — Enoch apontou para o piano na sala. — A Haya nunca vai saber que foi composta pelo Friedrich para ela?

— Prometa-me que vai sempre tocá-la. — Johannes mantinha o braço estendido. — Diga apenas que é a música da Haya... de um autor desconhecido.

— E se o pai da Haya estiver vivo? — insistiu Enoch, mas o idoso permaneceu irredutível.

— Acho difícil... E, mesmo que assim seja, quero que mantenha a promessa. Para nós, o Friedrich nunca existiu.

Enoch permaneceu em silêncio durante alguns segundos até, finalmente,

estender também o braço e selar o pacto com um aperto de mão.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

— **P**rimero, descobrimos que o Dr. Christian Werner tinha sido torturado e morto nos quartéis da Gestapo. Logo depois, soubemos que o Norman não sobreviviera. Foi quando o Johannes retomou a conversa. Eu amava-te e amava a Haya mais do que tudo, e, no fundo, sentia que era correspondido. — Enoch sentara-se ao lado de Adele, com as mãos dela entre as dele. — O Johannes encorajou-me e, finalmente, declarei-me a ti. Era altura de começarmos uma nova vida, de deixarmos a Alemanha e o passado para trás. — Beijou as mãos dela. — Amei-te desde o primeiro instante em que te vi... Meu amor, meu grande amor. Tudo o que fiz, foi por ti... Por ti e pela nossa filha. — Olhou para Haya. — Tentei cumprir a promessa selada com o Johannes... Tento todos os dias...

Adele desvencilhou as mãos e levou-as ao rosto de Enoch, segurando-o com delicadeza. Encostou os lábios aos dele, num beijo suave. Depois, abraçou-o para, a seguir, se aconchegar no peito dele. Ela estendeu a mão para Haya, que também se sentou junto ao pai. Não foram proferidas palavras.

Amália observou os três. Regressou-lhe à mente a pergunta que se fizera, horas antes, quando vira Enoch e Adele juntos, pela primeira vez. *Como pode nascer um amor por entre perdas, destruição e dor e manter-se por tanto tempo?*

Assim como Enoch se mantivera fiel ao desejo de Johannes, Amália também cumprira o prometido a Frida. Encontrara a mulher e a bebé da fotografia. Talvez Frida soubesse, no fundo, que a hipótese alimentada por tantas décadas — de que Friedrich vivia nos trópicos com uma falsa identidade — era fantasiosa e improvável. Talvez por isso mesmo não tenha ido atrás de Adele e Haya. Não a julgava. Era melhor viver com a ideia da rejeição de um vivo do que com a culpa por um morto. Levantou-se do banquinho do piano, com a partitura nas mãos.

— Isto pertence-lhe — disse, ao mesmo tempo que entregava as páginas a Haya. — Acho que está na altura de ir.

— Espere! — Adele segurou-lhe o braço. — Toque, por favor. Toque a sonata que o seu avô compôs para a Haya! Essa música faz parte de nós... Agora, mais ainda!

Amália voltou ao piano. Ela devia aquilo a Friedrich. Por alguns instantes, conseguiu desligar completamente a mente e limitar-se a sentir. Nas suas mãos, via as mãos do jovem Friedrich, o seu avô. Sentia-o com ela. A música invadiu a sala com tal emoção que, quando terminou, os três estavam atrás dela, em absoluto silêncio. Adele agarrou as mãos de Amália e levou-as ao próprio rosto. A seguir, beijou-as e abraçou a rapariga.

— Obrigada — disse-lhe ao ouvido. — Obrigada. O seu avô foi um homem digno. Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro. Ele salvou a minha, também. O Johannes tinha razão. Eu teria procurado a sua bisavó e, muito provavelmente, carregaria a culpa, sim. A minha vida teria sido completamente diferente... Agradeço-lhe por tudo o que o Friedrich e o Johannes fizeram por mim e pela Haya.

— Adele, ouça, era uma guerra... — Amália sabia que não adiantava remoer no passado. — O que posso dizer é que a Frida, hoje, se fosse viva, certamente teria orgulho em saber o que o filho fez. Eu tenho muito orgulho no meu avô. Agora, está na minha hora... — Apontou para o relógio. — Tenho mesmo de ir!

Ela ainda não sabia o que fazer com o que descobrira do passado. Só pensava num banho quente e na dose dupla de uísque. Definitivamente, não falaria sobre as cartas de Frida. Não mudaria em nada a história.

— Promete que nos voltaremos a encontrar? Eu gostaria de saber mais sobre a sua família! Estou-vos eternamente grata! — Adele passou o braço pela cintura de Amália. — Só não percebo porque é que a Frida não nos procurou quando soube da nossa existência. Foram tantos anos até a Amália cá chegar...

Amália esboçou um sorriso, espantada com a sintonia entre as duas. Mal acabara de decidir que não tocara nas cartas. No mesmo instante, Enoch interrompeu a frase de Adele.

— Meu amor, a Amália deve estar cansada. Estamos todos. Foi uma tarde

de muitas revelações para todos nós.

— O Enoch tem razão. Foi uma tarde de muitas revelações. Sabe, Adele, a Frida era cheia de mistérios... — Voltou-se para Enoch. — Afinal, era filha do Johannes! Deixou tudo para o destino... — disse, ao mesmo tempo que pegava na carteira.

— Eu vou levá-la a casa — disse Enoch no momento em que Amália se despedia de Adele e Haya no *hall* de entrada do apartamento. — Eu insisto — reforçou, já a abrir a porta do elevador e sem esperar resposta.

A insistência de Enoch ia além da boa educação.

V
ENOCH

Descemos no elevador imersos naquele silêncio indigesto dos recém-conhecidos. Eu pigarreio. Amália tosse. Já é noite e a temperatura caiu. Trocamos duas ou três frases sobre o tempo. A garagem fica no subsolo. Saímos no rés do chão. Digo que a levo de táxi. Ela diz que não há necessidade. «Foi um dia pesado para todos nós», reforça. Nenhum dos dois se mexe. Ela olha-me nos olhos como se dissesse «há algo mais?». Eu respondo apenas com o olhar, nada digo. Ela estende a mão para a despedida. Aproximo-me e pergunto se a posso abraçar. Acha graça e diz que sim, timidamente. Não sou um tipo que inspire manifestações de carinho. Um tipo bronco. Permanecemos unidos por alguns segundos. Quando os nossos corpos se separam, pergunta, de repente: «Enoch, foi você quem devolveu as cartas da Frida, não foi? Percebo que não quisesse contar à frente da Adele. Foi por isso que quis ficar a sós comigo?» Ela encadeia uma pergunta na outra. Permaneço calado. Talvez por mais tempo do que devesse. Como fiz durante toda a vida, depois daqueles dias. Confesso que devolvi as cartas de Frida, mas adianto que não é isso que preciso de contar. Ela acabou de tocar a sonata com tanto sentimento que pude ver Friedrich a compor... O destino colocou-a à minha frente para que eu finalmente me liberte, e ao fantasma que carrego. Faço um sinal para que me dê a mão e passo o indicador dela sobre a asa da fénix que se estende pela parte interior do meu antebraço. «Consegue sentir? Eu estive em Auschwitz. Lá, conheci o Friedrich.»

Tudo o que contei à minha mulher, à minha filha e a Amália é verdade. Não menti, apenas omiti o período entre 30 de agosto e 7 de outubro de 1944. Trinta e nove dias em Auschwitz. Tenho oitenta e dois anos. Vivi quase trinta mil dias. Morri em trinta e nove deles. Nem Adele nem Haya alguma vez souberam. Tão-pouco Johannes. A única testemunha foi Friedrich. Eu conheci Friedrich, vi-o morrer.

De que vale a verdade? O que é a verdade? Qual Caronte, o capitão Friedrich Schmidt conduziu a barca que trouxe Haya do inferno ao mundo dos vivos. Voltou ao inferno para resgatar a mãe. Adele não estava lá. Eu estava.

Depois de viver nas florestas da Polónia ao longo de quase cinco anos a amarrar explosivos a trilhos, a atacar patrulhas inimigas, a arriscar o meu único bem, a minha própria vida, para combater os malditos nazis, fui traído pelos meus companheiros. Os polacos odiavam os alemães, mas isso não significava que adorassem os judeus. Numa emboscada, não tive cobertura. Era o único semita do grupo. Nem uma bala foi gasta por mim. Deixaram-me para trás. Jamais saberei se foi acaso ou de propósito. Fui capturado por quatro soldados. Quase atingi um deles com um soco cruzado da direita. Ele podia ter-me enfiado uma bala na testa. Preferiu levar-me ao comandante. «Pole? Russe?» «Pole.» Revelar que era alemão iria atestar-me como judeu ou traidor. «Boxer?», grunhiu o comandante, entre outras observações sarcásticas, dando socos no ar. Entendi cada palavra. Eu seria a diversão da noite. Havia outros homens detidos. Nenhum que eu conhecesse. Éramos como lobos escondidos nas florestas. As nossas matilhas não se cruzavam. Alguns estavam feridos. Foi improvisado um ringue. Naquela noite, derrubei cinco por KO. O primeiro foi o mais difícil. Cada soco doía-me mais a mim do que a ele. Do segundo ao último, já nada senti. O comandante pediu que eu baixasse as calças. «Jude», sentenciou. Depois, riu-se às gargalhadas e ordenou aos cinco homens que se ajoelhassem de costas. Todos judeus, também. O que ele fez a seguir levou-me parte da alma. Aproximou-se deles e apontou para mim. Furoi os meus olhos com

palavras: «Jude, traidor, Judas. Tu vais viver.» A seguir, abateu os cinco. Cada um com um tiro na nuca. Fui levado, na manhã seguinte, para uma estação e embarcado num vagão apinhado de gente. O comboio acostumado ao gado levava animais com fome velha, que, um dia, tinham sido humanos. Eram os últimos judeus de Łódź. O gueto para onde fui com os meus pais depois de deportados da Alemanha. De onde eu havia fugido anos antes. Os meus pais certamente morreram lá, ou seguiram num comboio como aquele, igualmente apinhado, para a morte. O destino acabava por me apanhar. Naquele mesmo dia, cheguei ao fim da linha. O trilho interrompido, as filas, os cães, as cercas, o banho. Dos chuveiros, saí com números impressos na pele. Descansam sob a fénix, como um subsolo maldito. A ave que renasceu das cinzas sou eu. Eu mesmo a tatuei. O resto da história que contei é verdadeira: o meu passado de pugilista e a admiração por Schmeling. Tatuá-lo foi a parte fácil. Com agulhas de costura e tinta preta, os números perderam-se no movimento rebelde das asas. Mas, eu ainda os vejo. Olhar para a tatuagem é a parte difícil.

Os guardas arrancaram-me do meio daqueles homens nus, com rostos chupados e nádegas murchas. Para onde me mandaram, ficou o resto da minha alma, onde viver era perder-se de si próprio. Quando abríamos as portas das câmaras de gás, havia merda por todo o lado. O medo faz o ser humano defecar. Havia também vômito e paredes arranhadas com sangue dos dedos esfolados no cimento. Crianças e velhos formavam massas disformes, coladas, na base da pilha de corpos — *pedaços*, como os guardas costumavam chamar-lhes. Povoam a minha memória impregnados de odores.

Em Auschwitz, a única coisa a fazer era pôr-se em movimento. Ficar atento às oportunidades, ter utilidade. Quando o capitão apareceu, desesperado, a gritar um nome de mulher, aproximei-me de imediato dele. Menti. Foi assim que saí de lá. Não acredito em Deus. Por isso, não havia em mim temor divino ou peso na consciência. Procurei a casa do lago porque não tinha para onde ir depois de um mês a vaguear solitário pelas florestas. Juntar-me aos *partisans* depois do que me tinham feito? Esbarrar

com os russos? Não. Eu iria para a América, o mais longe que pudesse ir para oeste. O velho do lago acolher-me-ia, não era simpatizante dos nazis, guardava uma bebé judia. A única pessoa que sabia de onde eu vinha estava morta. Eu não tinha a intenção de ficar. Mas, de repente, a bebé estava no meu colo. Uma vida que cabia inteira nas minhas mãos. Sorriu-me e tocou-me no rosto. Eu voltava a ser gente. Não consegui partir. O velho foi-se tornando um amigo. Nada perguntava, nada cobrava. Confiou em mim. Ensinou-me a música composta pelo neto. Sofreu ao meu lado a perda dele. Quase um ano depois, a mulher que o capitão procurava cruzou o portão. Adele. Entrou na casa, entrou em mim. À esperança juntou-se vida. Adele fez-me sentir vivo, eu tinha um coração que batia por ela. Ia contar toda a verdade. A ela e a Johannes. Depois, partiria. Foi Johannes quem convocou o destino. Mas fui eu que aceitei. Não há isso de escrever direito por linhas tortas. Há escrever torto por linhas direitas. Johannes pediu que jamais revelasse o que me confidenciara. Devia ao neto a felicidade daquela mãe e daquela filha. Linhas direitas. A promessa feita a Friedrich estava cumprida. O passado desaparecera com o neto. Fez-me jurar que Adele jamais saberia, não queria que ela procurasse os Schmidt — era assim que Johannes se referia, com desprezo, à família da filha. Tornei-me, então, um guardião de segredos. Mas não foi só por causa do pedido de Johannes. O meu coração apaixonado também me pedia, baixinho, que mantivesse em Adele o olhar de admiração por mim. Guardião do tormento de um velho, guardião do meu próprio tormento. O que faço desde então é viver para Adele e por Adele.

Estive nos crematórios de Auschwitz. Sou um *Sonderkommando*. Independentemente do que eu faça, as pilhas de corpos dormem e acordam comigo. Todas as noites, humanos sem rosto caminham nos meus sonhos depois de amarrarem sapatos em pares e pendurarem roupas em ganchos com números que eu indico. Todos os dias, Adele resgata-me dos sonhos para me indicar o caminho que me leva na direção oposta daqueles homens e mulheres.

Por mais que ponha dias na balança, nada removerá o peso daqueles

trinta e nove. Basta um mau dia para arruinar a vida de um homem bom, e um bom feito para içar qualquer homem ao pedestal de semideus.

Levarei sempre uma dúvida: foi a Haya, a Adele e a mim que Friedrich salvou ou foi a si próprio? Dizem que os bons pereceram em Auschwitz. Eu acredito que Auschwitz pereceu nos bons. Bons como Adele. Que vivem *apesar de*. São viventes. O resto de nós é sobrevivente.

As minhas reflexões pertencem aos meus silêncios. Contarei a Amália apenas o que lhe interessa. Repito: «Eu estive em Auschwitz. Lá conheci o Friedrich.» Estamos estáticos, um de frente para o outro, há não sei quantos minutos — ou terão sido apenas segundos? —, numa rua movimentada do Leblon. Graças a Friedrich, escapei de lá. Continuo. «Eu estive em Auschwitz por pouco mais de um mês. Desde o primeiro dia, fui recrutado para o *Sonderkommando*, como era conhecida a força especial que trabalhava nos crematórios. Foi lá que o Friedrich apareceu, numa noite de outubro, à procura da Adele.»

AUSCHWITZ-BIRKENAU, 6 DE OUTUBRO DE 1944

Era o quinto transporte, em menos de dez dias, vindo de Terezín, na Boémia. Nenhum dos comboios chegou com menos de mil e quinhentas pessoas. Dois terços seguiam diretamente para as câmaras da morte.

«Estão a liquidar mais um gueto.» O comentário foi sussurrado, entre duas baforadas de um cigarro sem filtro, por um prisioneiro no topo da escada que dava acesso ao vestiário. «Em breve, seremos nós.» A resposta veio do homem ao lado, que observava a primeira leva a cruzar o portão de entrada da área restrita do crematório. Os dois pertenciam ao 12.º *Sonderkommando*. Enoch escutou calado, logo atrás. Indiferente, apagou, com o pé, a beata lançada ao chão. Ele não pertencia àquele *Sonderkommando*. Também não tinha conhecidos em Terezín.

Desde que chegara a Birkenau, há pouco mais de um mês, Enoch fora recrutado para o crematório II. Imediatamente após a desinfecção, recebeu uma tatuagem no antebraço e roupas que lhe davam uma aparência mais de palhaço do que de mendigo. A camisola, sem gola, era justa e curta. As calças tinham pernas de diferentes tamanhos. Atiraram-lhe um retalho às riscas, com uma estrela amarela e o mesmo número da tatuagem, além de agulha e linha para costurar ao casacão cinzento surrado que completava o traje. Para os pés, ganhou um par de sapatos castanhos, com sola gasta e sem atacadores. Felizmente, pensou, eram do seu número.

— *Zugang*, o novato. — O SS responsável pela distribuição de trabalho apontou para Enoch enquanto falava com o chefe dos *kapos*. — Esse é forte. *Antreten*, um passo à frente!

Enoch foi retirado do grupo e levado imediatamente para a área cercada por toros de madeira, sem brecha para curiosos, de onde subia o fumo que pintava o céu, fosse dia ou noite, da cor do chumbo. Foi marcado com um enorme «X» vermelho nas costas do fato e isolado da vida do *campo*, como todos os que ali estavam. Naquele lugar, as pessoas morriam intoxicadas por pastilhas que exalavam um gás mortal, o mesmo usado para matar os piolhos causadores do tifo. Os corpos eram retirados da câmara, no subsolo,

colocados num elevador e, no andar de cima, incinerados. Era das chaminés destes fornos que saía a nuvem densa que assombrava Auschwitz. Dela, choviam cinzas humanas.

Havia outros três crematórios no *campo*. O número III ficava do outro lado do fim da linha férrea. Ladeava, como o número II, a *rampa*, onde os comboios chegavam e era feita a seleção. As unidades IV e V estavam no lado oposto do complexo, próximas do *Canadá*, para onde iam os pertences das vítimas. O crematório I, no campo principal, a dois quilómetros dali, fora desativado há mais de um ano e funcionava, agora, como abrigo antiaéreo para os SS.

Enoch encaixara-se sem perguntas na rotina do trabalho. Dormia no sótão, numa cama só para ele, comia muito além da ração podre do *campo* e, para cair num sono sem sonhos, emborcava um copo de aguardente polaca. Todos os dias, ao avistar a ambulância com a cruz vermelha pintada na carroçaria, respirava fundo e despiu-se da sua alma. O carro transportava as latas com os cristais assassinos e os carrascos que as lançariam sobre indefesos que ansiavam por água morna.

Mal chegara, fora deslocado para a unidade de transporte dos *pedaços*, como os guardas se referiam aos cadáveres. Percebeu, na primeira viagem, ao arrastar o corpo de um homem, que podia ser seu pai, que a pele se colava ao cimento e que partes se desintegravam nas suas mãos. Não demorou muito a descobrir, na sala anterior à dos chuveiros, onde as pessoas se despiam, peças de roupa ainda quentes dos seus donos. Com camisas e cintos improvisou uma corda que amarrava à altura do peito. Assim passara a arrastar criaturas que, já sem vida, sofriam mais desfigurações: dentes de ouro arrancados, cabelos cortados e orifícios vasculhados. Depois das câmaras abertas, exaustores potentes ventilavam o local eliminando o resto de gás. Um par de vezes, estivera no piso superior, a colocar dois a três corpos nas esteiras que se perdiam nas labaredas. As cinzas eram recolhidas e transportadas em camiões que as despejavam no Vístula.

Já há duas semanas que Enoch fazia o turno da noite. Quando o

Oberkapo — a patente mais alta entre os detidos — descobrira a facilidade de Enoch com os idiomas — falava alemão e polaco com fluência e arranhava bem o russo, o checo, o francês e o italiano —, designara-o para receber os recém-chegados nos comboios e encaminhá-los para a sala de despir. Era sua função acalmar os desesperados, afirmando que tomariam um banho quente e, a seguir, uma sopa succulenta e grossa. As pessoas desciam as escadas, penduravam as roupas em cabides, amarravam os pares de sapatos. Homens e mulheres, tão cansados que estavam, não sentiam vergonha da nudez. Queriam descansar. E descansavam para sempre.

A facilidade com idiomas também o ajudou a manter-se informado sobre o que acontecia nas entrelinhas daquela torre de babel do inferno. Na época, viviam entre trinta e quarenta mil detidos em Birkenau, quase novecentos isolados e divididos entre os quatro crematórios. Enoch não tardou a aperceber-se do vaivém entre os crematórios e as conversas veladas dos russos. Havia uma rebelião em curso e eram eles que a lideravam.

Enoch, porém, não confiava nos russos, tão-pouco nos polacos. Não importava que fossem judeus como ele. Aliás, não confiava em ninguém. Mal abria a boca. Em geral, falava-se pouco ali, como se todos soubessem instintivamente o que era preciso fazer: encaminhar os recém-chegados escada abaixo, tratar para que as roupas fossem penduradas ou colocadas sobre os bancos de madeira, ajudar velhos e doentes a despirem-se, guiá-los até aos «chuveiros» e, principalmente, mentir olhos nos olhos.

— Calma! É apenas uma desinfecção! Depois, recebem comida! — Enoch perdera a conta de quantas vezes ludibriou aquelas pessoas que chegavam exauridas e sedentas de qualquer esperança.

Três a quatro guardas da SS supervisionavam a operação. De vez em quando, largavam pauladas com bastões de pontas curvas naqueles que mostravam relutância em se despirem, num e noutro que caía num choro histérico e nos que faziam demasiadas perguntas.

Naquela sexta-feira, pairava um clima de tensão no ar. A vida útil de cada *Kommando* era de quatro meses. O prazo de validade do 12.º expirara recentemente. Corria o boato de uma lista em poder de um *Oberscharführer*

com os nomes de mais de setenta homens marcados para morrer. Enoch, provavelmente, não constava da lista. Ele preocupava-se mais com a conspiração que sentia no ar.

Ou escapo ou morro a lutar. Era no que pensava enquanto, mecanicamente, recolhia as roupas de mais uma leva que, em minutos, tombaria inerte entre as paredes grossas, mas não o suficiente para conter a vibração dos gritos e dos murros no cimento. Um ruído abafado que ia cessando e, lentamente, dava lugar a um silêncio pesado, cortado pelos passos apressados de Enoch e dos outros, no vestiário, a revirar bolsos e a arrancar forros em busca de pedras preciosas e moedas escondidas.

— Ei, *boxer!* — Era como o *Oberkapo* o chamava. — Para cima, depressa! — Apontou o dedo para as escadas por onde mais uma massa de gente descia movida a empurrões e berros.

Enoch assentiu com a cabeça e subiu apressado. O trabalho mal começara. Corpos arderiam madrugada adentro. Só o crematório II funcionaria no dia seguinte.

— *Schnell!* Depressa! — berravam os guardas.

Embrenhou-se entre os humanos pegajosos que lhe puxavam a manga do casaco em desespero. Enoch desenvencilhava-se sem estabelecer contacto visual. Os olhos vazios e as bocas escancaradas carregavam expressões que alternavam entre o terror e a total apatia. Eram arrastados pelos cassetetes que se abatiam sobre as costas curvadas. Enoch empurrava os velhos com as suas mãos largas para, assim, os tirar da mira dos SS. Fazia o mesmo com as mulheres que traziam filhos aterrorizados pendurados ao pescoço. Os que o agarravam, em súplica, ofereciam brilhantes que jaziam sob a língua. Outros retardavam a entrada, estacando nos degraus. O choro das crianças misturava-se com o dos adultos. Gritava para que agilisassem o passo ao mesmo tempo que movia a cabeça em todas as direções, atento aos outros homens do *Kommando*.

— Adele Solber! Adele Eisen Solber! — Um grito ecoou, a alguns metros, do meio da multidão empoeirada. — Adele Solber!

Em segundos, Enoch identificou um jovem oficial, a passar pelas filas. O

modo como se aproximava das mulheres mostrava claramente que andava atrás de uma delas, e com urgência.

— Adele Solber! Adele Eisen Solber! — repetia o oficial, virando uma e outra.

Enoch raciocinou depressa. Não era uma situação comum ver aquele desespero num oficial. Aproximou-se. Reparou, então, num certo ar desleixado, na barba por fazer, nos olhos vermelhos e carentes de sono. Olhou em volta, não havia guardas por perto. Atento ao *kapo* atarefado em fazer a multidão avançar, chegou-se junto do homem, discretamente.

— Adele Solber? — sussurrou Enoch, retirando o boné e baixando a cabeça. — *Herr Kommandant* procura Adele... Solber? — disse, de forma servil, certificando-se do nome da mulher.

— Conheces a Adele Solber? — O oficial agarrou Enoch pelos ombros. — Conheces a Adele? — repetiu. — Preciso de a tirar daqui.

Enoch não fazia ideia de quem fosse a mulher, mas as palavras «tirá-la daqui» fizeram com que erguesse rapidamente a cabeça, encontrando os olhos do oficial, enquanto um arrepio lhe gelava a espinha.

— Adele Solber — respondeu, hesitante. — Sim... Adele Solber.

O oficial passou as mãos pelo rosto, contendo a expressão de espanto.

— És o Norman!

Enoch, imóvel, baixou os olhos.

— Não tenhas medo, estou aqui para ajudar! — prosseguiu o homem, enquanto o puxava para um lugar fora da massa humana. — Precisamos de encontrar a Adele. Eu vou tirar-vos daqui. — Fez uma pausa e olhou em volta. — Ela teve a bebé, és pai de uma menina. — Deixou escapar um sorriso aliviado. — A tua filha está em segurança... É difícil de acreditar, mas é verdade.

A pouca cor que Enoch tinha no rosto desapareceu. O oficial tomava as reações dele como confirmações, e agora ele não daria um passo atrás. *Eu vou sair deste lugar*. O arrepio chegou-lhe ao estômago. O que ele precisava naquele instante era de muito sangue-frio.

— *Herr Kommandant* — falou, colocando prontamente o boné —, vou

procurar a Adele! Espere aqui. — E saiu a correr em direção ao vestiário, desaparecendo escada abaixo.

Pela primeira vez, desde que fora capturado na floresta, Enoch sentia o coração a bater com força. Os guardas empurravam os últimos homens daquela leva. De dentro da câmara — a porta ainda aberta —, reverberavam os gritos desesperados da massa prensada contra a parede ao fundo. Comprimiu os ouvidos e voltou atordoado para a escada. Se a tal Adele tinha vindo de Terezín, ardia no forno naquele momento ou arderia em breve. Um novo grupo aguardava, do lado de fora, para entrar no vestiário. O oficial estava no mesmo lugar em que Enoch o deixara. Havia duas opções: ou se misturava com a massa de gente e continuava o seu trabalho ou arriscava-se em definitivo com o desconhecido. Optou pela segunda.

— *Herr Kommandant...* — Enoch aproximou-se, ofegante, tirando mais uma vez o boné e baixando a cabeça. — Não a encontrei... Não a encontrei!

— Vem comigo.

O oficial agarrou-o pela manga e puxou-o na direção das árvores, ao fundo, onde se formava outra fila. Ele precisava de agir depressa, antes que levantasse suspeitas aos guardas.

— O meu nome é Friedrich Schmidt. Sou capitão. Presta atenção. Não temos tempo. O barracão onde a Adele estava foi esvaziado. Bloco C. — Fez uma pausa. — Norman, não é?

Enoch levantou o queixo. Fixou os olhos no oficial. Não teve tempo para responder.

— Capitão! — Um sargento aproximou-se, fazendo a saudação com a mão direita. — Veio acompanhar a operação?

No momento em que Friedrich se virou, o sargento reparou em Enoch. Recuou um passo, confuso.

— O que se passa? — perguntou, enquanto sacava a arma do coldre, apontando para Enoch. — O que é que ele faz aqui?

— Sargento...? — Friedrich pôs-se entre o sargento e Enoch. Precisava de ganhar tempo.

— Wolf. Sargento Wolf. — Bateu uma bota na outra. — O que é que este *häftling* faz aqui?

Friedrich esticou a mão para que o sargento permanecesse onde estava. A seguir, fez sinal a Enoch para que se aproximasse e ajoelhasse. Ele obedeceu, com o suor a escorrer-lhe pela testa.

— Eu volto amanhã. Procura a Adele. Vou tirar-vos daqui — sussurrou, de costas para o sargento. — Perdoa-me pelo que farei agora.

Deu-lhe um pontapé no estômago, que fez Enoch curvar-se no chão. De seguida, empurrou-o e pisou-o no rosto, pressionando-lhe o maxilar.

— Para deixares de ser preguiçoso. — Deu-lhe outro pontapé. — Agora, volta ao trabalho.

Enoch levantou-se, trôpego, e rapidamente desapareceu no meio de um grupo de homens que começava a despir-se, ao relento. O sargento soltou uma gargalhada, tocou na testa numa breve continência e afastou-se. Friedrich tirou um maço de cigarros do bolso. Sacou um e acendeu-o. Auschwitz era o *anus mundi*. E ele? Era o quê?

AUSCHWITZ-BIRKENAU, 7 DE OUTUBRO DE 1944

O sábado amanheceu com um céu limpo e azul, manchado apenas pela nuvem preta sobre o crematório. Eram quase onze da manhã e Enoch ainda não desligara a mente desde a troca de turno. Cheirou a própria roupa, impregnada do fumo adocicado, esfregou os dedos encardidos de cinza e mirou o companheiro que roncava ruidosamente na cama ao lado.

Os raios de sol atravessavam as janelas aquecendo a manhã de outono. Enoch levantou-se e foi até ao canto onde havia uma bacia com água escurecida por outras mãos. Sem se importar, verteu o líquido morno no rosto. A exaustão que lhe amolecia o corpo dera lugar à excitação do estranho acontecimento da noite anterior. Foi só então que reparou que não era o único do turno que permanecia acordado. Os russos estavam reunidos na ponta da mesa junto à escada de acesso ao sótão. Um deles parecia vigiar os degraus.

Calaram-se quando Enoch se aproximou, mas não por causa dele. No mesmo instante, a porta do quartinho do *kapo* abriu-se. De lá, saíram dois homens. Um deles era o responsável pelos fornos. Trocaram olhares com os russos e desceram, sem uma palavra. A seguir, o grupo da mesa dispersou.

— O que se passa? — perguntou Enoch a Dimitri, um judeu ucraniano que, tal como ele, fora apanhado na floresta. — Podes confiar em mim. Quando vai ser? — Enoch agarrou o braço dele. — Eu quero participar.

Dimitri libertou-se do aperto do braço e encarou Enoch. Demorou alguns segundos até falar.

— Eles têm a lista. Mais de setenta nomes — disse, num tom sério. — O movimento de resistência do *campo* está fora. Mas nós vamos em frente. Hoje, só estamos nós a funcionar. O III, o IV e o V estão parados. O que significa que os guardas vão passar o dia a beber e a dormir, nos seus quartos.

— Qual é o plano? — interrompeu Enoch. — Como vamos resistir?

— Nós damos o sinal, com uma lâmpada, aos companheiros do III, no final do turno de hoje, lá pelas seis da tarde. E eles avisam o IV, e o IV fará

o mesmo com o V. — Dimitri escolhia as palavras. — Somos mais de oitocentos homens. Vamos apanhá-los desprevenidos e fugimos para o bosque. De lá, é cada um por si. Eu vou juntar-me aos *partisans*. — Puxou Enoch pela gola e aproximou o rosto do dele. — De volta à luta, amigo! Não abras o bico. — Soltou-lhe a gola e dirigiu-se, apressado, para as escadas.

Enoch desceu logo atrás. Mais do que nunca, precisava de acreditar no que acontecera na noite anterior. Não era um homem de fé, mas pediu a Deus que o oficial regressasse antes do fim do dia. Agora é que ele não tinha realmente nada a perder. Uma rebelião isolada, nos crematórios, era suicídio.

Enoch misturou-se com os homens que trabalhavam no pátio a depositar cinzas nos camiões. As câmaras tinham funcionado pela madrugada dentro. Os fornos continuavam pela manhã. Mais de mil mortos em menos de vinte e quatro horas. Parte deles ia-se nas pás que enchiam os baldes. Talvez a tal Adele estivesse ali. Era no que pensava enquanto lançava os montes de pó. O oficial falara em «bloco C». Adele devia ser húngara, então. Naquela noite, tinham chegado judeus da Boémia. Talvez lhes tivessem juntado algumas mulheres dos barracões. Enoch não sabia. O mais provável era que estivesse morta. Ou, quem sabe, tivesse partido numa das marchas. Com a aproximação dos soviéticos, os alemães andavam a transferir cada vez mais prisioneiros para outros *campos*. Era por isso, também, que o movimento de resistência desistira da rebelião. Antes, acreditava-se que todos terminariam nos fornos. Agora, sair dali com vida podia ser uma questão de tempo. O Exército Vermelho estava às portas de Varsóvia. De qualquer forma, eram grandes as possibilidades de Adele estar morta, mesmo na hipótese de ter deixado o *campo*. Os prisioneiros mal se aguentavam em pé parados, quanto mais a atravessar quilómetros no frio.

Enoch foi-se dividindo em várias funções com o objetivo de se manter no pátio, de olho no portão que dava acesso à área do crematório. Passava da uma da tarde. Era hora de almoço dos SS. Estavam recolhidos nos seus quartos. O capitão não voltara até agora e, provavelmente, não voltaria. Era

mais um homem perturbado, perdido em delírios e remorsos. Enoch observava também a movimentação dos russos. O entra e sai do prédio. Vestiam pulôveres e botas, apesar do sol que agora aquecia o começo da tarde. Precisava de uma arma. Tinha de falar de novo com Dimitri. Sairia dali a lutar. Vivo ou morto.

De repente, o coração de Enoch acelerou e os braços paralisaram. Ele estava a arranjar a porta de uma divisão que funcionava como oficina de consertos quando ouviu um forte estrondo. O chão chegou a tremer. O barulho viera do lado oposto do *campo*. A explosão provocara uma abertura no teto do crematório IV. Viam-se as chamas altas e o fumo. Seguiu-se o som de rajadas das metralhadoras e de sirenes.

Enoch entrou no depósito. Outros prisioneiros lançaram-se ao chão ou correram para o interior do edifício. Em menos de um minuto, começaram, também, a soar tiros vindos de lá. Os guardas nas torres de vigilância replicavam, disparando igualmente contra os prisioneiros que corriam pelo pátio. Enoch só então reparou no oficial agachado numa das laterais da fachada, fora do alcance das granadas lançadas do sótão. Era o capitão.

Tinha de ser rápido. Os companheiros armados estavam dentro do prédio. Em minutos, os reforços chegariam e os SS invadiriam o edifício. Não fazia ideia da quantidade de armamento, nem de quanto tempo resistiriam. Ao mesmo tempo, não podia deixar que eles dominassem o capitão. Precisava de o esconder. Deixou o depósito e, arrastando-se pelo chão arenoso, aproximou-se do oficial que mantinha a arma em punho, pronta a disparar.

— *Herr Kommandant!* — gritou Enoch. — Não dispare! Sou eu... O Norman! Venha comigo! — Fez sinal para que Friedrich o seguisse até à parte de trás da estrutura, ao mesmo tempo que despia o casacão largo.

Enoch passou a peça coçada a Friedrich no momento em que viu prisioneiros a escapar por um rombo na parede do crematório.

— Vista-o depressa e esconda o boné! Ali! — Enoch apontou para uma pilha de corpos, ao ar livre, à espera da incineração. — Vamos esconder-nos ali atrás. — Enoch saiu disparado à frente, puxando o capitão pelo braço.

As sirenes continuavam histéricas, a par dos latidos dos cães e dos gritos

dos SS aglomerados junto à cerca, onde se protegiam das granadas e das garrafas com explosivos lançadas para o pátio. Os presos no interior davam cobertura aos que fugiam por trás. Tinham sido apanhados de surpresa pela antecipação do motim por parte do crematório IV. A falta de preparação e o imprevisto eram evidentes.

Friedrich, porém, já não ouvia nada. A imagem dos corpos esqueléticos empilhados, com olhos arregalados, bocas escancaradas e pele azulada paralisara-o. Velhos, mulheres e crianças naquele estado eram os *pedaços* sobre os quais ouvira o comandante do *campo* falar. O cheiro invadiu-lhe as entranhas. Sentiu o jato a subir e a jorrar pela boca.

— Adele! Adele!

O capitão caiu ajoelhado, com a cabeça entre as mãos.

— Está louco?! — Enoch tapou-lhe a boca. — Assim, matam-nos aos dois!

— A Adele está morta, não é? — Friedrich agarrou os ombros de Enoch. — Ela está morta por minha causa! Eu deveria tê-la tirado daqui juntamente com a criança!

— Estão todos mortos! Isto é Auschwitz! Ninguém sai deste inferno! E eu também vou morrer! Acabou! — Enoch, ali, desistira. — Pare lá com isso! — Apontou para o próprio peito, com os olhos a arder.

A reação de Enoch trouxe Friedrich de volta à realidade. Ele sabia exatamente o que tinha a fazer. Atirou o casacão ao chão e começou a desabotoar a farda.

— Tu vais viver! Vais cuidar da tua filha. Despe-te, depressa, e veste isto. — Atirou-lhe a farda. — Depressa, temos pouco tempo. Os guardas não tarda nada estão aqui.

A troca de tiros e a explosão das granadas prosseguia, mas o barulho vinha mais de fora do que de dentro do prédio. Enoch não questionou. Começou a despir-se. Rapidamente, estavam de novo vestidos. Enoch com a farda do capitão, botas e boné na cabeça. Friedrich com os trapos coçados e o casacão marcado com o «X». Enoch fitou o homem à sua frente e viu-se a si mesmo. A sua alma estava naquelas peças, eram parte dele, como o

número que carregava no braço. Esperara tanto pelo momento de se livrar de tudo aquilo e, agora, parecia não saber como seguir em frente. Quando ameaçou falar, o capitão interrompeu-o.

— Ouve, a tua filha está em Potsdam. Procura Johannes Beck, na casa da sineta, no lago. É o meu avô. Eu não consegui salvar a Adele. Mas tu és o pai... e vais escapar vivo daqui — disse, entregando-lhe a arma. — O meu carro está à porta, o *Mercedes* azul. Vai, agora!

Não havia mais tempo. Os SS surgiram em bando logo atrás dos cães que ladravam com os caninos expostos.

— Tem a certeza? — ainda sussurrou Enoch antes que os guardas se aproximassem, aos gritos e a disparar.

— Deixa-me fazer algo de que me orgulhe nesta vida.

Foram as últimas palavras de Friedrich antes de se virar e correr na direção do bosque, a par de outros fugitivos. Caiu, segundos depois, abatido por um tiro na nuca.

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1999

Enoch e Amália estavam sentados na *deli*, para onde tinham ido mal ele começara a contar a sua história.

— Agora, já sabe a verdade. Nunca a contei a ninguém. Eu vi o Friedrich cair morto, dei meia-volta e segui em frente, sem olhar para trás. As minhas pernas tremiam. Passei por cima de corpos de companheiros estirados no chão, desviei-me de guardas feridos, encarei os oficiais irados. Entrei no *Mercedes* azul-marinho do Friedrich e saí de Auschwitz pelo portão principal, fazendo a saudação nazi. Conduzi até ficar sem combustível. Roubei roupas de um estendal, queimeei a farda e o boné, deixei os documentos no porta-luvas e empurrei o carro para um lago. Depois, embrenhei-me nas florestas e tapei, eu mesmo, os números... — Pousou a mão na tatuagem. — Segui para a Alemanha. Um mês depois, cheguei à casa do Johannes. O resto da história já ouviu.

Enoch, perdido nas suas memórias, só então virou o rosto para Amália. Fez uma pausa, olhando-a diretamente nos olhos.

— Eu ia morrer com isto. Não por mim, pela Adele. A Adele vê-me como um herói e isso deu-lhe vida. Se nunca desmenti, foi por ela. Ela ficaria horrorizada comigo... Não pude... Não pude dar-lhe essa desilusão. O Friedrich salvou a filha dela. O Friedrich salvou-me achando que salvava o marido dela. Deu a vida por ele. Eu fui apenas um ladrão. Roubei a vida que não era minha. A Adele costuma dizer que Auschwitz nunca abandona quem lá esteve. Eu discordo. Pessoas como a Adele conseguiram viver, apesar de Auschwitz. É gente como eu que Auschwitz jamais abandona... Gente que apenas sobrevive...

Havia resignação na voz dele, como se a sensação de alívio fosse mais forte do que o temor pelo que pudesse vir a seguir.

— Eu pediria perdão se isso pudesse mudar alguma coisa. Mas não vai mudar. Eu sabia o que estava a fazer quando assumi ser alguém que não era... — Fez mais uma pausa. — Não vai dizer nada? — perguntou, já prosseguindo sem esperar resposta: — O seu avô morreu a acreditar que

salvou o pai da Haya...

— Isto tudo é tão... — Amália levantou-se de repente. — Eu acho que preciso de uma bebida forte.

As garrafas estavam dispostas dentro de um armário de vidro na parte interior do balcão. Enoch pegou num uísque de doze anos e em dois copos. Serviu as doses puras, sem gelo. Beberam em silêncio.

— Eu menti ao Friedrich, menti ao Johannes, menti à Adele. Eles tinham o direito de saber. Eu fui covarde. Um oportunista, um covarde. — Enoch estava totalmente vulnerável e despojado. — E fui de novo covarde quando comecei a receber as cartas da Frida... Até ao dia em que ela endereçou uma ao Friedrich. Achei que ela tivesse descoberto a verdade e aquilo fosse uma espécie de tortura mental... como se não bastasse a culpa que eu carregava. — Enoch levou o copo à boca e bebeu um gole do uísque antes de continuar. — Lembrei-me do Johannes: o destino encarregar-se-ia. Vivi meses de tensão, à espera que, a qualquer momento, a mãe do Friedrich pudesse cruzar a porta da nossa casa... Eu deveria tê-la procurado quando enviou a primeira carta... mas não fiz nada. A Frida nunca apareceu. As semanas de espera tornaram-se meses, anos, décadas... até você surgir, Amália.

— Enoch — Amália pousou o copo na mesa —, você é o pai da Haya. O Johannes tinha razão. A Frida e a Gretl certamente teriam culpado a Adele pela morte do meu avô. O Friedrich queria que a Adele e a Haya vivessem e fossem felizes... Isso aconteceu.

Uma recordação congelada da infância desbloqueou-se naquele instante. Amália viu-se pequena, ao lado do irmão, na primeira e única vez que via os avós Gretl e Helmut. A cena surgiu em flashes. Uma discussão, um punho a socar a mesa, ela e o irmão a construírem uma estrada com um baralho velho sobre o tapete da sala. A seguir, a mãe a sussurrar que estava na hora de partir. Levantaram-se apressados, beijaram os estranhos que haviam acabado de conhecer e partiram. A voz do pai, sempre distorcida, agora soava clara e intensa na sua memória. «Tenho vergonha de vocês. O nazismo é uma doença que não passarei aos meus filhos.» Agora, aquelas

palavras reverberavam-lhe na mente. Como Friedrich, Hermann também seguira por um caminho de negação e rotura com a própria família.

— Enoch — Amália estendeu as mãos e agarrou as dele —, eu não estou aqui para o julgar, muito menos culpar ou perdoar... mas há uma coisa que eu preciso de saber. — Fitou-o. — Não precisava de me ter contado a verdade. Mesmo que eu tivesse falado das cartas da Frida, poderia ter alegado que manteve a promessa ao Johannes... A promessa de jamais deixar que a Adele procurasse a minha bisavó... Porquê contar-me tudo isto... e agora?

— Espere um momento. Eu já volto.

Enoch desenvencilhou-se das mãos de Amália e desapareceu pela porta que dava para o escritório da loja. Ela permaneceu só, por silenciosos instantes. Serviu-se de mais uma dose de uísque, para disfarçar o nervosismo. Bebeu o conteúdo do copo um pouco antes de ele regressar ao salão, com algumas folhas de papel na mão.

— Foi por causa disto. Estavam no bolso da farda do Friedrich. — Enoch entregou as folhas a Amália. — Isto pertence ao seu pai... e a si.

VI

O FIM DA LINHA

AUSCHWITZ-BIRKENAU, 7 DE OUTUBRO DE 1944

Os trilhos à sua frente eram longos como a noite que o separava do momento em que terminaria a sua missão. Não conseguira salvar a mãe de Haya, a menina dada à luz nas trevas de Auschwitz, levando vida no nome no meio de tanta morte. Salvaria o pai.

Sentiu a aragem fria penetrar pela fresta do vidro e a bater-lhe na pele. A adrenalina que o percorria, porém, era como uma anestesia para qualquer sensação do corpo, fosse frio, sono ou fome. Mal vira o pai da menina perder-se na massa humana, surgira o comandante, chamado pelo sargento. «Capitão, Berlim precisa de valorizar a nossa eficiência!» Viu-se levado por um *tour* macabro, seguido de uma comezaina que ele engoliu com a pressa de se livrar daqueles homens. Voltaria com o dia claro — fora das vistas do comandante, que, por certo, estaria encharcado em álcool, como tantos outros que se vangloriavam dos seus feitos, mas bebiam para os esquecer. Forjaria a assinatura necessária. Ninguém questionaria. Ninguém questionava nada que viesse de cima.

Saiu, a conduzir, pelo portão principal, mas, em vez de seguir na direção de Oświęcim, cortou à esquerda, contornando o *campo*. Havia uma mescla de sentimentos que o prendia, como um íman, àquele lugar. Havia a *missão* com que já se confundia enquanto homem. Havia um não querer perder o controlo da ampulheta do tempo. Diminuiu a velocidade, mirando, através da cerca de arame farpado, os barracões dispostos lado a lado como caixões à espera da cova. A escuridão caía sobre a floresta que formava uma barreira na parte de trás dos blocos condenados. O mundo terminava ali.

Estacionou o *Mercedes* azul-marinho sob a copa das árvores. O breu contornava, soberano, o fumo pardo das chaminés que, firme e denso, continuava a subir aos céus. Haya. Hermann. A menina nascida no chão de Auschwitz, que tivera dele o amor presente. E o seu menino nascido na redoma ariana, que tivera dele apenas um amor ausente. Dois filhos da guerra, da insanidade, do absurdo. Haya. Hermann. Viveriam sem nunca se cruzar pelo caminho, mas, ali, no seu coração, estavam juntos para sempre. Do compartimento em frente ao banco do passageiro retirou algumas folhas

em branco e uma caneta. Baixou o vidro e deixou a brisa gelada invadir-lhe o carro e a alma. Ao fundo, o fumo invicto. Mergulhou freneticamente na melodia que o silêncio da floresta de Birkenau lhe entregava.

O Sol já brilhava alto no céu quando acordou. Não se lembrava da última vez que o sono lhe viera sem aviso, sem remédio, sem pesadelos. Pegou nas folhas caídas no colo. Escreveu no topo da primeira:

Für Hermann

Para o meu filho Hermann,

Este é apenas o começo.

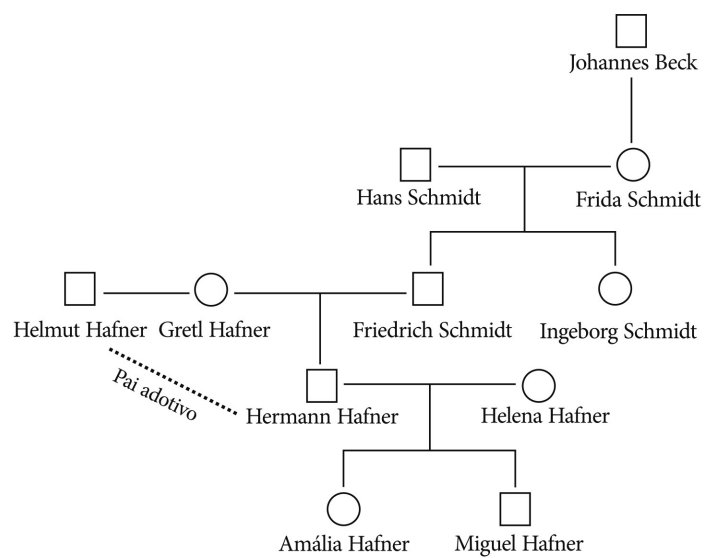
Com amor,

Do teu pai, Friedrich.

Auschwitz, outubro de 1944

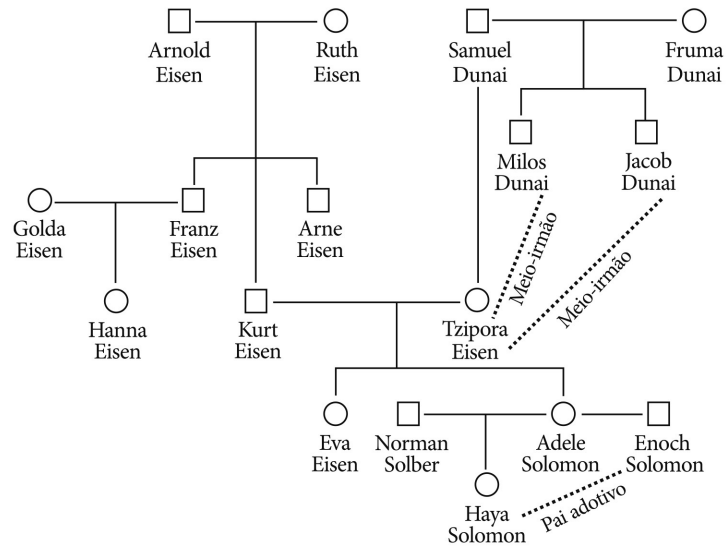
Dobrou as folhas e guardou-as no bolso interior da farda. Terminaria de compor a nova sonata assim que chegasse a Berlim. As suas sonatas, únicas e complementares. Como Haya e Hermann eram para ele. Pôs as mãos no volante, ligou o motor, pisou o acelerador. Contornou o *campo* até chegar de novo ao portão principal. À sua frente, os trilhos foram sendo comidos pelo carro até estacionar diante das chaminés. No retrovisor, o fim da linha ficara para trás. Encostou os dedos à farda e sentiu as folhas dobradas. O seu peito encheu-se de esperança. Saiu do carro. O azul límpido do céu confundiu-se com o dos seus olhos. Sorriu. Era um belo dia para voar.

AMÁLIA



ÁRVORE GENEALÓGICA

HAYA



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro não existiria, tal como é, se não fossem as inúmeras conversas e *brainstormings* com Carolina Floare, a parceira nas viagens de pesquisa a Portugal, Alemanha e Polónia, as dicas sobre a Roménia, as leituras críticas a cada capítulo e, depois de pronto, a revisão apurada.

Nos bastidores, sempre, os agentes literários Luciana Villas-Boas e Raymond Moss, com entusiasmo e contribuições cruciais durante a escrita deste romance, bem como Anna Luiza Cardoso e a equipa da agência VB&M.

Entusiasmo que se estende à equipa da Editora Saída de Emergência, em especial à editora Safaa Dib, pelo empenho e esmero com que vem divulgando o meu trabalho em Portugal.

A minha gratidão à psicóloga e professora Sofia Débora Levy, que, com muita generosidade, me cedeu o seu tempo, os seus estudos e o profundo conhecimento na temática do Holocausto, que é a base deste livro.

O meu bem-haja — como se diz na Beira Baixa, terra dele — a Manuel Silva Dias, guardião das estórias da História de Portugal e do mundo, que transmite com tão singular verve e que se tornaram, para mim, fonte inesgotável de conhecimento.

A minha admiração pelo maestro Antonio Simão, meu sobrinho, que, emprestando a sua juventude e paixão pela música ao personagem Friedrich, compôs a sonata que dá nome ao livro e que pode ser ouvida no *site* www.luizevalente.com.

O meu profundo carinho por Maria Yefremov — judia nascida na antiga Jugoslávia, sobrevivente de Auschwitz —, que conheci com mais de um século de vida, muito lúcida, no Rio de Janeiro. Dona Maria contou-me a sua história... e inspirou-me a contar esta.

Termino com uma frase do filósofo espanhol George Santayana: «Aqueles que não conseguem recordar o passado estão condenados a repeti-lo.»

SOBRE A SONATA

A Sonata que Friedrich compõe para Haya ganhou forma no plano real enquanto eu ainda escrevia o romance. O meu sobrinho, o jovem maestro Antonio Simão, inspirou-se com a história do oficial alemão salvando a recém-nascida do campo de extermínio e compôs a Sonata Für Haya, num diálogo instigante entre ficção e realidade... Antonio, com a mesma idade e vigor do personagem, mesmo nunca tendo estado em Auschwitz, captou sua alma — e a daquele lugar — de uma forma tão impressionante que esta melodia me emociona todas as vezes que a escuto.

Luize Valente

SONATA

für Haya 1/3

This system contains the first six staves of the musical score. It begins with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings. The handwriting is fluid and characteristic of a composer's draft.

2/3

This system contains the next six staves of the musical score. The notation continues from the first system, maintaining the same musical style and handwriting. The system concludes with a double bar line and repeat signs.

Handwritten musical score for piano, consisting of six systems of staves. The notation includes treble and bass clefs, key signatures, and various musical symbols such as notes, rests, and accidentals. The score is written in a fluid, handwritten style. A page number "3/3" is visible in the upper right corner of the first system.

BIOGRAFIA



LUIZE VALENTE nasceu no Rio de Janeiro, de ascendência portuguesa e alemã. É escritora, documentarista e jornalista, com mais de vinte e cinco anos de experiência em televisão, nas redes Globo, Bandeirantes, canal GNT e GloboNews.

É autora de diversas obras e documentários, entre os quais se destacam o livro em coautoria com Elaine Eiger, *Israel: Rotas e Raízes*, e os documentários *Caminhos da Memória: a Trajetória dos Judeus em Portugal* (2002) e *A Estrela Oculta do Sertão* (2005), que recebeu o prémio de Melhor Documentário no Festival Internacional de Cinema Judaico de São Paulo.

A partir de 2012, envereda pela ficção, publicando na Editora Record os romances históricos *O Segredo do Oratório* (2012) e *Uma Praça em Antuérpia*, este lançado em Portugal pela Saída de Emergência (2015). Os direitos de adaptação para cinema e televisão dos dois primeiros romances da autora foram adquiridos pelos realizadores brasileiros Breno Silveira e Paula Fiuza. *Sonata em Auschwitz* é o seu terceiro romance.

Mais informações em

WWW.SDE.PT